

revista
cadernos
de pesquisa

escola
da cidade

#18

alma beatriz carmona hinkelmann
eus henrique da silva martins **as**
cas do urbano: urbanismo feminista
sob a luz de Brasília bruno maschio
como catalisador para transformação
pereira **estética de indefinições: art**
tc" isabela d'auria caragelasco **o uso**
aplicado à escala de bairro reinaldo
estudo de arquitetura e urbanismo
xvi jornada de iniciação científica

#18

maio – 2025

**revista
cadernos
de pesquisa**

**escola
da cidade**

A Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade é uma publicação periódica criada com o objetivo de divulgar e tornar públicas as ações de Iniciação Científica desenvolvidas por essa instituição. De caráter acadêmico e científico configura-se como um espaço de discussão e reflexão dedicado às questões afeitas à pesquisa de arquitetura e urbanismo — e áreas afins — em seus múltiplos aspectos. Voltada para a publicação de trabalhos de pesquisa desenvolvidos por alunos durante a graduação, Cadernos de Pesquisa busca qualificar e fomentar as pesquisas desenvolvidas na Escola da Cidade, bem como chamar ao diálogo pesquisadores de outras instituições.

Editora Executiva

Carolina Heldt D’Almeida
Marianna Boghosian Al Assal

Editor Ensaíos

Gilberto Mariotti

Comissão Editorial

Aline Nasralla Regino (FAU-Mackenzie)
Amália Cristovão dos Santos (EC)
Ana Carolina Tonetti (EC)
Ana Claudia Veiga de Castro (FAUD-USP)
Catalina Mejia (Central Saint Martins - UAL)
Clevio Rabelo (UFC)
Eduardo Costa (FAUD-USP)
Eduardo Gurian (FAU-Mackenzie)
Eneida de Almeida (USJT)
Fábio Lins Mosaner (UFSC)
Felipe de Souza Noto (FAUD-USP)
Gilberto Mariotti (EC)
Glória Kok (EC)
Jeniffer Cuty (UFRGS)
Juliano Gouveia dos Santos (ECA-USP)
Leonardo Novo (Eflch-Unifesp)
Luís Antônio Jorge (FAUD-USP)
Marianna Boghosian Al Assal (EC)
Marina Pedreira de Lacerda (USJT)
Mônica Junqueira de Camargo (FAUD-USP)
Paula Gorenstein Dedecca (PUC-Campinas)
Pedro Beresin (EC)
Ricardo Luis Silva (SENAC-SP)
Sabrina Studart Fontenele Costa (EC)
Thiago Benucci (EC)
Vito Macchioni (EC)
Viviane de Andrade Sá (SENAC-SP)
Yuri Fomin Quevedo (EC)

Pareceristas ad-hoc

Marcio Sattin (EC)
Tania Kapp

Assistente Editorial

Bruna Bonfim Guimarães

Diagramação

Débora Filippini

Revisão de Texto

MPMB

Projeto Gráfico

Núcleo de Design Escola da Cidade:
Celso Longo e Daniel Trench (Coordenação)

Programa de Iniciação Científica

Carolina Heldt (Coordenação de Pesquisa)

Editora Escola da Cidade

Marianna Boghosian Al Assal
Thais Albuquerque

Associação Escola da Cidade

Marta Moreira (Presidência)
Fernando Felipe Viégas (Presidência)
Alvaro Luis Puntoni (Presidência)
Cristiane Muniz (Diretoria Escola)
Juliana Braga (Diretoria Escola)
Anália M. M. de C. Amorim (Diretoria Conselho Científico)
Maira Rios (Diretoria Conselho Científico)
Anderson Fabiano Freitas (Diretoria Conselho Socioambiental)
Vinicius Andrade (Diretoria Conselho Técnico)
Ciro Pirondi (Diretoria Escola de Humanidades)

Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade

Número 18/ maio 2025
ISSN 2675-9918

Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque
CEP 01223-011, São Paulo, SP, Brasil
cadernosdepesquisa@escoladacidade.edu.br
www.ec.edu.br

5

Apresentação

Carolina Heldt D’Almeida,
Marianna Boghosian Al Assal e Gilberto Mariotti

7

ENSAIO

Coisas inanimadas, tendes pois uma alma
Beatriz Carmona Hinkelmann

23

ARTIGO

Estética do arrebatamento
Matheus Henrique da Silva Martins

35

ARTIGO

As desigualdades de gênero e as políticas do urbano: urbanismo feminista como resposta
Luciana Fernandes

47

ENSAIO

Sob a luz de Brasília
Bruno Maschio

59

ENSAIO

Fragmentos no vazio: empenas cegas como catalisador para transformação
Renata Nascimento Pereira

77

ARTIGO

Estética de indefinições: art déco na revista “Mirante das artes, &TC”
Isabela D’Auria Caragelasco

91

ARTIGO

O uso de wetlands e o sistema condominial aplicado à escala de bairro
Reinaldo Silva

107

ARTIGO

Chan Chan, capital de terra: um estudo de arquitetura e urbanismo sob novas óticas
Felipe Chaweles

121

XVI JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

163

Normas para submissão

Apresentação

Carolina Heldt D'Almeida, Marianna Boghosian Al Assal e Gilberto Mariotti

O décimo oitavo número da revista *Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade* apresenta em maio de 2025 um novo conjunto de artigos e ensaios produzidos como resultado de pesquisas de estudantes da graduação da Escola da Cidade e de diversas outras instituições de ensino do país. O presente panorama demonstra - quer seja pela densidade das pesquisas apresentadas, quer pela quantidade e periodicidade com que vem sendo produzidas e publicadas - a consistência do campo de pesquisa nas escolas de Arquitetura e Urbanismo e áreas afins. Esse panorama é complementado com os Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica presente nesta edição. Para esse evento foram submetidos cerca de 90 trabalhos, elaborados por estudantes de todo o país e da América Latina. Após rigoroso processo de avaliação pela Comissão Científica foram selecionados 78 trabalhos que compõem os anais organizados em 17 temas correspondentes às mesas do evento, buscando refletir questões transversais às pesquisas apresentadas. É com grande satisfação que apresentamos esse panorama, que exemplifica o alcance do campo da pesquisa nas escolas de graduação do país.

Um ensaio abre esse décimo oitavo número: em "Coisas inanimadas, tendes pois uma alma", Beatriz Carmona Hinkelmann adota uma estratégia que se aproxima da performance, ao costurar e vestir capas de renda usualmente adotadas para eletrodomésticos, se misturando assim às memórias familiares que dialogam com o espaço doméstico característico do que define como "classe média interiorana". Ainda na esfera da estética e das simbologias do cotidiano, Matheus Henrique da Silva Martins - em "Estética do Arrebatamento: política no 'novo tempo do mundo' e a escatologia no novíssimo cinema brasileiro" - escolhe três filmes recentes do cinema brasileiro e os analisa como hipérboles ficcionais que servem para discutir elementos de certa transformação social que o autor localiza no bojo dos levantes de 2013, marcada pelo

"protagonismo do neopentecostalismo e por uma expressividade política teatral, que busca catalisar ressentimentos morais e econômicos".

Já em "As desigualdades de gênero e as políticas do urbano: urbanismo feminista como resposta" a autora, Luciana Fernandes, busca levantar aspectos para a reformulação da prática profissional do urbanismo ao propor um diálogo interdisciplinar entre sujeitos que ocupam e transformam o território, com especial atenção para as questões de gênero. Bruno Maschio - em "Sob a luz de Brasília" - embora sem enunciar dessa forma, adota uma perspectiva feminina para olhar para a cidade moderna por excelência: parte dos textos de Clarice Lispector e das imagens neles invocadas para argumentar que Brasília e sua arquitetura se constroem "na linha do horizonte".

O ensaio projetual de Renata Nascimento Pereira - "Fragmentos no vazio: empenas cegas como catalisador para transformação" - investiga alternativas de intervenção em empenas cegas do centro histórico da cidade de São Paulo, propondo resignificá-las com uso social. Na sequência, três artigos são apresentados. Em "Estética de indefinições: art déco na revista 'Mirante das artes, &tc'", Isabela D'Auria Caragelasco busca investigar histórica e historiograficamente a inserção dessa linguagem artística de diferentes escalas na modernidade paulistana, sobretudo em meados do século XX. Em "O uso de wetlands e o sistema condominial aplicado à escala de bairro", Reinaldo Silva argumenta em prol da universalização do saneamento básico ao propor a adoção de um microsistema de captação e tratamento de efluentes para um bairro de Itaquaquecetuba, apoiado em técnicas ecológicas que consideram características como topografia, espaços livres e estruturas existente, resultando assim em um sistema sustentável de coleta e tratamento de esgoto baseado nas chamadas *wetlands*. Por fim, Felipe Chaweles em "Chan Chan, capital de terra:

um estudo de arquitetura e urbanismo sob novas óticas” aborda a cidade central do Império Chimú, fundada no século IX na costa norte do atual Peru, construída inteiramente em terra.

Fechando este número, os Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade apresentam um conjunto amplo de resumos expandidos que demonstra a variedade e densidade das pesquisas desenvolvidas no âmbito de cursos de graduação do país. A Jornada de Iniciação Científica é organizada anualmente pela Escola da Cidade desde 2009, e firmou sua relevância nacional como espaço consistente e recorrente de difusão e debate das pesquisas desenvolvidas ao longo da formação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e áreas afins. O conjunto dos trabalhos selecionados foram organizados nos seguintes temas, que correspondem às mesas de debate no evento: Marcos regulatórios e política urbana; Espaços da infraestrutura urbana; Produção e gestão da política habitacional; Cidades e paisagens em transformação; Projeto de arquitetura latino-americano; Tecnologia, desenho e construção; Paisagens do patrimônio cultural e espaços livres públicos; Arquitetura moderna em foco: avanços, limites e desafios; Educação, currículo e formação; Culturas arquitetônicas e paisagens andinas; Processo, técnica e materialidades; Corpo e território; Territorialidades contra-hegemônicas; Escalas e problemas de projeto na arquitetura e cidade na transição do século XIX e XX; Representações e imaginários entre identidade e território; Território, corpo e diversidade; Historiografia, fontes e registros.

Agradecemos a toda a equipe, pesquisadores, orientadores, pareceristas e comissão editorial que fazem possível a realização deste trabalho!

Coisas inanimadas, tendes pois uma alma

Beatriz Carmona Hinkelmann

Orientação: Prof. Ms. Yuri Fomin Quevedo (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2024.

Este trabalho é uma investigação sobre a relação e as atitudes de apropriação do meu corpo diante de objetos que se aproximam do universo *kitsch*.¹ Proponho uma operação de performance em que costuro e visto as mesmas capas e rendas que são produzidas para eletrodomésticos: vestindo-as, evidenciando suas materialidades e comportamentos, projetando outras

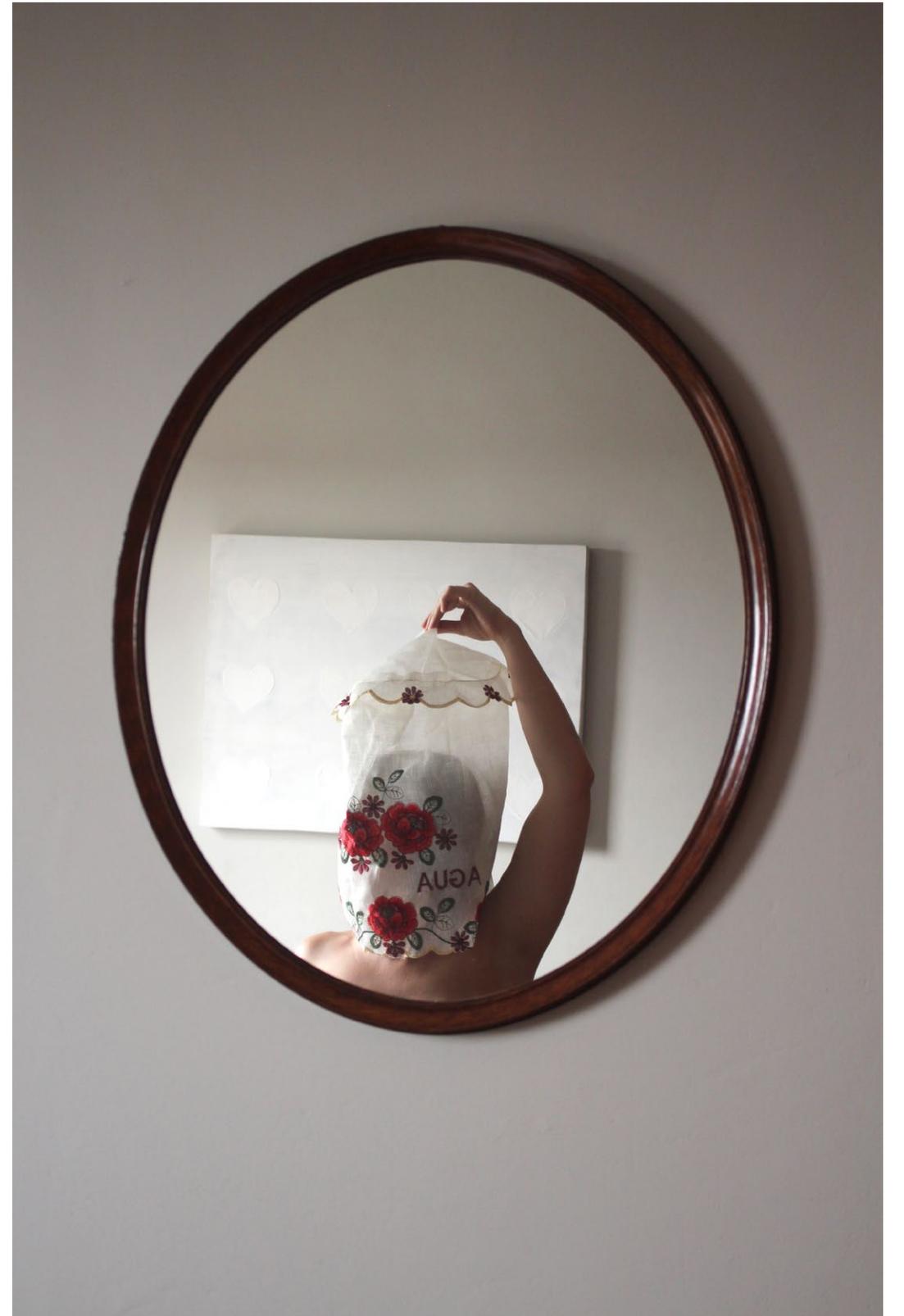
peles. Há uma camada de memória dos objetos que fizeram parte de minha infância, próprios de uma geração de classe média interiorana. Vesti-los é estranhá-los e ao mesmo tempo revivê-los, guardá-los. Os procedimentos compartilham um ambiente doméstico íntimo. Todas as fotografias foram registradas nas casas dos meus avós maternos na zona norte de São Paulo.

Inanimate things, you have therefore a soul

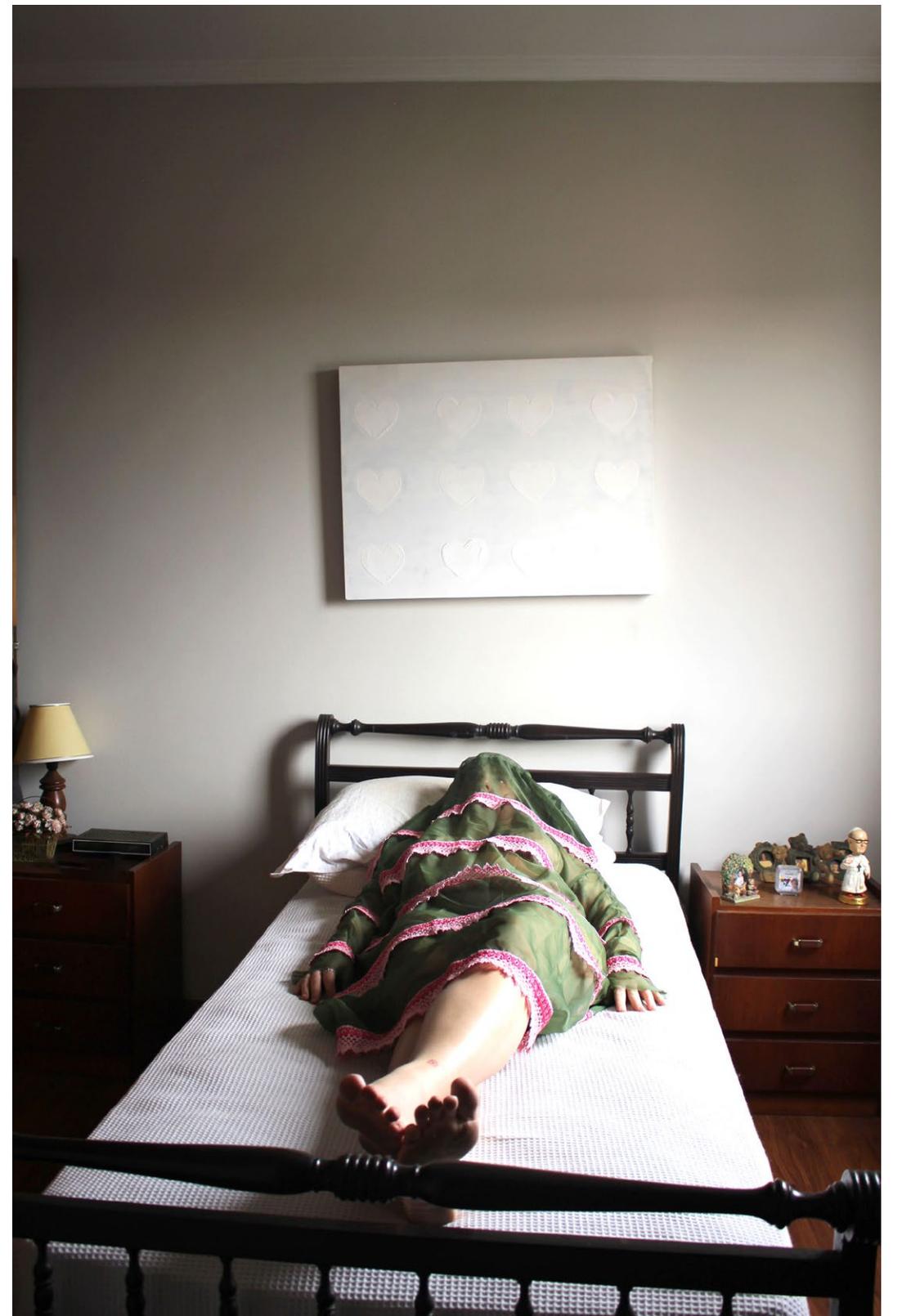
This work is an investigation into the relation and appropriation attitudes of my body towards objects that belong to the kitsch universe. I propose a performance operation where I sew and wear the same covers and lace made for household appliances: by wearing them, highlighting their materialities and behaviors, and projecting other skins. There is a layer of memory from objects that were part of my childhood, typical of a middle-class generation from the countryside. Wearing them is both a way of estranging them and, at the same time, reviving and preserving them. The procedures share an intimate domestic environment. All the photographs were taken in the houses of my maternal grandparents in the northern zone of São Paulo.

Cosas inanimadas, tenéis pues un alma

Este trabajo es una investigación sobre la relación y las actitudes de apropiación de mi cuerpo de objetos que se acercan al universo kitsch. Propongo una operación performática e la que coso y visto las mismas fundas y encajes producidos para electrodomésticos: vistiéndolas, destacando sus materialidades y comportamientos, proyectando otras pieles. Hay una camada de memoria de los objetos que formaron parte de mi infancia, propios de una generación de clase media del interior. Vestirlos es tanto extrañarlos como, al mismo tiempo, revivirlos y preservarlos. Los procedimientos comparten de un ambiente doméstico e íntimo. Todas las fotografías fueron tomadas en las casas de mis abuelos maternos, en la zona norte de São Paulo.















NOTAS

1. Originado da palavra alemã *verkitschen*, que significa trapacear, baratear, “vender alguma coisa em lugar do que havia sido combinado [...] é uma negação do autêntico.” (Moles, 1975. p.10) Na mesma linha de Moles, Hal Foster – ao citar Hermann Broch e Milan Kundera – diz que o kitsch atravessa a cultura e a política e corrompe qualquer integridade remanescente em ambas as esferas (Foster, 2021, p.24). De maneira sucinta, o termo é empregado em objetos ou atitudes que de alguma maneira traem o considerado genuíno ou legítimo. Importante comentar que o termo é utilizado no trabalho por ser o que mais se aproxima de uma definição adequada dos objetos, contudo, outros termos poderiam ser adotados, como brega ou cafona.

CRÉDITOS IMAGENS

Todas as fotografias e edições são créditos da autora (2024)

FIG.1: Espelho da minha avó.

FIG.2: Cama em que minha avó costumava dormir.

FIG.3: Sala da minha avó.

FIG.4: Cozinha da minha avó.

FIG.5: Tapeçaria feita pela minha avó, pendurada na casa do meu avô (Penduradas).

FIG.6: Quarto em que meu avô costuma ler.

FIG.7: Sala do meu avô (Desejo de virar poltrona).

REFERÊNCIAS

COLOMINA, Beatriz; BODEGRAVEN, Marian; AL ASSAL, Marianna. Arquitetura, sexualidade e mídia. São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2023.

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes) – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276> Acesso: 07 abril 2025.

KOHAN, Martín. Qué cosas exactamente? *In*: Malba: **Del cielo a casa**. Buenos Aires: Malba, 2023, p. 9-17.

MOLES, Abraham. **O kitsch**: a arte da felicidade. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Trad. André Telles. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa?** São Paulo: Ubu, 2021.

SOBRE A AUTORA

Beatriz Carmona Hinkelmann é arquiteta e urbanista formada pela Escola da Cidade.

beatrizhink@gmail.com

ARTIGO

Estética do arrebatamento

Matheus Henrique da Silva Martins

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Wisnik (FAUD-USP) e Profa. Dra. Isadora Guerreiro (FAUD-USP)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, FAUD-USP, 2023.

Diante de um antagonismo social renovado, desencadeado a partir das “Jornadas de Arrebatamento” – como conceitua o filósofo Paulo Arantes – iniciadas em junho de 2013, discutiremos neste artigo os traços que compõem uma estética própria do levante de extrema-direita ocorrido nos últimos anos no Brasil, marcado pelo protagonismo do neopentecostalismo e por uma expressividade política teatral, que busca catalisar ressentimentos morais e econômicos sentidos diante de uma pauperização geral das condições de vida. Essa estética cria uma retórica visual que, por mais que não seja coesa, consegue mobilizar e ganhar adeptos ao evocar um

repertório que tem adesão na realidade daqueles que vivem um cotidiano urbano marcado pela “viração”. Nesse contexto, em que a gramática dos direitos não é mais comum e a instituição que mais se faz presente é a igreja, a noção de um Estado usurpador e de uma guerra cotidiana de todos contra todos – a ideologia liberal – e a crítica às “degenerações morais” repercutem. Discutiremos três filmes do “novíssimo” cinema brasileiro que mergulham no cotidiano dos arrebatados e que, apesar de serem hipérbolos ficcionais, servem para discutir elementos da transformação social narrada por vasto trabalho etnográfico.

Palavras-chave: política; estética; Jornadas de Junho.

Rapture aesthetics

Faced with renewed social antagonism, triggered by the "Days of Rapture" – as conceptualized by the philosopher Paulo Arantes – initiated in June 2013, this article discusses the traits that compose an aesthetic unique to the far-right uprising that has occurred in Brazil in recent years. This uprising is marked by the prominence of neopentecostalism and a theatrical political expressiveness, aiming to catalyze moral and economic resentments felt amidst a general pauperization of living conditions. We argue that this aesthetic creates a visual rhetoric which, although not cohesive, succeeds in mobilizing and gaining adherents by evoking a repertoire that resonates with the reality of those living an urban everyday life marked by hustle and struggle. In this context, where the grammar of rights has faded and the most present institution is the church, the notion of a usurping State and an everyday war of all against all – the liberal ideology – and the critique of moral degenerations resonate. We discuss three films from the newest Brazilian cinema that delve into the everyday life of the raptured, and although they are fictional hyperboles, they are useful to discuss elements of the social transformation narrated by extensive ethnographic work.

Keywords: politics; aesthetics; June journeys.

Estética del rapto

Ante un antagonismo social renovado, desencadenado por las "Jornadas de Arrebatamiento" – como conceptualiza el filósofo Paulo Arantes – iniciadas en junio de 2013, este artículo discute los rasgos que componen una estética propia del levantamiento de la extrema derecha ocurrido en Brasil en los últimos años, caracterizado por el protagonismo del neopentecostalismo y una expresividad política teatral, que busca catalizar resentimientos morales y económicos sentidos ante una pauperización general de las condiciones de vida. Esta estética crea una retórica visual que, aunque no sea coherente, logra movilizar y ganar adeptos al evocar un repertorio que tiene adhesión en la realidad de aquellos que viven una cotidianidad urbana marcada por el “ajetreo”. En este contexto, donde la gramática de los derechos se ha desvanecido y la institución más presente es la iglesia, la noción de un Estado usurpador y una guerra cotidiana de todos contra todos – la ideología liberal – y la crítica a las “degeneraciones morales”, resuenan. Discutimos tres películas del “súper nuevo cine brasileño” que se sumergen en la vida cotidiana de los arrebatados, y aunque sean meras hipérbolos ficcionales, sirven para discutir elementos de la transformación social narrada por un vasto trabajo etnográfico.

Palabras clave: política; estética; Jornadas de Junio.

1. INTRODUÇÃO: O FIM DO FIM DA HISTÓRIA E O ARREBATAMENTO

Em meio aos debates sobre junho de 2013, ocorridos no marco de dez anos dos levantes que naquele mês movimentaram o país, ocorreu o seminário "Visões de Junho: textos e contextos",¹ na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). No segundo dia do seminário, uma quarta-feira, às 19h, o auditório estava cheio para ouvir Paulo Arantes e Pablo Ortellado discutirem Junho e seus rebatimentos.² Arantes iniciou sua fala evocando e justificando a utilização do termo "Jornadas de Junho" e, mais do que isso, a sua caracterização como "Jornadas de Arrebatamento". O professor explicou a utilização de arrebatamento em seu sentido teológico-político, que ocorre em cultos religiosos, mas também em movimentos de massa. É o momento no qual nos arremessamos e ultrapassamos a nós mesmos, nos colocamos em uma posição acima de nós mesmos. Segundo ele, o sentimento de arrebatamento estava presente naqueles que foram às ruas em junho de 2013. Também afirmou que essas jornadas duraram dez anos: "dez anos de um extenso agora",³ que se dá em torno da distância entre a intensidade do momento de arrebatamento durante os levantes e da quebra de expectativa com o retorno à vida cotidiana.

Em 2013, esse sentimento de arrebatamento derivou da percepção de que algo estava chegando ao fim: "o fim da história". Portanto, em junho, com o fim do fim da história, a história volta ao Brasil. Uma história, entretanto, sem h maiúsculo.⁴ Após mais de vinte anos de tédio, de hegemonia do "pensamento único", de convergência de todo o pensamento político para o "centro", de aparente paralisia da história, o fim da história chegou ao fim. Perto de o seu tempo esgotar, Arantes acrescentou aquilo que nos é mais importante: que esse fim do fim da história é, de fato, o fim. E esse fim próximo "redimensiona" nossa noção de arrebatamento, por meio do outro ator principal das jornadas: um "povo de Deus", que representa 30% do eleitorado, elegeu seu representante à Presidência da República em 2018 com mais de 50 milhões de votos. Eleitorado que também

compreende esse tempo presente como uma jornada de arrebatamento, pois esse povo está à espera do apocalipse, acredita que ele está próximo e que é necessário acelerá-lo, porque com o fim, finalmente, serão arrebatados.

Arantes adiciona um novo elemento às leituras correntes no meio intelectual-acadêmico sobre a emergência dos evangélicos, sobretudo neopentecostais, como força política do nosso tempo: que o objetivo de seu avanço não é apenas tomar o poder, mas o visa devido ao mesmo diagnóstico de "uma esquerda catastrofista", de que o mundo está acabando. O que eles querem, entretanto, não é evitar esse fim, mas apressá-lo, pois, após o momento de êxtase dos levantes, retornamos à vida cotidiana e nada parece ter acontecido, o *establishment* permanece imóvel enquanto a ruína do mundo se aprofunda; os efeitos das mudanças climáticas são sentidos – ainda que não se acredite nelas –, a exploração do trabalho é intensificada – ainda que se pense estar "empreendendo" –, a espoliação urbana (Kowarick, 1979) se coloca sob dimensões renovadas e a vida urbana torna-se insuportável. Volta-se a viver o inferno da vida cotidiana, e o "arrebatamento" (agora em seu sentido puramente escatológico) parece ser a única saída, pois, diferentemente dessa esquerda catastrofista, eles acreditam que irão para outro lugar quando forem arrebatados.

De modo geral, o que esse debate esquadrinha é um tempo presente marcado por um antagonismo social renovado, caracterizado aqui como o fim deste "fim da história" como o conhecemos. Neste antagonismo, dois são os atores principais: aqueles que empreendem o arrebatamento (ou nisso acreditam) e aqueles que a ele resistem e sobrevivem. Evitamos uma leitura sob o emblema bolsonarismo, cujo representante máximo parece perder força no jogo político para algo maior, que na realidade parece ter sido aquilo que o impulsionou. As Jornadas de Junho, para nós brasileiros e o impulso dado a este novo antagonismo social no cenário político do país parecem tê-lo conectado ao tempo do mundo (Arantes, 2014). Um mundo convulsionado e a caminho do arrebatamento, onde o fim do fim da história já havia sido iniciado.⁵

Neste artigo buscamos refletir sobre de que formas tais atores sociais empreendem

o arrebatamento, estética e discursivamente, e sobre quais bases materiais sua ação se assenta. Iniciamos com um breve interregno à reflexão, que visa perseguir linhas gerais de como a escatologia emerge na cena política contemporânea, sobretudo por meio da ascensão dos neopentecostais. Em seguida, observamos sua representação nas redes por meio da análise de algumas imagens que viralizaram nas redes sociais nos últimos anos, imagens de acontecimentos teatrais da nossa política recente. Argumentamos que estas são parte essencial dos dispositivos (Agamben, 2009) de poder da contemporaneidade, justamente por terem a capacidade de mobilizar. Por fim, por meio de filmes do "novíssimo cinema brasileiro" que mergulham no cotidiano dos arrebatados, com personagens que mimetizam de maneira exagerada essa realidade social, discutimos como essa mobilização opera, como se processa o arrebatamento.

Observamos e perseguimos, sem pretender esgotá-las, algumas das linhas de força que constituem o atual tecido social, em rápida transformação, mirando a hipótese de que o arrebatamento reverbera justamente ao dar sentido à experiência social do nosso tempo, cujo plano de referência, constituído outrora sob as noções de leis, direito, cidadania e espaço público, não possui mais adesão,⁶ pelo contrário, se caracteriza por uma realidade que promove espoliação e despojo. Partimos, portanto, de uma análise estética, que articula contribuições da crítica artística e cultural, aliada a um diagnóstico do mundo contemporâneo – a ser tecido ao longo do trabalho –, que parte da realidade urbana e das suas recentes transformações.

2. INTERREGNO À REFLEXÃO: QUEM É ESSE "POVO DE DEUS"?

VLADIMIR Você já leu a Bíblia?
ESTRAGON A Bíblia...? (*Pensa*) Devo ter passado os olhos.

VLADIMIR (*Espantado*) Na escola sem Deus?

ESTRAGON Sei lá se era com ou sem.

VLADIMIR Deve estar confundindo com La Roquette.

ESTRAGON Pode ser. Lembro dos mapas da Terra Santa. Coloridos. Bem bonitos.

O mar Morto de um azul bem claro. Dava sede só de olhar. *É para lá que vamos, eu dizia, é para lá que vamos na lua de mel. E como nadaremos. E como seremos felizes.* (Beckett, 2017, p.19)

O crescimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil é evidente, tendo alcançado um número impressionante de fiéis e de igrejas, sobretudo nas periferias, mas também entre as elites. Se na década de 1980 o catolicismo era a religião de 89% dos brasileiros, enquanto apenas 5,6% eram evangélicos, em 2014 esse número já havia caído para 64,6%, e os evangélicos saltaram para 22,2%, número que em 2019 já batia 31%. O total de igrejas passou de 30,2 mil em 1990 para 178,5 mil em 2022 (Manso, 2023). E não foi apenas a quantidade de igrejas e fiéis que mudou dentro do cristianismo, mas principalmente a forma como se exerce a fé: o número de vezes que os convertidos ao protestantismo vão à igreja com relação ao catolicismo, por exemplo, disparou, boa parte indo mais de duas vezes na semana. Como afirma Manso (2023, p.73), "além de mudar a consciência, [a igreja] cria uma nova rotina e comportamentos que permitem a ampliação de laços e a costura de uma rede de contatos e apoios mais forte".

O crescimento neopentecostal se intensificou, justamente, em paralelo à despolitização da ação episcopal das comunidades eclesiais de base e a *débâcle* da teologia da liberdade, que perdeu espaço na Igreja Católica, criando uma espécie de "vácuo hermenêutico em torno da experiência do sofrimento" (Dunker et al., 2021, p.239). Em meio ao aumento da crise urbana e da experiência de violência e espoliação nas periferias, era necessária uma nova sintaxe que conectasse o sofrimento cotidiano com outra gramática de transformação, realizada justamente pelo neopentecostalismo. A fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, que se caracteriza pela teologia dispensacionista da prosperidade e pelo neopentecostalismo de resultados, é um marco dessa transformação. O sofrimento é sinal de fracasso pessoal, instrumentalizado moral e politicamente. Ele é transformado em demanda ("Está sofrendo? Procure um Pronto-Socorro

Espiritual 24h”) para a qual a solução é uma inserção exasperada no capitalismo: a prosperidade.

Nesse processo, em que a religião assume um “pacote de serviços e compromissos” (Dunker *et al.*, 2021, p.242), os grupos religiosos passam a operar empreendedora. Pastores milionários operam como CEOs ou *coaches*, seguindo a lógica, a gramática e o discurso do mundo empresarial, plasmado à teologia. E a riqueza que adquirem não é sinal de vergonha ou constrangimento, mas sim da manifestação divina. Os fiéis tornam-se clientes, e por isso a preocupação com a formação moral e dos costumes, com as suas práticas e hábitos, mais do que salvação, garante-se fidelização. Isso, evidentemente, leva a uma fragmentação crescente do neopentecostalismo, que vai se unificar cada vez mais em torno de um inimigo comum externo: o Estado. A união contra o petismo, nas eleições de 2018, é um marco desse fenômeno (Dunker *et al.*, 2021).

Chegando ao ponto que precisamente nos interessa, esse embate com o inimigo torna-se messiânico, os outros são as forças das trevas e essa guerra adquire uma nova dimensão sob a leitura escatológica da Bíblia, popular entre os integrantes da Assembleia de Deus e de outras igrejas, de que “Jesus vai voltar pela segunda vez à terra para arrebatá-los os crentes e a Igreja para o reino dos céus, antes de o mundo acabar” (Manso, 2023, p.83). Diante do colapso climático e ambiental, torna-se cada vez mais corrente a fé de que esse momento está próximo e os desastres recorrentes são tidos como evidências, assim como “colapso” moral – normalização de sexualidades e identidades de gênero dissidentes e liberdade sexual. Essa leitura incentiva o trabalho missionário: é necessário converter as pessoas para que sejam salvas. E junto da conversão vende-se um pacote de crenças que as façam vencer nesse mundo em ruínas. Com o tempo, para determinados grupos, ocupar os espaços de poder tornou-se parte dessa estratégia, não para salvar o planeta ou criar estruturas que preservem a vida, mas expulsar o mal para que o bem impere, pois “quando chegar a hora da verdade, a igreja e os bons serão

arrebatados para o céu [...]” (Manso, 2023, p.84).

Este movimento não começou em 2018. Existe uma longa trajetória de influência dos evangélicos na política brasileira, a “bancada da Bíblia”, por exemplo, existe desde 2003. Nos últimos anos, entretanto, a articulação entre a imensa fidelização e o poder político parece ter, finalmente, se consolidado. O impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, é marcado por esse poder que emergia. Pacheco (2016) afirma que foi um “golpe (bem) dado em nome de Deus”, ao lembrar a afirmação da advogada Janaína Paschoal, a autora do processo de impeachment que depois se tornou deputada estadual, de que “foi Deus que fez com que várias pessoas, ao mesmo tempo, cada uma na sua competência, percebessem o que estava acontecendo com nosso país e conferisse a essas pessoas coragem para se levantarem e fazerem alguma coisa a respeito” (Pacheco, 2016). A tônica de um “regime de urgência” pela preservação dos costumes, proteção da família, enfrentamento à corrupção etc., estava presente em todos esses discursos, dos jovens do MBL à Paschoal, passando por Eduardo Cunha com seu voto emblemático.

Além de maior força, entretanto, eles adquirem novas características ao se associarem a outras “matrizes discursivas” que também foram impulsionadas nesse período, catalisadas pelo bolsonarismo (estando a religião, inclusive, na origem de algumas): militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, libertarianismo econômico, discurso anticorrupção, conservadorismo social, todos convergindo para uma figura única, o cidadão de bem, a síntese da euforia escatológica (Nunes, 2022). Esse é que irá empreender a batalha contra os *outros* na política brasileira, podendo utilizar quaisquer meios que estão, de antemão, justificados pela maior autoridade: Deus. Essa espécie de guerra santa, como já dito, não tem como objetivo consertar um sistema fadado à ruína, mas colocar mais combustível na máquina que o faz girar, pois ao final, acreditam que estarão salvos e que haverá um lugar melhor onde serão felizes, tal qual Estragon.

3. LEVANDO ADIANTE O ARREBATAMENTO: A POLÍTICA COMO ESTÉTICA

Imagens que, das redes sociais aos jornais, repercutidas com impressões e discursos de ódio – nem sempre por pessoas reais –, marcaram a cena política nos últimos anos. O então candidato à Presidência da República, em discurso de campanha, dando o tom da relação com os adversários: “vamos fuzilar a petralhada”; a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, ao anunciar o início de uma nova era, gritando animosamente que “menino veste azul e menina veste rosa”; o secretário de Cultura mimetizando o ministro da Propaganda de Hitler, com direito à traje e ambientação inspirados nas propagandas nazistas, afirmando que a arte brasileira será heroica e nacional, “dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada” (BBC News, 2020); o Ministro do Meio Ambiente que, em reunião ministerial – que por si só merece um capítulo à parte –, dá o tom da relação com a natureza: “ir passando a boiada”; de “gripezinha” à imitação de falta de ar (a condução da pandemia merece um capítulo à parte). A lista é longa e exaustiva. Para concluir, porém, uma imagem vale ser destacada: a Praça dos Três Poderes, em Brasília, e seus edifícios – “emblemas da democracia” (Wisnik; Rolnik, 2023) –, tomados por uma horda de “patriotas” no dia 8 de janeiro de 2023.

A análise de Guerreiro (2023) sobre esse episódio nos dá pistas para começar a tentar compreender a prática política que, ao mesmo tempo, conforma e é conformada por estas imagens:

[...] sem pauta e sem ambiguidade, a política se reduziu à estética de um *show espetacular imagético*, com “*genealogia religiosa, reencenando os iconoclastas*” (Bernardo, 2021), destruindo os objetos de arte e edifícios modernistas que representavam o Estado, em fúria contra a “*estatolatria*” e tudo o que ela enseja. [...] uma reflexão sobre o que a sua forma revela: *a estetização da política retira qualquer possibilidade de ação autônoma que construa significados*

ou práticas transformadoras para além deste cenário positivado. (grifos nossos)

Este “show espetacular imagético”, que estendemos aqui às outras imagens citadas ou que se possa imaginar, é a forma da política do arrebatamento, pois, quase que comicamente, põe em suspensão aquilo que conforma a política tal qual a conhecemos nos moldes do capitalismo: desafia o Estado, goza da democracia e torna seletiva a aplicação da lei. São práticas, entretanto, daqueles que estão “dentro” da máquina, e que são realizadas “à luz do dia”, angariando a adesão que as legitima, mantendo oculto apenas aquilo que é necessário. Nos termos de Foucault (2008), é a teatralização necessária ao “golpe de Estado” – que na acepção do autor “não significa em absoluto o confisco do Estado por uns em detrimento dos outros”, mas uma interrupção das leis e da legalidade que visa garantir, justamente, a manutenção da condução do Estado –, e que se apresenta agora de maneira tão clara como nunca.

Esta talvez seja a primeira maneira, não só de manter, mas de expandir o poder e mobilizar. Em contraste com uma conjuntura perene, baseada num “consenso [...] hegemonicamente liberal, acerca da normalidade da mudança, devidamente calibrada para não anular os condenados da terra ‘a esperança e a expectativa de mudanças mais fundamentais no futuro’” (Arantes, 2014, p.93), a prática constante de uma aparente suspensão das estruturas mobiliza, ou em termos mais próximos ao seu principal meio de disseminação, “engaja”. Destaque ao aparente, pois, retomando aquilo já dito, o suspenso é relativo ao outro que é representado como a raiz do atual “estado de emergência”: não o Estado propriamente, mas as políticas redistributivas e afirmativas, os direitos civis e sociais, o outro que não é o “cidadão de bem”. Estas imagens, portanto, além de possuírem uma forma que por si mobiliza, tem em seu conteúdo o outro contra quem se mobiliza.

Para além de sua forma política teatral, essas imagens criam uma retórica visual (Beiguelman, 2020) que direciona o ódio a determinados grupos. Seguindo a compreensão de Beiguelman, a partir da elaboração do linguista Roland Barthes,

pensar uma retórica própria às imagens, e não restritas ao discurso verbal, permite que se incorpore à análise as convenções pelas quais o discurso é criado nos artefatos visuais e nos processos pelos quais influenciam seus espectadores.⁷ Esse universo imagético, compreendido como uma dimensão da vida social, cada vez mais presente por meio do uso permanente e contínuo das redes sociais, permite pensar o arrebatamento no âmbito da experiência cultural de nosso tempo (Beiguelman, 2020, p.550-551).

Quando, durante a pandemia, parte considerável da sociedade aceita a perspectiva de que “alguns vão morrer” e não há nada a ser feito além de lamentar, vê-se subjacente a essa aceitação o pragmatismo de que esses “alguns” são, sobretudo, idosos, ou aqueles que possuíam doenças preexistentes (que não fazem mais a máquina girar), além dos mais pobres, que não tinham a possibilidade do isolamento – a relegação dos vulneráveis ao “deixar morrer”, biopolítica *ipsis litteris*. Também não há grande comoção por aqueles sobre os quais a boiada vai passar, pela arte que será dizimada para que aquela que “representa as aspirações do nosso povo” surja, e muito menos por aqueles que não vestem a cor que se espera. O importante é que nessa operação imagético-discursiva, constantemente replicada e posta sob novas impressões de todos aqueles que o quiserem – característica própria do seu espaço de circulação, as redes sociais –, a adesão vai se tornado cada vez maior e a convenção se solidifica.

A vantagem é, entretanto, que essa convenção, assim como a sua representação, não precisa ser perfeita, pois ao se confrontar com ela, o sujeito – tratado aqui como espectador (Rancière, 2014) – atribui novos significados. A análise de João Bernardo (2021) sobre a obra de arte nos ajuda a compreender:

A relação artística, porém, é dupla. É, primeiro, a relação entre o criador e o objecto artístico e, depois, entre o público e esse objecto. Mesmo quando o artista cria uma narração, num romance ou num filme, ele lança a narração ao público, para que o público se confronte com ela. [...] *A arte é um espelho activo*, em que o espectador se reflecte a si, às suas

memórias e aos seus desejos, e o reflexo devolve-lhe uma imagem transformada [...]. (grifos nossos)

Novamente, retornamos à forma. A redução da política a um “desempenho exclusivamente estético”, apartada da razão. Sua forma era seu verdadeiro conteúdo, que anula a contraditoriedade deste. Em um cenário de pauperização acentuada, marcada pela perda de direitos e precarização do trabalho que abrange parcela cada vez maior da população – inclusive uma classe média que nos anos de bonança lulista viu seu poder aquisitivo crescer –, a base social do arrebatamento é imensa, e o ressentimento nela gerado é dirigido mais facilmente àqueles que, mesmo que apenas simbolicamente ou formalmente, alcançaram conquistas recentes: mulheres, negros, LGBTs,⁸ ou ainda, àqueles que, nas margens da margem, são tidos como motivo do aprofundamento da desordem social: desempregados, sem teto, dependentes químicos etc. Contra ambos os grupos, o arquétipo do cidadão de bem é mobilizado como contraposição ideal.

Essa parece ser a segunda forma pelo qual o arrebatamento mobiliza: ele catalisa o ressentimento contra esses grupos que permeiam as bases sociais. Gago e Giorgi (2022, p.63) possuem interpretações similares ao analisarem aquilo que chamam de “*nuevas derechas*” e afirmam que

tanto los liderazgos como las formas expresivas que señalamos ponen en juego, pesar de su carácter reaccionario, la noción de libertad, que se vincula en su acepción actual a un “modo de gestión política de la precarización generalizada”. (Gago; Giorgi, 2022, p.63)

Esse ressentimento, por um lado, é moral, fundamentado pura e simplesmente na moral cristã – com todas as novas camadas que adquire com o neopentecostalismo. E, por outro, é econômico, dirigido tanto àqueles que prosperam, mesmo tidos como inferiores a partir desta moral, que “de repente” passaram a estar nos comerciais, nos programas de tv, fazendo publicidade para marcas nas redes sociais; ou então que ascenderam socialmente, entraram na universidade, conseguiram cargos mais

altos e passaram a morar no condomínio fechado, onde toda a ideologia securitária afirmou que nunca entrariam; quanto àqueles que não prosperaram – a maioria –, e cujo fracasso é tido como pessoal, e não estrutural e sistemático, portanto, devem mesmo lotar as penitenciárias, estar à deriva nas ruas ou em campos de concentração disfarçados de centros terapêuticos ou de trabalho falsamente voluntário, afastados da vista da sociedade. O neopentecostalismo e o neoliberalismo têm aqui sua confluência mais perversa no “deixar morrer” o outro que não é o seu espelho. É essa a convenção do arrebatamento, é o que a retórica visual veicula e sua estética espelha e potencializa. É assim, articulando forma e conteúdo, que ela mobiliza.

Vale ressaltar, por fim, que por mais que o semblante nacional deste “show espetacular imagético” tenha caído – não sabemos até quando –, suas variações continuam a ocupar governos municipais e estaduais, assim como o congresso. Suas práticas governamentais continuam a todo vapor e, mais que isso, sua movimentação nas bases, por vezes mais sutil, continua a operar. Sua adesão à realidade concreta continua pujante. O arrebatamento não se inicia e tampouco se encerra com o bolsonarismo.

4. RETRATOS DE UM PAÍS ARREBATADO

CENA 1

Logo pela manhã, Irene grita com seu filho mandando-o abaixar o volume do celular, que está incomodando seu pai, enfermo, deitado na cama debaixo da beliche, no pequeno quarto que os dois, a criança e o idoso, dividem. Reclama o garoto: “ele nem escuta mais”, referindo-se ao velho. Essa realidade familiar tacanha sofre um abalo quando um intruso surge na dinâmica familiar. Em meio à cena, na porta da casa de Irene, uma nova enfermeira chega e lhe faz uma proposta.

CENA 2

Rivelino está fazendo uma rima com seu patrão, Alê, quando um “noia” começa a gritar por Alê na porta de sua casa, interrompendo-os. Rivelino vai abrir e, quando volta, Alê fala que não quer ninguém gritando o seu nome na porta de

casa, mesmo assim passa as “paradas” para o noia, que vai embora. Rivelino então solta “aê Alê, a droga é tua e tu faz o que você quiser, mas você quer ser o que? Pai de noia? Vê se isso daí acontece na boca da família, lá noiado não tem moral não”. Alê responde: “Que família? Família é o caralho, isso pra mim não é família não! Os moleques se matando todo dia. Isso é coisa de *irmão*?”.

CENA 3

Suellen acorda de madrugada e sai de casa, percorrendo uma rodovia, sobe no pico de um morro e acende uma vela. Mesmo saindo de lá apressada, chega ao trabalho no pedágio atrasada. No intervalo, sua amiga Telma mostra os vídeos de seu filho performando uma “diva” em um comercial e fala “não é acendendo vela de virilidade em topo de morro que você vai resolver isso aqui não”.

Essas cenas pertencem, respectivamente, aos filmes “Carvão”, de Carolina Markowicz, “Noites Alienígenas”, de Sérgio de Carvalho, e “Pedágio”, também de Markowicz. Esses filmes são entendidos aqui como parte do “novíssimo cinema brasileiro”, movimento que, segundo Ikeda (2014), começa a se conformar e ganhar impulso na virada do século, a partir de uma renovação do cinema brasileiro, com cineastas mais jovens e uma crítica cinematográfica também renovada. Esses filmes não constituem um bloco esteticamente homogêneo e, portanto, falamos aqui de uma “estética do arrebatamento” sem pretender estendê-la a todo o novíssimo cinema brasileiro, mas presente nos filmes citados.

“Carvão” retrata uma família que leva uma vida difícil sobrevivendo de uma carvoeira numa cidade de interior sulista. Para além da dinâmica familiar, o filme oscila entre hinos evangélicos ao fundo, que servem de transição entre algumas cenas, o som do carvão queimando e as missas da Igreja Católica que a família frequenta. Quando de repente Irene recebe a proposta de se livrar de seu pai doente, colocar no lugar dele um traficante fugitivo e receber em troca disso o dinheiro que serviria para sair do sufoco, ela faz algo um tanto quanto inesperado: aceita e dá significado a essa ação isso à luz do evangelho. A partir daí, vai vendo sua vida pacata se

desestabilizar. Seu marido vai sumindo com o dinheiro aos montes, com presentes para o vizinho com quem mantém relações sexuais. A criança, que vive ao relento em casa, sem muita atenção, passa a se divertir com o traficante e a fazer favores para ele. Irene, beirando o desespero por conta desse homem que após semanas não é levado de volta, busca algum conforto justamente junto ao traficante que, para surpresa cômica, também prefere o marido dela. O enredo excruciante termina quando finalmente arranjam uma solução para a situação: enforcar o traficante até a morte, juntos, como uma família.

"Noites Alienígenas" conta a história de um grupo heterogêneo de personagens que vivem em Rio Branco, no Acre, mas tem três jovens como foco principal: Rivelino, um artista que trabalha para um traficante local, tentando sobreviver da maneira que pode; Sandra, uma mãe solo negra que sonha em sair dessa realidade para estudar medicina; e Paulo, pai do filho de Sandra e dependente químico, que vive em conflito com sua mãe evangélica e sua ancestralidade indígena. Rivelino, insatisfeito com a falta de disciplina de seu chefe, abandona-o e busca a benção dos "irmãos", tornando-se um deles. Sua primeira tarefa é matar Paulo, que depois de se enrolar, foi levado para um "debate". Rivelino "dá pra trás", libera Paulo e, sem encontrar refúgio, é morto pelos "irmãos". Já Paulo encontra seu refúgio nas águas e na floresta, em sua ancestralidade, com apoio de seus familiares e de sua mãe evangélica que, no limite, deixa de procurar solução para seu filho na igreja.

"Pedágio" nos aproxima de Suellen e seu filho Tiquinho, um jovem gay que se vê como uma e busca performar as divas que vê nos comerciais de tv. Ao não aceitar seu filho, sob a constante pressão de sua amiga Telma, Suellen resolve buscar "soluções" para ele. Quando as promessas do catolicismo não lhe rendem resposta, Telma aparece com uma: um curso com um pastor português que está no Brasil para curar a homossexualidade, por mil e seiscentos reais. O acirramento da situação faz Suellen recorrer ao namorado, cujas práticas que antes condenara, parecem ser agora a solução: assaltar os ricos que passam no pedágio. No esquema, Suellen se dá mal quando os assaltantes matam um

dos alvos que, ironicamente, era o pastor acompanhado de um jovem charmoso, e colocam a culpa nela. Depois de dois anos presa, Suellen retorna e vai viver com Tiquinho, recém ingressado na maioridade, e seu namorado. O enredo irônico e satírico se encerra com uma performance estonteante de Tiquinho, na frente de sua mãe, num restaurante de centro comunitário onde ele a levou para trabalhar servindo comida. A liberdade que Tiquinho alcança, no limite, não vai além da performance.

Esses filmes, mais do que um retrato, são "puro suco de Brasil". São nosso tempo presente liquidificado e posto no copo menos glamuroso. Apesar de serem hipérbolos ficcionais da realidade, permitem aglutinar situações que vemos cotidianamente e, mais do que isso, ver como a realidade se processa em movimento. Uma realidade de dissolução do "horizonte de expectativas" num grau em que este se negativou (Arantes, 2014), em que a ideia e a possibilidade de progresso não estão mais postas, mesmo para aqueles sujeitos que nunca foram de fato alcançados por ela – e sua simples miragem foi o que sempre os mobilizou. No cotidiano, essa realidade é marcada pela dissolução do mundo do trabalho tal qual o conhecíamos; pela perda constante de direitos, assim como de seu significado, da possibilidade de tê-los e da necessidade de se mobilizar em torno de sua conquista; e pelo aumento da violência, a ponto de esta passar a ser parte da forma de vida, mais que as leis ou a esfera pública.

Sobre esse cenário se processa o arrebatamento. No cotidiano daqueles que vivem o "inferno" todos os dias aqui e agora, e não resta muito a não ser se apegar aqueles que oferecem, não perspectivas – porque essas não existem mais, todos já perceberam –, mas um pacote de soluções para vencer, ainda que performaticamente, ainda que de forma muito limitada. Coexistem em todos os filmes o *crime*, não tanto com essa figuração midiática, policialesca e alarmante – salvo algumas exceções –, mas sim como negócio, mercado, "viração" (Telles, 2007), e os embates entre as religiões, nos de Markowicz, entre o catolicismo e o neopentecostalismo, e no de Carvalho também a ancestralidade indígena. Os filmes retratam bem como, neste contexto,

constitui-se uma "zona cinzenta que torna incertas e indeterminadas as diferenças entre o trabalho precário, os experientes de sobrevivência e as atividades ilegais" (Telles; Hirata, 2010, p.40), que se expande cada vez mais a novos sujeitos e territórios, conformando-os.

Entretanto, apesar dos embates religiosos, é a gramática da prosperidade neopentecostal que se mescla melhor com a "viração". Ora, Irene faz o que faz para viver melhor com sua família, seu pai já estava quase partindo de qualquer forma, ela não fez nada além de pôr fim a seu sofrimento, fez o que precisava ser feito e Deus a entenderá. Suellen, por outro lado, empreende uma verdadeira guerra santa contra aquilo que seu filho pode se tornar, porque ela quer salvá-lo, quer que ele se dê bem, e no final não importa os meios que mobilizou para isso. A coesão de sentido que se atribui a essas práticas sob o contexto político atual é o que permite que elas se deem e interajam em todos os níveis: na vida cotidiana, mas também nas práticas daqueles que estão acima, cujo projeto político compreende e abarca essa realidade. Suellen tem aval não só da amiga Telma e da igreja, mas de uma sociedade que põe em prática e ovaciona "*una teatralidad hipermasculina que ponen al género – convertido en doctrina bajo la fórmula 'ideología de género' contra la que hay de batallar'*" (Gago; Giorgio, 2022, p.63). Novamente, hipérbolos ficcionais, mas que ilustram uma realidade em curso que tem sido discutida na produção recente de vários estudiosos.⁹

Em todos eles se percebe, mas de forma central em "Noites Alienígenas", a "*expansión al ras de las subjetividades que lidian con la precariedad, de quienes tienen la experiencia de la guerra cotidiana para garantizar la reproducción social'*" (Gago; Giorgio, 2022, p.65), ancorada naquilo que já discutimos como uma falsa transgressão à ordem: não ao estado de coisas que estrutura a exploração, a espoliação e a precariedade, mas às leis e políticas vigentes que nunca fizeram, de fato, frente a essa estrutura e, portanto, não possuem adesão nesta realidade. O que Rivelino busca, ao abandonar seu padrão e se juntar aos irmãos, é a disciplina que a firma que ele faz parte não possui e tem feito com que saia perdendo nos

negócios. Na raiz, a subjetivação neoliberal competitiva é o que não só dá ancoragem ao neopentecostalismo, mas o que permite que ele dialogue perfeitamente com essas existências e com as "*formas de 'guerra civil' en los territorios de la precariedad junto al impulso y proletarización de las economías ilegales'*" (Gago; Giorgio, 2022, p.64).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: HAVERÁ CONTRARREVOLUÇÃO AO ARREBATAMENTO?

Todo espectador é já ator de sua história; todo ator, todo homem de ação, espectador da mesma história. (Rancière, 2014, p.21)

Neste artigo, priorizamos por luz às formas de subjetivação que estão na raiz das transformações políticas ocorridas no país nos últimos anos, em detrimento das análises que têm como foco as coalizões de classe que possibilitaram "desde cima" que essa conjuntura se sustentasse, sem, entretanto, considerá-las irrelevantes. O direcionamento mais atento da análise para as transformações no tecido social visa tentar compreender como se opera a mobilização num tempo em que "o campo de experiência e o horizonte de expectativa voltaram a se sobrepor" (Arantes, 2014, p.87), ou seja, que o que se vive todo dia no cotidiano é o que há e o que haverá.

As atitudes dos personagens, de Irene, que sacrifica seu pai para entrar num negócio com traficantes, e de seu marido, que a trai com o vizinho mas vai à igreja aos domingos; de Suellen, que tenta retirar a homossexualidade do seu filho, e de seu namorado, que assalta carros na rodovia e depois a culpa; mas também de Rivelino, Paulo, Alê, enfim, possuem não só o componente do aqui e agora e um estranhamento total às estruturas do Estado e do Direito, que se metamorfoseia numa espécie de transgressão a essas, mas também um componente escatológico em ato, uma noção constante de que, no limite, não há muito a perder.

O campo de experiência é tão insuportável, que agir, independentemente de como, é sempre melhor. São práticas

que diferem das daqueles que, “tocados por Deus”, perceberam que precisavam tomar o poder e fazer algo para aprumar os rumos do país em direção à salvação espiritual – já que, concretamente, a destruição está dada. Se esses personagens pertencessem a essa década, tampouco seriam eles os patriotas que marcharam no 8 de janeiro rumo à sede dos Três Poderes em Brasília (os supostos cidadãos de bem), e provavelmente, também não estariam entre aqueles que tomaram as ruas em junho de 2013. O que os conecta, então?

Ao circunscrever aquilo que chamei de “imagens”, como um dispositivo que opera a mobilização desses sujeitos, refiro-me à acepção foucaultiana que os compreende como “uma espécie de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência” (Agamben, 2009, p. 24), da qual a retórica visual e a estética é elemento central, porque é por meio dela que se opera “uma certa manipulação das relações de força” (*ibid.*) inerente ao dispositivo, manobrando convenções que ganham força no tecido social. É a ação de pôr todo o estado de coisas em suspensão sem sequer movê-lo efetivamente; é a ação de criar, colocar como alvo e lutar contra um inimigo que, figurativamente, reúne tudo aquilo que se compreende como maligno; é veicular o pacote não só de crenças, mas também de soluções imediatas à realidade, soluções reais para uma realidade no qual só importa o aqui e o agora. É isso que faz o arrebatamento, tanto “desde baixo” como “de cima”.

Isso ocorre tão bem pois, o espectador, ao ver essas imagens, ao partilha-las, se vê como ator. Ao analisar os paradoxos envolvidos na discussão entre o teatro e o espectador, Jacques Rancière mostra como grande parte do debate centrou-se na busca de eliminar a distância entre um corpo ativo (que atua) e um corpo passivo (que apenas assiste). Quando, na realidade, ser espectador não é a condição passiva que precisa ser convertida em atividade, mas é a condição normal, pois todo espectador já é ator de sua história. Diante do espetáculo, o poder do espectador consiste em “traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular

que o torna semelhante a qualquer outro” (Rancière, 2014, p.20). A potência da estética do arrebatamento, portanto, posta em ato, é sua adesão à realidade do espectador. Isso foi perdido pelas esquerdas, que não podem mais alimentar a esperança e a expectativa de mudanças mais fundamentais para os condenados da terra no futuro, agora que o consenso hegemonicamente liberal acerca da normalidade da mudança se desmanchou (Arantes, 2014). A “contrarrevolução”, portanto, perpassa resgatar essa adesão à realidade concreta e buscar transformá-la, e não apenas resistir ao arrebatamento.

NOTAS

1. O evento foi organizado por Matheus Ichimaru, Pedro Ivan Moreira de Sampaio e Thomás Zicman de Barros, sob coordenação dos professores Alberto Ribeiro G. de Barros e Sérgio Cardoso. Mais informações disponíveis em: <https://www.fflch.usp.br/79035>. Acesso em: 14 set. 2023.
2. As palestras do seminário também foram transmitidas online e estão no canal do Youtube @ uspfllch. O vídeo do debate citado está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TosKBvLonMY>. Acesso em: 14 set. 2023.
3. Tanto a referência ao arrebatamento como uma maneira de se referir aos eventos que ocorreram em junho de 2013 – ainda que o termo tenha sido utilizado noutro sentido, como destaca o professor –, quanto à extensão das jornadas até o presente momento, Paulo Arantes atribui a Rodrigo Nunes (2022).
4. Arantes atribui essas afirmações aos militantes organizadores e autores do livro “Junho: potência nas ruas e nas redes” (Moraes et al., 2014). A discussão faz referência ao americano Francis Fukuyama, que em artigo de 1989, proclamou o “fim da história”, dado o colapso da União Soviética, marcado emblematicamente pela queda do muro de Berlim. Em sua visão, a suposta vitória do mundo ocidental e do capitalismo dava origem a uma nova era “definitiva, racional, da sociedade e do Estado”, o estágio final da história (Kurz, 1993).
5. Ver Rodrigo Nunes (2022), sobre a relação entre os eventos de junho de 2013 e o contexto político global.
6. Sobre o deslocamento deste “plano de consistência”, ver Vera Telles (2007).
7. Na análise de Giselle Beiguelman (2020, p.551), pode-se assim analisar as imagens para além de seu valor estético, compreendendo-as como “elementos simbólicos constitutivos de um sistema de comunicação”. É importante ressaltar isso, pois, quando falamos aqui de imagens, trata-se de um conjunto de mídias, inclusive vídeos, que em geral são acompanhadas de um discurso textual ou verbal, mas que, com o tempo, mesmo com esses elementos depurados, continua a reverberar no inconsciente coletivo com todo o seu simbolismo.
8. Rodrigo Nunes (2022) desenvolve este argumento com maior profundidade.
9. Além de Telles (2007), já citada, pode-se observar também esses aspectos em uma série de trabalhos etnográficos, como em Prieto e Verdi (2023), Amorim e Feltran (2023) e em artigos do Dossiê “Illegalismos e a produção da cidade” (Hirata; Rocha; Santos Jr., 2025), assim como em demais trabalhos dos autores citados.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. In: AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AMORIM, A. N.; FELTRAN, G. Ordem e progresso: expansão do mundo do crime e projetos de mobilidade. **Novos Estudos Cebrap**, v.42, n.1, p.21-38, 2023. <https://doi.org/10.25091/S01013300202300010002>.
- ARANTES, P. O novo tempo do mundo. In: ARANTES, P. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014. [ebook] 453 p.
- BBC NEWS BRASIL. Fogueiras de livros e lavagem cerebral: quem foi Goebbels, ministro de Hitler parafraseado por secretário de Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BECKETT, S. **Esperando Godot**. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- BEIGUELMAN, G. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.23, n.3, p.549-563, set. 2020.
- BERNARDO, J. Arte e espelho 5. **Passa Palavra**, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://passapalavra.info/2021/04/136433/>. Acesso em: 7 dez 2023.
- DUNKER, C. et al. Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. In: SAFATLE, V.; SILVA JR., N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAGO, V.; GIORGI, G. Notas sobre las formas expresivas de las nuevas derechas: las subjetividades de las mayorías en disputa. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual**, ano 13, n.21, p.61-74, 2022.
- GUERREIRO, I. O futuro de junho hoje. **Passa Palavra**, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://passapalavra.info/2023/07/149292/>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- HIRATA, D.; ROCHA, L. de M.; SANTOS JR., O. A. dos. Illegalismos, controle territorial armado e a cidade: reflexões na perspectiva de uma agenda de pesquisa. **Cadernos Metrôpole**, [S. l.], v.26, n.61, p. e6168000, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/68000>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- IKEDA, M. O “novíssimo cinema brasileiro”. Sinais de uma renovação. **Cinemas d’Amérique latine**, 18 abr. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cinelatino/597>. Acesso em: 20 dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/cinelatino.597>.
- KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- KURZ, R. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MANSO, B. P. **A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI**. São Paulo: Todavia, 2023. [ebook] 330p.
- MORAES, A. et al. **Junho: potência nas ruas e nas redes**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2014.
- NUNES, R. **Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu, 2022.
- PACHECO, R. Um golpe (bem) dado em nome de Deus. **Intercept Brasil**, 2 set. 2016. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2016/09/02/um-golpe-bem-dado-em-nome-de-deus/>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- PRIETO, G; VERDI, E. F. Irmãos na Terra Prometida: crime, igreja e regularização fundiária em São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, v.1, n.85, p.55-73, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v1i85p55-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/215451>. Acesso em: 15 abr. 2025.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. In: RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2014.

TELLES, V. da S. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa). In: OLIVEIRA, Francisco; RIZEK, Cibele. (orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo, Boitempo, 2007.

TELLES, V. da S.; HIRATA, D. V. Illegalismos e jogos de poder em São Paulo. **Tempo social**, v.22, p. 39-59, 2010.

WISNIK, G. ROLNIK, R. Instalar grades em palácios modernistas de Brasília seria um erro. **Folha de S.Paulo**, 23 jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/instalar-grades-em-palacios-modernistas-de-brasil-aria-seria-um-erro.shtml>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SOBRE O AUTOR

Matheus Henrique da Silva Martins, graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (FAU-USP) e pesquisador do LabCidade. Esse artigo foi desenvolvido no segundo semestre de 2023, no âmbito da disciplina obrigatória de graduação História da Arte II, lecionada pelo Prof. Dr. Guilherme Wisnik, e do grupo de estudos coordenado pela Profa. Dra. Isadora Guerreiro, ambos na FAU-USP.

matheushenrique@usp.br

As desigualdades de gênero e as políticas do urbano: urbanismo feminista como resposta

Luciana Orellano Fernandes

Orientação: Profa. Dra. Carolina Heldt D'Almeida (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2023.

O presente artigo trata de um recorte de pesquisa, cujo objetivo foi a sistematização de um método que visa novas práticas urbanísticas na construção das cidades, conceituado como urbanismo feminista. Esse urbanismo conta com uma transformação nos valores hegemônicos, tendo o gênero como uma das lentes principais de análise e atuação no território. Por meio de entrevistas com lideranças do movimento de luta por moradia e de uma bibliografia nacional e internacional, foi possível elucidar uma hipótese metodológica sobre como assegurar

os direitos de mulheres em situação de vulnerabilidade e construir cidades mais democráticas e acessíveis. As experiências aqui consideradas foram sistematizadas em quatro eixos de análise que se complementam e interseccionam: o trabalho reprodutivo, a diversidade dos corpos, as políticas integradas e a participação popular. A partir desse conjunto, pretende-se reformular o que se entende pela prática profissional do urbanista e propor um diálogo, por meio da interdisciplinaridade, entre uma diversidade de sujeitos que ocupam e transformam o território.

Palavras-chave: gênero; urbanismo feminista; desigualdade urbana.

Gender inequalities and urban policies: feminist urbanism as a response

This article presents a section of a broader research project, whose objective was systematizing a method for new urban planning practices in city-making, conceptualized as feminist urbanism. This approach involves a transformation of hegemonic values, using gender as one of the main lenses for analyzes and action in the territory. Through interviews with leaders from the housing rights movement and the review of both national and international literature, it was possible to develop a methodological hypothesis on how to ensure the rights of women in vulnerable situations and to build more democratic and accessible cities. The experiences considered here were systematized into four intersecting and complementary axes of analysis: reproductive labor, body diversity, integrated policies, and popular participation. Based on this framework, the aim is to reshape the understanding of urban planning as a professional practice and to propose a dialogue, through interdisciplinarity, between a diverse range of actors who inhabit and transform urban space.

Keywords: gender; feminist urbanism; urban inequality.

Las desigualdades de género y las políticas urbanas: urbanismo feminista como respuesta

El presente artículo trata de un recorte de investigación cuyo objetivo fue sistematizar un método que propone nuevas prácticas urbanísticas en la construcción de las ciudades, conceptualizado como urbanismo feminista. Este urbanismo cuenta con una transformación en los valores hegemónicos, teniendo al género como una de las principales lentes de análisis y actuación en el territorio. Por medio de entrevistas con liderazgos del movimiento de lucha por la vivienda y de una revisión bibliográfica nacional e internacional, fue posible aclarar una hipótesis metodológica sobre cómo garantizar los derechos de las mujeres en situación de vulnerabilidad y construir ciudades más democráticas y accesibles. Las experiencias aquí consideradas fueron sistematizadas en cuatro ejes de análisis que se complementan y superponen: el trabajo reproductivo, la diversidad de los cuerpos, las políticas integradas y la participación popular. A partir de este conjunto, se pretende reformular lo que se entiende por la práctica profesional del urbanista y proponer un diálogo, por medio de la interdisciplinariedad, entre una diversidad de sujetos que ocupan y transforman el territorio.

Palabras clave: género; urbanismo feminista; desigualdad urbana.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se insere no debate sobre os modos de produção do espaço urbano a partir de uma perspectiva crítica que considera as desigualdades de gênero como estruturantes da vida nas cidades. Partindo do conceito de urbanismo feminista, busca-se compreender como práticas contra-hegemônicas, oriundas de movimentos sociais e experiências concretas de mulheres em situação de vulnerabilidade, podem contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens urbanísticas. Tais vivências permitem reformular a prática profissional do urbanista, propondo um diálogo entre a diversidade de sujeitos e disciplinas que pensam, ocupam e transformam o território. Assim, aponta-se para a sistematização de uma hipótese metodológica voltada à produção de cidades mais democráticas e acessíveis.

A questão do gênero tem surgido cada vez mais em pesquisas que apontam para problemáticas acerca da presença e da mobilidade da mulher no tecido urbano. Em relação à proposição e à prática de medidas efetivas é importante considerar o impacto da militância feminista, responsável pelo avanço da agenda que pauta a violência contra a mulher, a divisão sexual do trabalho, a difusão da discussão de questões de gênero na sociedade, e sua reverberação no modo de desenvolver as políticas do urbano. É também relevante apontar que o urbanismo feminista não se limita a falar da condição de uma mulher genérica. Diz respeito a considerar a perspectivas de diversas mulheres, principalmente as que se encontram em maior vulnerabilidade, sobretudo mulheres negras, indígenas, com deficiência/mobilidade reduzida, mães, LGBTQIAP+, pobres e tantas outras.

Com isso, além de um levantamento teórico de críticas feministas voltadas para as políticas do urbano, o trabalho se direcionou para o reconhecimento de experiências que vão de encontro às práticas normativas e hegemônicas por meio de entrevistas¹ com mulheres do movimento de luta por moradia. Isso contribuiu, primeiramente, na identificação e análise de problemas, compilando as violências sistemáticas (de ordem institucional, política, doméstica, urbana,

entre outras), recorrentes nos relatos das diferentes regiões tratadas (Norte, Nordeste e Sudeste), que submetem essas mulheres a situações de vulnerabilidade. Nesses depoimentos foi possível ainda identificar experiências inovadoras que já estão sendo praticadas por esses grupos e que levam a uma compreensão diversa de cidade, moradia e participação popular. Tudo isso serve como base fundamental para compreender o urbanismo feminista, já que este se sustenta nessas práticas políticas como forma de propor uma outra maneira de se construir cidades. "Falamos de urbanismo feminista, e não de urbanismo com perspectiva de gênero, para refletir nosso posicionamento político; nós não queremos ficar apenas na análise das diferenças, mas sim erradicar as desigualdades" (Col·lectiu Punt 6, 2019, p.20, tradução nossa).²

2. URBANISMO FEMINISTA

O conceito de urbanismo feminista se desenvolveu, principalmente, a partir da década de 1980, momento em que o movimento feminista se voltou para a crítica sobre a divisão de trabalho baseada em papéis de gênero e de que maneira isso rebate na geografia das cidades. A difusão desse debate coincidiu com o período de ampliação da presença da mulher no meio acadêmico. Quando as mulheres assumiram papéis de produtoras de conhecimento reconhecido amplamente, temas ligados ao debate de gênero começaram a tomar relevância como parte da disciplina do Urbanismo.

Isso se inicia, mais especificamente, no contexto estadunidense e europeu, marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, com a reconstrução de cidades e economias, sendo, então, traduzido para diversas cidades internacionalmente, inclusive no contexto do Sul Global. No Brasil, o início da ditadura militar em 1964 reforça índices de desigualdade e o acirramento da disputa política. O período de abertura política, a partir da década de 1980, significou o fortalecimento dos movimentos sociais, estando o direito à cidade e à moradia entre as pautas principais em nível nacional.

Dessa maneira, nesse momento, o debate do Urbanismo se concentra na

expansão das áreas urbanas ao redor do mundo, com o crescimento do déficit habitacional, e, principalmente no Brasil, se organiza a partir de demandas que se tornaram relevantes pelo ativismo de movimentos sociais. Nesse contexto, grandes planos urbanos são pensados pelo poder público a fim de dar uma resposta a essa demanda, sendo projetos concebidos e, por vezes, realizados, de maneira universal e genérica, criados por meio de interesses específicos da classe dominante, que, em sua maioria, não atenderam as demandas reais do território ou geraram outros problemas urbanos e sociais.

Assim, o crescimento populacional e econômico das cidades se dá em um contexto de negociação de direitos, em que a prioridade não é o cumprimento à lei de acesso a moradia digna, mas o aumento da produtividade e de um melhor cenário de investimento de capital. Essa lógica neoliberal individualiza os problemas e experiências urbanas, gerando um afastamento de agenciamento de cidadania.

Além dos direitos fundamentais negados, essa estrutura se baseia na repetição de uma lógica que cada vez mais se prova insustentável a longo prazo, como afirma Adriana Ciocoletto (2020), arquiteta e urbanista argentina.³ A busca por uma boa qualidade de vida nas cidades passa por uma discussão do território por inteiro, já que inclui o acesso a infraestrutura, áreas verdes, mobilidade, reações às mudanças climáticas (e outros fatores ambientais que recebem cada vez mais atenção política e científica pela proporção que tem tomado na sociedade), além da própria gestão do tempo e das atividades necessárias para se manter a vida, para além do trabalho produtivo. Na prática, a vida não se sustenta apenas no percurso casa-trabalho-casa, sendo, na verdade, necessários diversos outros fatores invisibilizados para apoiar essa lógica.

Portanto, o conflito dado está no fato de pretender só produzir sem investimentos em políticas de cuidado, baseada e sustentada no trabalho invisível de mulheres no mundo todo. A crise dos cuidados é debatida há tempos pelo eco-feminismo, que a compara à crise ambiental – e hoje, mais que nunca, vivemos esse contexto à flor da pele, o

que explicita essa crise do cuidado. A única forma de continuar produzindo será colocando o cuidado no centro – e as políticas urbanas devem estar dentro dessa lógica. (Ciocoletto, 2020)

O Col·lectiu Punt 6 é um grupo de mulheres arquitetas e urbanistas, de diferentes cidades do mundo, estabelecido na cidade de Barcelona, cujo objetivo é desenvolver teorias e práticas feminista sobre o espaço urbano. Nesse sentido, o coletivo situa o urbanismo feminista a partir do reconhecimento dos valores hegemônicos do urbanismo moderno e da proposição de uma inversão de valores, os quais objetivam a garantia do direito à cidade.

Por sua vez, o urbanismo feminista altera a ordem de prioridades, promovendo a sustentabilidade da vida e incentivando a cidade como uma estrutura que fornece o suporte físico para o desenvolvimento de todas as atividades do nosso dia a dia. Esse suporte físico deve incluir as necessidades das esferas reprodutiva, produtiva, pessoal e política ou comunitária, rompendo com a hierarquia atribuída pelo sistema capitalista e patriarcal ao que é produtivo. Parte-se do pressuposto de que a vida cotidiana de cada pessoa é diferente e que é necessário levar em consideração a diversidade de experiências e vivências, os diferentes ritmos e tempos, sem estabelecer hierarquias entre os diferentes sujeitos.⁴ (Col·lectiu Punt 6, 2019, p.157, tradução nossa)

É importante apontar que essa mudança de valores não se limita apenas à organização espacial, e nem seria possível fazê-lo. Essa transformação ocorre em nível estrutural na sociedade e desafia a ordem do sistema capitalista, patriarcal, racista e colonial. As maneiras de se fazer isso é o que será abordado nos próximos capítulos, e que, de maneira geral, foca em: 1) Transformar o modelo de cidade funcionalista, dispersa e segregada, que responde ao sistema capitalista e patriarcal, por um modelo de cidade aproximada e cotidiana, valorizando a escala do bairro e os cidadãos; 2) Embasar-se em uma metodologia diversa,

interdisciplinar e “interescolar”, em que o Urbanismo não esteja circunscrito à Arquitetura, mas sim integrado com diferentes áreas do conhecimento e acessível ao cidadão comum e suas experiências empíricas; 3) Incorporar a experiência das pessoas às decisões urbanas que, historicamente, foram invisibilizadas na lista de prioridades desse modelo urbano, investindo em processos participativos populares efetivos que promovam o protagonismo de mulheres (Col·lectiu Punt 6, 2019).

2.1 ROMPER COM A DICOTOMIA ENTRE PÚBLICO E PRIVADO

As mulheres que têm uma preocupação maior com seus filhos, de dar um lar para eles, de ter um local, de morar de aluguel e ser despejada. Então quem procura mais o movimento [de luta por moradia] para participar, e com o sonho da casa, é a mulher. Tem até uns homens que vão depois, que a gente fala que é a mobília. A mobília vem depois. Muitas vezes elas constroem e os homens chegam lá depois impondo que ele que manda, né? Mas a maioria é mulher. Nós estamos tocando a demanda agora, 99% é mulher, mulher é chefe de família. (Santos, 2023, entrevista com liderança da UMM-SP)

O primeiro ponto que deve ser destrinchado para compreender as prioridades do urbanismo feminista é a relação entre vida pública e privada estabelecida na sociedade atualmente. Essa dicotomia é determinante na organização de diferentes esferas sociais, econômicas e políticas e é ponto central das discussões de papéis de gênero. O que o urbanismo feminista propõe é uma revisão sobre o que significa o privado e o público na vida urbana e de que maneira o espaço urbano determina a vida doméstica.

Primeiramente, deve haver uma aproximação conceitual sobre o trabalho produtivo e o reprodutivo. Esses conceitos foram trabalhados na lente de gênero por teóricas feministas a partir da segunda metade do século xx com base nas críticas marxistas do trabalho pós-revolução industrial (Junqueira, 2023). Assim, o trabalho produtivo se define pelas atividades relacionadas à produção

de bens e serviços, com um retorno de remuneração salarial, que é interpretado como sendo a origem do sustento de uma família. Aliado ao fato de essas atividades serem realizadas de acordo com a demanda social e territorial, isso faz com que sejam trabalhos pertinentes à vida pública e tradicionalmente associados ao papel do gênero masculino.

Por sua vez, o trabalho reprodutivo refere-se às atividades não remuneradas realizadas na esfera familiar (considerada aqui como qualquer unidade de convivência e organização doméstica) ou fora dela. Ou seja, são as tarefas tradicionalmente convencionadas como trabalho doméstico⁵ e de responsabilidade da mulher. Esses são os trabalhos essenciais para a estruturação de uma pessoa e, portanto, de uma sociedade. Segundo o Col·lectiu Punt 6 (2019, p.82, tradução nossa), “as mulheres ainda carregam esse papel atualmente, pois a sociedade ainda não reconheceu a necessidade de assumir tais tarefas por meio de uma corresponsabilidade pública e social”.⁶

Faz-se necessário também apontar que o início da crítica à desigualdade entre trabalho produtivo e reprodutivo focava em uma divisão internacional e racista do trabalho. Trata-se do trabalho não remunerado de esposas e mães, por exemplo, e, igualmente, do trabalho mal remunerado de trabalhadoras domésticas (herança de um sistema escravocrata), normalmente referido a mulheres negras e/ou imigrantes (pensando em um contexto de países do Norte Global). Dessa maneira, essas mulheres estão sujeitas ao trabalho de cuidado de outras famílias somado ao cuidado de sua própria unidade familiar.

Segundo dados da Oxfam (2020), todas essas tarefas são essenciais para a sociedade, e sua invisibilização sujeita mulheres e meninas a uma situação de pobreza e marginalização. Isso porque 42% das mulheres em idade ativa no mundo estão fora do mercado de trabalho, devido a responsabilidades não remuneradas de cuidado (em comparação a apenas 6% dos homens), e isso significa a dedicação gratuita de 12,5 bilhões de horas todos os dias ao trabalho de cuidado. Esse trabalho não remunerado beneficia aos que estão no topo da pirâmide social, gerando lucros que resultam em uma desigualdade ainda mais acentuada.

As mulheres estão apoiando não apenas a economia de mercado, disponibilizando uma mão de obra mais barata e gratuita, mas também o Estado, prestando cuidados que deveriam ser oferecidos pelo setor público. Segundo cálculos da Oxfam, o trabalho não remunerado de mulheres vem agregando pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano em valor à economia, cifra três vezes mais alta que a estimada para o setor de tecnologia. No entanto, embora altíssima, essa cifra pode estar subestimada. Devido à falta de disponibilidade de dados, ela foi calculada com base no salário mínimo, e não em um salário digno, e não foi considerado o valor mais amplo para a sociedade do trabalho de cuidado e seu papel na economia. Se fosse possível estimar a cifra efetiva desse apoio, o valor total do trabalho de cuidado não remunerado seria ainda mais alto. O que se observa visivelmente é que esse trabalho não remunerado está alimentando um sistema econômico sexista, que retira recursos de muitos e os coloca nos bolsos de poucos. (Oxfam, 2020, p.9)

A esse respeito, Adriana Ciocchetto (2020) afirma que, pensando no sistema capitalista como um iceberg, a ponta visível seria o trabalho produtivo, no entanto, há uma base muito maior que o sustenta e representa o que é o reprodutivo: “Sem reprodução não existe produção possível”. Portanto, argumenta que a sustentabilidade da vida depende de investimentos no trabalho de cuidado, pois sem esse também não existem empresas ou Estado que funcione, e na vida não humana também, pois “se acabamos com o planeta tampouco existirá sobre o que produzir e governar” (Ciocchetto, 2020).

Em outras palavras, a cidade não foi concebida como o suporte físico para o desenvolvimento das atividades de cuidado, pois desde a Revolução Industrial considerava-se que as atividades de cuidado eram realizadas exclusivamente por mulheres dentro do espaço doméstico.⁷ (Col·lectiu Punt 6, 2019, p.80, tradução nossa)

Dessa maneira, se o trabalho do cuidado ocupa a maior parte do tempo e da

economia das pessoas, deveria essa, então, ser a prioridade nas diretrizes do planejamento urbano. As necessidades de uma pessoa cuidadora perpassam diversos fatores urbanos, como a acessibilidade de ruas e calçadas, considerando o acompanhamento de bebês, crianças e idosos; a eficiência do transporte público, que deve considerar também distâncias mais curtas, para além de um movimento pendular casa-trabalho; a segurança pública e viária para assegurar essa circulação efetiva, independentemente do horário; a territorialização de infraestrutura pública, essencial para a vida, desde escolas e postos de saúde até áreas de lazer para crianças e adultos; entre muitos outros recursos.

Queriam fechar as escolas no bairro que ela [uma das militantes do movimento de luta por moradia] mora. Ela juntou o bairro inteiro e foi lá intervir, não deixou fechar as escolas. Escola faz parte do direito à cidade. É sobre o bairro. Se fecha a escola e coloca mais longe do bairro, põe em outro lugar, as pessoas têm que se deslocar para ir. São essas ações que eu testemunhei que foram fundamentais para a construção de política, e por elas serem maioria mulheres, acaba, que são elas que estão ali intervindo diretamente. (Dias, 2023, entrevista com membra da UMM-SP)

2.2 PENSAR EM CIDADES DIVERSAS

Quando a gente vai discutir com as famílias o projeto arquitetônico, a gente quer saber se as pessoas estão escolhendo porque elas querem daquele jeito ou se elas estão escolhendo porque viram na televisão, na novela passou uma coisa assim, alguém fez uma propaganda e eles estão gostando daquilo, que, às vezes, não atende à necessidade real. Vamos supor, se tem quatro filhos e na tv mostrou um casal com um filho só, é pensar “isso cabe na sua realidade?” Então a gente fez uma apresentação que chama “Gosto se discute sim”, e discutimos com os arquitetos onde a gente queria chegar com isso. Tiveram várias apresentações para discutir projeto, para levar isso para as famílias e pensamos em qual era a melhor metodologia para levar. (Dias, 2023)

A experiência relatada pela assistente social Cleonice Dias em um grupo de assistência técnica para movimento social de moradia popular exemplifica muito bem a crítica e o trabalho metodológico necessário para se cumprir o objetivo de centralidade na vida cotidiana. O primeiro ponto a ser destacado é a maneira com a qual estamos acostumados, como sociedade, a absorver um padrão de vida vendido como ideal, independentemente de contextos específicos. O que é necessário ser discutido é como esse padrão, muitas vezes, está adequado ao modelo de vida de corpos hegemônicos, como se fosse possível universalizar a experiência empírica.

Para Ciocoletto (2020), ao se fazer urbanismo deve-se particularizar para quem esse território está sendo pensado. Isso significa deixar de prometer um urbanismo que beneficiará a todos os agentes urbanos e particularizar quais são os objetivos daquela intervenção. O fato é que esse modelo já ocorre, só não são assumidamente anunciados dessa forma. Dentre as demandas territoriais vividas nas cidades, as mais ignoradas são aquelas referentes aos corpos diferentes do normativo, ou seja, todos que não estejam nas categorias de homem cisgênero, branco, sem mobilidade reduzida e de médio a alto nível socioeconômico. Assim, para se pensar em um urbanismo feminista faz-se necessário pensar justamente em todas as realidades que comprovem a diferença.

Aliás, o sentimento de pertencimento é algo que está em visível desequilíbrio nas cidades. Alguns se sentem donos absolutos do espaço pois acumulam o poder socioeconômico e acham que estão em condição de dominação, enquanto outros se sentem desprovidos de qualquer influência ou voz. O silenciamento, um dos instrumentos de opressão mais comum, também incide nos espaços das cidades, seja pela omissão, negligência ou negação institucional da participação dos grupos sociais subalternizados ou oprimidos nas decisões sobre o espaço, seja pela presença ameaçadora ou pela intervenção indevida e não mensurada da polícia em lugares de recreação ou permanência de pessoas, entre outros métodos. (Berth, 2023, p.261)

Joice Berth, em seu livro "Se a cidade fosse nossa" (2023) aponta para a presença histórica dos grupos minoritários oprimidos na formação das cidades. Dessa maneira, a prática do urbanismo feminista se justifica na adequação espacial às dinâmicas já presentes e próprias do território, por meio de uma apropriação daquilo que já pertence a esses grupos. Pensar em termos decoloniais, como proposto pela autora, é argumentar pelo direito à terra e à vida para além do sistema de opressões.

As contradições do Brasil nos levaram a ser um país que apagou – quase que totalmente – as referências que nos permitiriam encontrar a influência negra e indígena, ou a presença de mulheres e pessoas LGBTQIA+, na concepção e na formação das cidades. Reconhecer tais agentes sociais nos daria contornos da valorização e do orgulho nacional necessários. Precisamos definir as bases para uma nova ordem urbana que também seja preta, que também seja feminina, que comunique nossa diversidade étnica e seja alimentadora do nosso processo de empoderamento individual e coletivo. Isso tudo se afirma em um urbanismo antirracista, anti-imperialista, antissexista e anticlassista que centraliza suas ações a partir da nascente das desigualdades e que repara, no presente, os abismos deixados pelos processos históricos. Aí, sim, chegaremos no ponto que almejamos. Teremos, então, as condições para construir uma vivência urbana mais justa e humana para todas, para todos e para todes em um futuro próximo. (Berth, 2023, p.28)

Na dinâmica relatada por Cleonice, o convencional e padronizado é deixado de lado, dando relevância às práticas individuais e coletivas da escala do cotidiano daquelas pessoas. Esse mecanismo não só é capaz de perceber as demandas específicas, como também aproxima as pessoas do espaço que ocupam, trazendo protagonismo e identificação territorial para o processo. Dessa maneira, reconhece-se que a diversidade de perfis e comportamentos sociais (indissociável do próprio conceito

de funcionamento de uma cidade) implica uma diversidade de lugares, que, coletivamente, costuram a malha urbana.

Jane Jacobs (1916-2006), escritora e ativista norte-americana, é uma das primeiras referências sobre a luta e resistência contra o urbanismo autoritário e normativo que surge com o movimento moderno, em meados do século XX. Para Jacobs (2011), a formação dos urbanistas em um planejamento urbano abstrato e generalista é um dos fatores de responsabilização sobre os problemas apresentados na cidade. Isso se deve à falta de metodologias capazes de analisar as complexidades do espaço urbano, dada à impossibilidade de prever todas as consequências motivadas por uma intervenção urbana em sua fase de planejamento, devido ao reconhecimento de contextos específicos e diferenciados.

Dessa maneira, as metodologias desenvolvidas por Jacobs são baseadas em processos empíricos, recurso do qual o urbanismo feminista, conceituado e praticado décadas depois, deriva. Para a autora, o espaço urbano deve ser pensado como estruturas em movimento e como um processo em curso, trabalhado do particular para o geral, e não o contrário, investigados sobre a presença de marcas singulares que revelem questões mais próximas à realidade.

O urbanismo feminista propõe visibilizar a diversidade e as diferenças, reconhecendo as desigualdades estruturais e reequilibrando as oportunidades no território. Sua implementação não pode ser estigmatizadora nem discriminatória; não pode se basear em definições essencialistas de gênero que acabam perpetuando os papéis, ou em interpretações eurocêntricas, capacitistas e classistas da realidade. O urbanismo feminista precisa ser de classe e antirracista, incorporando a diversidade de corpos e identidades, para compreender as complexas estruturas de poder que nos atravessam e nos colocam em diferentes lugares na sociedade, dependendo dos quais nos atribuem espaços específicos.⁸ (Col·lectiu Punt 6, 2019, p.156, tradução nossa)

2.3 PLANEJAR PARA ALÉM DO CONSTRUÍDO

Na época que eu morei no Jardim Ângela, ali foi considerado a região mais perigosa do mundo. O meu pai é pedreiro. Ele veio naquele contexto em que estavam migrando todo mundo para a cidade de São Paulo, para construir a cidade. O meu pai foi morar em um bairro distante do centro, é por isso que a gente foi morar na Vera Cruz, que era mais barato lá o loteamento. E, pra você entender por que eu cheguei no movimento social, eu saía de casa 4h30 da manhã para ir para a escola, e da escola pro trabalho. O período dentro do ônibus era tão longo que dava para estudar no ônibus, dormir, acordar e ainda estava lá no trânsito. Eu gastava de umas três a quatro horas para chegar às 7 e meia no trabalho. Eu sempre me perguntava o porquê, né? Quando era pequena, meu pai falava "a gente vai na cidade". Só que eu sou de São Paulo. Eu ficava me perguntando, "porque o centro é cidade e onde a gente mora, não é?" (Dias, 2023)

O que começa a se evidenciar sobre a prática do Urbanismo é dimensão interdisciplinar exigida para que todas essas condições entrem em acordo. Isso significa a incorporação de aspectos de gestão, uso, tempo e flexibilidades na intenção e no alcance do planejamento. Mais ainda, significa reconhecer a incidência de todas as políticas públicas sobre o solo urbano e a maneira com a qual essas políticas repercutem no território.

Dessa maneira, tem-se em perspectiva que a mudança de valores apontada anteriormente não se restringe ao campo do desenho arquitetônico e urbano, diz respeito a um sistema maior que consiste na produção legislativa em diversas áreas. Assim, o urbanismo feminista também se justifica como um dos braços de atuação do movimento feminista, compondo um corpo inteiro de atuação que incide sobre a condição da vida na sociedade em diferentes âmbitos.

Cleonice conta em seu relato uma situação compartilhada por milhares de pessoas periféricas. Primeiramente, há a questão da distância entre os bairros periféricos e os centros urbanos. Essa

condição se torna um problema quando é necessário percorrer essa distância rotineiramente para se ter acesso a infraestruturas básicas, como hospitais, creches, escolas, pontos de serviço e comércio – o que reflete no acesso ao mercado de trabalho. Além da distância da infraestrutura, há o problema de locomoção entre esses espaços, já que o sistema de mobilidade urbana não é capaz de suprir a demanda, resultando em longas viagens diárias na cidade.

Essa situação se agrava ainda mais quando se faz um recorte de gênero para a análise. Isso porque, como aprofundado anteriormente, as mulheres, que em sua maioria são as responsáveis pelo trabalho reprodutivo, necessitam fazer uso de mais dispositivos urbanos que apenas a casa e o trabalho (produtivo e remunerado). Assim, a pesquisa de Maria Forneck e Silvana Zuccolotto aponta a predominância da “escola” como motivo de viagem para mulheres (descolamento com crianças), enquanto para homens é o “trabalho”, sendo das mulheres também o maior número de deslocamentos a pé. Dessa maneira, o papel de desempenhar diferentes tarefas de cuidado submete a mulher a uma outra lógica de circulação no território que não é contemplada pelas políticas públicas, criando-se assim uma “rede própria de mobilidade” (Forneck; Zuccolotto, 1996, p.95).

Esses dados dizem respeito a uma série de fatores sociais, econômicos e territoriais que precisam ser avaliados em conjunto na formulação de políticas públicas. Além disso, responsabiliza o Estado para além da disponibilização de unidades habitacionais, visando à efetiva garantia de direito à cidade. Os movimentos sociais de luta por moradia buscam sempre a inclusão dessa periferia nas dinâmicas urbanas, e não do afastamento dos grupos periféricos, cobrando essa sistematização integrada que de fato considere a periferia como cidade.

Somando-se à questão da mobilidade e acesso à infraestrutura, outro fator multidisciplinar que incide diretamente no debate de direito à cidade e a questão de gênero é a segurança (principalmente pública, em termos de gênero, mas que também se intersecciona com a segurança viária). Sobre isso, deve-se considerar as políticas públicas que se propõem a

combater essa violência em diferentes escalas que, por vezes, têm uma dimensão de desenho urbano, mas que também incluem medidas de redução da desigualdade socioeconômica, de maneira mais ampla, e da redução da violência de gênero.

O que insistimos é na percepção de violência porque, às vezes, não necessariamente há violência machista em um bairro, como estupros ou assédios, por exemplo, para que as mulheres se sintam inseguras por ter que chegar as suas casas às 22h, quando já é noite. Já existe todo um contexto sociocultural que diz: “você não pode andar sozinha”, “tem que estar acompanhada”, “se voltar em tal horário pode acontecer tal coisa”. Cada mulher tem sua experiência particular, devido a seus contextos familiares, mas há um contexto social que é iniludível. Que a todas nos marca, de forma mais ou menos intensa, e que faz com que deixemos de utilizar livremente os espaços públicos. Então, com o desenho do espaço, podemos contribuir para melhorar essa percepção. (Ciocolotto, 2020)

É importante colocar que além do trabalho produtivo e de cuidado, o direito à cidade também inclui o direito ao lazer. Ou seja, além de fornecer e conectar moradia, trabalho, escolas, mercado, posto de saúde etc., a cidade também deve integrar de maneira democrática espaços de áreas verdes, esportivas e culturais, por exemplo, que estimule a sociabilidade. Como sugestionado por Cristiane Sales (2023): “Direito de cidade é o direito de ir à praça”. Esse é um tópico que integra diversos pontos já abordados aqui, como o acesso aos espaços públicos, a segurança da mulher, o desenho urbano, a relação de horas dedicadas ao trabalho remunerado e não remunerado e entre outros fatores que denunciam as desigualdades econômicas, raciais e de gênero no meio urbano.

2.4 FAZER EM COLETIVO: A PARTICIPAÇÃO POPULAR

O movimento de moradia constrói sem adquirir renda, ele não pensa no lucro. Ele pensa na qualidade para a família, na questão da unidade, do tamanho

e tudo. E as construtoras querem um lucro. A gente estava discutindo hoje mesmo sobre a questão do programa Pode entrar, onde eles querem induzir que os movimentos construam por construtora, porque eles geram lucro para eles. E a própria Prefeitura estava querendo segurar para que a gente não construísse por autogestão e construísse por construtora. [...] Então isso tudo é um meio de violar nossos direitos, é um meio político que eles têm de fazer gente desistir das nossas conquistas por autogestão, que vem com qualidade. Porque pelo mesmo valor de duzentos mil reais que as construtoras são contratadas e pagam, a gente construiu apartamento de 57 m², enquanto eles constroem de 43 m² com o mesmo valor e sem qualidade no material, porque todo o material por autogestão quem escolhe são as famílias. As construtoras geram o lucro e não a qualidade de vida e a qualidade do que está dentro do empreendimento. (Santos, 2023, entrevista com liderança da UMM-SP)

Esse tópico foi abordado na pesquisa a partir de três segmentos: 1) a organização e funcionamento de movimentos sociais; 2) como se dá a participação de mulheres nesses espaços; e, por fim, 3) a compreensão sobre o papel da mulher no trabalho reprodutivo, no mercado de trabalho e na produção de políticas públicas. Essas três frentes se interseccionam, de modo que a organização interna dos grupos de luta por moradia influencia um panorama mais amplo de construção do movimento social, de parâmetros para a elaboração de um urbanismo feminista e de formulação de leis a nível nacional.

O depoimento inicial de Fátima evidencia a maneira como os movimentos sociais se relacionam com os outros agentes produtores do espaço urbano: os investidores capitalistas e os gestores e legisladores da máquina pública. Sobre isso, é importante apontar como a condição da mulher na sociedade gera situações de opressão que se dão em diferentes proporções, mas que repercutem de maneira similar e tem uma origem comum. Assim, faz-se necessária essa transposição de debates equivalentes

as escalas e contextos nos quais estão sendo articulados.

As violências exercidas contra as mulheres no espaço público parecem ter uma continuidade em relação às que ocorrem no âmbito privado: violências que restringem seus direitos, que são exercidas sobre seus corpos pelo simples fato de serem mulheres, que ainda contam com um alto grau de tolerância social e acabam culpabilizando as vítimas.⁹ (Falú, 2011, p.136, tradução nossa)

Dessa maneira, a apropriação do debate de violência de gênero desde as bases, aproximando do contexto cotidiano de cada mulher, tornou-se a via para o encaminhamento dessas pautas enquanto políticas públicas, capazes de incidir diretamente sobre a qualidade de vida de todas as pessoas. Essas discussões, de maneira integrada, são o que constrói um sentido para o urbanismo feminista, que, ao contrário do Urbanismo normativo, não é entendido e praticado a partir de um modelo único. O reconhecimento do valor do trabalho da mulher é uma das chaves para essa construção, pois diz respeito ao trabalho que já é exercido por sobrevivência dessas mulheres – seja no produtivo, remunerado, reprodutivo, não-remunerado, ou social e político – e que movimenta a sociedade para seu funcionamento.

Se as cidades foram construídas a partir de uma lógica capitalista e patriarcal, faz parte do projeto do urbanismo feminista confrontar diretamente esses valores em todas as instâncias em que se manifesta. Isso implica a transformação radical dos valores que estruturam essa ordem social e simbólica das cidades.

O fato de existirem vários programas de habitação que priorizam as mulheres no atendimento é fruto de uma ação coletiva das mulheres, que se organizaram para fazer esse enfrentamento. Eu vou dar um exemplo, antigamente, no programa Crédito Solidário, do governo Lula, para as pessoas acessarem tinha que ir o cônjuge, os dois. Então, às vezes, se o marido não estivesse presente, a mulher, não podia assinar. E era uma coisa que não atendia a realidade das mulheres.

Teve um projeto que a gente trabalhou, que fica ali no Jaraguá, que a mulher não se separou legalmente do marido, quem ela nunca mais tinha visto, ela assinou uma declaração de lugar incerto dizendo “não sei onde ele está” e ela realmente não sabia. Assim que ela conseguiu o apartamento, ele voltou com o direito, porque legalmente eles eram casados e o cartório considera o que está posto legalmente. Então ele acessou o apartamento dela. E com isso, ao longo das experiências que as mulheres do movimento foram tendo, elas incorporaram, fizeram abaixo-assinado, participaram das conferências da cidade, dos conselhos e tudo mais. Muito veio dessa demanda que as mulheres estão colocando ali nesses espaços. [...] É de estar nos espaços que têm decisão para tomar. (Dias, 2023, entrevista com membra da UMM-SP)

Por fim, o fazer em coletivo significa essa transformação radical nos valores desde sua base e concepção metodológica. A partir disso, se faz possível a construção de uma cidade diferente, mas também de uma comunidade que se comunica por meio do cuidado. Como definido e sintetizado por Graça Xavier (2023): “Eu consegui a minha casa e eu só vou parar quando outras pessoas conseguirem as suas”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, a pesquisa teve como reflexão a maneira como a pauta de gênero já é trabalhada nos movimentos sociais há décadas e como isso influencia na produção do espaço e de políticas do urbano. Reconhece-se as diversas possibilidades de aplicação de tais metodologias, já que o fundamento principal é a aproximação e adequação a cada território que for trabalhado. Dessa maneira, o trabalho se propôs a debruçar-se sobre a teoria e experiências de tais metodologias, mas sem ter a pretensão de fechar uma cartilha metodológica para o que poderia ser a definição de um único urbanismo feminista possível. No entanto, apesar desses recursos serem infinitos, esse ensaio aponta o que deve haver em comum entre eles: o objetivo de transformação radical

das cidades e da vida, contra um sistema colonial, patriarcal e capitalista.

O diagnóstico sobre os movimentos de direito à moradia e à cidade não só analisa a maneira como essas instituições se organizam, mas também como diversos avanços nas conquistas por direitos na sociedade só foram possíveis por conta dessa atuação. Nesse sentido, evidencia o Urbanismo como um campo em disputa, em que os agentes desse conflito estão socialmente hierarquizados e em uma dinâmica constante de negociações entre direitos e poder.

Além disso, o acúmulo de testemunhos de mulheres ativistas pelo direito à cidade pôde comprovar, por meio de suas experiências, como as políticas urbanas são manejadas como mais uma ferramenta de opressão socioespacial em um sistema capitalista, racista e patriarcal. Dessa maneira, o Urbanismo não seria apenas um campo de conhecimento em disputa, e sim o próprio instrumento de revogação de direitos, propagação de desigualdades e violências e de preservação de privilégios. Com isso, o esforço de conceituação de um urbanismo feminista surge em um sentido de reverter essa lógica de produção do espaço, oferecendo uma outra oportunidade de cidades concebíveis cujo foco é a vida cotidiana.

O Urbanismo passa a ser, então, uma ferramenta capaz de ser aliada à luta de redução das desigualdades. Ao nomear a prática como urbanismo feminista, retira-se a preconcepção de um urbanismo neutro e tecnicista, colocando o protagonismo no Urbanismo como meio de prática de um ativismo político, elucidando o caráter político na atuação urbanista. Mais ainda, retira o tom universalizante sobre o profissional do urbanismo, cujo paradigma deixa de ser o homem cis, branco, hétero, de classe alta, sem restrição de mobilidade, e passa a ser uma(um) profissional diversa(o), multidisciplinar e, principalmente, articulada(o) em um coletivo.

Por fim, essas considerações não são invenções inovadoras desenhadas por um “novo urbanismo”, mas sim reflexo de práticas que já são desenvolvidas e aperfeiçoadas há décadas pelos movimentos sociais. É considerar como parte do trabalho do arquiteto e urbanista a contribuição para uma formação crítica

já mobilizada por tais atores, pensando e realizando uma maneira popular e democrática de se fazer cidades.

Nós não procuramos construir casas, nós entendemos que nós temos que construir cidadania. A casa é muito importante, é porta que abre para muitos direitos. Mas, para além da casa, nós temos que construir algo mais. Construir cidadania. Construir povo não, o povo está construído, o povo nos ensina muito. Povo tem o ensinamento, nós não vamos ensinar nada. Nós vamos juntos construir, de acordo com o tempo que cada um tem, um trabalho coletivo de cidadania. Entender o que é cidadania e viver juntos a experiência. (Sales, 2023, entrevista com coordenadora da UMM-AM)

NOTAS

- Foram realizadas seis entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, com mulheres que atuam em escala nacional no movimento de luta por moradia e do direito à cidade, inseridas na UMM (União dos Movimentos de Moradia) e UNMP (União Nacional por Moradia Popular), a partir dos contextos de cada uma de suas regiões (Alagoas, Paraíba, Amazonas e São Paulo).
- No original: “*Hablamos de urbanismo feminista, y no de urbanismo con perspectiva de género para reflejar nuestro posicionamiento político; nosotras no queremos quedarnos en el análisis de las diferencias, sino erradicar las desigualdades*”.
- Argentina, doutora em Arquitetura e Urbanismo e uma das fundadoras do Coletivo Punt 6 (Barcelona, Espanha).
- No original: “*Por su parte, el urbanismo feminista cambia el orden de prioridades, promoviendo la sostenibilidad de la vida y fomentando la ciudad como estructura que proporciona el soporte físico para poder desarrollar todas las actividades de nuestro día a día. Este soporte físico tiene que incluir las necesidades de la esfera reproductiva, productiva, personal y política o comunitaria, rompiendo con la jerarquía que otorga el sistema capitalista y patriarcal a lo productivo. Se parte de que la vida cotidiana de cada persona es diferente, y de que hay que tener en cuenta la diversidad de experiencias y vivencias, los distintos ritmos y tiempos, sin establecer jerarquías entre los diferentes sujetos*”.
- Aqui é importante especificar que falamos de cidades ocidentais desenvolvidas em um sistema capitalista. Algumas referências apontam para experiências diversas, em que se construíram relações diferentes a respeito do trabalho reprodutivo, como por exemplo no caso da União Soviética. Sobre isso, tem-se como referência: GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e revolução**: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936. Boitempo, 2014.
- No original: “*Las mujeres aún arrastramos este rol en la actualidad, porque la sociedad no ha reconocido la necesidad de asumir dichas tareas desde una corresponsabilidad pública y social*”.
- No original: “*Es decir, la ciudad no se pensó como el soporte físico para poder desarrollar las actividades de cuidados, ya que desde la Revolución Industrial se consideró que las actividades de cuidados eran llevadas a cabo por mujeres exclusivamente dentro del espacio doméstico*”.

8. No original: “*El urbanismo feminista propone visibilizar la diversidad y las diferencias, reconociendo las desigualdades estructurales y reequilibrando las oportunidades en el territorio. Su puesta en práctica no puede ser estigmatizadora ni discriminatoria; no puede basarse en definiciones esencialistas del género que acaban perpetuando los roles, o en interpretaciones eurocéntricas, capacitistas y clasistas de la realidad. El urbanismo feminista tiene que ser de clase y antirracista, e incorporar la diversidad de cuerpos e identidades, para poder comprender las complejas estructuras de poder que nos cruzan y nos sitúan en uno u otro lugar en la sociedad, en función del cual nos asignan unos u otros espacios*”.

9. No original: “*Las violencias que se ejercen en el espacio público a las mujeres parecen tener una continuidad de aquellas que viven en el ámbito privado: violencias que restringen sus derechos, que se ejercen sobre sus cuerpos por el solo hecho de ser mujeres, que aún cuentan con un alto grado de tolerancia social y terminan culpabilizando a las víctimas*”.

REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões na cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- JUNQUEIRA, V. Carvalho. Trabalho produtivo e reprodutivo: apontamentos feministas acerca do trabalho em O Capital (Livro I). **Revista Discente Ofícios de Clio**, v.7, n.13, p.99-116, 9 mar. 2023.
- CIOCOLETTO, Adriana. Assim surgirá a cidade do cuidado: urbanismo feminista e o papel central da vida. [Entrevista cedida a] María Fernanda Arias Godoy. **Dois Pontos**, 19 maio 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/doisPontos/assim-surgira-a-cidade-do-cuidado/>.
- COL-LECTIU PUNT 6. **Urbanismo feminista**: por una transformación radical de los espacios de vida. Barcelona: Virus, 2019.
- FALÚ, Ana. Restricciones ciudadanas: las violencias de género en el espacio público. **Pensamiento iberoamericano**, n.9, p.127-146, 2011.
- FELDMAN, Sarah. Um ciclo de institucionalização do urbanismo no Brasil. In: FELDMAN, Sarah (org.). **Instituições de Urbanismo no Brasil (1930-1979)**. São Paulo: Annablume Editora, 2021. p.11-76.
- FORNECK, M. L.; ZUCCOLOTTO, S. Mobilidade das mulheres na Região Metropolitana de São Paulo. **Revista dos Transportes Públicos**, Brasília, n.73, p.95-103, 1996.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SANTORO, Paula. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. In: ANAIS DO XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Minas Gerais, 2008.
- OXFAM. **Tempo de cuidar**: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Documento informativo da OXFAM, jan. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>.
- VICENTE, Victoria Fernandes. **Cidades feministas e desafios urbanísticos**: o caso do Jardim Celeste. 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.
- SANTOS, Fátima. [Entrevista cedida a] Luciana Orellano Fernandes. São Paulo, 10 nov. 2023. [Gravação em áudio e transcrição digital].
- DIAS, Cleonice. [Entrevista cedida a] Luciana Orellano Fernandes. São Paulo, 23 out. 2023. [Gravação em áudio e transcrição digital].

XAVIER, Graça. [Entrevista cedida a] Luciana Orellano Fernandes. São Paulo, 04 out. 2023. [Gravação em áudio e transcrição digital].

SALES, Cristiane. [Entrevista cedida a] Luciana Orellano Fernandes. São Paulo, 13 nov. 2023. [Gravação em áudio e transcrição digital].

SOBRE A AUTORA

Luciana Orellano Fernandes é arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade em 2023.

lucianaofernandes@gmail.com

ENSAIO

Sob a luz de Brasília

Bruno Maschio

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (Escola da Cidade)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade, 2023-24.

Este ensaio analisa a cidade de Brasília a partir de sua relação com o horizonte, a imagem e a luz. O que guiou o trabalho foram os escritos de Clarice Lispector sobre a capital, em especial os momentos que indicam sua dimensão visual. O texto, constantemente provocado pelas imagens evocadas por Clarice, estabelece uma reflexão sobre a relação da arquitetura

moderna com o olhar, a fim de firmar um diálogo entre a literatura e a teoria, recorrendo à filosofia da imagem e à crítica contemporânea de arquitetura para tentar ampliar a discussão sobre o lugar das luzes e do olhar no mundo moderno, mas também para tentar tensionar os sentidos de uma cidade que se constrói na linha do horizonte.

Under Brasília's light

This essay analyzes the city of Brasília through its relationship with the horizon, imagery, and light. Guided by the writings of Clarice Lispector about the capital, particularly passages that point to its visual dimension. The text, constantly inspired by the images evoked by Clarice, establishes a reflection on the relationship between modern architecture and the act of seeing. It aims to create a dialogue between literature and theory, drawing on the philosophy of the image and contemporary architectural criticism to broaden the discussion about the place of light and vision in the modern world, but also to tension the meanings of a city built along the horizon line.

Bajo la luz de Brasília

Este ensayo analiza la ciudad de Brasília a partir de su relación con el horizonte, la imagen y la luz. Lo que guió este trabajo fueron los escritos de Clarice Lispector sobre la capital, en especial los momentos que apuntan su dimensión visual. El texto, constantemente provocado por las imágenes evocadas por Clarice, establece una reflexión sobre la relación entre la arquitectura moderna y la mirada, a fin de establecer un diálogo entre la literatura y la teoría, recurriendo a la filosofía de la imagen y a la crítica contemporánea de arquitectura para intentar ampliar la discusión sobre el lugar de las luces y la mirada en el mundo moderno, pero también para intentar tensar los sentidos de una ciudad que se construye en la línea del horizonte.

“Estende-se o infinito do horizonte rasgado do Planalto – um horizonte baixo, que lembra as vastidões marinhas, e que, sendo enorme, serve de palco, pela manhã e à tarde, aos mais deslumbrantes jogos de luz de que é capaz a natureza” (Kubitschek, 1975, p.11). Assim Juscelino Kubitschek descreveu a paisagem do cerrado do Planalto Central, território onde viria a se construir Brasília. Lucio Costa (*apud* Telles, 2012, p.330), autor do plano piloto, também recorreu ao mar para descrever esse lugar: “no cerrado deserto e exposto a um céu imenso, como em pleno mar, a cidade criou a paisagem”. Há, em ambas as descrições, uma vastidão que parece ser comum ao planalto e ao mar; uma amplidão quase sem fim, um espaço que “só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra” (Lispector, 2016, p.425). A palavra *horizonte*, “como seu nome o indica, em grego, é ao mesmo tempo a abertura e o limite da abertura que define ora um progresso infinito, ora uma espera” (Didi-Huberman, 2014, p.87). É uma promessa que se situa na fratura entre progresso e esperança sem fim.

Essa relação marítima da paisagem com o horizonte de algum modo é mantida na Brasília já construída. Sophia Telles reconheceu essa vizinhança tanto na escala da edificação, em especial na arquitetura de Oscar Niemeyer, a qual “só pode se projetar na flutuação do horizonte, e a submissão aos amplos espaços é o que define, em última instância, a escala de seu desenho” (Telles, 2012, p.329); quanto na escala urbana, “no centro cívico de Brasília, Lucio desenha a própria linha da superfície”. Sendo o desenho da cidade a própria linha do horizonte, esta “perde assim a dimensão da profundidade. É a marca da superfície e sua medida” (Telles, 2012, p.330). A cidade é, como notou Clarice Lispector, “construída na linha do horizonte” (Lispector, 2016, p.591).

Seria a relação de Brasília com o horizonte intuída tanto por Clarice Lispector como por Sophia Telles, próxima daquela amplidão marítima que Lucio Costa e Juscelino Kubitschek encontraram na paisagem do planalto? Ou melhor, será que a analogia entre cidade e praia ultrapassa a dimensão da horizontalidade? Para o escritor argentino Alan Pauls (2013, p.9), a praia é um lugar de “textura homogênea, neutra, como de suportes ou superfícies”. A homogeneização da praia parece advir de uma espécie de efeito óptico, em que a luz solar, a ausência de sombras e os aspectos reflexivos da areia produzem um certo achatamento do espaço. Brasília e praia estariam ambas submetidas ao jugo da grande luz?

Oscar Niemeyer (2012, p.149), em depoimentos sobre a construção da cidade, frequentemente utilizava a formulação de Le Corbusier, segundo a qual a arquitetura “é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz”. A composição dos edifícios – tanto no seu raciocínio interno como nas relações espaciais entre os volumes – é desenhada com atenção para as dinâmicas solares de iluminação e visibilidade. A cidade goza de uma visibilidade extrema, em que os edifícios são todos banhados pela luz do sol, estão expostos como “corpos deitados na praia”. O reino da luz é fiel à lógica do horizonte, pois “o horizonte nos promete a grande e longínqua luz (luce)” (Didi-Huberman, 2014, p.85). Se dizemos que a Brasília construída subsiste enquanto praia, é pela relação que a capital guarda com o horizonte e pela dinâmica existente entre luz e corpo, fazendo com que o espaço inundado pelo sol se torne totalmente visível, sem sombras e sem mistério.

Em Brasília, há uma certa obscenidade do olhar. O olho, capaz de tudo ver, transita com facilidade, lá tudo é explícito. Os textos de Clarice Lispector sobre a capital testemunham o vínculo entre a cidade e a luz. "Brasília aparece associada à claridade e à cegueira, à gelidez do cristal. A incidência da luz crua realça o desterro" (Sousa, 2021, p.172). A cidade parece existir num espaço incorpóreo e difuso, como num estado de levitação: espectral. O texto é constantemente atravessado por fantasmagorias. A morte ronda e coloca em suspensão a ordem do discurso, quem narra é alguém que já morreu? É um fantasma quem nos convoca? "Morri. Morri assassinada por Brasília" (Lispector, 2016, p.610). A cidade é, ao mesmo tempo, autora e cena de um crime. Se aproxima, também, de uma espécie de paraíso, um lugar etéreo, eterno, onde ninguém pode morrer. Por um lado, a constatação: "Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília" (Lispector, 2016, p.591); por outro, a indagação e a dúvida: "Será que alguém morre em Brasília? Não. Nunca. Nunca ninguém morre porque lá não se pode fechar os olhos" (Lispector, 2016, p.598). Em ambos os casos há a onipresença da visão. É a partir da abertura dos olhos que se reconhece Brasília e, uma vez nesse espaço, a impossibilidade de fechá-los é que nos garante a vida eterna.

Essa eternidade, no entanto, não é um gesto dadivoso da cidade esplendorosa, mas a expressão de um horror e uma crueldade sem iguais. O excesso de luz produz uma cegueira terrificante. "A luz de Brasília me deixou cega. Esqueci os óculos escuros no hotel e fui invadida por uma terrível luz branca" (Lispector, 2016, p.596). Essa luminosidade invasiva também é capaz de produzir uma espécie de elevação: "a luz de Brasília leva às vezes ao êxtase e à plenitude total. Mas também é agressiva e dura – ah, como eu gostaria da sombra de uma árvore" (Lispector, 2016, p.598).

Essa cisão entre plenitude e agressividade reverbera as discussões de Georges Bataille acerca do sol. Em seu artigo de 1930, intitulado "Sol Podre", encontramos a concepção de que existem dois sóis. Um sol que se confunde com a elevação máxima, mas que é também a "coisa mais abstrata, já que é impossível olhá-lo fixamente", belo e ideal como o sol platônico; por outro lado, há um segundo sol, um astro que se mira, "aquele que se olha pode ser considerado como horrivelmente feio" (Bataille, 2018, p.177). Essa distinção entre dois sóis, ou dois movimentos, encontra seu momento máximo na história de Ícaro, em que o sol "luzia no momento da elevação de Ícaro e o que derreteu a cera", assim "o sumo da elevação se confunde na prática com uma queda súbita, de uma violência inaudita" (Bataille, 2018, p.178).

Na Brasília de Clarice Lispector há uma predominância do horror causado pelo excesso de visibilidade que está mais próximo da queda do que da elevação. "Tudo lá é às claras e quem quiser que se vire" (Lispector, 2016, p.599). A narradora tenta, em vão, buscar algum lugar para se proteger/esconder. Procura a sombra da árvore, mas também a escuridão da noite. "Esperei pela noite como quem espera pelas sombras para poder se esgueirar. Quando a noite veio percebi com horror que era inútil: onde eu estivesse eu seria vista" (p.592). Nada nesse lugar é capaz de produzir uma sombra, "a alma aqui não faz sombra no chão" (p.593). Nem mesmo à noite há espaço para o mistério e para a escuridão, "em Brasília nunca é de noite. É sempre implacavelmente de dia" (p.601). A agressividade de uma "luz branca demais. Tenho olhos sensíveis, fico invadida pela claridade alva" (p.602).

Tal luz implacável é o que permite as operações modernas do ver; "do olhar controlador, do olhar do controle, do olhar controlado" (Colomina, 2023, p.19). Brasília, herdeira da tradição corbusiana da *Ville Radieuse*, produz uma série de visuais onde o que está posto é "um olhar de dominação sobre o mundo exterior" (p.65). Nesse sentido, a capital se aproxima da noção de que a "arquitetura não é simplesmente uma plataforma que acomoda o sujeito que a vê. É um mecanismo de observação que produz o sujeito" (p.31). Mais do que moldura para o mundo exterior, a cidade se torna uma máquina que produz o próprio sujeito do olhar. Essa sujeição produz uma figura que, por meio de operações visuais, controla e é controlada simultaneamente: o sujeito moderno.

Esse aspecto panóptico de Brasília pode ser apreendido a partir de um relato de Cildo Meireles, em que ele narra um impasse que ocorreu enquanto realizava o trabalho "Arte Física: Caixas de Brasília/Clareira", de 1969.

A gente estava à beira do Lago Sul, que na época era quase inabitado, determinamos uma área, começamos a capinar, juntar toda aquela coisa, botei as quatro estacas. E na hora que a gente botou fogo, cinco, sete minutos depois veio Polícia do Exército, Polícia Civil, Bombeiro... Porque não podia fazer fogueira ali. Eu deixei passar uns dois dias, e fomos para um lado mais distante [...]. Pois bem: a gente repete a coisa, com o capim, etc, e na hora que põe fogo, cinco, sete minutos depois vem a porra do tenente... E aí eu falei [irônico] "você tem uma eficiência... A cidade está muito bem guardada". Pois bem: é que o ponto mais alto de Brasília é a Torre de Televisão. E a Torre, a partir de um certo patamar (tem até um restaurante panorâmico lá), você vê todo o Plano Piloto. Mas depois desse patamar existe uma outra plataforma, onde ficavam os caras, 24 horas por dia, vigiando. (Meireles, 2020, s/p)

Conforme acompanhamos a prosa clariceana também desaguamos num tipo de cárcere, espaço controlado e controlador. A narradora testemunha que em Brasília parecemos estar em "uma prisão ao ar livre" (Lispector, 2016, p.593). Ao partirmos da ideia de praia, em especial do horizonte e das operações visuais ali expressas, encontramos um tipo de olhar moderno que aproxima nossa leitura do espaço panóptico da prisão. Qual a intimidade existente entre esses dois *topoi* distintos? Para Édouard Glissant (2021, p.236), "a praia está descoberto, sem surpresas, como que prisioneira". Seja prisão, seja prisioneira, em ambos os casos, Brasília e praia estão submetidas a um olhar absoluto, reféns de uma hipervisibilidade. Parecem compartilhar a utopia moderna de um olhar capaz de tudo ver e tudo controlar. Podemos pensar Brasília a partir da descrição de Alan Pauls (2013, p.27) sobre a praia:

espaço imberbe e liso, atravessado por dobras, mas livre de dobramentos, a praia é um lugar franco, transparente, aberto ao céu [...]. Tudo está ali, desdobrado, explícito: o que se vê é o que existe. Estamos no império do visível; não há fundos falsos onde se esconder nem margem para segredos.

A transparência é uma noção central na construção dessas topologias: praia, Brasília e prisão. Dentro do ideário moderno, a transparência é uma peça-chave, pois sintetiza uma série de qualidades materiais/espirituais que "eram celebradas pelos modernos por sua franqueza e espiritualidade" (Wisnik, 2018, p.35). Para a arquitetura moderna – mas também para o mundo moderno, isto é, para a epistemologia ocidental, branca e iluminista calcada na ideia de racionalidade e que é o lastro do projeto de Brasília – a transparência se apresenta como "um índice de verdade, despojamento, honestidade e pureza". Algumas de suas aplicações materiais, como o uso do vidro e dos pilotis, permitem um olhar que é capaz de atravessar o espaço e assim "tudo pode ser verificado, explicitado, demonstrado, trazido à luz do olhar perscrutador da sociedade" (Wisnik, 2018, p.7). Juscelino Kubitschek (1975, p.283) descreve a cidade recém-inaugurada a partir dessa perspectiva: "erguia-se o Palácio do Planalto – todo transparente, refletindo o sol nas suas paredes de vidro".

A transparência é a tradução material, espacial e espiritual de uma epistemologia em que não há lugar para o não-visível e para o desconhecido. Exaltar a transparência é apostar as fichas numa humanidade racional que, ao trazer as coisas para o espaço iluminado, pretende tornar tudo descritível por meio de operações discursivas. "Para a razão, em sua ambição hegemônica, não pode haver espaço para o inexplicável; resta o não-explicado e, em relação a seu desvendamento, tudo é apenas questão de tempo e de empenho, de ordem e de progresso" (Kon, 2003, p.324).

Luz, transparência e visibilidade alicerçam o processo da construção de Brasília e possibilitam a aproximação da cidade com a topologia da praia. "Brasília é osso seco de puro espanto no sol inclemente da praia" (Lispector, 2016, p.601). Clarice Lispector (2016, p.593), quem nos provocou para essa intimidade entre Brasília e praia, acaba levando essa vizinhança ao limite, ao definir a cidade como "uma praia sem mar".

Como perseguir essa imagem? O enunciado parte de uma amputação, portanto é importante indagar sobre os sentidos do mar para a autora para, enfim, tentar compreender o que se perde com a sua ausência. “Estou é com pena de Brasília porque ela não tem mar. [...] Banho de mar dá coragem. Um dia desses fui à praia e entrei no mar com emoção” (Lispector, 2016, p.616). A cidade é atravessada pelo signo da falta, a narradora se ressentida com a não-presença do mar na capital. A ausência se apresenta numa espécie de melancolia saudosista de um espaço-tempo outro – que não o de Brasília – onde ela foi à praia e pôde mergulhar no mar. No conto “As águas do mundo”, a autora escreve sobre uma mulher que mergulha no mar pela manhã, um evento aparentemente corriqueiro, mas que guarda a possibilidade de um acontecimento maior: *um encontro de mundos*. “Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis”; o mar é da ordem do incontrolável, do desconhecido, do mistério, “a mais ininteligível das existências não humanas” (Lispector, 2016, p.425).

Talvez o único jeito de escapar da hipervisibilidade da praia seja dando um mergulho no mar, essa zona “misteriosa, escura, breu como o fundo do mar” (Brasileiro, 2022, p.60). Uma praia sem mar, um lugar sem enigma. “Falta magia em Brasília” (Lispector, 2016, p.599). A lógica moderna anseia controlar todos os mistérios do mundo, processos como a taxonomia e a classificação são ferramentas desse desejo de ordenação. Como se a racionalidade pudesse, por meio desses procedimentos, descrever e inventariar tudo aquilo que existe, eliminando, assim, qualquer exterioridade e compondo um grande museu do mundo. Tenta-se trazer tudo para uma interioridade controlada. “Brasília é o mistério classificado em arquivos de aço. Tudo lá se classifica” (Lispector, 2016, p.610).

Mas parece que o mistério insiste em pulsar na cidade. As luzes que ofuscam não podem espantar toda escuridão. No depoimento de Oscar Niemeyer sobre Brasília, o arquiteto reconstrói a imagem que projetava da cidade durante sua construção: “Pensávamos em tudo isso, como se a obra já estivesse realizada, antevendo a cidade pronta, imaginando-a à noite, com a Praça dos Três Poderes iluminada, numa iluminação feérica e dramática, em que a arquitetura se destacava branca, como que flutuando na imensa escuridão do Planalto” (Niemeyer, 2006, p.31). Há uma espécie de duplicação, quase que um espelhamento completo, nesse discurso. Encontramos nele a atualização das oposições fundantes da modernidade ocidental. Por um lado: a Praça dos Três Poderes, obra da cultura, iluminada; por outro: o planalto central, um tipo de natureza romântica e intocada, existindo numa escuridão absoluta. O breu não foi, e nem pode, ser totalmente abolido.

Há nessa coexistência entre luz e sombra dois *ethe* distintos, por um lado uma aposta nas luzes, por outro a atenção ativa para a obscuridade que insiste, para aquilo que não é propriamente visível no tempo presente. Essa é a chave para aquilo que Giorgio Agamben (2014, p.26) chama de uma “atitude contemporânea”: contemporâneo é aquele que não se deixa cegar pelas luzes radiosas e, desse modo, se atenta para as trevas.

Perceber tal escuridão não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade especiais, que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir suas trevas, a sua escuridão especial, que não é, porém, separável daquelas luzes. (Agamben, 2014, p.26)

A artista Castiel Vitorino Brasileiro (2022, p.37) escancara a pretensão moderna em relação ao escuro, “o que se almeja é justamente o controle de seu mistério, operado pela sua objetificação, a fim de garantir sua descrição, entendimento e usurpação”. Outra atitude, não moderna, e, portanto, radicalmente crítica, é aquela em que se percebe a falácia do projeto iluminista e se dirige para aquilo que está fora dos holofotes. Essa atitude nos mostra que, para além da dicotomia,

a escuridão prevalece, ainda que a luminosidade se torne presente, porque a ocorrência da luminosidade pressupõe a existência da escuridão. A modernidade iluminista desenvolve uma suposta superioridade da luminosidade em face da escuridão, postulando que as luzes encerram o negrume. (Brasileiro, 2022, p.43-44)

Clarice Lispector traz em seu texto uma profusão de imagens que diz respeito ao ofuscamento causado pelo excesso de luz em Brasília, mas há um apontamento, mesmo que sutil, para a insistência da escuridão e do mistério. Ela acaba reencontrando o desconhecido e o assombro, mesmo em uma cidade hipervisível e hipercontrolada. Há a possibilidade de entrever em Brasília uma espécie de "aridez luminosa e cheia de estrelas" (Lispector, 2016, p.598). As estrelas parecem acenar para um modo de relação mais suave entre brilho e breu, pois a escuridão do universo é necessária para apreendermos a luminescência que nos chega das estrelas. "O mistério mais pleno e poderoso de todos os tempos. A escuridão do universo" (Brasileiro, 2022, p.28). O universo reencontrado por Clarice no céu do planalto é capaz de desestabilizar as oposições tão rígidas da cidade, seu negrume é povoado de lampejos que existem fora das luzes de Brasília. Mas não é preciso ir tão longe, não é apenas no firmamento que o mistério resiste. Como observou Niemeyer, a escuridão está logo ali, ao lado da cidade. Será possível subverter essa imagem de uma cidade iluminada, circunscrita pela escuridão do cerrado? Como mirar outras relações que não a da simples oposição entre luz e sombra? Talvez um modo potente de desenhar essa coexistência seja a partir da margem como lugar. Não habitar nem a luz plena da cidade, tampouco a escuridão absoluta da paisagem ao redor, mas o intervalo entre os dois, entre o dia e a noite, entre o explicável e o inexplicável, entre a cidade e a não-cidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. *In: Nudez*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BATAILLE, Georges. Sol Podre. In : **Documents**. Trad. João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. São Paulo: N-1 edições e Editora Hedra, 2022.

COLOMINA, Beatriz. "A parede cindida: voyeurismo doméstico". *In: COLOMINA, Beatriz. Arquitetura, sexualidade e mídia*. Trad. e org. de Marian Rosa van Bodegraven. São Paulo: Editora Escola da Cidade e Editora WMF Martins Fontes, 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KON, Noemi Moritz. **A viagem**: da literatura à psicanálise. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1975.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Org. Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MEIRELES, Cildo. Praticamente tudo é um ato de inserção. Entrevista concedida a Otavio Leonidio e Manuela Muller. **Viso: Cadernos de Estética**, Rio de Janeiro, v.6, n.30, jan.-jun. 2020.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

NIEMEYER, Oscar. Depoimento. *In: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (Org.). Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PAULS, Alan. **A vida descalço**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SOUSA, Carlos Mendes de. Brasília, a extrósima. *In: ROSENBAUM, Yudith; PASSOS, Cleusa (Org.). Um século de Clarice Lispector: Ensaio crítico*. São Paulo: Fósforo, 2021.

TELLES, Sophia. Brasília - o desenho da superfície. *In: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (Org.). Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro**: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas. São Paulo: Ubu, 2018.

SOBRE O AUTOR

Bruno Maschio é bacharel e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Atualmente é aluno de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade. Suas pesquisas se desenvolvem nos campos da antropologia da arte, estudos sobre a imagem contemporânea, crítica de arte e arquitetura.

maschiobruno1@gmail.com

Fragmentos no vazio: empenas cegas como catalisador de transformação urbana e social

Renata Nascimento Pereira

Orientação: Profa. Ms. Renata Fragoso Coradin (FAU-Mack)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão, FAU-Mack, 2023-2024.

O trabalho investiga alternativas de intervenção em empenas cegas do Centro Histórico da cidade de São Paulo, com a proposta de resignificá-las para transformar a paisagem urbana e a função social da região. Consideradas "vazios verticais" resultantes do crescimento urbano desordenado, as empenas têm potencial de revitalizar o centro e promover a integração entre cidade e arquitetura. Fundamentado no conceito de "preexistências vinculantes" de Felipe Noto, o estudo propõe a utilização dessas superfícies como elementos conectores, com o objetivo de criar espaços públicos e dinâmicas de convivência. Este ensaio é resultado da pesquisa desenvolvida no Trabalho Final de Graduação (TFG), de

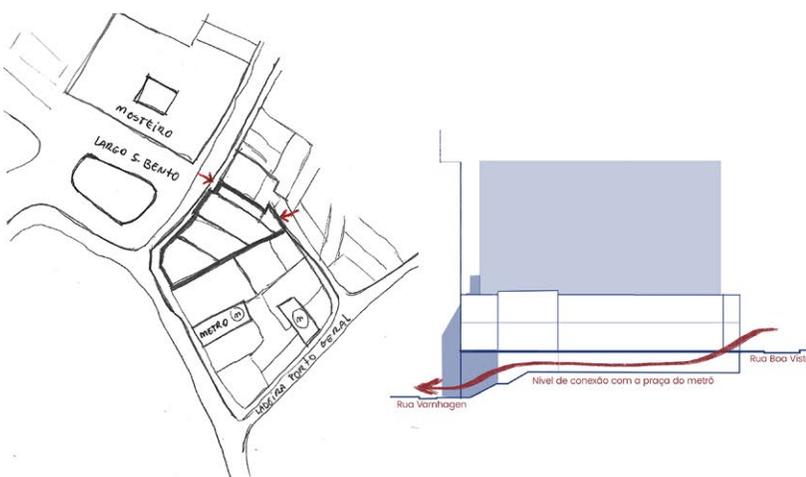
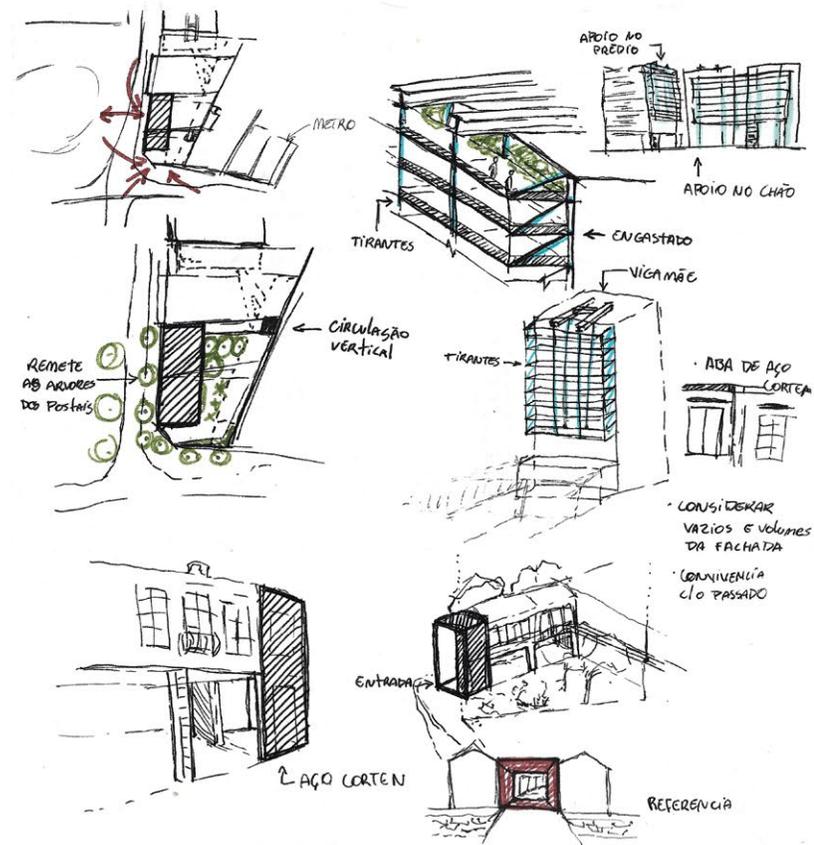
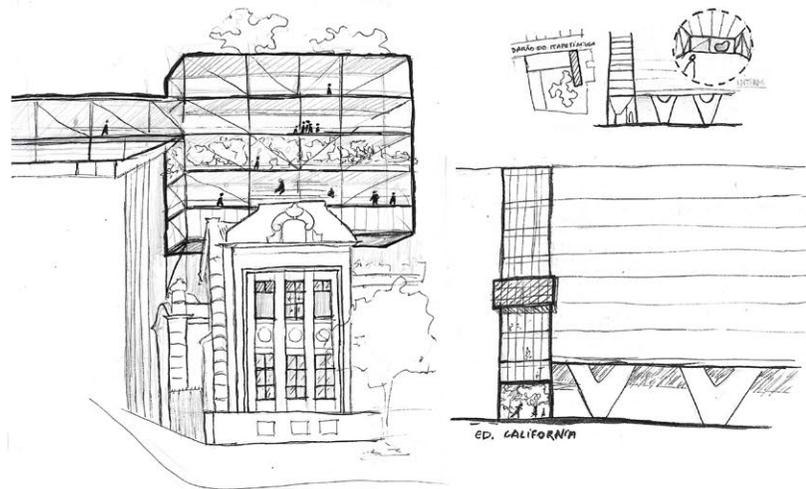
Fragments in the void: blind walls as catalysts for urban and social transformation

This study explores intervention alternatives for blind walls in São Paulo's Historic Center, aiming to redefine their purpose and transform both the urban landscape and the region's social function. Considered "vertical voids" resulting from unplanned urban growth, these walls hold the potential to revitalize the city center and foster integration between architecture and urban environment. Based on Felipe Noto's concept of "binding preexistences," the research proposes utilizing these surfaces as connecting elements to create public spaces and encourage social interaction. This essay stems from the research conducted in the Final Graduation Project (TFG), of the same title, which, as a design process, selected the Largo São Bento area as the intervention site, an area with significant infrastructure, high pedestrian traffic, and a notable presence of homeless individuals. The project sought to integrate blind wall intervention with housing and social assistance program, acknowledging that access to housing is fundamental for the access to the city. This approach reinforces the idea of citizenship and belonging while highlighting the need for housing policies that go beyond temporary shelters, proposing a sensitive and effective architectural solution that addresses the social and urban challenges of São Paulo's city center.

mesmo título, que como processo projetual, escolheu a região do Largo São Bento como perímetro de intervenção, uma área com importante infraestrutura, alto fluxo de pessoas e presença significativa de pessoas em situação de rua. O ensaio realizado procurou conciliar a intervenção em uma empena com um programa habitacional e de assistência social, uma vez que o acesso à moradia é elemento essencial para o acesso à cidade. A abordagem reforça a ideia de cidadania e pertencimento e a necessidade de políticas habitacionais que superem os abrigos temporários, para propor uma arquitetura sensível e eficiente que atenda as demandas sociais e urbanas do centro de São Paulo.

Fragmentos en el vacío: las medianeras como catalizadores de la transformación urbana y social

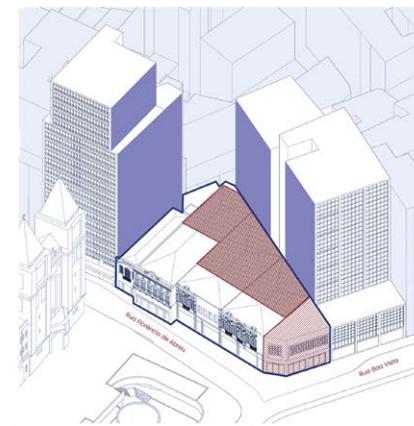
El trabajo investiga alternativas de intervención en las medianeras del Centro Histórico de la ciudad de São Paulo, con el objetivo de resignificarlas y transformar tanto el paisaje urbano como la función social de la región. Consideradas "vacíos verticales" resultantes del crecimiento urbano desordenado, las medianeras tienen el potencial de revitalizar el centro y fomentar la integración entre arquitectura y ciudad. Basado en el concepto de "preexistencias vinculantes" de Felipe Noto, el estudio propone utilizar estas estructuras como elementos conectores para crear espacios públicos y dinámicas de convivencia. Este ensayo es el resultado de la investigación realizada en el Trabajo Final de Graduación (TFG), de mismo título, que, como proceso proyectual, eligió la región del Largo São Bento como área de intervención—una zona con infraestructura importante, alto flujo de personas y una presencia considerable de población en situación de calle. El ensayo desarrollado buscó combinar la intervención en una medianera con un programa de vivienda y asistencia social, dado que el acceso a la vivienda es un elemento esencial para el acceso a la ciudad. El enfoque refuerza la idea de ciudadanía y pertenencia y la necesidad de políticas habitacionales que trasciendan los refugios temporales, proponiendo una arquitectura sensible y eficaz que atienda las demandas sociales y urbanas del centro de São Paulo.



Aberturas



Ampliação da malha pedonal



Intervenção nas préexistências



Apropriação do vazio

FIG.1: Quadro ilustrativo do processo de desenvolvimento do projeto. A esquerda da imagem mostra a evolução da conceituação do projeto, com ensaios iniciais de estruturas parasitas na empena contígua ao prédio da FEAP, no Largo São Francisco e na fresta lateral do Edifício Califórnia. As primeiras especulações de implantação do projeto no Largo São Bento parte da interpretação dos fluxos, das possibilidades de aberturas para a integração dos lotes com passeio público, do estudo de soluções construtivas e volumétricas. A direita, os diagramas finais com a consolidação do partido de projeto. Fonte: Autoria própria.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Esse ensaio faz parte do Trabalho de Final de Graduação (TFG) intitulado “Fragmentos no vazio: as empenas cegas como catalisador para transformação urbana e social no Centro Histórico de São Paulo”¹ e teve como objetivo investigar alternativas para a intervenção em empenas cegas de edifícios na região central de São Paulo, considerando o impacto que esses elementos exercem na paisagem urbana. Ao reconhecer as potencialidades desses vazios verticais busca-se, através da arquitetura, soluções que atribuam um novo propósito às empenas, para que se estabeleça uma relação direta desses elementos com a cidade, além de restaurar a vitalidade do Centro Histórico de São Paulo.

A escolha do Centro Histórico como recorte de pesquisa é fruto de uma aproximação pessoal com a região, associada à questão das empenas cegas. Além disso, o trabalho também se debruça sobre o quadro da ocupação “invisível” das pessoas em situação de rua na região central, ocupação que persiste ao longo de décadas.² Atualmente, no distrito da Sé, a população em situação de rua corresponde a 40% do total de pessoas nessa condição em toda a capital paulista (31.884 pessoas) e revela que a falta de moradia adequada não só expõe essas pessoas a condições de vida extremamente precárias, mas também contribui para questões de saúde pública, segurança e degradação urbana. Portanto, o cenário das pessoas em situação de rua é parte inseparável do processo de requalificação urbana do centro de São Paulo, e a arquitetura, nesse caso, coloca-se também como instrumento para a realização de políticas públicas.

Em uma primeira aproximação com a temática, fez parte da pesquisa a busca por caminhos para melhoria da realidade das pessoas em situação de rua e a investigação de intervenções arquitetônicas que dialogassem com as inquietações proeminentes das empenas cegas, com a finalidade de alternativas convenientes para contextos urbanos com densidade construtiva significativas para romper a barreira do lote, em contrapartida aos projetos convencionais. Dessa forma, a proposição de arquiteturas parasitas surgiu como uma alternativa para as questões

abordadas, por se tratar de construções modulares, com estruturas suspensas que se “plugam” ou se apoiam na estrutura de uma edificação existente (hospedeiro) e estabelecem nova condição espacial para uma área vazia ou subutilizada, que abre uma série de precedentes de interlocuções com a cidade.

Diante disso, o projeto desenvolvido consistiu na realização de um ensaio em uma empena cega na região do Largo São Bento, a partir da construção de um equipamento de apoio e moradia transitória para as pessoas em situação de rua. Além disso, a intervenção também dialoga com construções existentes e propõe a configuração de um espaço público articulando os espaços existentes e os novos, a fim de responder, por meio do projeto, às inquietações levantadas pela pesquisa.

Parte-se também da premissa de que esse centro de apoio deve estar inserido em uma lógica sistêmica para o melhor atendimento dessa população, o que significa considerar que o projeto aqui apresentado poderia representar um exemplo de outras intervenções possíveis de serem implantadas na região central da cidade com o mesmo propósito.

O arquiteto Vito Acconci, sugere uma reflexão a respeito das arquiteturas parasitas que se tornou inerente às premissas do trabalho, por entender que a arquitetura não deve se limitar à dimensão do lote ou a grandes terrenos para se estabelecer e promover melhorias ao espaço público em um tecido urbano totalmente adensado.

A arquitetura deveria existir como uma espécie de parasita ou vírus. Ela deveria grudar-se, como uma sanguessuga, em outras arquiteturas, na cidade já construída. Quando um edifício apresenta um muro cego onde quer que seja, algo não deveria ser incorporado a esse muro para que as pessoas impedidas de entrar no edifício pudessem ter algum espaço para ficar? (Acconci; Wien, 2006, p.147)

A paisagem da região central é confusa e apresenta diversas camadas, grandes edificações e retalhos dos séculos de história da cidade que se sobrepõem. Nas palavras de Benedito Lima de Toledo

(2004, p.67): “A cidade de São Paulo é um palimpsesto. [...] Uma cidade reconstruída duas vezes sobre si mesma, no último século”, e que não para de se expandir. A marcante presença de prédios altos com as laterais expostas evidencia esse processo de construção de cidade que foi descontinuado, convivendo juntamente com os sobrados históricos, que tiveram suas fachadas preservadas – ou não –, que evidencia o contraste entre as construções que expõem através da arquitetura das diferentes épocas da cidade.

Contudo, o centro da cidade não é considerado um espaço de referência e de contemplação da memória paulistana, a dinâmica do centro hoje reflete a dinâmica da metrópole capitalista, por se tratar de uma área direcionada principalmente para atividades de comércio e serviços, o que torna a região muito movimentada durante a semana. O principal exemplo disso é a região da Rua 25 de Março, que recebe milhares de pessoas todos os dias, onde os lojistas utilizam de diversos artifícios para se destacar e atrair clientes. Essa movimentação gera uma grande poluição sonora e visual, o que torna essa rua um lugar inóspito e, sem o propósito do consumo, torna-se um lugar inapropriado para se estar.

Em contrapartida, as ruas do triângulo histórico, aos finais de semana, são marcadas pelo silêncio, pela insegurança do inabitado e pelo medo de não se saber o que esperar a cada esquina. São poucos os estabelecimentos e equipamentos públicos abertos nos finais de semana e no período noturno, o que revela a fragilidade dos espaços públicos orientados apenas para atividade comercial, pois a ocupação humana do local acontece majoritariamente nos horários comerciais e ao final do expediente se torna um ambiente inóspito. Nota-se alguns atos espontâneos presentes nesse “deserto central”, como quando os moradores de um edifício ocupado se apropriam dos calçadões com sofás e cadeiras para assistir uma partida de futebol. Considera-se essa ocupação popular do centro um caminho para se pensar nos espaços públicos com incentivos para a expressão da coletividade.

O centro deixou de ser um espaço de acontecimentos, onde a população se encontrava e desejava viver, torna-se apenas um lugar de passagem e trabalho

(Oliveira, 2018). Mas, apesar da grande oferta de emprego, equipamentos públicos e comerciais, segundo dados do Censo IBGE de 2022, a região central é menos populosa do que as demais zonas da capital, e isso se dá por conta de um conjunto de processos e não por eventos isolados.

De acordo com Heitor Frúgoli, em seu livro “Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole” (2006), a criação de novas centralidades na cidade de São Paulo foi um fator importante para o esvaziamento do centro. No final da década de 1960 e início de 1970, ocorreu uma mudança do centro financeiro para a Avenida Paulista, em busca de novas frentes imobiliárias que o “centro antigo” não oferecia, pois nessa época a Av. Paulista havia sido remodelada e proporcionava a convivência dos casarões antigos com os prédios modernos, ao passo que a região central estava totalmente ocupada por prédios antigos e que não eram atrativos às novas demandas empresariais (Sandroni, 2004, p.369).

O centro de São Paulo começou a apresentar ritmo decrescente de crescimento no final da década de 1950, e na década de 1960 já eram notáveis os sinais de estagnação do centro principal e de formação de um “centro novo” na região Paulista-Augusta. (Villaça, 1998, p.277)

Na mesma década em que as empresas começaram a se deslocar para outras áreas, a elite paulistana que morava na região central passou a ocupar os bairros da zona oeste em direção aos Campos Elíseos, o que deu início ao esvaziamento populacional que ocorre atualmente no centro de São Paulo. É possível perceber a deterioração de muitos edifícios históricos que testemunharam essa evolução da cidade que hoje encontram-se vazios ou subutilizados. Essa degradação urbana gerada pelo abandono de diversos imóveis afeta a identidade cultural da região e no potencial dessas edificações para a reativação do centro como espaço de encontro, lazer e moradia.

Apesar da baixa densidade populacional, a densidade construtiva permanece relativamente alta no centro histórico. Nesse contexto, se aplica a frase “tem mais casa sem gente do que gente sem casa”,

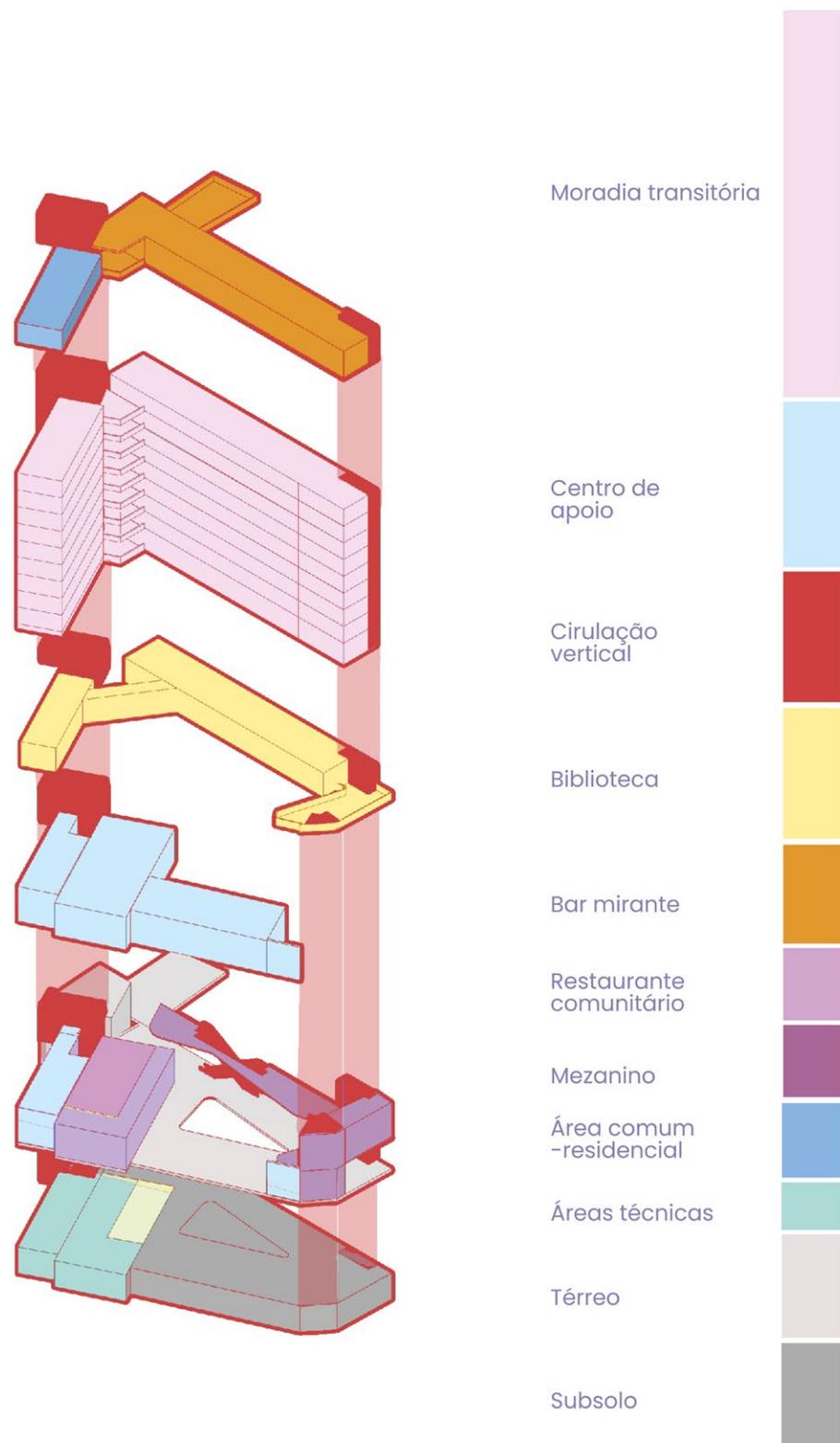


FIG.2: Diagrama simplificado do programa de necessidades. O edifício contíguo às empenas foi destinado a moradias transitórias baseadas no Programa Moradia Primeiro, oferecendo abrigo temporário para famílias em processo de estabilização e inclusão em programas de habitação social. Combinado a isso, nos sobrados existentes foi destinado serviços para atendimento psicológico, educacional e de capacitação profissional para a população. A presença dessas moradias contribui para a ativação urbana após o horário comercial pela disponibilidade de espaços livres no térreo e pela pluralidade dos usos propostos. Fonte: Autoria própria.

muito utilizada por lideranças de moradia para denunciar o cenário de prédios ociosos que poderiam atender à população mais carente e aliviar o déficit habitacional na cidade, mas permanecem abandonados não cumprindo sua função social. Partindo disso, é possível pensar em alternativas de intervenções nas empenas cegas voltadas para habitação social, que contribuam para o acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade e tragam qualidade espacial para a região altamente adensada.

2. AS EMPENAS E A PAISAGEM: "POSSO CHAMAR DE PAISAGEM O QUE VEJO NA CIDADE?"

A paisagem do Centro Histórico de São Paulo é composta por resquícios de diferentes épocas, o que resulta em uma leitura confusa da região. De modo geral, os quarteirões do Centro Histórico são compostos por edifícios colados uns nos outros, sem recuos laterais e implantados no alinhamento do passeio, correspondendo à descrição "rua-corredor", que impõe uma condição que acarreta a falta de espaços livres no térreo e na ausência de "respiros" e de espaços de permanência.

Contudo, a São Paulo do século XIX era construída pensando na escala humana, dos deslocamentos até a horizontalidade das construções; o estímulo aos espaços de parada e permanência também compunham essa época (Ferrara, 2000, p.134). Ao longo do tempo, em diversos momentos foram feitas ações que iam em direção contrária a esse modelo horizontal de cidade.

As empenas surgem como resultado do antigo desenho de cidade, que permitiu que os prédios fossem construídos contíguos, sem recuos laterais, para que houvesse uma continuidade das frentes construídas (Noto, 2017, p.93) resultando na configuração que vemos hoje, com exemplares muito interessantes, em diversos locais da cidade, como, por exemplo, o Edifício Icaraí (1956), do arquiteto Franz Heep.

A ideia de um conjunto arquitetônico se perde quando os edifícios não se articulam de maneira coerente, que resulta em uma configuração de quadras descontínua e transforma os edifícios em

fragmentos isolados. Essa fragmentação do tecido urbano é evidenciada pela predominância de espaços residuais nas laterais das edificações.

A cidade da 3ª Era é formada de arquipélagos de bairros que se costeiam, fragmentos de todas as escalas, alguns inteiros e quase homogêneos relativamente à época de sua formação, outros bastante heterogêneo. (Potzamparc, 1997, p.46)

O conceito de empenas cegas como vazios verticais representa o olhar para essas superfícies como vazios urbanos e espaços residuais, resultantes dessa evolução da cidade. Entende-se que a definição de espaços residuais é a que melhor corresponde à morfologia das empenas cegas, por se tratar de "elementos excluídos do processo de projeto e de planejamento, ou seja, da "representação do espaço", que, sendo materializados na cidade, podem ser absorvidos ou não pela dinâmica urbana" (Sampaio, 2015, p.1).

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram pesquisadas alternativas para o enfrentamento dos espaços residuais, foram identificadas uma grande variedade de formas de intervenções. As intervenções mais presentes nas cidades são as manifestações artísticas, como o grafite e o pixo, as instalações de caráter efêmero, as projeções de imagens nessas fachadas sem aberturas, embora haja também as definitivas, como é o caso do ensaio desenvolvido.

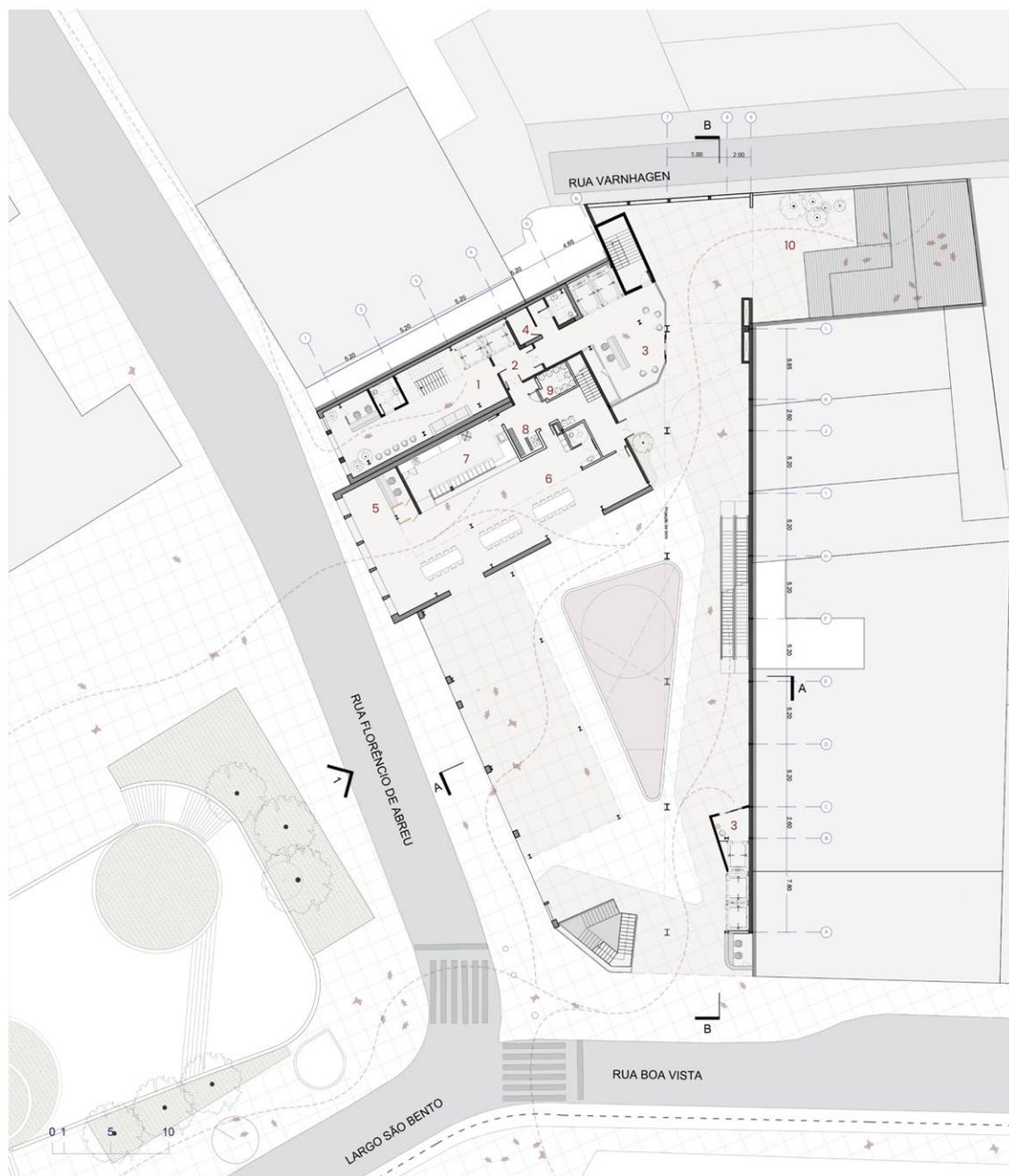
3. PREEXISTÊNCIAS VINCULANTES

Na busca de qualificar esses vazios verticais e revitalizar o Centro Histórico de São Paulo através da arquitetura, a proposta de uma construção que se vincula a outra preexistente tem a capacidade de estabelecer um diálogo formal entre o "novo" e o entorno construído, respeitando a configuração urbana da quadra, seria possível ressignificar os espaços residuais e potencializar os vazios e elementos pertencentes a cada edificação.

O principal conceito norteador do trabalho foi a ideia de "preexistências vinculantes" apresentada por Felipe Noto em sua tese de doutorado "O quarteirão como suporte da transformação urbana" (2017). O arquiteto

FIG.3:

Planta do pavimento térreo, Largo São Bento. Nesse nível, concentram-se os acessos principais. O conjunto de escadas, escadas rolantes e elevadores garante a transposição vertical entre os programas de acesso público, como a biblioteca, o mirante na cobertura e os níveis inferiores, que se interligam com a Praça do Metrô São Bento. O acesso ao centro de apoio, por sua vez, foi implantado no interior da preexistência, com o intuito de ser independente do edifício principal. Além disso, o edifício residencial possui dois acessos controlados no interior do lote. Fonte: Autoria própria.



Legenda

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Hall acesso centro de apoio | 6. Salão |
| 2. Acessos serviço - compartilhado | 7. Cozinha de finalização |
| 3. Acesso residencial | 8. Recepção de mercadorias |
| 4. Apoio | 9. Camadas de refrigeração - Lixo |
| 5. Recepção | 10. Deck - área livre |

FIG.4:

Planta do pavimento tipo. O pavimento tipo foi projetado visando a modulação e a flexibilidade na disposição das habitações, este módulo permite que as habitações de dois dormitórios (tipologia 2) possam ser reduzidas para tipologias de um dormitório (tipologia 2 ou 3) sem que haja comprometimento estrutural da edificação. A variação nas tipologias dos apartamentos, cria alguns vazios no pavimento tipo que podem ser apropriados para o uso comunitário, no privado e a vista voltada para o Largo São Bento, servindo para ventilação e iluminação. Fonte: Autoria própria.



Legenda

- | | |
|----------------|---------------------------|
| 1. Tipologia 1 | 4. Tipologia 4 |
| 2. Tipologia 2 | 5. Balcão |
| 3. Tipologia 3 | 6. Espaço de uso coletivo |

o módulo

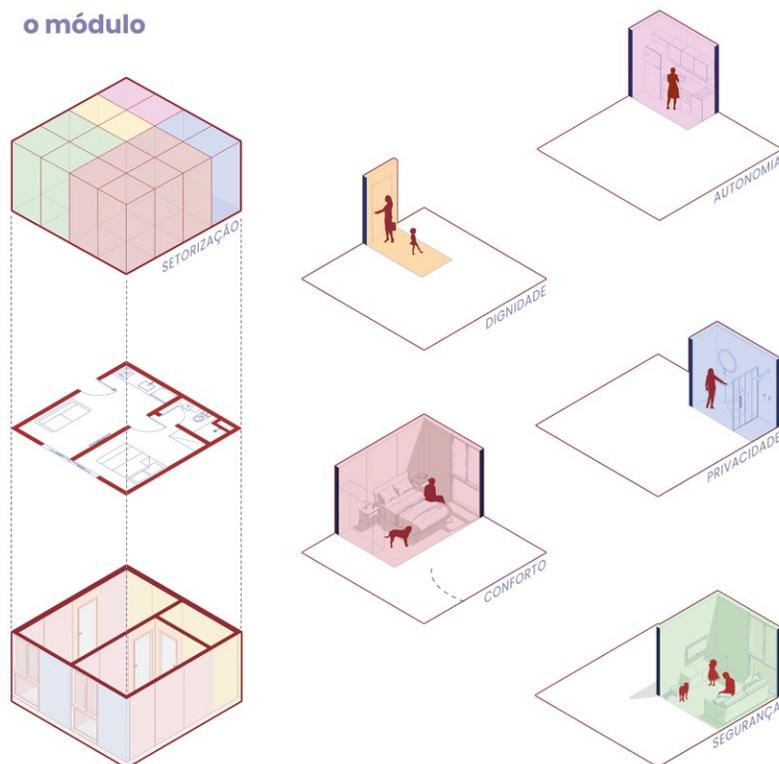


FIG.5: Módulos habitacionais. Grid com dimensões de 1,30x1,30m foi adotado para composição dessas unidades, implementado em um sistema de painéis pré-fabricados de 1,30x2,60m para fechamento interno e externo dos apartamentos. Com esse sistema de painéis é possível conferir uma dinâmica para a fachada apenas intercalando as aberturas sem precisar alterar o layout interno dos apartamentos. Além disso, compreender cada ambiente da residência como um componente, possibilitou a padronização da construção e as variações na disposição desses componentes, abrindo possibilidade de replicação desse módulo residencial em outros contextos urbanos. Fonte: Autoria própria.

apresenta propostas de instrumento urbanístico para utilização dos espaços residuais da cidade reconhecendo dois tipos de situações urbanas preexistentes:

A primeira é a configuração de conjuntos erguidos dentro de uma mesma lógica normativa, referente aos critérios de alinhamentos, recuos e gabaritos. Isso significa que este instrumento se refere, sobretudo, aos conjuntos do perímetro central de São Paulo, regulados antes de 1972, sem recuos frontais e laterais e, em alguns casos, com gabarito controlado. A segunda envolve as soluções arquitetônicas adotadas individualmente pelos edifícios, mas que indicam lógicas de continuidade (em algum momento ordenadas pela legislação). (Noto, 2017, p.148)

Na primeira situação, se refere a locais que foram construídos sob a lógica de uma legislação que não é mais vigente e

a ideia é que, através deste instrumento elaborado por Noto, seja incentivada a criação de novos edifícios que complementam a lógica construtiva do tecido urbano. O segundo tipo apresentado, diz respeito a situações específicas de cada edificação que possa tomar partido para as intervenções, como a abertura de vias públicas interrompidas no meio da quadra que possibilite o aumento a fruição pública, respeito ao alinhamento do edifício vizinho, continuidade dos pátios existentes e a ocupação de empenas cegas existentes.

O instrumento urbanístico proposto por Noto entende a cidade existente como um instrumento de mediação das novas construções, e estimula o pensamento da concepção da arquitetura a partir de uma construção preexistente. Um exemplo hoje na cidade do que seriam essas preexistências vinculantes é o projeto da Praça das Artes, edifício que surge de apoio

para as atividades do Teatro Municipal, localizada nas ruas Conselheiro Crispiniano e São João, em frente ao Vale do Anhangabaú. O projeto se estabeleceu no espaço existente respeitando os gabaritos dos lotes vizinhos, onde o novo parte da configuração existente na qual se estabelece a continuidade na morfologia da quadra. Mesmo não havendo obrigatoriedade da preservação das alturas, essa decisão demonstra entendimento do lugar preexistente como elemento condutor da forma da edificação.

Diante dessa leitura de Noto, entende-se que o primeiro caso apresentado é o que se aplica melhor ao centro, considerando-se, portanto, a possibilidade de construir de modo a complementar os vazios dissolvendo os fragmentos por meio da construção nesses espaços. Essa leitura, somada às pesquisas sobre arquiteturas parasitas, resultara na compreensão da cidade como um espaço de potencialidades e integração entre as diferentes épocas, não sendo necessário abrir mão do existente para se construir algo novo, mas na possibilidade de conciliação destes para composição e complementação do espaço urbano.

4. ENSAIO PROJETUAL

A partir deste panorama, entende-se que a qualificação das empenas cegas é uma oportunidade de ressignificar a relação dos cidadãos com a cidade, podendo proporcionar novas formas de uso para áreas subutilizadas. Ao propor a ocupação das empenas cegas aliada à promoção de um apoio a pessoas em situação de rua, o trabalho compreende a potencialidade desses vazios como elementos de articulação para transformação do espaço urbano e social no centro histórico de São Paulo.

Nesse contexto, foi desenvolvido um ensaio projetual que buscou articular o conceito de preexistências vinculantes e qualificar a área de intervenção a partir da integração de imóveis históricos, complementando o tecido urbano. Além disso, o trabalho reconhece a ocupação "invisível" das pessoas em situação de rua como parte essencial na requalificação do centro de São Paulo, utilizando a arquitetura como instrumento para a realização de políticas públicas.

É válido salientar que, como objeto de um TFG, o trabalho se concentrou em uma área

específica do centro da cidade, no entanto, a discussão sobre o uso das empenas é mais ampla e o ensaio projetual é apresentado aqui apenas como referência de uma intervenção possível.

O Largo de São Bento foi escolhido por sua localização estratégica, com uma infraestrutura e fluxo intenso de pessoas, além da presença significativa de população em vulnerabilidade, somado aos desafios compreendidos no terreno escolhido, favorecendo a proposta projetual. A intervenção ocorre em duas empenas cegas voltadas para o largo, nos fundos do conjunto de sobrados históricos na esquina das ruas Florêncio de Abreu e Boa Vista.

Os sobrados da Rua Florêncio de Abreu resistem às transformações urbanas, preservando-se como registros valiosos da história da cidade. O projeto propõe a criação de vazios no interior do lote, subvertendo a ideia de áreas estritamente privadas e atribuindo aos pátios o exercício da coletividade pública. Esses vazios visam estimular a ocupação humana e a interação social.

Buscando uma arquitetura que não se limita à dimensão do lote e estabelece continuidade ao entorno construído, toma-se partido da topografia e dos porões dos sobrados, criando uma ligação entre o conjunto e a praça do Metrô São Bento, além de conectar a Rua Varnhagen – via sem saída paralela à Ladeira Porto Geral – e integrar fluxos e ampliar a malha pedonal.

O programa foi pensado para dialogar com as dinâmicas locais, respeitando as preexistências e propondo um espaço multiuso que atendesse a diversos públicos em diferentes horários, que se conectam por meio da apropriação do espaço e da permanência. Dessa forma, a criação de um centro de apoio e moradias transitórias para as pessoas em situação de rua foi fundamental para a proposta, visando a ativação do térreo após o período comercial pela disponibilidade de espaços públicos livres.

A torre proposta se posiciona paralela à empena cega, minimizando interferências no térreo e garantindo a continuidade do conjunto arquitetônico existente. As habitações foram desenvolvidas com base na modulação e flexibilidade na disposição das unidades, permitindo variações na disposição

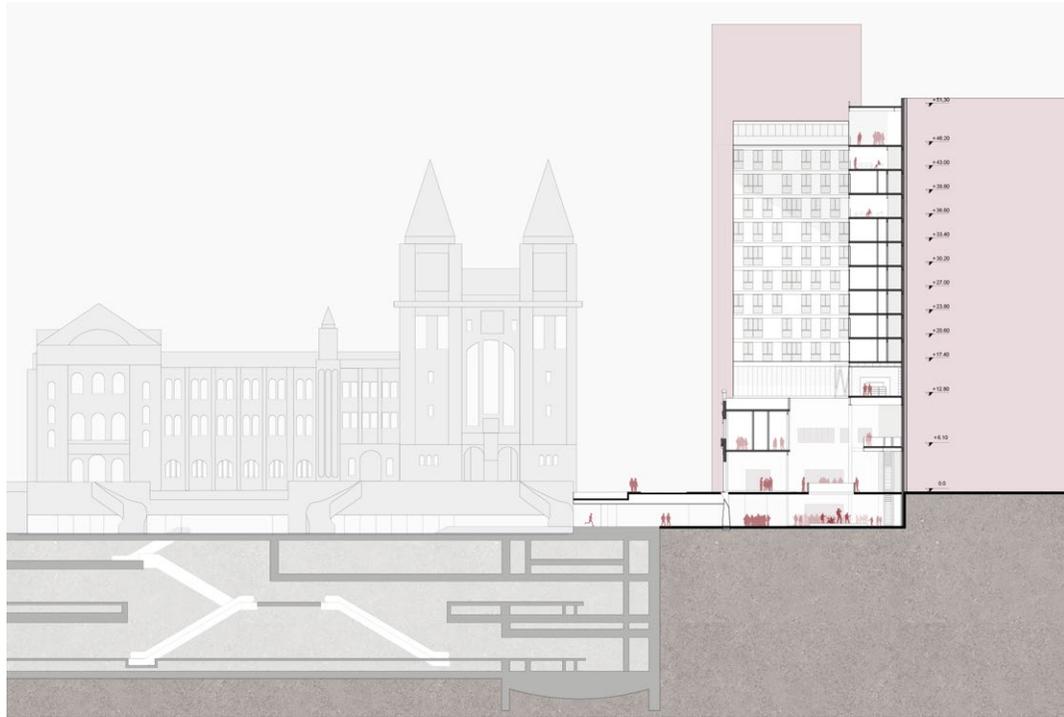


FIG.6:

Corte transversal, seção Metrô São Bento. A abertura criada para a conexão com a Praça do Metrô, dá continuidade às lojas existentes direcionando o público ao conjunto proposto, que abriga um espaço multiuso voltado ao suporte de atividades culturais. Um recorte na laje promove a integração visual entre esse nível e os pavimentos superiores. No último pavimento, o bar-mirante emoldura o Largo São Bento num ato de valorização da paisagem urbana, podendo observar diversos exemplares que fazem parte da história paulista (como o Mosteiro São Bento, Edifício Martinelli, o Vale do Anhangabaú e o viaduto Santa Ifigênia). Além disso, a torre principal alinha-se à altura dos prédios adjacentes respeitando os alinhamentos e gabaritos existentes. Fonte: Autoria própria.

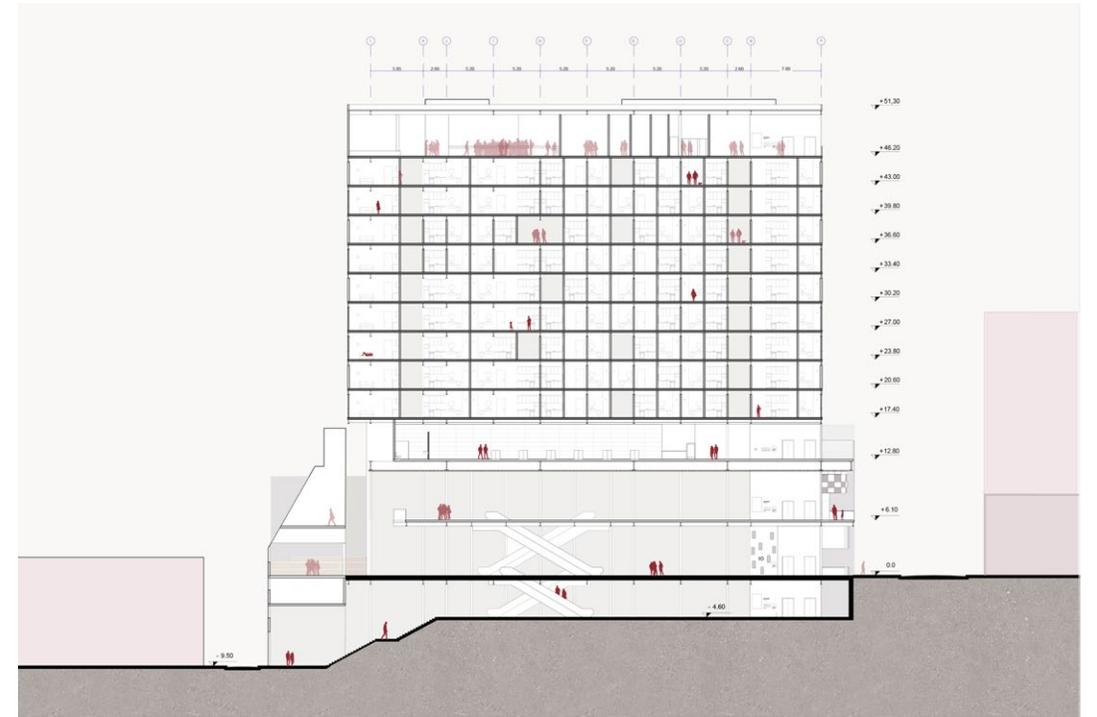


FIG.7:

Corte longitudinal, seção Rua São Bento e Rua Varnhagem (conexão com a ladeira Porto Geral). A análise das alturas das edificações do entorno revelou que a laje de um estacionamento na Rua Varnhagem, vizinho ao terreno estudado, está no mesmo nível do térreo da Rua Florêncio de Abreu. Com base nessa condição, foi proposta a criação de um terraço com deck (ver item 10 da Figura 3), conectado ao térreo por meio da ocupação de um edifício comercial desativado de quatro pavimentos, localizado ao lado do estacionamento. Segundo comerciantes locais, há uma escada que liga esse edifício ao porão de um dos sobrados da Rua Florêncio de Abreu. Aproveitando essa preexistência, o projeto propõe a integração entre os níveis. Assim, essa edificação foi incorporada à proposta para ampliar a malha pedonal, conectando os fluxos da Ladeira Porto Geral, passando pela Rua Varnhagem e pelo subsolo dos sobrados, até a Praça do Metrô São Bento, no nível do Largo. Fonte: Autoria própria.

das residências sem comprometer o layout interno dos apartamentos. Entender a unidade habitacional como um componente possibilitou a padronização da construção, viabilizando a replicação desse módulo em outros contextos urbanos.

Por fim, a qualidade da proposta reside na capacidade de equilibrar soluções arquitetônicas com as necessidades e características presentes no lugar. A análise das diversas nuances e complexidades do centro de São Paulo resultou em uma proposta de revitalização do espaço a partir da intervenção em uma área edificada, contribuindo para a reflexão acerca do planejamento de uma cidade dinâmica e acolhedora.

5. CONCLUSÃO

A partir do panorama apresentado, entende-se que as empenas cegas possuem grande potencial para impulsionar a revitalização do centro de São Paulo. Esses vazios verticais são testemunhos da fragmentação da cidade e do impacto das transformações normativas ao longo do tempo que reflete um processo de crescimento descontínuo, marcado pela sobreposição de diferentes épocas da cidade de São Paulo.

A pesquisa também demonstra que a arquitetura e o urbanismo podem atuar como agentes de mediação entre passado e presente, propondo soluções que respeitem a complexidade da cidade consolidada. A reinterpretação dos vazios urbanos, como as empenas cegas, abre caminho para novas possibilidades de uso, promovendo não apenas melhorias na paisagem, mas também transformações sociais e espaciais. Dessa forma, o estudo reafirma a importância de pensar a cidade de forma articulada, reconhecendo as preexistências e explorando o potencial para fomentar a inclusão e a vitalidade urbana.



FIG.8:

Vista para o pátio do interior do restaurante comunitário. Na lateral de um dos sobrados preexistentes foram feitas aberturas para integração do interior do restaurante com o interior do lote, para isso, se fez necessário um reforço com estrutura metálica que também dá suporte a reforma do andar superior desse sobrado. Ao fundo é possível observar o mezanino que envolve o perímetro do lote conecta com a estrutura de transição (em branco) do edifício principal, além de criar um ambiente de estar para os usuários do complexo. Fonte: Autoria própria.



FIG.9: Vista da fachada do edifício no Largo São Bento. A preservação do alinhamento e do gabarito das construções anteriores respeita a configuração do conjunto, a fim de manter a conformação da quadra a partir da nova construção. A decisão de demolir o trecho do sobrado localizado na esquina trouxe mais coerência à fachada, visto que esse trecho, atualmente, encontra-se completamente descaracterizado. Essa decisão também permite a continuidade do passeio público para dentro do lote, pela Rua Boa Vista. Fonte: Autoria própria.



FIG.10: Vista noturna da fachada do edifício no Largo São Bento. A partir da escolha de intervir em edifícios históricos, buscou-se elaborar uma proposta que não mimetizasse o que esses sobrados um dia foram, propondo intervenções claramente contemporâneas que, ainda assim, mantêm um diálogo com as construções originais. As fachadas dos sobrados foram pintadas com uma cor neutra para uniformizar o conjunto, apenas no trecho mais descaracterizado foi utilizado um elemento de fachada em chapa metálica. Suas antigas cores — azul, amarelo e vermelho — foram incorporadas à fachada das torres residenciais, em reverência à memória dos casarios.

NOTAS

1. O trabalho foi realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2024. A pesquisa foi orientada pela Profa. Ms. Renata Fragoso Coradin, o projeto foi realizado sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Tabith Júnior, e as demais atividades foram orientadas pelos professores Cesar Shundi Iwamizu, Marcelo Henneberg Morettin e Ricardo Carvalho Lima Ramos. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RdhsVUCBScxzEUYPARUBkvk9vxM5z5Z5/view?usp=drive_link.

2. "Em observações realizadas no início de 1991, foram identificadas cerca de 60 famílias dormindo ao longo da Rua São Bento, no trecho de 800 m que separa o Largo São Francisco da Igreja de São Bento" (Esquinca, 2013, p.97).

REFERÊNCIAS

ESQUINCA, Michelle Marie Méndez. **Os deslocamentos territoriais dos adultos moradores de rua nos bairros Sé e República**. 2013. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.16.2013.tde-15012014-141047. Acesso em: 17 mar. 2023.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

KOHARA, Luiz; CUMARÚ, Francisco. **A moradia é a base estruturante para a vida e a inclusão social da população em situação de rua**. São Paulo: Editora CRV, 2023.

NOTO, Felipe de Souza. **O quarteirão como suporte da transformação urbana de São Paulo**. 2017. Tese (Doutorado de Projeto de Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, André de. Desigualdade, vitalidade e decadência: o que aconteceu com o centro de SP. **El País**, 12 maio 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/11/cultura/1526065149_527001.html. Acesso em: abr. 2024.

NUNES, André Luiz Tura. **O edifício vertical e o desenho da cidade: a arquitetura moderna e o processo de verticalização da Avenida Paulista entre 1937 e 1972**. 2019. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.16.2019.tde-22112019-175234. Acesso em: 17 maio 2024.

PORTZAMPARC, Christian de. A terceira era da cidade. **Óculum**, FAU/PUC-Campinas, São Paulo, n.9, 1997.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Relatório centro aberto: Largo São Bento**. São Paulo, 2017.

SANDRONI, Paulo. **A dinâmica imobiliária da cidade de São Paulo: esvaziamento, desvalorização e recuperação da região central**. Blog Paulo Sandroni, [s.d.]. Disponível em: https://sandroni.com.br/?page_id=562. Acesso em: 7 abr. 2025.

SAMPAIO, Sanane Santos. **Espaços residuais: produção e cotidiano**. Orientador: Profa. Dra. Ana Fernandes. Tese (Pós-graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Cosac & Naify/ Livraria Duas Cidades. Acesso em: 27 fev. 2024.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. *In*: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

SOBRE A AUTORA

Renata Nascimento Pereira é arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

renascimento.arq@gmail.com

ARTIGO

Estética de indefinições: art déco na revista "Mirante das artes, &tc"

Isabela D'Auria Caragelasco

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Augusto Costa (FAUD-USP)

Pesquisa: Iniciação Científica, Bolsa Fapesp, FAUD-USP, 2022.

Este artigo é fruto de uma pesquisa cujo objetivo era identificar a participação do *art déco* na cultura paulistana ao final da década de 1960, tomando como objeto de estudo a revista "Mirante das Artes, &tc", publicada entre 1967 e 1968, no total de doze edições. A escolha do periódico se deu não apenas devido ao seu caráter editorial múltiplo, como também à sua associação ao importante agente cultural Pietro Maria Bardi, criador e editor chefe da revista. A pesquisa se deu por meio de consulta ao acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo e de documentação no Museu de Arte de São Paulo (Masp), Instituto Bardi/ Casa de Vidro

e do acervo particular de Adolpho e Fulvia Leirner. Como um dos principais resultados do esforço de observação do objeto de estudo, disponibiliza-se uma tabela online com a catalogação de indícios textuais, imagéticos e editoriais nos quais se configura a presença do *art déco* na "Mirante das Artes, &tc". Para além da quantificação do movimento na revista, a pesquisa também questionou o posicionamento do *art déco* no cânone da história da arte, arquitetura e design. Espera-se poder contribuir na geração de novos conhecimentos sobre o *art déco* no Brasil, além de suas ligações com o período moderno e com a figura de Pietro Maria Bardi.

Palavras-chave: *art déco*; *art déco* em São Paulo; revista Mirante das Artes, &tc.

An aesthetic of indefinitions: *art deco* in Brazil based on the Mirante das Artes, &tc magazine

This article is the result of a research whose objective was to identify the role of *art deco* in São Paulo's culture at the end of the 1960s, focusing on the magazine "Mirante das Artes, &tc", published between 1967 and 1968, which consisted of twelve issues. The choice of this periodical was due not only to its diverse editorial nature but also to its direct association with Pietro Maria Bardi, an influential cultural agent and the magazine's founder and editor-in-chief. The research involved consultation with the collections of the University of São Paulo, as well as document analysis at the Museum of Art of São Paulo, the Bardi Institute/Casa de Vidro, and the private collection of Adolpho and Fulvia Leirner. One of the main outcomes of this study is an online table that catalogs textual, visual, and editorial evidence of art deco's presence in "Mirante das Artes, &tc". Beyond quantifying the movement in the magazine, the research also examined the positioning of *art deco* within the canon of art history, architecture, and design. This work seeks to contribute to the advancement of knowledge about *art deco* in Brazil, including its connections with the modern period and its relationship with Pietro Maria Bardi.

Keywords: *art deco*; *art deco* in São Paulo; Mirante das Artes, &tc magazine.

Una estética de la incertidumbre: *art déco* en Brasil a partir de la revista "Mirante das Artes, &tc"

El objetivo principal de esta investigación fue identificar la participación del *art déco* en la cultura paulistana a finales de los años 60, tomando como objeto de estudio la revista "Mirante das Artes, &tc", publicada entre 1967 y 1968, con un total de doce ejemplares. La elección del periódico se dio no solamente por su carácter editorial múltiple como a su vínculo con el importante agente cultural Pietro Maria Bardi, creador y editor en jefe de la revista. La búsqueda se dio por medio de la consulta a la colección de la Universidad de São Paulo. La investigación también incluyó la consulta de documentos en el Museo de Arte de São Paulo (Masp), el Instituto Bardi/Casa de Vidro y la colección particular de Adolpho y Fulvia Leirner. Uno de los principales resultados de este esfuerzo de observación del objeto de estudio es una tabla virtual que cataloga indicios textuales, visuales y editoriales en los cuales se configura la presencia del *art déco* en "Mirante das Artes, &tc". Además de cuantificar la presencia del movimiento en la revista, la investigación también cuestionó la posición del *art déco* dentro del canon de la historia del arte, la arquitectura y el diseño. Se espera poder contribuir en la generación de nuevos conocimientos sobre el *art déco* en Brasil, además de sus conexiones con el período moderno y con la figura de Pietro Maria Bardi.

Palabras clave: *art déco*; *art déco* en São Paulo; Revista Mirante das Artes, &tc.

1. INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento, o *art déco* e a revista "Mirante das Artes, &tc" podem parecer conteúdos pouco compatíveis. Enquanto o primeiro comprime um tipo de produção presente principalmente nas primeiras décadas do século XX, o segundo está envolvido em uma configuração pós-moderna nacional, e uma análise superficial das capas e páginas do periódico revela uma influência do *art nouveau* e, por vezes, da nova figuração. Distantes temporal e culturalmente, trata-se de uma relação não óbvia de pesquisa.

Contudo, algo que possuem em comum é o papel de indesejáveis dentro do campo acadêmico. Claramente, não é possível dizer que um movimento de elite na cidade de São Paulo e uma revista criada por Pietro Maria Bardi, personalidade de prestígio na formação cultural brasileira, poderiam sofrer algum tipo de enviesamento resultante de práticas excludentes de gênero, raça ou de qualquer tipo de intolerância. Ainda assim, são dois assuntos até então pouco explorados em proporção à magnitude do seu conteúdo. Ambos habitam locais incógnitos de definição: o *art déco* como movimento importado, transitando entre arte e design – e, por consequência, subjugado por ambas as áreas – e a publicação de Bardi em ponto sensível entre uma galeria particular e o Museu de Arte de São Paulo (Masp), publicada em um período complexo de repressão militar, do falecimento de Assis Chateaubriand e da mudança de sede do museu. Dessa forma, as mesmas complexidades que afastaram tais assuntos do desejo de pesquisa parecem hoje se justificar.

Com origem na França na primeira metade do século XX (Kirkham; Weber, 2013), o *art déco* desempenhou um papel secundário no estudo de história da arte, arquitetura e do design, mesmo tendo coexistido com outras produções modernas (Malta, 2022). Tal posicionamento pode em parte ser explicado devido à sua forte relação com a arte decorativa ou utilitária (Araújo, 2008), menosprezada dentro de um debate canônico sobre obra-prima e objeto seriado (Viana, 2022).

No Brasil, o *art déco* foi adotado pela elite cafeeira paulistana como forma de reconstrução de sua identidade durante

o período de modernização. É nesse contexto que surge uma indústria de produção de mobiliário e arte decorativa para atendimento principalmente da elite (Simioni; Migliaccio, 2020). Em um período posterior à sua janela de influência na estética e consumo paulistanos, tais produções *art déco* estariam restritas a poucas coleções e galerias, sendo uma delas a Mirante das Artes (Leirner, F.; Leirner, A., 2010 *apud* Simioni; Migliaccio, 2020). É nesse ponto que se encontra um elo concreto entre movimento e periódico, a partir das conexões da revista com o mercado de arte da década de 1960 e consequente manutenção da estética após seu declínio.

Se o *art déco* seria desvalorizado a partir da interpretação menor das artes decorativas, a revista bimestral "Mirante das Artes, &tc", publicada entre 1967 e 1968, também é percebida com certo desdém no meio acadêmico, principalmente em comparação com outros projetos editoriais de Bardi (Silva, 2015). A mescla entre tal rejeição, o contexto ímpar de produção do periódico e sua possível ligação com a manutenção do *art déco* na década de 1960 incitou um profundo interesse de pesquisa pelo impresso.

Dessa forma, a pesquisa se baseou na análise de todos os doze exemplares publicados da "Mirante das Artes, &tc", em busca de incidências gráficas e textuais que fossem associadas à manutenção da linguagem *art déco*. As revistas foram consultadas pela biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (FAU USP). Com o objetivo de facilitar o acesso aos resultados, foi montada uma tabela online¹ com os recortes identificados organizados por data, edição, local de consulta, autor e descrição.

O aprofundamento teórico sobre este estilo e sua relação com a revista resultou na identificação de três janelas de indefinição: a década de 1960, marcada pela análise direta da revista; as décadas de 1920 e 1930, em que se verifica a participação do *art déco* no moderno brasileiro; e o período de *revival* da estética, que ocorre a partir da década de 1980 (Simioni; Migliaccio, 2020). Optou-se por uma abordagem não cronológica para melhor enfatizar os pontos de conexão entre as respectivas discussões.

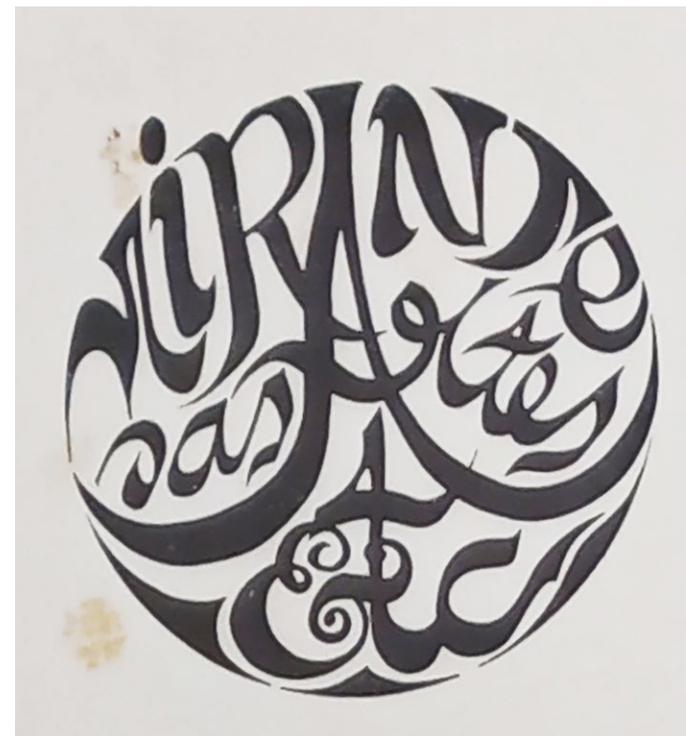


FIG.1: Logotipo da "Mirante das Artes, &tc". O logotipo pode ser observado em materiais relacionados tanto à revista quanto à galeria particular. Fonte: Mirante das Artes, &tc (1968), segunda capa, disponível no acervo da Biblioteca da FAU-USP.

2. DÉCADA DE 1960: O RESGATE DE UMA INDEFINIÇÃO

A primeira descoberta realizada por essa pesquisa foi a total omissão do termo *art déco* na "Mirante das Artes, &tc", que é substituído por "artes decorativas" e "artes aplicadas" em algumas ocorrências. A ausência do termo específico está ligada ao contexto cronológico de publicação do periódico, visto que a expressão *art déco* só seria amplamente adotada a partir do final da década de 1960 (Farias; Tinem, 2019). Dessa forma, por ser publicada entre 1967 e 1968, a "Mirante das Artes, &tc" encontra-se em uma janela de indefinição do movimento que, embora tivesse constituído produção no Brasil desde o final da década de 1920, ainda não possuía denominação própria.

É sob o viés dessa indefinição que uma segunda característica desperta interesse na análise da revista: o destaque, tanto em abordagem gráfica quanto textual, do *art nouveau*. O movimento está presente no logotipo do periódico, assim como nos títulos de seções, além de configurar um interesse específico dentro do contexto colecionista expresso pelo periódico.

Embora fosse um partido estético que passava por revalorização na década de 1960 (Kirkham; Weber, 2013), é apontado por Patrícia Amorim Silva (2015) que a escolha do movimento já ultrapassado carregava, além de um sentimento de *revival*, certa subversão, buscando contestar as correntes estéticas vigentes. Decerto, no Brasil, uma série de modificações culturais e políticas na época acabaram por enfraquecer a corrente funcionalista "ulmiana" desenvolvida nas décadas anteriores (Silva, 2015), permitindo uma maior diversidade visual (Braga, 2011 *apud* Silva, 2015).

Dessa forma, podemos estabelecer a "Mirante das Artes, &tc" como uma revista com grande liberdade estética e temática, embora ainda estivesse sujeita aos entraves do período de censura militar (Silva, 2015). Quanto à relação com o *art déco*, fica clara uma fusão entre esse e o *art nouveau*, na qual o antecessor recebe maior destaque. Por algumas vezes, o termo *art nouveau* é utilizado para definir as obras *art déco*. Evidencia-se assim a complexa relação entre o *art déco* e outros movimentos artísticos que, em um contexto no qual



FIG.2: Anúncio do adoçante "Suinta", com influência *art déco*. A presença do *art déco* se baseia principalmente na ilustração, que trabalha com a variação de peso dos traços e criação de perfis fortes. Fonte: Mirante das Artes, &tc (1967, p.57), disponível no acervo da Biblioteca da FAU-USP.

FIG.3: Anúncio da empresa "Gato", de materiais de escritório. O símbolo utilizado, uma abstração do felino, é caracterizado pela geometrização e simplificação *art déco*. Fonte: Mirante das Artes, &tc (1968, p.30), disponível no acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ainda faltavam tipologias, se cruzam de maneiras inusitadas.

A partir desse contexto de mescla e indefinição, essa pesquisa se debruçou sobre as incidências do *art déco* na "Mirante das Artes, &tc" por meio de um processo de identificação e filtragem em tabela de recortes que foram organizados por tipologias temáticas, criadas pela autora, levando em consideração características em comum de cada grupo de incidências. Dessa forma, foram definidas as categorias: Anúncios, Ilustrações, Artefatos e Construções, Elementos gráficos, Menções a artistas e Outros.

A ordem de abordagem das tipologias também possui um propósito, buscando apresentar a influência do *art déco* na década de 1960 partindo do contexto externo (consumo, cultura, público leitor) ao contexto interno da revista (escolhas gráficas e de tipos, conteúdo editorial). Por fim, a categoria Outros indica tipologias isoladas, sob as quais não foi possível traçar conexões temáticas claras.

Como anúncio, classificam-se peças publicitárias que não possuem participação, seja no arranjo visual, seja na produção textual, da equipe da "Mirante das Artes, &tc" ou da galeria homônima, que atuam apenas na aprovação de determinada peça e na disposição dos reclames. Por esse motivo, anúncios produzidos com o objetivo de promover tanto a revista estudada quanto a galeria homônima não são contemplados por essa classificação, estando registrados como elementos gráficos.

Condizentes à multiplicidade visual na qual se encontrava o design da época, como proposto por Braga e Amorim, encontra-se na "Mirante das Artes, &tc" uma variedade de linguagens empregadas nas peças publicitárias. O contraste entre estéticas diferentes em uma mesma página, inclusive, não é incomum, expondo a diversidade de influências vigentes no período. Dentre as diversas linguagens adotadas pelas peças publicitárias encontra-se o *art déco*, o que se evidencia principalmente pela escolha tipográfica, caracterizada por desenhos

FIG.4: Ilustração de Maria Helena Chartuni para um artigo da "Mirante das Artes, &tc". Na obra, elementos típicos do *art déco*, como a geometrização e o prolongamento das linhas do perfil, estão presentes na representação da figura humana. Fonte: Mirante das Artes, &tc (1967, p.9), disponível no acervo da Biblioteca da FAU-USP.



geométricos e não serifados (D'Elboux, 2018) e ilustrações.

Foram encontrados onze exemplares distintos de publicidades com traços característicos do *art déco*. Tais anúncios representam os mais diversos produtos e serviços: objetos da vida doméstica e do trabalho de escritório, restaurantes, divulgação de galeria, produtos para gravadores e um cheque para presentes Vogue. A partir desses, é possível traçar um perfil de consumidor, muito ligado à persona burguesa do ambiente artístico e intelectual.

Dessa forma, podemos supor que a reutilização do *art déco* ultrapassa a simples preferência estética e implica o resgate dos valores associados à linguagem em seu primeiro momento de implantação na cidade de São Paulo. De maneira geral, a análise dos anúncios auxilia na compreensão do público dos periódicos e de parte da sociedade da época.

Seguindo a ordem de incidências do contexto externo ao interno da revista, a segunda possível categoria de observação do *art déco* na "Mirante das Artes, &tc" é constituída pelas ilustrações realizadas por Maria Helena Chartuni que, embora produzidas contemporaneamente ao periódico, denotam algumas características estéticas típicas do movimento do início do século xx. Ao todo, foram identificadas

sete ilustrações que possuem algum tipo de característica *art déco*, como a geometrização, a valorização do peso das linhas e a relação particular de contraste entre figura e fundo.

Nascida em 1942, Maria H. Chartuni é uma artista plástica e restauradora de São Paulo. Seu trabalho se desdobra entre pintura, desenho e escultura, com grande destaque, principalmente em suas produções a partir da década de 1980, para a exploração geométrica e dimensional (Aguar; Camargo, 1989).

Assim como discutido nas influências da linguagem publicitária, a produção artística da época apresentava diferentes correntes estéticas, influenciadas pelo contexto político nacional e pelas produções estrangeiras (Ribeiro, 2017). De acordo com Roberto Pontual (1969), Maria Helena Chartuni participava dessas correntes de modo particular, aliando movimentos como *pop art*, nova figuração e expressionismo. Embora o *art déco* não seja listado como uma das referências adotadas pela artista, é conhecido que M. H. Chartuni teve acesso a viagens internacionais no período, tendo conquistado em 1967 o Prêmio de Viagem à Europa em um Concurso Nacional de Estamparia (Aguar; Camargo, 1989), sendo possível, portanto, especular um

possível contato com influências estéticas estrangeiras além do *pop art* ou "*neo-art nouveau*".

A inclusão das ilustrações nesta pesquisa baseia-se, portanto, em uma sensibilidade de análise estética e na adoção de uma ampliação da categoria *art déco*, visto que essa se refere principalmente a produções de arte aplicada. De toda forma, a observação de determinados traços na obra de uma artista sem ligações aparentes com o movimento contribui para a compreensão da persistência das características próprias do estilo ao longo das décadas. Estabelece-se, desse modo, uma capacidade de reinvenção visual da estética.

A próxima categoria do *art déco* na "Mirante das Artes, &tc" são as reproduções de obras, artefatos e construções que denotam o estilo investigado. Tais representações são distribuídas ao longo das doze edições da revista. Esculturas, pinturas e até mesmo construções arquitetônicas com as características contextuais ou estéticas das artes decorativas ilustram diferentes artigos, muitas vezes não acompanhadas de comentários que explicitem suas singularidades.

Um ponto de interesse para a pesquisa é a indicação de pertencimento à coleção Mirante das Artes. Tal descrição colabora para a percepção da galeria de Bardi como ponto incomum de acolhimento de obras pertencentes ao *art déco* e aos artistas modernistas, que somente ganharam maior reconhecimento nas décadas póstumas (Simioni; Migliaccio, 2020), fator que será discutido posteriormente ao abordar o impacto do conjunto revista-galeria-Bardi no avanço do *art déco* pelo colecionismo e estudo das artes brasileiros.

Em busca no acervo do Museu de Arte de São Paulo, não foram encontrados negativos ou fotografias que se relacionassem aos publicados pela "Mirante das Artes, &tc" dentro do espectro do *art déco*. Em consulta à Casa de Vidro, poucas imagens relacionadas à "Mirante das Artes, &tc" foram encontradas, sendo a maioria esboços para layout da revista. Contudo, no acervo do Instituto Bardi, encontra-se extensa documentação das relações de Bardi com intelectuais e artistas do Brasil e do exterior, explicitando como Pietro Maria Bardi (P. M. Bardi) acompanhava

as diversas movimentações no campo da arte internacional.

De maneira geral, a atuação da galeria de Bardi foi um tópico bastante sensível ao decorrer dessa pesquisa. Talvez pela relação particular entre galeria e museu, seja difícil estabelecer um estudo profundo da primeira, mesmo com acesso às instituições que hoje preservam a memória do intelectual. Encontrar vestígios do *art déco* em meio a esse apagamento torna-se outra tarefa complexa, dependente de iniciativas individuais e do âmbito privado, como no caso do acervo Adolpho e Fulvia Leirner, que guarda alguns dos poucos vestígios da documentação da galeria. É de se observar, contudo, que essa falta de evidências valoriza o periódico como objeto histórico, por retratar um lado ainda pouco discutido da atuação de P. M. Bardi.

A penúltima classificação empregada nas aparições do *art déco* na "Mirante das Artes, &tc" consiste nos elementos gráficos utilizados na publicação. Tal denominação descreve, no contexto desta pesquisa, elementos do texto impresso, tais quais tipografias, ornamentos, divisórias e escolhas de organização da mancha gráfica.

Suplementar à tipografia serifada utilizada para o texto corrido, o periódico emprega tipos de influência *art nouveau* nos títulos de suas seções. Contudo, algumas chamadas empregam uma tipografia com características *art déco*. Além do uso pontuado de tal tipografia, também fazem parte dos elementos gráficos o emprego de molduras geometrizadas para organização de anúncios. Esses elementos parecem não possuir ligação específica com as empresas anunciantes, pois observa-se o emprego de uma mesma padronagem em anúncios diferentes. Assim, é possível propor certa participação da "Mirante das Artes, &tc" em tal tomada de decisão estética, que pode ter sido executada tanto durante o processo de criação de layout do impresso quanto pela aprovação de padrões gráficos disponíveis na oficina do impressor.

Observando tais elementos gráficos, é possível afirmar que, embora dedicasse a maioria de seu espaço visual para a contemplação do *art nouveau*, também existia na "Mirante das Artes, &tc" uma tendência ao movimento das artes decorativas. Sua proximidade com incidências



FIG.5: Reprodução da obra "Crucificação e Marias", de Vicente do Rego Monteiro. Não se comenta as características estéticas da obra, sendo utilizada para ilustrar um artigo sobre a produção lírica do autor. Na legenda, indica-se que a obra pertence à galeria particular de Bardi. Fonte: Mirante das Artes, &tc (1968, p.13), disponível no acervo da Biblioteca da FAU-USP.

do estilo antecedente reflete o campo de indefinição explicitado anteriormente.

Por fim, apresenta-se uma categoria de aparições do *art déco* bastante rica em quesitos de investigação: as menções a artistas. Mesmo não utilizando o termo *art déco*, a revista carrega textos que fazem referências e avaliam o trabalho de diversos artistas relacionados com o movimento. Tarsila do Amaral, por exemplo, é referenciada em três artigos, caracterizada como a artista mais importante da Semana de 1922. Na análise de suas obras, algumas características ligadas ao estilo estudado estão presentes de maneira moderada, como no texto de Aracy Amaral (1967, p.23): "Ao pôr do sol, essa 'gente' petrificada reflete bem o universo de Tarsila, suas figuras recortadas, os volumes arredondados, as formas contra um fundo liso".

Na obra de Aracy Amaral, a artista será ligada ao *art déco* posteriormente, sendo

que os primeiros registros dessa conexão analisados por essa pesquisa datam do final da década de 1970 e início da década de 1980, período em que a autora passa a referenciar as produções modernistas como pertencentes ao movimento específico. Em 1983, Amaral escreve "Modernismo à luz do *art déco*" – publicado na coletânea de 2013 "Arte e meio artístico: entre a feijoada e o *x-burguer*" – que explicitava a influência ambiental experimentada na Europa pelos artistas brasileiros, fator que, segundo a autora, direcionou suas produções ao estilo (Amaral, 2013, p.58-65). Ainda sobre as produções da historiadora, outro acontecimento interessante foi a ampliação do livro "Artes plásticas na Semana de 22" que, em sua publicação original de 1970, ainda não possuía menções ao *art déco*, que foram adicionadas com o capítulo "Internacionalismo e nacionalismo no modernismo brasileiro", que também

salientava as relações de influência recebidas pelos modernistas na Europa, principalmente na França (Amaral, 1998, p.21-50).

Também recebe destaque na "Mirante das Artes, &tc" a família Gomide-Graz. Antônio Gomide, John e Regina Graz são referenciados no artigo "À margem de uma pesquisa: os artistas da Semana de Arte Moderna", publicado na terceira edição da revista, também de autoria de Aracy Abreu Amaral. Embora John Graz e Antônio Gomide recebam menções breves, Regina Graz é bastante referenciada na publicação, sendo inclusive relacionada com as artes decorativas: "Curiosamente, Regina Graz traria em sua bagagem de formação européia, uma atividade inédita para as mulheres de S. Paulo, e da qual ela seria pioneira: a das artes decorativas" (Amaral, 1968, p.11).

Além de ser retratado na investigação sobre os artistas da Semana de 1922, Antônio Gomide recebe seu próprio artigo na 10ª edição da revista, intitulada "Apresentando Antônio Gomide", de autoria de Walter Zanini. O texto, que seria publicado no mesmo ano da realização da primeira exposição do artista no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, indicaria uma preocupação em evidenciar a participação de Antônio Gomide na produção de arte nacional, denominando o artista de "o impossível omitido" (Zanini, 1968, p.20).

Ao chamar atenção, portanto, para a ausência de Gomide na narrativa de arte moderna naquele contexto, dando ênfase à sua produção em artes decorativas (uma vez que a aquisição feita para o MAC USP contemplava essencialmente esta última), Zanini apontava para essa outra dimensão da experiência modernista: a colaboração entre artistas, arquitetos e designers. (Magalhães, 2017, p.2)

Evidencia-se, assim, certa insatisfação, presente nos textos de Amaral e Zanini, quanto à abordagem empregada aos artistas pelo cânone da época, demonstrando o despontar de uma revisão quanto à participação das artes decorativas na história da arte brasileira. Nesse quesito, a "Mirante das Artes, &tc" abre espaço para esses questionamentos

que se solidificaram nos anos seguintes, como exemplificado pelas publicações de Aracy Amaral e pela aquisição de 28 obras de Antônio Gomide pelo MAC, realizada após a exposição pioneira do artista.

Os artistas Vicente do Rego Monteiro e Victor Brecheret também são mencionados ao decorrer dos periódicos. O primeiro é bastante comentado em relação à sua produção lírica, enquanto suas obras são utilizadas como complementos visuais para os artigos. Victor Brecheret é retratado no artigo "Um jardim para Brecheret", que abre a seção "Pintura e Escultura" da 9ª edição da "Mirante das Artes, &tc", também sem indicação de autoria. No texto, é discutida de maneira crítica a produção do escultor. A sua relação com o *art déco* pode ser identificada no trecho: "Brecheret, durante suas experiências parisienses, participou da descoberta da arte oriental estilizante e ao mesmo tempo da sóbria sintetização da cultura negra" (Mirante..., 1968, p.20).

Dessa forma, a análise individual de cada artista citado pela "Mirante das Artes, &tc", constata uma tendência de valorização da Semana de 1922, além de uma nascente revisão das artes decorativas. Ambos elementos serão imprescindíveis ao partir para a segunda perspectiva histórica proposta por essa pesquisa, pois definirão um momento chave na história da narrativa *art déco* na história da arquitetura, arte e design.

3. O ART DÉCO E O MODERNO BRASILEIRO

Como apontado anteriormente, a análise da "Mirante das Artes, &tc" contribuiu para estender o entendimento quanto à participação do *art déco* em um período de indefinição do movimento. A partir da análise dos textos que mencionavam os produtores desse estilo, foi também possível perceber o início da identificação dessa linguagem como parte integrante do movimento de arte moderna paulistana. Contudo, tal ligação e consequente valorização do *art déco* não ocorreu durante boa parte da trajetória de produção acadêmica do movimento.

Segundo o trabalho de Farias e Tinem (2019), a produção histórica canônica da arquitetura foi responsável por um apagamento do *art déco*. Até o

final da década de 1970, o movimento era contemplado majoritariamente por uma visão ambígua que, embora por algumas vezes o identifique como produtor de práticas racionalizantes, também o classifica como perpetuador de características superadas pelo movimento moderno, principalmente devido ao emprego de adornos (Farias; Tinem, 2019).

Decerto, ao observarmos o surgimento do *art déco*, é possível constatar tal ambiguidade pois, embora o estilo ainda carregasse alguns dos elementos decorativos do *arts & crafts* e *art nouveau*, também era contemporâneo de movimentos como De Stijl e Bauhaus, articulando algumas de suas características, como o uso da máquina, a exploração das formas e a integração dos ambientes (Leirner, F.; Leirner, A., 1976).

Dessa forma, o *art déco* estabeleceu-se como movimento de compreensão complexa. Em tentativa de delimitar a definição tênue do movimento na produção acadêmica, era comum relacioná-lo ao "proto-moderno", termo primeiramente utilizado na década de 1980 por Luís Paulo Conde (Farias; Tinem, 2019). Essa tipologia em específico é importante para classificar a posição desempenhada pelo *art déco* antes de sua revisão histórica, pois o definia como um passo anterior às produções modernas no Brasil.

Os autores que recorrem (recorriam) ao proto-moderno entendiam a produção como um dos "troncos fundadores" (Conde; Almada, [1996] 2000, p.13) do movimento moderno no Brasil, uma versão historiográfica que tentar se aproximar da "história vencedora" do movimento moderno. O termo, em sua essência, faz referência a uma produção que precede a arquitetura moderna, propriamente dita. O problema é que conduz ao entendimento de que o que foi construído antes da arquitetura moderna, não era, efetivamente, moderno. (Farias; Tinem, 2019, p.5)

Além do "proto-moderno", também era empregado "proto-racionalismo" que, segundo Guilah Naslavsky, fazia referência a uma produção pós-eclética e pré-moderna (Naslavsky, 1992 *apud* Farias; Tinem, 2019). Em ambos os

casos, o *art déco* era classificado entre diversos movimentos destoantes do moderno, de maneira a estabelecer poucas características identificadoras entre tal gama de estéticas e produções, resultando na indefinição já comentada.

Foi apenas a partir da década de 1970 que o estilo começou a ser mais bem contemplado pela produção histórica arquitetônica, atingido maior notoriedade nos anos 1990 (Farias; Tinem, 2019). Tal narrativa também pode ser observada na história da arte, como observado nos artigos produzidos pela "Mirante das Artes, &tc", que já ao final da década de 1960 articulavam uma inquietação quanto à posição até então empregada para estudo do movimento. Na produção de Aracy Amaral entre os anos de 1970 e 1990, por exemplo, já é observada uma compreensão do *art déco* como movimento presente na Semana de Arte de 1922:

A tal ponto é poderosa a influência ambiental do "art-déco", ou seja, do "moderno" em geral sobre os artistas brasileiros, que alguns não acusam influência de uma ou outra personalidade artística [...] neste período, mas assinalam, em seu trabalho, a influência direta do estilo "art-déco" [...]. (Amaral, 2013, p.59)

A historiadora justifica a participação do *art déco* dentro da produção brasileira principalmente a partir da influência da ambientação francesa, visitada pelos artistas paulistas (Amaral, 1998). Observando a produção do casal Graz, Simioni (2022) identifica a influência ambiental como ponto de formação da educação dos artistas-decoradores na Escola de Belas Artes e de Artes Decorativas de Genebra. Dessa maneira, compreender o impacto estético da experiência internacional é essencial para desvendar a participação do *art déco* no Brasil e reconhecê-lo como movimento também presente nas experiências modernas nacionais.

Atualmente, a inserção do *art déco* no meio acadêmico, cultural e expositivo ainda é complexa. A exposição da coleção Leirner no MAC-USP entre 2022-2023 e o fechamento da sede do Museu da Casa Brasileira em 2023 exemplificam os caminhos e

dificuldades de estudo da arte aplicada especificamente no design. Espera-se que o estudo da revista e da galeria Mirante das Artes presentes nessa pesquisa auxiliem na identificação de futuros caminhos de investigação dessa categoria produtiva, pensando na ampliação do leque de estudos sobre o período moderno brasileiro.

4. REVIVAL: ART DÉCO APÓS A "MIRANTE DAS ARTES, &TC"

Em 1966, Pietro Maria Bardi abriu a galeria Mirante das Artes na Rua Estados Unidos, que funcionaria até 1989. De acordo com a professora Patricia Amorim Costa Silva (2015, p.85), o nome da galeria demonstrava uma posição ímpar: "Insinua-se aqui um apego nutrido por Bardi, ao longo da vida, à ideia de um ponto de vista superior, privilegiado, de longo alcance, capaz de detectar e comunicar com antecipação tendências e movimentações que se avizinham".

Sobre tal posicionamento quanto ao papel de Bardi e sua galeria particular, é possível indagar: seria o *revival* do *art déco*, fenômeno que ainda não despontara totalmente no Brasil, uma dessas visões antecipadas? Um modo de analisar essa questão seria por meio do colecionismo, fator em comum entre o processo de preservação do *art déco*, a galeria e a revista "Mirante das Artes". No periódico, a atividade de compra, venda e preservação de artefatos artísticos era bastante incentivada. São diversos os anúncios e textos que incitam possíveis locais para aquisição, venda e troca de peças de diversos períodos, geralmente relacionados à produção brasileira. Além desses anúncios, a revista continha seção fixa para abordar as questões relacionadas ao colecionador, intitulada "Os objetos e o Colecionador". Tais iniciativas presentes no periódico indicam certo pioneirismo no incentivo à constituição de coleções de arte.

Até o final da década de 1960, o colecionismo era um fenômeno limitado (Simioni; Migliaccio, 2020), sendo o *marchand*, inexistente antes dos anos 1960, um representante romantizado do estímulo à cultura artística (Morais, 1995 *apud* Freitas, 2004). Dessa forma, é possível relacionar o periódico ao projeto

de movimentação do mercado da arte proposto por Bardi e executado a partir de sua galeria particular.

A relação entre tais atividades de incentivo ao mercado de arte nacional e a preservação do *art déco* em específico pode ser estruturada principalmente a partir da constituição de coleções particulares. De acordo com Simioni e Migliaccio, Bardi era um dos poucos *marchands* com sensibilidade para tais obras (Simioni; Migliaccio, 2020). Embora essa conexão com o mercado de arte e a faceta *marchand* de Bardi indique um caminho promissor para o entendimento da relação do intelectual com o *art déco*, é preciso compreender quais as limitações e indefinições dessa abordagem, visto a carência documental acerca das atividades da galeria já identificada anteriormente.

Por esse motivo, a observação da revista "Mirante das Artes, &tc" constitui importante meio de investigação da relação de Bardi com o movimento neste contexto nebuloso. A presença de itens *art déco* na galeria e os vestígios presentes na revista e apresentados por essa pesquisa nos permitem afirmar a existência de uma preocupação com o estudo e manutenção da linguagem, mesmo que de maneira ainda não explícita ou majoritariamente ligada ao fator comercial, características muito presentes nessas ações originárias da década de 1960.

A partir da década de 1970, a atuação de Bardi a favor do *art déco* ultrapassa o ambiente comercial a partir do acolhimento da coleção Leirner pelo Museu de Arte de São Paulo. Na época, o museu recebeu duas importantes exposições da coleção Fulvia e Adolpho Leirner: "Semana de 22: Antecedentes e Consequências" (1972) e "Tempos modernistas: a forma e o espaço do homem" (1974). A última, de caráter considerável para a coleção particular e para o estudo do período moderno no geral, integrou as peças *art déco*, exibidas no subsolo, a uma exposição da Bauhaus presente no primeiro andar do Masp, criando dessa maneira um diálogo entre os conjuntos (Simioni; Migliaccio, 2020), fenômeno que aponta para a relação entre o *art déco* e outras correntes modernas.

A exposição teve uma recepção mista, como indica o caderno de recortes de jornais na época disponível no fundo Fulvia e Adolpho Leirner do acervo do Masp.

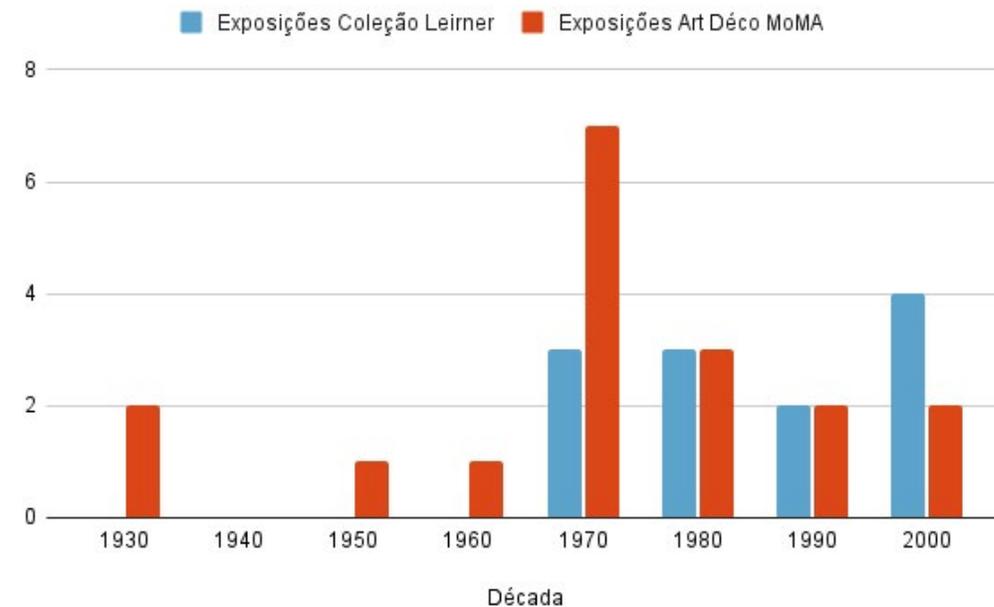


FIG. 6: Gráfico da incidência de exposições por década da coleção Leirner no Brasil e de coleções/artefatos *art déco* no MoMA (1930-2000). Dados retirados da obra "Art déco no Brasil: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner" e do registro virtual de exposições do Museum of Modern Art (MoMA).

Enquanto texto publicado na "Veja São Paulo" elogia a mostra, apontando sua importância para a história do moderno brasileiro e destacando sua inventividade ao expor objetos de uso cotidiano em uma instituição de arte amplamente reconhecida (Araújo, 1974), o jornal carioca "Jornal do Brasil" critica a exposição chamando-a de *kitsch* (Beuttenmuller, 1974). Estabelece-se, portanto, uma interessante dicotomia entre os meios de abordagem da produção de arte e design brasileiros, que, como foi evidenciado no item anterior, já era comum na discussão do *art déco*.

Após as duas exposições iniciais, Bardi mantém contato com o casal Leirner, solicitando a participação dos colecionadores para outras exposições (Simioni; Migliaccio, 2020). Ao longo do final do século xx e início do XXI, a coleção Leirner passa a integrar diversas exposições no Brasil, indicando a crescente valorização do *art déco* como integrante do conjunto moderno nacional, mesmo com a existência de uma vertente crítica a tal incorporação. De forma paralela, também é possível identificar o crescimento de exposições relacionadas ao movimento no exterior, como demonstra o seguinte gráfico, que compara a incidência

de exposições da coleção Leirner no Brasil e de conjuntos diversos de obras *art déco* no MoMA.

Dessa forma, percebe-se como os questionamentos e indícios nascentes expressos no periódico e na galeria particular evoluíram com o passar das décadas para a propagação do movimento em importantes instituições culturais. A partir da análise de um periódico subjugado dentro das produções de Bardi, foi possível estabelecer diversos caminhos de estudo de um movimento ainda em descoberta, fenômeno que não seria possível observando os campos particulares, mercadológicos, acadêmicos e culturais em conjunto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da "Mirante das Artes, &tc" permitiu aprofundar o estudo acerca de alguns períodos de indefinição do *art déco*, indicando como a história de um partido estético ou produtivo não segue necessariamente lógica linear de auge e decadência e, por esse motivo, não deve ser investigado exclusivamente por meio de tal preceito. Mesmo sob um olhar enviesado – buscando associações com o *art déco*

– foi possível encontrar outros pontos de interesse na “Mirante das Artes, &tc”, como sua associação ao colecionismo, a presença de estéticas diversificadas e de discursos acerca da produção artística da época.

Quanto às tipologias de incidências do *art déco*, essas também seguem caminhos múltiplos de investigação do movimento, assim como do contexto produtivo, cultural e de consumo da época. De maneira geral, o estilo se mostrou presente na revista principalmente através do consumo, seja de itens diversos ou dentro do mercado de arte, ainda em construção na época de publicação. A partir dessa percepção, explicita-se a possibilidade de investigação da história produtiva não apenas pelos cânones já consagrados na arquitetura, arte e design, mas também pelas movimentações de mercado e das esferas particulares ou de influência cultural específica. Tal fenômeno também indica a importância das coleções particulares e galerias para esta pesquisa.

A partir deste aspecto, a compreensão acerca das peças presentes na galeria Mirante das Artes, cujos registros não foram encontrados por essa pesquisa, pode ser sinalizada como ponto de interesse para futuras investigações. Além das peças *art déco*, uma análise das atividades da própria galeria poderia ser de grande valia para a narrativa do campo cultural paulista da segunda metade do século xx.

Outro elemento que possui potencial notável para aprofundamento é a mudança narrativa acerca do *art déco*, representada pela tipologia de menções a autores. Uma observação bibliográfica extensa com o objetivo de identificar e até mesmo quantificar a incidência do termo ou de similares poderia auxiliar na compreensão das abordagens empregadas ao estilo. Na análise da “Mirante das Artes, &tc” já foi possível identificar um início de mudança de perspectiva, que seria encabeçada por ações de Bardi dentro do Masp na década de 1970, ampliando a área de impacto do *art déco*.

Por fim, destaca-se o compromisso dessa pesquisa em contribuir com a produção de conhecimento na produção histórica, seja ela do design, da arquitetura ou da arte. Além de sua produção textual, destaca-se como material aberto dessa pesquisa a tabela de incidências, que possui rico potencial de inspiração para diferentes aprofundamentos.

NOTAS

1. CARAGELASCO, Isabela D’Auria. **Presença do Art Déco na Revista Mirante das Artes, &tc (1967-1968)**. São Paulo, 2023. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1_Qq9rjoXjTDM22wTRfw1SnkYTymNoZ89g5p0zIK9qM/edit?usp=sharing. Acesso em: 15 ago. 2024.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Duarte de; CAMARGO, Ricardo. **Maria Helena Chartuni**: pinturas, esculturas, desenhos. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1989. Catálogo de exposição.

AMARAL, Aracy A. À margem de uma pesquisa: os artistas da Semana de Arte Moderna. **Mirante das Artes, &tc**, São Paulo, v.8, p.11-12, mar.-abr. 1968.

AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na Semana de 22**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1970.

AMARAL, Aracy A. Internacionalismo e nacionalismo no modernismo brasileiro. *In*: AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p.21-50.

AMARAL, Aracy A. Modernismo à luz do art déco (1983). *In*: AMARAL, Aracy. **Arte e meio artístico**: entre a feijoadada e o x-burguer. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 58-65.

AMARAL, Aracy A. O surreal em Tarsila. **Mirante das Artes, &tc**, São Paulo, v.3, p.23-24, maio-jun. 1967. ARAÚJO, Marcelo Mattos; BARROS, Regina Teixeira de. **O ArtDeco brasileiro**: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008. Catálogo de exposição.

ARAÚJO, Olívio Tavares de. Volta no tempo: tempo dos modernistas, exposição sobre os anos 20 e 30 no Brasil; Museu de Arte de São Paulo. **Veja São Paulo**, São Paulo, n.313, p.102-103, set. 1974.

BARATA, Mário. Art Déco. *In*: ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil**. v.1. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983, p.449.

BARDI, Pietro Maria. Apresentação. *In*: AGUIAR, José D. de; CAMARGO, Ricardo. **Maria Helena Chartuni**: pinturas, esculturas, desenhos. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1989. Catálogo de exposição.

BEUTTENMULLER, Alberto. Bauhaus x Tempos Modernos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, set. 1974.

D’ELBOUX, José Roberto. **Letras e letrados**: manifestações do art **déco nos projetos arquitetônicos paulistanos (1925-1955)**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002939628>. Acesso em: 15 nov. 2024.

DUNCAN, Alastair. **American Art Deco**. New York: Thames & Hudson Ltd Publisher, 1999.

FARIAS, Fernanda de Castro; TINEM, Nelci (in memoriam). As expressões da modernidade no Brasil: o lugar do art déco – História e historiografia da Arquitetura e do Urbanismo modernos no Brasil. Seminário Docomomo, n.13. **Anais...** Salvador: Docomomo Brasil, 2019.

FREITAS, Artur. Poéticas políticas: as artes plásticas entre o golpe de 64 e o AI-5. **História: questões e debates**, Curitiba, n.40, p. 59-90, 2004.

KATINSKY, Julio Roberto. O Art Nouveau 1880-1914. *In*: ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil**. v. 2. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983, p.923-925.

KIRKHAM, Pat; WEBER, Susan (Orgs.). **History of Design**: Decorative Arts and Material Culture, 1400-2000. New Haven: Yale University Press, 2013.

KERN, Maria Lúcia. Desenvolvimento e arte concreta no Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.8, n.2, p. 239-248, 1982.

LEIRNER, Fúlvia; LEIRNER, Adolpho. Art déco: a revolução

sempre presente. **Casa Vogue**, São Paulo: Carta Editorial, 1976. p&b.

LEIRNER, Fúlvia; LEIRNER, Adolpho. Entrevista concedida a Ana Paula C. Simioni e Luciano Migliaccio. *In*: **Art Déco no Brasil**: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner. São Paulo: Editora Olhares, 2020.

LEIRNER, Fúlvia; LEIRNER, Adolpho. Entrevista concedida a Marcelo Mattos Araújo e Regina Teixeira de Barros. *In*: **O Art Déco brasileiro**: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008. Catálogo de exposição.

MAGALHÃES, Ana. Antônio Gomide no MAC-USP. *In*: **Antônio Gomide**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2017, p.2 Catálogo de exposição.

MALTA, Marize. A fantasia decorativa da modernidade dos incultos, malcriados e desviados. **ARS**, São Paulo, v.20, p.55-121, 2022.

MIRANTE das Artes, &tc. Um jardim para Brecheret. São Paulo, v.9, p.20, maio-jun. 1968.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das artes plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

RIBEIRO, José Augusto. Vanguardas brasileiras dos anos 1960. *In*: **Vanguarda brasileira dos anos 1960 – Coleção Roger Wright**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2017, p.23 Catálogo de exposição.

SILVA, Patricia Amorim Costa. **Cruzadas editoriais no Brasil e na Argentina**: o desenho industrial na perspectiva das revistas Habitat e Mirante das Artes, &tc, nueva visión e Summa (1950-1969). 2015. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15500>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SIMIONI, Ana Paula C. **Mulheres modernistas**: estratégias de consagração na arte brasileira. São Paulo: Edusp, 2022.

SIMIONI, Ana Paula C.; MIGLIACCIO, Luciano. **Art Déco no Brasil**: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner. São Paulo: Olhares, 2020.

VIANA, Marcele Linhares. Culturalidades brasileiras: arte decorativa no Salão Nacional de Belas Artes (1930 - 1940). **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, v.6, n.3, p.93-122, 2022.

ZANINI, Walter. Apresentando Antônio Gomide. **Mirante das Artes, &tc**, São Paulo, v.10, p.20-21, jul.-ago. 1968.

SOBRE A AUTORA

Isabela D’Auria é técnica em multimídia pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e graduanda em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da USP. Sua pesquisa é centrada em história do design e patrimônio brasileiros. Artigo produzido a partir de pesquisa “Art Déco em São Paulo: uma perspectiva pela revista Mirante das Artes, &tc”, realizada com apoio de bolsa de Iniciação Científica no País pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), concedida ao processo nº 2022/14572-5. As informações apresentadas nesse artigo foram apresentadas em relatórios parcial e final aprovados pela Fapesp.

isabeladauria@usp.br

O uso de *wetlands* e o sistema condominial aplicado à escala do bairro

Reinaldo Silva

Orientação: Prof. Dr. José Guilherme Schutzer (Escola da Cidade)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, Escola da Cidade, 2023.

O panorama de falta de coleta e tratamento de esgotos no Brasil é algo considerável quando pensamos na dificuldade de instalação de uma rede coletora em áreas distantes dos coletores troncos das concessionárias, devido a barreiras urbanas e topográficas, ou em um urbanismo informal que impossibilita a instalação de infraestrutura padrão, como em favelas e loteamentos próximos a áreas de mananciais. A partir dessas prerrogativas, o objetivo do estudo é verificar possibilidades de universalização de saneamento básico em um microsistema de captação e tratamento de efluentes apoiado em técnicas ecológicas existentes,

considerando características como topografia, espaços livres e estrutura existente, quadros ilustrados no caso de um bairro na cidade de Itaquaquecetuba, que lida com a falta do serviço devido à difícil topografia e a uma pequena área de manancial, o que impossibilita a instalação de uma estação elevatória. A partir dessa situação, o estudo visa desenvolver um projeto de sistema sustentável de coleta e tratamento de esgoto baseado nas *wetlands* ou banhados construídos, utilizando como métrica os microsistemas do modelo condominial, pensando espaço, função e desenho de uso da infraestrutura de saneamento como objeto de desenho da prática da Arquitetura e do Urbanismo.

Palavras-chave: saneamento ambiental; *wetlands*; comunidades isoladas.

The use of wetlands and the condominium system applied in small areas

The situation of insufficient sewage collection and treatment in Brazil is significant when we consider the challenges of installing an infrastructure network in areas distant from the main utility company collectors or in informal urban planning that hinders the installation of standard infrastructure, such as in slums and housing developments near water source areas. From these premises, the objective of this study is to explore possibilities for universalizing basic sanitation in the form of sewage collection and treatment microsystems supported by existing ecological techniques, considering characteristics such as topography, open spaces and existing structure, as illustrated in the case of a neighborhood in the city of Itaquaquecetuba, which deals with the lack of service due to difficult topography, land and planning issues, as well as containing a small water source area, which makes it impossible to install a sewage pumping station. Based on this situation, the study aims to develop a project for a sustainable sewage collection and treatment system based on wetlands, using the microsystems of the condominium model as metrics, considering space, function and design of use of the sanitation infrastructure as a design object for the practice of Architecture and Urbanism.

Keywords: environmental sanitation; wetlands; isolated communities.

El uso de wetlands y el sistema de condominios aplicado a la escala del barrio

El panorama de la falta de recogida y tratamiento de aguas residuales en Brasil es significativo cuando pensamos en la dificultad de instalación de una red de recogida en áreas distantes de los colectores principales de las concesionarias, debido a barreras urbanas y topográficas o en la planificación urbana informal que imposibilita la instalación de infraestructura estándar, como en las favelas y subdivisiones cercanas a áreas de mananciales. A partir de estas premisas, el objetivo del estudio es verificar posibilidades de universalización del saneamiento básico en un microsistema de captación y tratamiento de efluentes apoyado en técnicas ecológicas existentes, considerando características como la topografía, los espacios libres y estructura existente, como se ilustra en el caso de un barrio en la ciudad de Itaquaquecetuba, que maneja la falta de servicio debido a la difícil topografía y a una pequeña zona de manantial, lo que imposibilita la instalación de una estación elevadora. A partir de esta situación, el estudio tiene como objetivo desarrollar un proyecto de sistema sustentable de recolección y tratamiento de aguas residuales basado en las *wetlands* o banhados construidos, utilizando como métricas los microsistemas del modelo de condominio, considerando espacio, función y diseño de uso de la infraestructura de saneamiento como objeto de diseño para la práctica de la Arquitectura y el Urbanismo.

Palabras clave: saneamiento ambiental; *wetlands*; comunidades aisladas.

1. INTRODUÇÃO

A universalização do saneamento básico é um desafio às cidades brasileiras em todas as regiões do país, e no que diz respeito aos produtos efluentes do uso humano e de suas atividades, as questões primárias de captação e de tratamento de esgotos demandam uma complexidade maior em termos de infraestrutura para adequação do descarte de resíduos. Mesmo nas regiões metropolitanas ainda há um expressivo número de pessoas não atendidas pela rede básica de esgotamento sanitário, como também a taxa de esgoto tratado no país beira os 52,2%¹ do número de instalações de água. Dentre os desafios para a consolidação de sistemas que atendam a totalidade de residências por meio das abordagens convencionais de tratamento de esgoto está a implantação de grandes instalações de tratamento centralizadas, que consomem elevada quantidade de energia e recursos para operar, desde sua concepção e construção, e passam por processos de dimensionamento e demanda baseados em grandes grupos de consumidores. Ademais, esses sistemas centralizados apresentam limitações significativas em termos de eficiência, resiliência e custo, devido a muitas localidades estarem muito afastadas de grandes rios para desaguar, o que encarece o projeto ainda na parte da captação, resultando em processos duradouros de implantação em etapas que não superam a velocidade de adensamento urbano (Suriyachan, 2012). Um sistema alternativo que vem ganhando cada vez mais atenção é o sistema descentralizado de tratamento de esgoto, que utiliza tecnologias amplamente testadas e de baixo impacto ambiental, como, por exemplo, *wetlands*, biodigestores e sistemas condominiais para tratar o esgoto em pequenas instalações distribuídas em toda a comunidade. Esses sistemas apresentam uma série de vantagens em relação aos sistemas centralizados, como menor custo de implantação, maior eficiência, menor impacto ambiental e maior resiliência em face de segmentação em plantas menores de sedimentação e destinação. É interessante também a

aproximação e apropriação do tema pela comunidade, promovendo a articulação cidadã na tomada de decisões sobre a infraestrutura de saneamento e drenagem urbana.

O uso de *wetlands* e sistemas condominiais é uma abordagem cada vez mais popular para o tratamento descentralizado de esgoto em nível de bairro. *Wetlands* são ecossistemas naturais construídos que consistem em zonas úmidas com plantas que removem nutrientes e poluentes da água. Esses sistemas naturais têm sido utilizados com sucesso em muitas partes do mundo para tratar águas residuais de origem sanitária, pois a associação com outros métodos de tratamento e separação da matéria orgânica se acomodam em diferentes escalas. Além disso, os sistemas condominiais permitem que os moradores de um bairro sejam responsáveis e protagonistas na escolha da infraestrutura a ser implantada, do prestador de serviço e tratamento de seus próprios esgotos, criando assim um senso de responsabilidade compartilhada e comunitária.

Este artigo tem como objetivo discutir o uso de *wetlands* e sistemas condominiais em um sistema descentralizado de tratamento de esgoto aplicado à escala do bairro, ilustrados no exemplo de um bairro na região metropolitana de São Paulo, que não conta com uma rede de captação de dejetos, deixando sob responsabilidade dos moradores o encargo de construir alternativas rudimentares para tentar afastar os dejetos de casas e pessoas, contaminando os corpos d'água e promovendo o assoreamento dos rios e córregos. Serão discutidos os principais desafios na concepção de uma infraestrutura de tratamento de efluentes pela adoção associada de sistemas ecológicos como também analisar a viabilidade técnica e ambiental desses sistemas flexionados aos espaços livres de lazer e de mobilidade. Por fim, faremos propostas de uma dinâmica do tratamento de esgoto usando *wetlands* e sistema condominial na escala do bairro por meio de uma experimentação projetual no campo da Arquitetura e Urbanismo e do paisagismo.

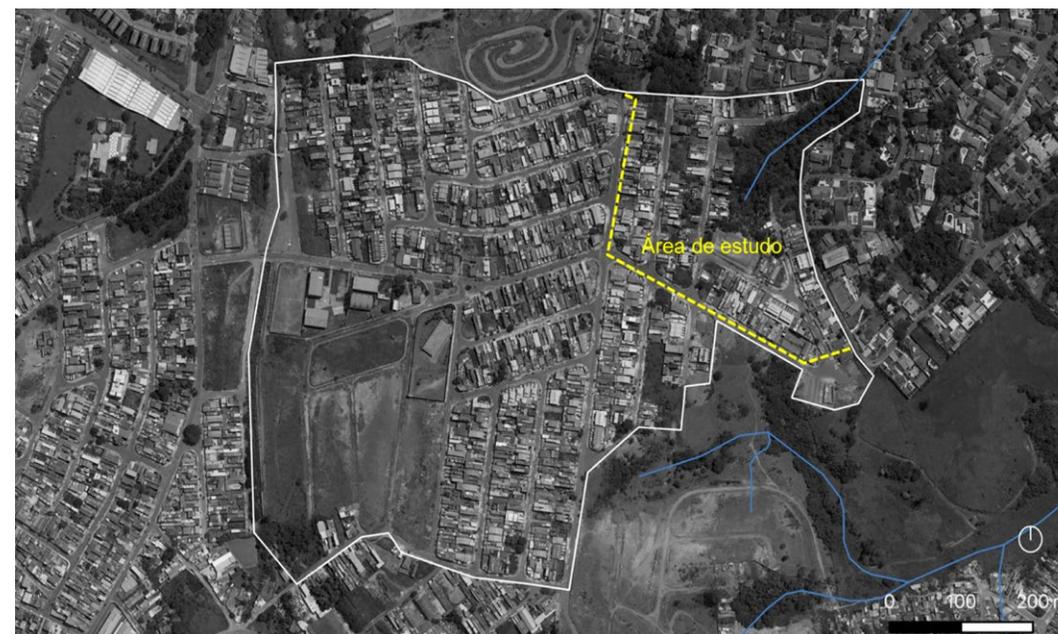


FIG.1: Foto de satélite do bairro Parque Scaffid II, com a delimitação administrativa e área de estudo destacada em amarelo. Fonte: Elaborado pelo autor.

2. O ESGOTAMENTO SANITÁRIO EM UM BAIRRO DA BORDA METROPOLITANA: O CASO DO PARQUE SCAFFID II EM ITAQUAQUECETUBA-SP

Dentre muitas situações divergentes sobre o uso e ocupação do solo que os municípios de borda metropolitana apresentam, principalmente pelo espraiamento desordenado da mancha urbana, no caso de Itaquaquecetuba é notória a contradição ambiental que o município carrega e que se acentuou nos últimos anos, especialmente devido ao zoneamento pouco propositivo em termos de delimitação das nascentes e microzonas ambientais. O zoneamento atual² atribui Zona de Uso em Consolidação para grande parte dos bairros, conseqüentemente, não atribuindo corretamente a demarcação de áreas de preservação e interesse ambiental, zonas demarcadas de uso e preservação de nascentes e leito de rios. Ademais, as áreas públicas de espaço livre não constam como espaços não edificáveis, resultando em ocupação por imóveis vulneráveis junto aos corpos d'água.

De município considerado potencial de estância hídrica por sua inserção

na sub-bacia Cabeceiras,³ abrigando também grande área de várzea do rio Tietê, atributos ambientais relevantes, nas últimas décadas registrou-se pouco cuidado com suas áreas de preservação permanente e cobertura vegetal. Assim, Itaquaquecetuba ilustra hoje a consolidação de uma cidade que avança sobre seus vazios e reservas naturais para um adensamento desordenado do tecido urbano. Apesar de não haver dados cartográficos abertos sobre a infraestrutura de coleta e tratamento de esgotos por parte da Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo (Sabesp), os esgotos coletados pela companhia no município são direcionados à ETE Guatambu, planta mais próxima e a apenas 4 km do sítio de estudo.⁴ Entretanto, a existência de barreiras urbanas maciças, como um complexo de condomínios residenciais de alto padrão, como também fundiárias, pela existência de grandes glebas de terra sem parcelamento urbano do solo, não promovem a complementação da rede de coleta da empresa e a implantação de uma estação elevatória de esgotos (EEE).

Em uma parametrização mais específica sobre o saneamento básico no Brasil feita

anualmente pelo Instituto Trata Brasil, a cidade se encontra entre as 100 cidades mais populosas do país, evidenciando alta taxa de imóveis atendidos pela rede pública de saneamento contando com 100% de atendimento de água potável. Entretanto, o percentual é de 72,04% de atendimento de rede de esgoto, o que posiciona o município no final da lista quando se considera a relação entre água captada e o esgoto tratado (Instituto Trata Brasil, 2022). Esses fatores são medidos pelo Índice de Tratamento Total de Esgotos (ITR), adotado como métrica pelo Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS). No Ranking de 2023 compilado pelo instituto, Itaquaquecetuba figurava em 54º lugar, entre os 100 municípios mais populosos com melhor cobertura, mas quando confrontado com os índices de captação e tratamento de esgoto sua posição caía para 91º (Instituto Trata Brasil, 2023).

2.1 PARQUE SCAFFID II: DO MACRO AO BAIRRO E A COMUNIDADE ISOLADA

A área de caráter urbano para estudo se localiza no Parque Scaffid II, na cidade de Itaquaquecetuba, situada a leste da região metropolitana de São Paulo. O bairro se encontra próximo à divisa administrativa do município de Arujá, a norte e leste, margeando um conglomerado de condomínios de classe média alta denominado Arujazinho, e que na questão do saneamento se assemelha pela ausência de uma rede de esgotamento doméstico.

Por fazer parte da região metropolitana de São Paulo, é um município com alta taxa de urbanização e com vazios urbanos resultantes de um espraiamento contínuo da metrópole. O Censo de 2021 contabilizou uma população de aproximadamente 369.275 habitantes (IBGE, 2022). No contexto metropolitano encontra-se na borda nordeste, composta por municípios que sofreram o processo de expansão urbana recente acelerada, por meio de condomínios fechados e de loteamentos regulares e irregulares de padrão periférico. Pode-se verificar uma ocupação mais consolidada na porção sudoeste e central, próxima ao bairro Itaim Paulista, em São Paulo, e à cidade de Poá, correspondendo ao centro da cidade, e as porções norte e leste em forte processo de adensamento e conurbação com os municípios vizinhos

Guarulhos, Arujá e Suzano. O município é praticamente cortado ao meio, de oeste a leste, pela Rodovia Ayrton Senna, e mais recentemente pelo Rodoanel Mário Covas, de sul a norte. Há também uma área bastante considerável de várzea do Rio Tietê no município que margeia as rodovias citadas e as principais vias de acesso do trajeto centro-bairro.

O bairro está localizado a 35 km do centro de São Paulo, tendo como referência a Escola da Cidade (Vila Buarque). O acesso pode ser feito pela Rodovia Ayrton Senna ou pela Linha 12-Safira de trem metropolitano, operado pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), complementado pela linha municipal de ônibus 08TR-Village.

O bairro estudado, perímetro indicado pela Fig. 1, Parque Scaffid II, é resultante de um processo de loteamento ordenado vendido paulatinamente em uma primeira etapa de financeirização de terrenos, e há aproximadamente dez anos a venda em massa de imóveis padrões já construídos. O bairro superou uma etapa de consolidação urbana, porém enfrenta a carência de infraestrutura de rede de esgoto em toda sua extensão e de implantação, estabelecida por obrigação da instituição loteadora, de espaços de lazer para empreendimentos dessa natureza, o que prejudicou principalmente o sistema de escoamento de águas pluviais e de captação de esgoto de 30% do bairro.

A localidade de estudo não conta com rede de esgoto e seu relevo é formado por diversos declives, o que interrompe a captação pelo sistema de esgoto presente no restante do bairro, pois seria necessária a instalação de uma estação elevatória de esgotos (EEE) por parte da Sabesp, não executada até então. Os loteamentos vizinhos, ao norte e leste, o condomínio Arujazinho III, também utilizam fossas sépticas e muitos imóveis do bairro Scaffid têm o fundo de lote junto ao muro que separa as duas localidades, o que inviabiliza uma rede coletora que integre o subsistema Arujá. Já na direção sul do bairro há uma grande propriedade privada sem uso destinado que interrompe a conexão com o tecido urbano.

A área estudada para projeto tem cerca de 11.707,89 m² e foi designada no projeto original de loteamento como área pública de lazer. Entretanto para efeitos



FIG.2:
Vista da área verde do Parque Scaffid II tomada da Rua Farias Brito, esquina com a Rua Fernandes Tourinho. Foto do autor.

de projeto considera-se os parâmetros previstos no código florestal brasileiro no artigo 8º em que, caracterizada uma área como área de proteção permanente (APP), sua intervenção deve atender a um dos três requisitos de caráter de “utilidade pública, de interesse social ou de baixo impacto ambiental previstas nesta lei” (Brasil, Governo Federal do. LEI Nº 12.651, 2012), prezando por intenções de projeto que viabilizem uma recuperação ambiental com incisões pontuais no solo de modo a preservar a topografia e vegetação nativa da microbacia.

Pode-se dizer que o processo de ocupação da área foi ordenado, pois o loteamento foi planejado para a venda de lotes em loteamentos regulares, mas que se deu com infraestrutura incompleta durante o processo de consolidação do bairro. A ausência de saneamento adequado (tratamento de esgoto e microdrenagem) e a inexistência de equipamentos de lazer e sistema de espaços livres são os principais exemplos dessa urbanização incompleta. A pouca arborização urbana do bairro, hoje, também denota carência de qualidade ambiental, quando se compara ao condomínio fechado vizinho de Arujá, mesmo considerando o diferente tipo de padrão social de cada bairro. Mas uma deficiência ambiental os une, que é a poluição das águas do córrego que nasce no Parque Scaffid II e perpassa as áreas verdes do condomínio de Arujá.

Quando se observa imagens do Google Earth dos anos 2000 e 2023 é

possível verificar o grande adensamento construtivo que o bairro registrou. As quadras, cuja ocupação ainda era rarefeita no ano 2000 (aproximadamente 30% de lotes construídos), tornam-se quase que totalmente construídas em 2023, com um ligeiro avanço, também, da ocupação urbana em direção à área livre.

Em 2000 nota-se que o bairro já era descampado, sem vegetação arbórea, em virtude de usos do solo anteriores de caráter provavelmente agrícola. Inclusive observa-se que a área de preservação da nascente do córrego apresentava mata ciliar parcialmente degradada, tendo se regenerado ao longo dos anos devido ao parcelamento do solo em lotes regulares de 10 m de largura por 25 m de extensão. As intervenções atuais por parte dos moradores vão de encontro em manter a vegetação como também acrescentar árvores frutíferas domésticas, como uma prática de jardinagem que não seria possível dentro do lote urbano devido às suas dimensões.

O bairro manteve suas características de imóveis de autoconstrução e muitos terrenos ainda sem edificação até meados de 2014, quando houve uma segunda venda massiva de sobrados padrões e financiáveis, o que consolidou o bairro com o preenchimento dos lotes vazios até então. O Parque Scaffid II adquire características de urbanismo ordenado em comparação a outros bairros da cidade, mesmo com a deficiência no saneamento e a falta de oferta de espaços livres destinados ao lazer ou um aumento

da oferta de serviços públicos e de comércio. As novas moradias construídas nos últimos dez anos com acabamento “fino” e vagas de garagem teriam também que contar com fossas sépticas rudimentares como solução para o despejo de esgotos, situação comumente usadas pelas residências já existentes dentro do perímetro de estudo por falta de um coletor tronco de coleta de esgotos no perímetro.

Na caracterização do padrão construtivo da área residencial do Parque Scaffid II utilizou-se os critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia de São Paulo (Ibape-SP, 2017), que classifica as edificações segundo suas características construtivas. O bairro apresenta morfologia construtiva de padrão simples, composta por edificações térreas ou assobradadas, geralmente geminadas, inclusive de ambos os lados, satisfazendo um projeto arquitetônico simples, geralmente compostas de sala, dois ou três dormitórios, banheiro, cozinha, podendo dispor de dependências externas para serviços e cobertura simples para um veículo.

Os lotes apresentam dimensão predominante de 5 m de testada por 25 m de profundidade, originados da subdivisão dos lotes originais de 10 x 25 m. Por isso, há predominância apenas de recuos frontais, ocupado pela garagem para um veículo, e de fundos. Os imóveis contam com fossas sépticas sem sumidouro com dispositivos de saída para a rua como instalação para o esgotamento residencial e têm em média dois banheiros por unidade residencial em lotes unifamiliares. Têm abastecimento regular de água potável, energia elétrica concessionada e internet de média velocidade.

2.2 CONDIÇÕES DE USO E OCUPAÇÃO DA ÁREA VERDE E DE SEU ENTORNO

À primeira vista, percebe-se que, em relação à área verde de estudo, o bairro esgota suas reservas de terrenos livres, e a denominação por parte do Plano Diretor de Zona em Consolidação não promove espaço de lazer no bairro; enquanto uma rica área verde que foi destinada para a construção do sistema de espaços livres do projeto de loteamento Parque Scaffid II segue vazia, crianças brincam nas ruas pavimentadas, conforme mostra a Fig. 2. As relações entre moradores, mesmo os mais antigos, se dão no âmbito privado

ou nas calçadas das residências, de forma parcimoniosa. O maciço verde – que tem dois pontos de entrada possível, no encontro das ruas Tourino Fernandes e Farias Brito, e outro em uma cota mais baixa do terreno, na rua Felício dos Santos – não possibilitam o brincar, pois não há planos ou clareiras, além de haver áreas pantanosas devido ao fluxo de efluentes constante no corpo d’água.

A área verde em questão segue sem uso definido, apesar de refletir duas dinâmicas, as quais podemos comparar quando há uma ocupação por parte dos moradores ou a sua ausência. Em uma primeira incursão na rua Felício dos Santos, é possível verificar a completa degradação do curso d’água pela contaminação de esgoto, uma mata fechada sem espaços de estar e lazer entre os moradores e ocupação maciça dos lotes lindeiros da área, sem calçamento apropriado, pelo uso privado, seja para guardar carros ou bancos em frente às casas. No zoneamento municipal consta apenas como sendo de propriedade pública, sem qualquer menção às nascentes presentes ou proteção à mata originária. Ademais, no projeto original de loteamento por parte da Empreendedora Família Scaffid e da intermediária de vendas Imobiliária Continental, o espaço seria destinado a um sistema de lazer completo do bairro.

Em uma segunda incursão, através de uma das casas na rua Farias Brito, mesmo ocorrendo em caráter de ocupação privada desta área, podemos verificar a riqueza da prática de jardinagem com o cultivo e cuidado do que está próximo ao seu lote: há árvores frutíferas e duas das três nascentes demarcadas e ocupadas como se fossem um jardim, mesmo disputando espaço com as instalações rudimentares executadas pela prefeitura municipal para a captação de esgoto e de águas pluviais, em um mesmo sistema de captação feito com dispositivos de drenagem urbana (sarjetas e galerias de águas pluviais). Percebe-se então como há diversidade de usos e de espécies que complementam a alimentação dos locais quando se há cuidado e olhar para o espaço livre, respeitando a faixa edificável dos lotes e de conservação do leito d’água.

Há uma carência patente dos espaços livres do bairro, pois mesmo sendo

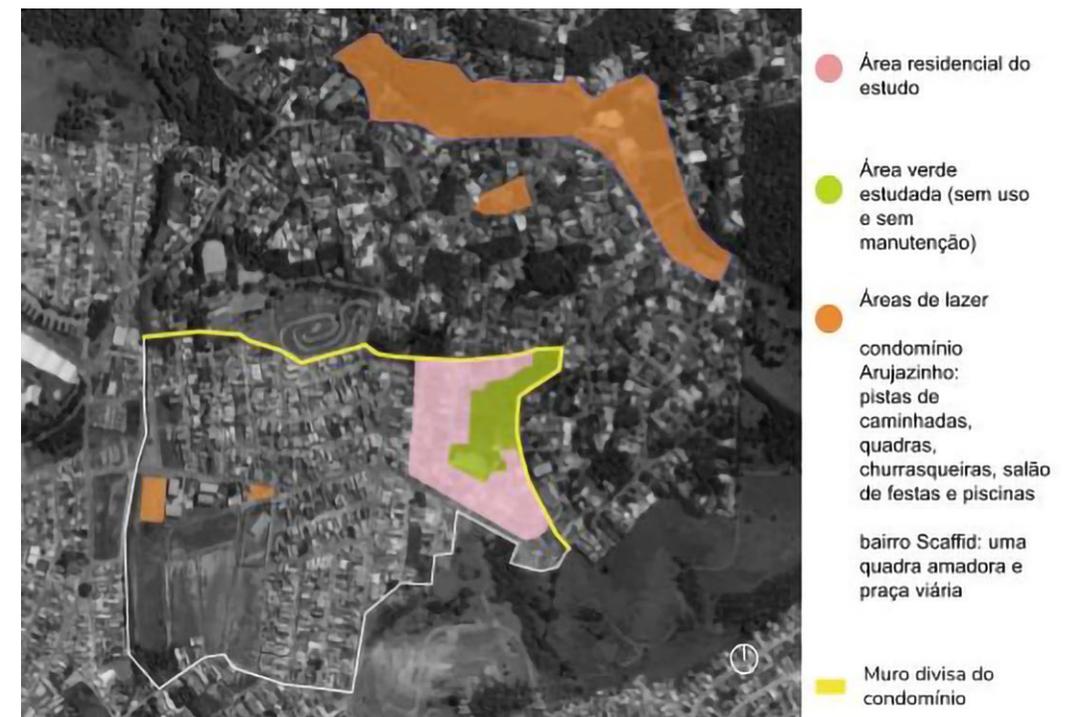


FIG.3: Imagem do Parque Scaffid II, área de estudo e espaços de lazer do bairro em relação ao tamanho do sistema de lazer do condomínio fechado Arujazinho III. Foto do autor.

um bairro fruto de um loteamento ordenado, as primícias de urbanização do empreendimento não foram cumpridas, sendo as áreas de lazer atuais fruto da ocupação e mobilização dos moradores para que ocorressem. Há somente dois locais demarcados para lazer: uma quadra amadora de futebol logo no início do bairro e uma pequena praça com academia ao ar livre ao centro deste. Quando comparamos o bairro à ocupação vizinha do condomínio Arujazinho III, notamos a grande diferença entre um sistema de lazer apropriadamente planejado, com pistas de caminhada, quadras poliesportivas, espaços de estar e de brincadeiras destinado a um loteamento residencial em comparação ao entregue pela loteadora Scaffid (FIG.3).

Devido à ausência de áreas específicas para lazer no bairro, as ruas se tornaram os espaços de brincadeiras, encontros e congregação de moradores. Há a presença de muitas crianças que brincam no leito carroçável, especialmente nas ruas Farias Brito e Fernandes Tourino, que devido à declividade são propensas ao tráfego de alta velocidade de automóveis, o que

demandam também ações dos moradores na limitação do tráfego. Uma das vantagens de olhar para esta área verde é a de que além de ser um espaço rico em possibilidades de estar e lazer, anulados pelo despejo de resíduos e esgoto, sua função de espaço público não foi cumprida por parte do poder público ou da entidade loteadora da época. A área verde em questão tem um grande potencial de uso como espaço de lazer, que não é explorado pelos moradores.

Dentro do perímetro de estudo não há rede de coleta de esgoto da concessionária, desde os imóveis mais antigos aos mais novos, que contam com fossas sépticas para captação do esgoto residencial. Este modelo, além de possibilitar a contaminação subterrânea, é executado de forma que haja uma saída de efluente na parte superior da fossa para que não encha rapidamente, despejando o líquido excedente e das águas cinzas de cozinha junto às águas pluviais captadas em ralos e calhas do telhado da residência. Além de não haver separação de águas de chuva e esgoto, a água contaminada corre

por canos dispostos a sair no meio-fio das ruas, despejando na infraestrutura rudimentar de águas pluviais, esgotando na área verde em questão.

3. AS TÉCNICAS DE SANEAMENTO ECOLÓGICO-CONDOMINIAL EXISTENTES

A pesquisa bibliográfica que embasou este trabalho revelou duas obras que guiaram o projeto em questão: o manual sobre as diretrizes de projeto e implantação do sistema condominial elaborado por José Carlos Melo, "Sistema condominial: uma resposta ao desafio da universalização do saneamento" (2008), e um possível modelo de implantação demonstrado pela pesquisa do estado de arte das *wetlands*, de Diego de Oliveira Cunha, Rodolpho Lopes Merlim e Ely Severiano Júnior, "O uso do tratamento de esgoto sustentável: o estado da arte das *wetlands*" (2018).

Na investigação sobre possibilidades já estudadas e testadas de modelos descentralizados de tratamento de esgotos, foi importante também a contribuição dos trabalhos de Adriano Luiz Tonetti, "Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas: referencial para a escolha de soluções" (2018) e de Jéssica Clarice de Oliveira, "Utilização de um biodigestor para tratamento de esgoto e geração de energia: um estudo de caso na comunidade de Portelinha, RJ" (2018), trazendo a aplicação de técnicas de saneamento ecológico amplamente conhecidas na prática urbana.

Ainda na pesquisa sobre o sistema condominial o trabalho de Luiz Lobo, "Saneamento básico: em busca da universalização" (2003), também trouxe importantes contribuições na confirmação das amplas vantagens de implantação dessa tipologia de saneamento em pequenas comunidades.

A seguir serão apresentados os principais conceitos e fundamentos dessas tipologias e experiências de tratamento de esgotos em pequenas comunidades, a partir dos autores e trabalhos mencionados.

3.1 O SISTEMA CONDOMINIAL

O sistema condominial é considerado um dos bons exemplos de experiências bem-sucedidas para o esgotamento sanitário,

desenvolvido e aperfeiçoado no Brasil e logo reconhecido internacionalmente. Trata-se de um modelo inovador de solução para problemas de gestão de serviços urbanos de abastecimento de água e esgotamento sanitário, que teve sua aplicação disseminada pelo Banco Mundial em vários países da América do Sul e da Ásia, especialmente abrangendo comunidades vulneráveis, por ser uma tecnologia social de baixo custo. No Brasil, também apoiado por recursos do Banco Mundial, foi amplamente utilizado na implantação do Programa de Saneamento Integrado (Prosanear), em que se buscava aliar a implantação de sistemas de saneamento básico a outras intervenções, como drenagem e gestão de resíduos sólidos. A incorporação da componente "envolvimento e participação comunitária", como item financiável de cada projeto, é o elemento diferencial desse conceito, cujas soluções de saneamento são encontradas de maneira participativa com as comunidades envolvidas, desde a fase de planejamento até a fase de implantação dos projetos (Lobo, 2003).

O sistema de saneamento condominial utiliza a quadra (ou quarteirão, ou o que a substitua com pequeno conjunto de imóveis) como a unidade de enfoque do sistema. Do ponto de vista físico, o sistema se encarrega de coletar os esgotos sanitários através de tubos dispostos em torno das quadras posicionadas da melhor maneira possível – baseado em comum acordo com os residentes. Os tubos conectam-se com todos os imóveis e são dimensionados de acordo com a demanda existente de cada quadra. Ainda sobre esse posicionamento, o traçado deve ser disposto fora do lote (ou algo que o substitua) como forma de assegurar que essa tubulação se situe em área de domínio público – calçada, passeio, caminhos etc. No caso desse posicionamento não ser possível devido à topografia ou localização do imóvel, deve-se adotar o traçado mais adequado, ainda que cruze lotes privados, o que traz o aspecto social em evidência como elemento importante no processo de planejamento, implantação e operação do sistema (Melo, 2008).

O sistema pode tanto ser interligado à rede pública quanto direcionar a um tratamento alternativo do tipo condominial. Se interligado ao tratamento convencional,

cada quadra necessita de um único ponto de conexão com a rede pública, muito diferentemente da rede convencional tradicional, que envolve toda a quadra. Isso proporciona uma economia de quase 75% em termos de tubos e conexões. Assim, a rede condominial básica para coleta dos esgotos, que é igual à do sistema convencional de esgotamento sanitário, toca cada quadra em seu ponto mais baixo.

Melo (2008) destaca que a qualidade do sistema é um dos fatores mais importantes, pois além de atender integralmente às leis da hidráulica e da melhor engenharia sanitária, elimina os pontos críticos existentes nos sistemas convencionais representados pela interconexão de cada ligação individual às redes de coleta de esgoto.

Na metodologia condominial, as quadras e tubos que as circundam são denominados de condomínios e ramais condominiais, respectivamente. Quatro tipos de ramais, a depender da conformação urbana e topográfica, podem ser adotados: ramal de calçada (em geral para áreas ordenadas), ramal misto ou ramal de fundo de lote (para ocupações de fundo de vale ou casas geminadas) e ramal que "passa por onde pode" (para ocupações espontâneas, as favelas). Essa conformação de estratégias de implantação de ramais foi bastante inspiradora para a definição da modelagem para o projeto no bairro Scaffid II, objeto da pesquisa.

Melo (2008) também destaca que em relação aos aspectos sociais, a quadra também serve como importante unidade de referência para o planejamento e necessariamente demanda a participação de cada ocupante nas reuniões esclarecimentos, a partir de abordagem técnica e metodológica estruturada com recursos educativos (mapas, maquetes etc.), e se promove um debate coletivo sobre o sistema, suas condições de funcionamento e regras para adesão, proporcionando a população uma decisão coletiva sobre a melhor forma do seu atendimento. Nelas se inicia o processo de mudança de comportamento e atitudes. Nessas reuniões, e nas atividades de Educação Sanitária e Ambiental, se difunde o conceito de coparticipação e corresponsabilidade, em que os usuários

têm o papel ativo no adequado uso dos sistemas de saneamento e compromisso com a despoluição ambiental, sendo os principais agentes de transformação.

3.2 WETLANDS CONSTRUÍDOS PARA O TRATAMENTO DE ESGOTO COM PLANTAS

O primeiro sistema de tratamento de águas residuárias, denominado de sistemas *wetlands* construídos, foi desenvolvido na Alemanha em 1950 pelo pesquisador Kätthe Seidel do Instituto Max Planck. Visava a retirada de fenol e a diminuição da carga orgânica de efluente de laticínio (Sezerino *et al.*, 2015 *apud* Cunha; Merlim; Severiano Jr., 2018). Pode-se dizer que esse sistema é um dos exemplos de soluções baseadas na natureza (SBN), pois foi implantado com a intenção de reproduzir múltiplos processos de retirada de poluentes que acontecem naturalmente, em áreas alagadas já existentes. As várzeas de diversos rios e o pantanal brasileiro são exemplos de espaços que realizam esse tipo de serviço de decomposição de matéria orgânica e de limpeza da água.

Segundo Cunha, Merlim e Severiano Jr. (2018) as *Wetlands* como tratamento construído evoluíram durante as últimas décadas para uma tecnologia de tratamento confiável que pode ser aplicada a todos os tipos de águas residuais, incluindo esgoto, águas residuais industriais e agrícolas, lixiviação de aterro e escoamento de águas pluviais. A poluição é removida através dos processos que são comuns naturais, mas em *wetlands* esses processos prosseguem em condições mais controladas. Todos os tipos de *wetlands* construídas são muito eficazes na remoção de orgânicos e sólidos em suspensão, embora a remoção de nitrogênio seja menor, mas pode ser melhorada usando uma combinação de vários tipos de *wetlands*.

As *wetlands* construídas podem ser implantadas por meio de escoamento superficial ou subsuperficial. Podem utilizar plantas flutuantes ou cujas raízes estão fixadas em substrato imerso na água. Nas que se valem do escoamento subsuperficial, segundo Sezerino *et al.* (2015 *apud* Cunha, Merlim; Severiano Jr., 2018), o fluxo da percolação segue na horizontal, sendo impulsionada por uma declividade de fundo. A entrada do efluente é organizada na

porção inicial do leito, chamada zona de entrada, comumente composta por brita, por onde irá percolar pausadamente por meio do material filtrante até alcançar a porção final, também composta por brita e chamada de zona de saída.

O sistema *wetlands* com emprego de plantas emergentes é o mais antigo, sendo utilizado na Holanda há mais de trinta anos. Se vale de plantas que têm seu sistema radicular fixo ao sedimento, com caule e folhas parcialmente submersos. O tratamento é feito por meio de mecanismos de ação microbiológica que age no substrato ao se conservar uma lâmina d'água constante sobre a superfície do solo.

Já no sistema *wetlands* com emprego de plantas com raízes flutuantes, faz-se uso de canais rasos e de plantas do grupo das macrófitas flutuantes, que pode ser constituído por apenas uma espécie ou por consorciação de diferentes espécies. A espécie mais empregada é o aguapé (*Eichornia crassipes*) (Mattoso, 2014 apud Cunha; Merlim; Severiano Jr., 2018).

3.3 TIPOLOGIAS DE TRATAMENTO DE ESGOTOS EM COMUNIDADES ISOLADAS

O livro de Adriano Luiz Tonetti (2018) trouxe importantes reflexões para o trabalho, principalmente no processo de escolha da solução de esgotamento para a área de estudo, em que também se avaliou a possibilidade de consorciação de tipologias de tratamento ecológico para a área de estudo.

O livro traz uma análise de quinze tecnologias selecionadas para o tratamento de esgotos em comunidades isoladas, com base no Manual de Saneamento elaborado pela Funasa (2007) e nas normas técnicas da ABNT (1993, 1997). São elas: fossa seca, banheiro seco compostável, estocagem e uso de urina, sistemas alagados construídos, círculo de bananeiras, reator anaeróbio de fluxo ascendente unifamiliar, fossa verde, fossa séptica biodigestora, tanque séptico, filtro anaeróbio, filtro de areia, vermifiltro, biodigestor, reator anaeróbio compartimentado e biossistema integrado.

Embora o trabalho priorize soluções unifamiliares, também indica quando a tecnologia discutida pode ser adaptada para sistemas maiores, caso do estudo

desta pesquisa, que visa atender parte do bairro Scaffid II.

Conforme Tonetti et. al (2018, p.63-64),

As soluções aqui apresentadas possuem implantação, funcionamento e operação simplificados, capazes de garantir uma remoção eficaz de matéria orgânica do esgoto a baixo custo. Apesar de algumas dessas alternativas de tratamento ainda não serem contempladas pelas normas técnicas vigentes, elas têm sido usadas frequentemente em comunidades isoladas, além de Capítulo 5 Soluções para o tratamento de esgoto possuírem respaldo técnico, por serem objeto de pesquisas desenvolvidas em centros de pesquisas, universidades, prefeituras e ONGs.

3.4 BIODIGESTORES

A monografia de Jéssica C. de Oliveira (2018) trouxe um bom aporte para esta pesquisa ao analisar diferentes modelos de biodigestores, tanto no aspecto econômico quanto na eficácia de tratamento de esgoto e produção de biogás. Na comparação entre os biodigestores de modelo chinês e indiano, a autora opta pelo primeiro, de mais simples instalação e manutenção e menor custo. Esta foi a opção também adotada neste trabalho para o bairro Scaffid II, em Itaquaquetuba.

Os biodigestores são sistemas constituídos de câmaras herméticas em que por meio de processos anaeróbios a matéria orgânica é decomposta em tempo contínuo, gerando como produtos o biogás, constituído majoritariamente de gás metano como também o biofertilizante líquido. Os produtos podem ser amplamente usados como forma de combustível inclusive para uso doméstico como no uso de geração de chama para cozimento de alimentos e como fertilizante para solo.

Os modelos chinês e indiano têm o mesmo princípio de funcionamento, entretanto, a arquitetura do modelo chinês, em que a câmara principal é uma campânula de alvenaria, "trabalha como um gasômetro constante" (Bonturi; Dijk, 2012), barateando a manutenção do equipamento, evitando o uso de aparelhos de precisão e de metal, que tem sua durabilidade reduzida em função da variação das condições climáticas externas.

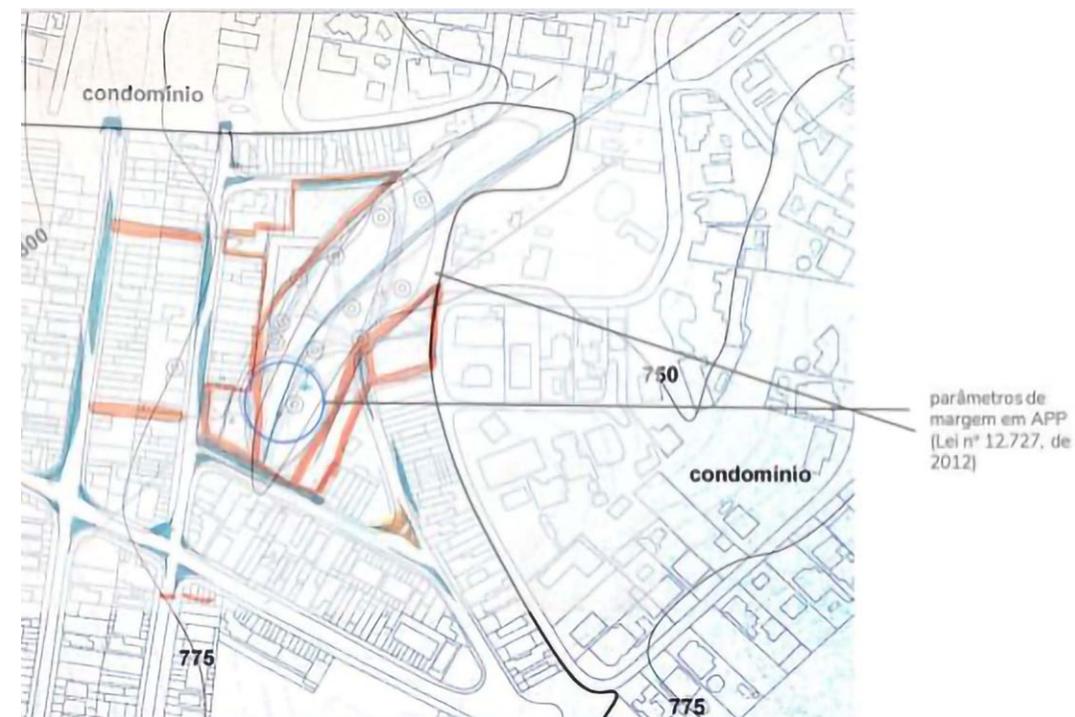


FIG.4: Identificação de área de APP e de intervenção para sistema de saneamento (em vermelho).
Fonte: Elaborado pelo autor.

Formado por uma câmara cilíndrica em alvenaria (tijolo) para a fermentação, com teto abobado, impermeável, destinado ao armazenamento do biogás. Este biodigestor funciona com base no princípio de prensa hidráulica, de modo que aumentos de pressão em seu interior resultantes do acúmulo de biogás resultarão em deslocamentos do efluente da câmara de fermentação para a caixa de saída, e em sentido contrário quando ocorre descompressão. (Bonturi; Dijk, 2012, p.92)

4. UM SISTEMA DE TRATAMENTO ECOLÓGICO PARA A COMUNIDADE DO SCAFFID II

Dentro da chave regeneração procurou-se por espaços na região metropolitana de São Paulo que pudessem exemplificar fenômenos de apropriação dos recursos naturais em detrimento do avanço da ocupação urbana no solo. Avaliou-se, assim, que Itaquaquetuba, mais especificamente no bairro Parque Scaffid

II, um território nas margens da mancha urbana metropolitana, configura um modelo de loteamento amplamente replicado nos anos 1980 e 1990 nas regiões metropolitanas, porém sem a execução de um sistema de saneamento e de espaços livres. A área reservada para o sistema de lazer se tornou uma área erma que recebe águas de esgoto que correm a céu aberto e o lazer local se pratica nas ruas do bairro.

A partir disso debruçou-se para melhor compreender aquele território, a organização tomada por essa ocupação e qual o papel que essa área verde tinha para o bairro. Visitar o local foi crucial para entender a relação dos moradores com a localidade, mapear características físicas, deficiências de conexão e de infraestrutura e identificar os elementos de pré-existência de autoconstrução relacionada ao saneamento. Assim, foi possível compreender como a topografia define diretamente uma possível estrutura de coleta e tratamento de esgotamento de efluentes, entendendo-se o meio físico como o meio das



FIG.5: Implantação e setorização do sistema de saneamento. Fonte: Trabalho EV 2023 – Grupo 18, orientado por Camille Bianchi e Luis Felipe Abbud.

possibilidades de projeto da infraestrutura e de uma composição da paisagem.

Dessa forma, o trabalho foi um estudo contínuo sobre como projetar de maneira mais sustentável possível a implantação de saneamento ecológico coletivo para até 185 residências, regenerar a área de proteção ambiental e criar possibilidades de lazer ao bairro neste perímetro de mata preservada até então.

Para isso, apresenta-se como proposta final estudos sobre sistemas de saneamento integrado à intervenção arquitetônica. O intuito do projeto foi o de repensar o lugar e a importância do saneamento básico no campo de estudo da arquitetura e projetar espaços livres, pensando na estrutura básica, de forma que as propostas conversem harmoniosamente com a paisagem.

4.1 A MODELAGEM DE INTERVENÇÃO PROPOSTA

As principais diretrizes de intervenção desta proposta foram assim delineadas:

- a) Mínima intervenção no solo da área de preservação permanente, evitando-se a instalação de qualquer estrutura no nível do solo e sua impermeabilização;
- b) Todo o sistema operando por gravidade;
- c) Apostar na multifuncionalidade da paisagem, incorporando preservação ecológica-ambiental, uso social (lazer e travessias) e infraestrutura verde (soluções baseadas na natureza) para tratamento do esgoto sanitário;
- d) Prever espaços e incentivo à apropriação da comunidade para agricultura urbana (pomar e horta comunitária, por exemplo).

DIAGRAMA DO SISTEMA DE TRATAMENTO DE ESGOTO RESIDENCIAL

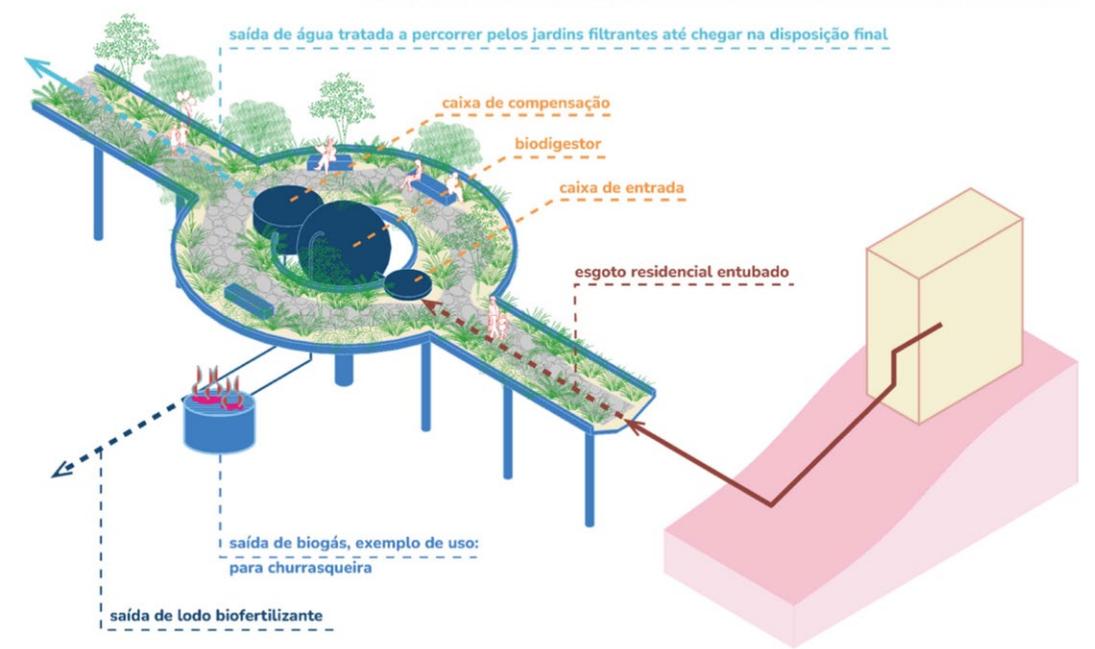


FIG.6: Diagrama do sistema de tratamento de esgoto residencial biodigestor acoplado. Fonte: Trabalho EV 2023 – Grupo 18, elaborado pela equipe EV e diagramação de Leonardo Mello. Grupo orientado por Camille Bianchi e Luis Felipe Abbud.

A premissa norteadora de projeto foi o zoneamento ambiental da área verde, com a identificação de sua APP – área de preservação da nascente e do córrego. Assim estariam definidas duas zonas: uma de preservação total (APP) e outra de usos consorciados de conservação, lazer, agricultura urbana e estrutura de tratamento de esgoto. A Fig. 4 delimita essas duas zonas.

Para a definição do traçado do sistema de saneamento a ser proposto e de seus componentes foi elaborada uma setorização por número médio de unidades de consumo, representado por cores para cada grupo de quadras/residências (FIG.5). Foram consideradas a disposição das residências em relação ao nível topográfico do biodigestor instalado e a demanda de tratamento por metro quadrado. Também foram sinalizadas áreas do solo que poderiam ser ocupadas com espécies para consumo alimentar, assim como um programa de passagem e lazer que se desenvolve afastado do solo, com chegadas em pontos específicos. O “élan da água” celebra todo o percurso de tratamento do esgoto em que se cria um espaço de contemplação da água na paisagem.

A intenção do projeto foi promover um sistema condominial de coleta de esgoto por gravidade e por meio das técnicas de jardim filtrante e biodigestores, uma estrutura elevada de tratamento da área de nascentes e mata preservada como proposta de conservação dos limites do maciço verde e regeneração do curso da água existente; o complexo de passarelas como sistema de tratamento ecológico integrado atua de forma a conservar as características naturais do terreno. Assim, buscou-se uma mínima interferência nas condições naturais do relevo e solo, mas possibilitando o contato das pessoas com o dossel da mata ciliar.

Como solução para implantação do sistema de *wetlands* de modo que não comprometesse o alagamento do solo e principalmente a conservação das nascentes, delineou-se que todo o ciclo de captação e tratamento de esgotos se daria em estruturas elevadas do solo com camadas alagadas em um extenso jardim suspenso. O uso de pequenos jardins suspensos seria uma forma de complementar o ciclo de tratamento de efluentes recebidos a partir do biodigestor.

A proposição de uma quadra de esportes foi possível em uma área de lote mais afastada da área de preservação, porém integrada ao complexo de passarelas e interconectando as ruas Tourino Fernandes e Felício dos Santos, que originalmente são sem saída.

As diretrizes do projeto foram: transposição, regeneração e ocupação. Com a modelagem de planos suspensos que se conectam a partir do nível da rua com até 6 m de altura em relação ao curso d'água, a construção de um espaço elevado que paire entre a copa das árvores solucionaria as questões técnicas de transposição entre as ruas, possibilitando novos olhares do bairro e da matriz verde existente.

O diagrama da Fig. 6 ilustra a estação de tratamento, tendo o biodigestor (sistema escolhido pelo grupo para atender a comunidade) como centralidade, disposto em passarelas elevadas do solo com áreas de convivência no entorno. O esgoto seriam captados por encanamento embutido na estrutura elevada e o encaminhamento das águas marrons aos biodigestores dimensionados de acordo com o número de residências atendidas. Foi estudada a possibilidade de captação de biogás dos biodigestores como também o aproveitamento de lodo dos equipamentos como biofertilizante.

A adoção de estruturas aéreas forma a prerrogativa de conservação da topografia natural e apreciação da estrutura em diferentes níveis de observação. Assim como a inserção de pilares mais esguios e uma superestrutura que promove mobilidade e contemplação fortalece os encontros fora das ruas de acesso e amplia o espaço público do bairro, convidando também novos fluxos dentro do bairro.⁵

5. CONCLUSÃO

O processo de investigação e de pensar um lugar a partir da falta de um elemento central de infraestrutura urbana e ambiental nos leva primeiramente a reconhecer as pré-existências que aquele lugar oferece. Mesmo sem uma rede de esgoto formal é possível identificar uma infraestrutura de captação, tanto por parte da população quanto da secretaria de obras, que aproveita o pouco feito por meio do arruamento

formal, das poucas galerias de águas pluviais e da autoconstrução nos espaços coletivos e públicos para driblar as dificuldades de um campo que é tratado como uma especialidade da engenharia de saneamento, sem que haja um debate público sobre como o sanitarismo é uma esfera de poder e um determinante na qualidade e produção das cidades. Ao analisar os recursos materiais e imateriais verifica-se a possibilidade e interesse de participação civil no processo de estabelecer diretrizes sobre políticas públicas em todos os âmbitos, inclusive nos serviços que no Brasil são considerados em esferas de concessões que passam apenas pelas esferas estaduais e municipais. O sistema condominial e suas experiências, mesmo nos casos em que há manutenção concessionada pós-implantação, flexibilizaram as decisões de projeto e de demanda, articulando conhecimentos de tecnologia e de sustentabilidade, promovendo tecnologia e mobilização social.

Ao testarmos as possibilidades de consorciação entre as diversas técnicas de saneamento ecológico, amplamente usadas, verificamos que a viabilidade de seu sucesso em contextos urbanos e de maior escala se dá com o uso de núcleos de tratamento anaeróbio como os biodigestores e reator anaeróbio de fluxo ascendente (Rafa) e quando articulada em forma e na potencialidade do espaço, podem gerar relações paisagísticas e de concepção de áreas que articulem os equipamentos de infraestrutura e construção de um meio integrado de espaços multifuncionais.

Apesar das alterações do plano de trabalho original com todo o período da pesquisa, a experiência foi rica no sentido de pensar as prerrogativas de projeto e as variáveis de legislação, viabilidade técnica e expectativa de impacto pelo meio projetual, com o envolvimento de colegas e orientadores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade⁶ e das entrevistas realizadas na comunidade. As perspectivas de pensar saneamento básico no campo da Arquitetura são enriquecedoras do ponto de vista de promover narrativas visíveis nos projetos de infraestrutura e de vivência social, assim como a inserção do profissional em um campo que, à primeira vista, pode ser pensado como predominantemente da engenharia.

NOTAS

1. A informação é levantada a partir do índice INO46 em que se relaciona tratamento em relação ao volume total gerado (INO46) e o tratamento em relação ao volume coletado (INO16), contido no Diagnóstico Temático Serviços de Água e Esgoto do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS). Disponível em: https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/saneamento/snis/produtos-do-snis/diagnosticos/DIAGNOSTICO_TEMATICO_VISAO_GERAL_AE_SNIS_2023.pdf.

2. PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAQUAQUECETUBA. **Lei Complementar nº 376 de 17 de maio de 2023.** Disponível em: <https://www.itaquaquecetuba.sp.gov.br/diariooficial/index.php/prefeitura/lei-complementar-376-aut42-altera-zoneamento-zup1-lei-156-2008-17-05-2023/viewdocument>.

3. Em 2014 foi elaborado um plano de saneamento para a cidade por iniciativa da Fundação para a Pesquisa em Arquitetura e Ambiente (Fupam) e a Prefeitura Municipal de Itaquaquecetuba.

4. Governo de SP entrega estação de tratamento de esgoto em Itaquaquecetuba. Governo de São Paulo, 06 de Junho de 2012. Disponível em: <https://sp.gov.br/sp/canais-comunicacao/noticias/governo-de-sp-entrega-estacao-de-tratamento-de-esgoto-em-itaquaquecetuba-1>

5. Como referências do projeto foram consultados os projetos de Carrilho da Graça arquitectos. **A ponte de pedestres sobre a Ribeira da Carpinteira**; Marks Barfield architects. **Kew Tree Top Walkway & Rhizotron**. 1 maio 2014;LoebCapote arquitetura e urbanismo. **Ponte Friedrich Bayer**. 5 set. 2014. Todos os projetos foram consultados nos sites dos respectivos escritórios.

6. A pesquisa que originou este artigo teve a oportunidade de inclusão do tema e do detalhamento da proposta de intervenção na área realizada pelo Grupo 18 do Estúdio Vertical sob o título: "Itaquá: a falta de saneamento nas bordas do município de São Paulo e a contaminação de áreas verdes com potencial de transformação". O Estudo Vertical foi a oportunidade de flexibilizar a discussão sobre saneamento ecológico no campo da Arquitetura e Urbanismo, bem como obter uma resposta mais ágil e dinâmica sobre as possibilidades de projeto a partir de temas de sustentabilidade e renovação natural nas práticas de projeto.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 7229**: Projeto, construção e operação de sistemas de tanques sépticos. set. 1993.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 13969**: Tanques sépticos – Unidades de tratamento complementar e disposição final dos efluentes líquidos – Projeto, construção e operação. set. 1997.

BONTURI, G.; DIJK, M. Instalação de biodigestores em pequenas propriedades rurais: análise de vantagens socioambientais. Unicamp, SP. 2012.Revista Ciências do ambiente on-line, v.8, n.3, p.89-95, out. 2012. Disponível em: <http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/nova/index.php/be310/article/view/338/266>

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm

CUNHA, Diego de Oliveira; MERLIM, Rodolpho Lopes; SEVERIANO JR., Ely. O uso do tratamento de esgoto sustentável: o estado da arte das Wetlands. **Revista de Tecnologia Aplicada (RTA)**, v.7, n.3, p.20-35, set.-dez. 2018. Disponível em: <http://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RTA/article/view/1231/630>.

FERRARA, L. N. Urbanização de assentamentos precários

em área de mananciais: um balanço da atuação do poder público e os desafios que permanecem na região metropolitana de São Paulo (Slum upgrading in water source regions: A critical review of the public power performance and challenges that remain in the metropolitan area of São Paulo). **Oculum Ensaios**, [S.l.], v.15, n.3, p.413-435, 2018. Disponível em:<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4192>. Acesso em: 8 ago. 2022.

FUNASA. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Catálogos: Catálogo de soluções sustentáveis de saneamento - gestão de efluentes domésticos. Brasília, 2007: – 3ª Edição revisada - 2ª reimpressão.

GOVERNO DE SP ENTREGA estação de tratamento de esgoto em Itaquaquecetuba. Governo de São Paulo, 06 de Junho de 2012. Disponível em: <https://sp.gov.br/sp/canais-comunicacao/noticias/governo-de-sp-entrega-estacao-de-tratamento-de-esgoto-em-itaquaquecetuba-1>. Acesso em: 6 ago. 2024.

IBAPE-SP. **Valores de edificações de imóveis urbanos**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia de São Paulo/SP, 2017.

IBGE. **Censo 2022**: População e Domicílios – Primeiros Resultados. Atualizado em: 22 dez. /2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/itaquaquecetuba.html>.

LOBO, Luiz. **Saneamento básico**: em busca da universalização. Brasília, 2003.

MELO, José Carlos. **Sistema condominial**: uma resposta ao desafio da universalização do saneamento. Brasília: Gráfica Qualidade, 2008.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Panorama do saneamento básico no Brasil, v. 2**: análise situacional do déficit em saneamento básico. Coord. L. R. S. Moraes. Brasília: Ministério das Cidades/Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental, 2014.

OLIVEIRA, Jéssica Clarice de. **Utilização de um biodigestor para tratamento de esgoto e geração de energia**: um estudo de caso na comunidade de Portelinha, RJ. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2018.

SEZERINO, Pablo Heleno *et al.* **Experiências brasileiras com wetlands construídos aplicados ao tratamento de águas residuárias**: parâmetros de projeto para sistemas horizontais. Revista Engenharia Sanitária e Ambiental, v.20, n.1, p.151- 158, jan-mar.2015.

SURIYACHAN, C.; NITIVATTANANON, V.; AMIN, A.T.M.N. **Potential of decentralized wastewater management for urban development**: Case of Bangkok. Habitat International, v.36, n.1, p.85-92, 2012.

INSTITUTO TRATA BRASIL. **Ranking do Saneamento**. GO associados, 2022. Disponível em: <https://tratabrasil.org.br/ranking-do-saneamento-2022/>

TONETTI, Adriano Luiz; BRASIL,Ana Lucia; PEÑA, Francisco José, *et al.* **Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas**: referencial para a escolha de soluções. Campinas, SP: Unicamp, 2018.

SOBRE O AUTOR

Reinaldo Almeida Silva é aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade. Tem se dedicado aos temas de paisagem urbana, tecnologias de infraestrutura e ferramentas cartográficas de análise do território.

reinaldoalmeida67@gmail.com

Chan Chan, capital de terra: um estudo de arquitetura e urbanismo sob novas óticas

Felipe Chaweles

Orientação: Profa. Dra. Renata Maria de Almeida Martins (FAUD-USP)

Pesquisa: Iniciação Científica, bolsa Fapesp, FAUD-USP, 2021-23.

Este artigo busca abordar a história e a historiografia de Chan Chan, a capital do Império Chimú, fundada no século IX na costa norte do atual Peru, e a maior cidade já construída inteiramente em terra, com o propósito de disseminar e sistematizar o acervo de conhecimento existente acerca da cidade, e assim, incentivar mais pesquisas em âmbito nacional, praticamente inexistentes até então. O trabalho, realizado com bolsa da Fapesp

e parte das iniciativas do Projeto Jovem Pesquisador Barroco-Açu (2021/06538-9) na FAU-USP, almejou traçar o perfil histórico da cidade, em paralelo com um estudo dos autores e trabalhos que abordam o tema e avançam as pesquisas. Assim, busca-se ressaltar a importância de reconhecer e valorizar a riqueza cultural e arquitetônica das civilizações indígenas ameríndias, como instrumento de ensino fundamental aos tempos atuais.

Palavras-chave: Chan Chan; América indígena; arquitetura em terra.

Chan Chan, earth capital: A Study of Architecture and Urbanism from New Perspectives

This article seeks to address the history and historiography of Chan Chan, the capital of the Chimú Empire, founded in the 9th century in the northern coast of present-day Peru, and the largest city ever built entirely out of earth, with the purpose of disseminating and systematizing the existing body of knowledge about Chan Chan in order to encourage more nation-wide researches, which are practically nonexistent until now. The research, carried out with the support of a grant from Fapesp, being part of the initiatives of the Young Researcher Barroco-Açu Project (2021/06538-9) at the FAU-USP, aimed to outline the historical profile of the city, in parallel with a study of the authors and works that address the topic and advance researches. Thus, it seeks to highlight the importance of recognizing and valuing the cultural and architectural richness of Amerindian indigenous civilizations, as a fundamental learning tool in current times.

Keywords: Chan Chan; indigenous America; earth architecture.

Chan Chan, capital de tierra: un estudio de Arquitectura y Urbanismo por nuevas óticas

Este artículo busca abordar la historia y la historiografía de Chan Chan, la capital del Imperio Chimú, fundada en el siglo IX, en la costa norte del actual Perú y la mayor ciudad construida enteramente con tierra, con el propósito de diseminar y sistematizar el acervo de conocimiento existente acerca de la ciudad, y así, incentivar más investigaciones en ámbito nacional, prácticamente inexistentes hasta entonces. El trabajo, realizado con una beca de Fapesp y parte de las iniciativas del Proyecto Joven Investigador Barroco-Açu (2021/06538-9) en FAU-USP, tuvo como objetivo trazar el perfil histórico de la ciudad, en paralelo con un estudio de los autores y trabajos que abordan el tema y avanzan las investigaciones. Así, se busca resaltar la importancia de reconocer y valorar la riqueza cultural y arquitectónica de las civilizaciones indígenas ameríndias, como un instrumento de enseñanza fundamental a los tiempos actuales.

Palabras clave: Chan Chan; América indígena; arquitectura en tierra.

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, no estudo e ensino de História, a América indígena foi vista com pouca relevância como detentora de um passado e memória importantes de serem transmitidos em sala de aula, um espaço sempre dominado pelo eurocentrismo. Na Arquitetura essa tendência global não foi distinta, a academia pouco destaque deu ao que se fazia nas Américas, seja em quesitos formais, da configuração dos espaços projetados pelo homem, seja materialmente, dos instrumentos, técnicas e materiais utilizados para a construção arquitetônica. Pode-se igualmente dizer que por muito tempo negou-se que pudesse haver uma mentalidade própria e significativa capaz de pensar a construção e conceber o espaço de maneira diferente da que se fazia na Europa. Em outros termos, não só nas disciplinas de História, mas também em outras projetuais e técnicas, a América indígena foi – e ainda é – um campo pouquíssimo contemplado.

Cabe ressaltar que, mesmo quando arquiteturas ameríndias pré-colombianas foram estudadas, o universo acadêmico privilegiou sociedades cuja produção material do espaço habitável seguia a lógica do “Velho Mundo”, ou seja, a construção em grande escala com o uso de materiais ditos “nobres” – em especial, a pedra. Culturas cuja materialidade da produção divergia do que era vangloriado na Europa foram gradualmente deixadas de lado da História por uma aparente falta de relevância; não se entendia e pouco se buscava entender a ancestralidade dos conhecimentos e práticas destes povos. O estudo arquitetônico da América indígena – que já era ínfimo em sala de aula – não abrigava saberes tradicionais que fugiam à uma (falsa) lógica europeizada.

Dada esta problemática, surgiu, durante aulas na FAU-USP, um interesse em explorar arquiteturas tradicionais da América indígena que, apesar de sua enorme riqueza, eram pouco conhecidas e divulgadas no curso de Arquitetura e Urbanismo, mas cuja contribuição conceitual é de suma relevância no debate

acadêmico. Durante esse processo, chamou a atenção a singularidade arquitetônica e urbanística de uma cidade erguida totalmente em terra na costa norte do atual Peru, o Império dos Chimú (o Chimor) e, em específico, sua capital, Chan Chan. Em diálogo com o grupo de estudos Abya-Yala FAU: Opção Decolonial e Culturas Ameríndias na História da Arte, da Arquitetura e do Território – parte do Projeto Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), coordenado pela Profa. Dra. Renata Martins na FAU-USP –, percebeu-se a enorme pertinência e a concomitante ausência do estudo desta cidade tanto nas salas de aula de arquitetura quanto, preocupantemente, no cenário da pesquisa arquitetônica brasileira, em seus mais diversos ramos. Um assunto de tamanha importância, praticamente renegado, merecia maior destaque no cenário nacional.

Assim, pensou-se no desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica cujo objetivo seria abordar o tema visando a divulgação das pesquisas sobre Chan Chan, junto à fundamentação e organização do material existente, para que pesquisas na área pudessem surgir e crescer no Brasil, em especial, na FAU-USP. Gradualmente, percebeu-se a potencialidade dos estudos sobre arquiteturas de terra nas Américas, e o forte vínculo que poderia ser traçado entre o tema pretendido e o Projeto Jovem Pesquisador Fase 2 da Fapesp Barroco-Açu (2021/06538-9), que visa justamente pensar e repensar o estudo da América indígena sob novas perspectivas decoloniais, pondo em segundo plano um eurocentrismo norteador e privilegiando saberes, técnicas e memórias tradicionais do nosso continente numa perspectiva transdisciplinar.

Desta forma, surgiu a pesquisa intitulada “Chan Chan, de Huaca a Huachaque: fontes para o estudo da antiga capital chimú” que teve por objetivo recolher e organizar quais foram os principais autores que trabalharam o tema desde a perspectiva do relato (as mais antigas), até as pesquisas mais recentes que tinham por fim o desenvolvimento de teorias acerca de Chan Chan, seu conhecimento e mapeamento.

Durante a concepção do projeto, infelizmente não foram encontradas pesquisas em língua portuguesa que

abordassem Chan Chan no que tange à sua construção espacial e avançando nos estudos. Percebeu-se, assim, a pesquisa como ainda mais necessária e com grande potencial de alavancar outros projetos nacionais sobre cidades, arquiteturas e artes das Américas indígenas, e especificamente, acerca das construções em terra. Cabe destacar, contudo, que foram encontrados trabalhos nacionais que abarcavam o contexto chimú e sua produção, como a importante tese de doutorado intitulada “Tecnologia cerâmica chimú: estudo arqueométrico da coleção do MAE-USP”, da pesquisadora Sílvia Cunha Lima, para o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2010). Lima aborda a arquitetura de Chan Chan em sua tese, porém mais como contextualização (recorre a muitos autores trazidos aqui) que propriamente adentrando a discussão, já que seu foco estava na produção cerâmica.

Assim, apesar de relevância de tal trabalho, optou-se pelo foco em pesquisas que procuravam explorar propriamente os temas tangentes à arquitetura e ao urbanismo locais, necessários para a renovação das disciplinas de história nas faculdades brasileiras. Em suma, aqui pretende-se realizar um resumo do que foi a importante capital andina de Chan Chan e, em seguida, tratar das pesquisas realizadas sobre o tema até o momento de realização da pesquisa (2021-2023) buscando, desta forma, sua divulgação no ensino de graduação, como parte do conteúdo nas disciplinas obrigatórias e optativas de responsabilidade da Profa. Renata Martins na FAU-USP, em total consonância com os objetivos do Projeto JP2 Fapesp Barroco-Açu (2022-2027).

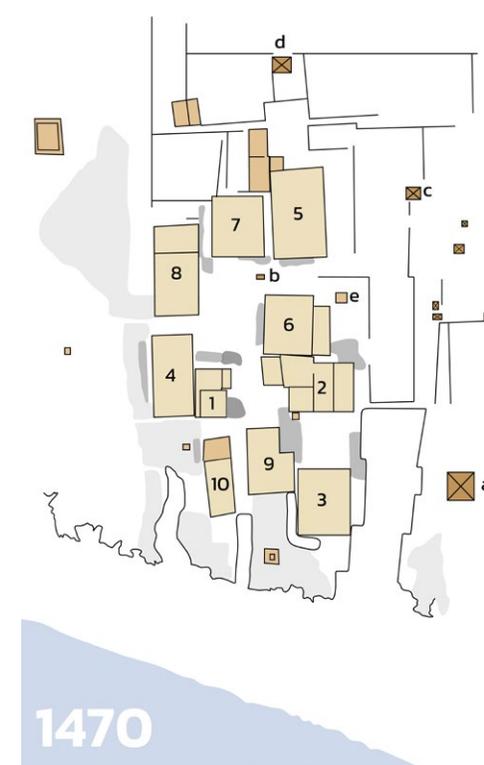
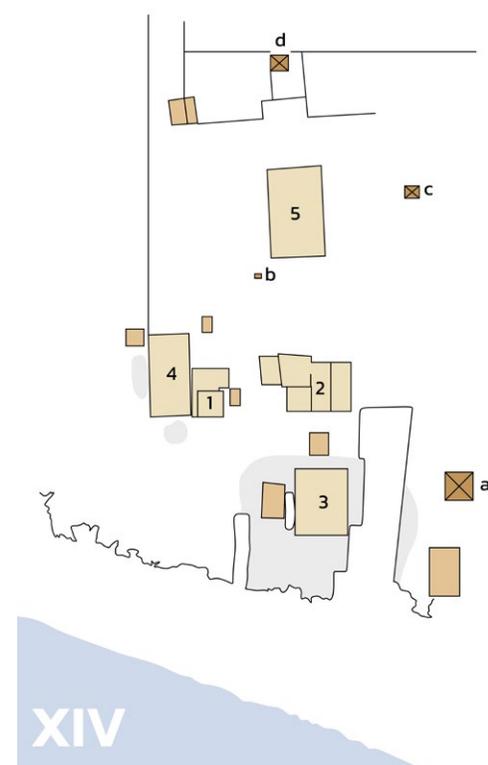
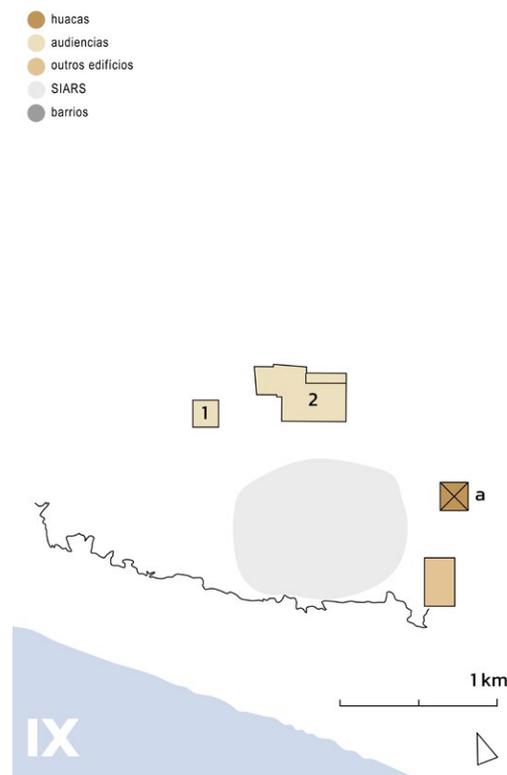
2. CHAN CHAN, DA TERRA À TERRA

Por volta do século XI emergiu, na costa norte do atual Peru, uma pequena ocupação indígena (Leyría, 2012, p.199) em uma região aberta, de fácil acesso e circulação (Moseley; Topic, 1983, p.163), a poucos quilômetros da foz do Rio Moche. Chamada de Chan Chan, a cidade carrega em seu nome o peso da arquitetura; “an”, na ancestral língua

muchik, significa “casa” e sua repetição, chan chan, “muitas casas”, um centro urbano (Lumbreras, 2020; Rengifo et al., 2020, p.9).¹ Este forte caráter chamava a atenção dos antigos povos indígenas que por ali circulavam, e assim denominaram o espaço e continuou intrigando exploradores e pesquisadores muito tempo depois de seu abandono em meados do século XVI (Kolata, 1985, p.136-137). Por mais que seu nome original, assim como a língua do povo chimú, não tenham sobrevivido, sua extensa e intrincada história de mais de cinco séculos de ocupação e crescimento deixou um legado substancial na costa andina.

Tendo ultrapassado os 20 km² de extensão (Leyría, 2012, p.199) em seu maior estágio, Chan Chan é conhecida por ser “*la ciudad de barro más grande del mundo*”.² São dezenas de mega edifícios – cada um com uma média de mais de 10 ha –, que entrelaçavam, de forma única, ambientes cerimoniais reservados e públicos, armazéns de bens perecíveis ou valiosos metais e pedras, recintos militares, centros administrativos, vivendas das mais variadas camadas sociais, diversas manufaturas, espaços para a circulação e abrigo de mercadores forasteiros (Leyría, 2012, p.202), entre inúmeras outras funções.

Os primeiros séculos do povo Chimú foram marcados por uma economia essencialmente rural e local. O primeiro assentamento surge bastante próximo ao mar, sobre um penhasco de terra que se projetava para o interior, chamado Pampa Esperanza, assim protegendo as construções dos efeitos mais diretos das águas. Apesar da aparente comodidade topográfica, o clima costeiro não era nada fácil, com grande variação pluviométrica e uma significativa escassez de fontes de água doce. O único corpo hídrico próximo e de fluxo perene era o Rio Moche, situado a 8 km de distância e cuja existência era fundamental para o desenvolvimento de qualquer tipo de vida agrária. Dada a situação ambiental, o desenvolvimento social exigia concomitante desenvolvimento de técnicas para um uso consciente e complexo das águas. Algo que maximizasse a perenidade das plantações e, ao mesmo tempo, expandisse a área infiltrável do linear Rio Moche, para um desenho mais complexo, aproveitando a água doce antes de que se misture com



o mar. Em decorrência disso, a sociedade (mesmo jovem e ainda com uma escala territorial e populacional pequena) foi capaz de realizar obras extremamente complexas de remanejamento das águas com a criação de inúmeros canais artificiais que redistribuíam as águas do rio por toda a Pampa Esperanza, tornando todo aquele território agriculturável. Tais obras monumentais foram interrompidas ao longo do desenvolvimento urbano de Chan Chan e parcialmente destruídas por algumas chuvas torrenciais ao longo dos séculos subsequentes, porém sua engenhosidade e precisão foi tamanha que até os dias atuais suas reminiscências são cruciais para muito do desenvolvimento agrícola da cidade de Trujillo (assentada próximo ao antigo centro chimú).

Por volta do século XII, segundo análises geoclimáticas e históricas nas quais se baseia o antropólogo Alan Kolata (1985, p.135), uma catástrofe provocada pelo pouco previsível El Niño estorvou de maneira definitiva a produção agrícola, levando a uma severa e prolongada escassez na qual todas as obras hidráulicas tornaram-se insuficientes para o desenvolvimento de uma sociedade plena

e autossustentável. Os chimús depararam-se com a necessidade extrema de alterar a estrutura de sua produção material de maneira a impedir que futuros climas extremos causados pudessem destruí-la. O fato de a sociedade ter conseguido reestruturar-se profundamente após o estorvo do *El Niño* permite concluir que, por si só, esse fenômeno natural não teve um impacto material tão extremo. Caso isso tivesse ocorrido, os Chimús não teriam tido fôlego e reserva material para alterar a sua base produtiva de maneira tão radical, como o fizeram. O que houve ali, mais sutil e poderosa, foi uma mudança estrutural na forma de atuar sobre o meio. A resiliência em compreender que a exploração natural tinha um limite físico intransponível, e que, cedo ou tarde, poderia ser a causa da ruína, foi o que levou à mudança basilar no pensamento chimú.

Em poucas décadas o povo Chimú passou por uma extrema reestruturação de uma economia de subsistência agrícola para outra baseada no expansionismo militar e tributário sobre populações adjacentes, todas no litoral andino. É interessante evidenciar como tal reestruturação pôde ser muito bem

compreendida a partir do estudo dos vestígios arqueológicos e principalmente arquitetônicos. Ocorre uma abrupta interrupção em quase todas as obras hidráulicas e em suas manutenções, paralela a um crescimento urbano muito acelerado marcado pela construção de espaços com fins militares e de armazenamento de espólios e tributos.

Em outras palavras, a grande receita que fluía à capital passou a alterar substancialmente os modos de vida e, conseqüentemente, de construção e ocupação do espaço urbano. Os vestígios arqueológicos e arquitetônicos evidenciam o surgimento e a consolidação de uma significativa camada social intermediária, essencialmente burocrata e ascendente economicamente, responsável pela administração dos bens e riquezas obtidos por esses tributos militares. Desde o período agrícola, Chan Chan era marcada por alguns pequenos centros amuralhados, conhecidos como *ciudadelas* (Moseley; Topic, 1983, p.160), que serviam de residência para uma pequena elite administrativa e religiosa, rodeada por construções

precárias, executadas com materiais de fácil obtenção e pouco trabalhados, pertencentes à população mais pobre, responsável pela execução das grandes obras e cultivo das terras. O que surge então são construções não amuralhadas e de menor escala, mas fruto de planejamentos detalhados e executados com materiais e técnicas de qualidade, erguidas sobre plataformas artificiais no entremeio das *ciudadelas* e das habitações de baixo padrão. Paralelo ao novo desenho urbano, as construções amuralhadas de elite começam a ganhar formas mais complexas em seu interior – mesmo mantendo o formato externo de antes. Começam a aparecer de forma muito presente estruturas de pequena escala que, vistas em planta, exibiam formato de U e ramificavam-se por toda a zona norte dos espaços amuralhados. Tais espaços continham cochos e nichos, cuja função, pelo que apontam os vestígios arqueológicos, era centralmente a de armazenamento massivo dos mais variados bens materiais, recebendo o nome de *U-shaped structures* (Andrews, 1974, p.241) ou *audiencias* (Day; Keatinge, 1973, p.275). As pesquisas viriam a



apontar que tal estrutura arquitetônica, na realidade, aparece como consequência do expansionismo militar, pouco posterior a ele.

Durante seu primeiro período histórico, Chan Chan nunca necessitou de um desenvolvimento arquitetônico especializado no armazenamento massivo de bens, justamente porque a habilidade hidráulica permitia certa perenidade na produção material e um subsequente consumo rápido. Com a mudança econômica e de subsistência estrutural, o centro urbano passa a receber cotidianamente um enorme fluxo material que exigia do espaço características pouco usadas anteriormente. Assim, a mudança social abrupta e profunda acaba sendo refletida na arquitetura, com o desenvolvimento experimental de diversos espaços que agora precisavam não somente armazenar bens perecíveis de consumo a curto e médio prazo (como alimentos e tecidos), mas igualmente a guarda e segurança de objetos de maior valor, que serviam tanto para a demonstração de poder interna e externa da elite (para sua população e para outras elites regionais), como igualmente como meio de troca e diálogo com as comunidades vizinhas. Essas *audiencias* têm uma rápida evolução e incorporação na arquitetura típica chimú e, com o passar das décadas, vão se especializando formalmente. Algo significativo evidenciado pela análise comparativa e temporal dos vestígios é justamente o processo espacial de desenvolvimento do conceito e do melhor formato de tais espaços. Se primeiramente aparecem como algo um tanto improvisado nos projetos arquitetônicos, gradualmente ganham maior ordenamento espacial, regularidade construtiva e especificação a depender dos bens que ali seriam armazenados.

Os pesquisadores Moseley e Topic (1983), baseados nos estudos de Geoffrey Conrad (1974),³ apontam que entre o século XII e meados do XIV, inúmeras reformas foram realizadas em todo o complexo. Foi então padronizada a divisão tripartite das *ciudadelas* (Moseley; Topic, 1983, p.161), citada anteriormente: um setor norte constituído de uma entrada indireta (a única de cada *ciudadela* (Rengifo et al., 2020, p.23) junto a um pátio central

ladeado por vários outros menores; um setor central que dá continuidade ao norte e apresenta um desenho em planta semelhante, com plataformas cerimoniais em seu centro; seguido de um setor sul desprovido de subdivisões em adobe, podendo conter espécies de lagos rasos artificiais *huachaqes* (Rengifo et al., 2020, p.69) ou *walk-in-wells* (Kolata, 1985, p.124) e construções feitas com materiais perecíveis que parecem ser o local do mais alto escalão chimú. Também se constrói, no início deste período, a maior e mais complexa das *ciudadelas* com a maior presença de audiências, pátios e plataformas elevadas (provavelmente para rituais), a posteriormente chamada Tush An (Gran Chimú), no nordeste da cidade, o que revela um exímio planejamento arquitetônico e urbanístico da sociedade chimú.

Cabe ressaltar que todas as grandes construções de Chan Chan foram feitas quase exclusivamente com terra, em suas variadas formas construtivas (vários tipos de adobe e apiloamento⁴). Chan Chan levou a técnica da terra aos seus limites e é hoje uma importantíssima referência. A respeito de sua datação, os principais pesquisadores da cidade afirmam que sua construção se iniciou no setor sudeste com a *Huaca*⁵ Higo e a *ciudadela* Chayahuac (Kolata, 1978, p.18) como espaços destinados a camadas mais altas da sociedade, e os arrabaldes destes sítios, em direção ao mar, ocupados pelas camadas mais baixas com um tipo construtivo cunhado como *siar*.⁶

De meados do século XIV em diante, os principais estudos tendem a concordar que houve uma estabilização das formas construtivas e da expansão urbana, realizando-se somente alterações no tecido já ocupado na parte mais antiga da cidade junto, também, a uma renovação mais demorada dos *barríos*,⁷ que parece nunca ter sido terminada (Moseley; Topic, 1983, p.162). Analisando a estrutura social e econômica da sociedade chimú, observa-se que a mudança estrutural vivida em Chan Chan, fruto de uma crise nos meios de produção, realmente permitiu a manutenção da existência daquele povo de forma menos dependente das imposições das climáticas. A curto e médio prazo, tal expansionismo militar trouxe prosperidade, porém, como é comum a meios produtivos fundamentados na expansão de seus

bens e recursos, o limite material e territorial se impôs sobre a capacidade de sua manutenção. Em outras palavras, o alicerçamento da sociedade em bens saqueados e/ou tributários, cuja manutenção exigia sempre a prospecção em um futuro com aumento de riquezas importadas, atingiu um limite espacial. Os Chimús conseguiram conquistar parte significativa da costa andina a tal ponto em que continuar a expansão nesse mesmo sentido linear requereria mais custos de transporte e controle das populações distantes do que lucros. Ao mesmo tempo, não se observou nenhuma iniciativa chimú para buscar a subida dos andes com um expansionismo militar em novas altitudes, mesmo que não se saiba ainda ao certo o motivo de tal escolha.

Atingindo assim um limite, a sociedade paralisou-se e sua abonação ficou fragilizada. Conseguiu manter-se estável interrompendo o desenvolvimento das novas obras arquitetônicas (que agora tampouco teriam função de armazenar mais bens do que já se armazenavam) e o povo Chimú conseguiu manter-se de pé por mais um século, mesmo que já de maneira decadente, pelo que apontam os vestígios arquitetônicos e arqueológicos. Assim, em meados do século XV, o surgimento expansivo do Tahuantinsuyu (conhecido como Império Inca) nas regiões mais montanhosas da cordilheira, conseguiria pôr fim ao decadente Chimor. Cabe ressaltar que muitos pesquisadores, como Kent Day e Richard Keatinge (1973, p.290), frisam que tal conquista não foi simples, sendo talvez a mais difícil enfrentada pelo Quéchuas, e cujos espólios foram muito significativos para cultura e arquitetura do império. Houve muita influência e absorção de técnicas militares e políticas chimús assim como a deportação de muitos artesãos responsáveis pelos projetos arquitetônicos para auxiliar no desenvolvimento urbano de Cusco. Na análise dos autores, muito do sucesso quéchua deveu-se justamente a essa apreensão das técnicas políticas, administrativas e militares muito bem desenvolvidas pelo Chimor durante séculos.

3. CHAN CHAN: A HISTÓRIA DA HISTÓRIA

O primeiro registro escrito sobre o Chimor do qual se tem notícia é o do autor conhecido como *Anónimo Trujillano*, de 1604,

que descreve, dentre vários assuntos, uma história das linhagens reais que governaram o império dos Chimús. Na segunda metade do século XVIII, o *obispo* de Trujillo, Baltasar Jaime Martínez Compañón, ordena a confecção de um extenso trabalho com nove volumes contando da realidade local e, nisso, mapeiam-se alguns dos espaços da abandonada Chan Chan. Mesmo sendo um dos registros mais antigos e importantes que se tem sobre o tema (Rengifo et al., 2020, p.29), cabe salientar que este já era muito posterior à real ocupação da cidade de Chan Chan, abandonada duzentos anos antes.

Em meados do século XIX emergem alguns exploradores interessados em entender aquelas ruínas, preparando terreno, quase literalmente, para os primeiros estudos acadêmicos de Chan Chan que ocorreriam no alvorecer do século seguinte. Segundo Kolata (1978), entre estes exploradores destacam-se Mariano Rivero e Jakob von Tschudi, que registraram incontáveis objetos encontrados em Chan Chan, mapearam as duas *ciudadelas* cujos nomes viriam a homenageá-los décadas mais tarde e formularam primeiras teorias históricas e de ocupação não só da capital chimú, mas também de outros sítios já conhecidos. Outros importantes nomes foram Ephraim Squier (1877) e Adolf Bandelier (1896), que mapearam outras *ciudadelas*, fazendo escavações pontuais e estudos teóricos.⁸

Nas primeiras décadas do século XX as pesquisas se intensificaram. Em uma primeira leva despontam Max Uhle, José Kimmich, Philip Means, Wendell Bennett, Hans Horkheimer e John Rowe. Este último faz um extenso trabalho sobre as obras coloniais, lançando luz sobre todo um vasto campo de estudo comparativo entre achados arqueológicos, mapas e documentos escritos (Rengifo, 2020; Rengifo et al., 2020, p.38). Em 1952 o Estado peruano reconhece o plano oficial da Cidade Arqueológica de Chan Chan segundo os levantamentos de Emilio González (Rengifo, 2020; Rengifo et al., 2020, p.35) e a partir daí se iniciam projetos de pesquisa com proporções maiores e mais sistematizados. Entre 1969 e 1975, ocorre o importante supracitado *Chan Chan Moche Valley Project*, da Universidade de Harvard, cujos efeitos influenciaram todos os estudos subsequentes e reverberam até hoje. Os pesquisadores fundamentais



para esta iniciação científica foram parte ou beberam diretamente da fonte desta extensa exploração, sendo eles: Alan Kolata, Anthony Andrews, Alexandra Klymyshyn, Carol Mackey, Geoffrey Conrad, Jerry Moore, John Topic, Kent Day, Michael Moseley, entre outros. Alguns livros de grande destaque publicados por tais pesquisadores são: *Chan Chan, Metrópoli Chimú (1980)*, editado por Rogger Ravines; *Chan Chan Andean Desert City (1982)*, editado por Kent Day e Michael Moseley; e *The Northern Dynasties Kingship and Statecraft in Chimor (1990)*, editado algum tempo mais tarde por Michael Moseley e Alana Cordy-Collins.

Com todos estes projetos, Chan Chan é declarada Patrimônio da Humanidade em Perigo pela Unesco em 1985. Após este *boom* no estudo arqueológico e histórico de Chan Chan, principalmente de pesquisadores estadunidenses, os anos 1990 foram marcados por projetos de conservação e restauração do espaço já estudado, com diminuição das investigações teóricas. Também surgiram (e vêm surgindo) uma série de profissionais latino-americanos interessados em entender mais de seu passado junto a outros internacionais, tanto no contexto mais amplo da cultura andina quanto, em específico, da história do Chimor. Entre estes autores, destacam-se: Luis Guillermo Lumbreras, Luis Millones, Jorge Enrique Hardoy, Mónica Leyría, Cristóbal Campana, Joe Piekarski e Masato Sakai.

Em dezembro de 2006 o governo peruano criou o *Proyecto Especial Complejo Arqueológico de Chan Chan* (Pecach). Este buscou primeiro a preservação arquitetônica, mas de pronto passou a realizar novas escavações e zelar pela conservação dos objetos arqueológicos que Chan Chan ainda guardava. Entretanto, não parece haver ainda muitos estudos históricos e antropológicos sobre aquilo que se encontra, se comparado à efervescência das pesquisas nas décadas de 1970 e 1980.

4. RESULTADOS: O QUE TEMOS A APRENDER

O estudo da sociedade andina dos Chimú está intrinsecamente atrelado à sua arquitetura; da mesma forma que a compreensão da arquitetura é fundamental para pensar sua sociedade.

A Iniciação Científica buscava facilitar e incentivar que o centro urbano de Chan Chan, iniciado no século IX, e desde 1985 patrimônio mundial pela Unesco, fosse estudado em sala de aula e igualmente pesquisado, ampliando o repertório acadêmico nacional e buscando pensar novas formas de fazer arquitetura no Brasil e na América Latina. Entender como se organizava espacialmente este povo ultrapassa o campo urbanístico e arquitetônico e se torna uma forma de entender as possíveis maneiras de estar e pensar o espaço de uma sociedade anterior a qualquer contato com o Ocidente. O Chimor, assim como outros grandes povos, deve ser inserido em sala de aula, não só para repensar a História da Arquitetura e do Urbanismo, como igualmente construir um presente no qual sociedades e técnicas ancestrais tornam-se referências e guias para a construção de um futuro melhor e adaptado às necessidades impostas pelo ambiente.

A Iniciação Científica realizada já alcançou bons frutos desde sua finalização, tendo conseguido reunir de maneira satisfatória os principais autores e trabalhos do tema, apresentando-os de forma clara e organizada para que estudos futuros em território nacional sobre os Chimú tenham bons alicerces para se desenvolver. A pesquisa foi apresentada em Seminário de Graduação na FAU-USP e parte de sua bibliografia está sendo inserida no material bibliográfico básico de disciplinas obrigatórias e optativas de História da Arquitetura, da Arte e do Urbanismo de responsabilidade da Profa. Renata Martins. Igualmente, sempre em diálogo com os objetivos do Projeto JP2 da Fapesp Barroco-Açu.

NOTAS

- Contudo, não existe consenso quanto a esta etimologia, havendo debates recentes sobre a questão (Urban, 2017).
- A maior cidade de barro do mundo. (Butters, 2020; Rengifo et al., 2020, p.12, tradução nossa)
- Em 1974, Geoffrey Conrad realiza um estudo sobre remanescentes arquitetônicos cerimoniais na costa norte do Peru, buscando compreender como os espaços construídos explicariam os movimentos políticos durante o reinado dos Chimús. Esta metodologia de estudo baseada na observação arqueológica dos vestígios arquitetônicos transformaria-se em estratégia crucial para o desenvolvimento das grandes pesquisas subsequentes.

4. Apiloamento: compactação de terra com uso de moldes laterais para a construção de muros e paredes exclusivamente desse material.

5. "Em Comentarios Reales de los Incas (1608), Garcilaso de la Vega descreve a huaca como 'uma coisa sagrada' [...]. Hoje o termo huaca é atribuído aos montículos artificiais construídos pelos povos andinos em tempos pré-hispânicos, cuja função de templo ou estrutura funerária pode ser certificada pelas incontáveis tumbas e oferendas escavadas neles." (Arcuri, 2009, p.38).

6. "Small Irregular Agglutinated Rooms" [quartos pequenos, irregulares e aglutinados] (Kolata, 1978, p.51, tradução nossa).

7. O termo "barrio", de origem castelhana, é utilizado na literatura em inglês sobre o tema para designar as áreas da cidade destinadas às classes mais baixas. Já aparece nos estudos de Ephraim Squier (1877, p.458) fazendo referência às zonas de Cuzco e é utilizada por Kolata (1978), Moseley e Topic (1983), entre outros, para o caso de Chan Chan. O termo aparece junto ao tipo construtivo *siar*, referenciado anteriormente.

8. Tanto Rivero e Tschudi quanto Squier e Bandelier foram homenageados na alcunha de algumas das *ciudadelas*. Em 2006, porém, o Instituto Nacional de Cultura renomeou todas com vocábulos da língua indígena local que descrevem cada ambiente (Los Palacios del Complejo Arqueológico de Chan Chan, 2016), desta forma as *ciudadelas* citadas passaram a se chamar, respectivamente: Chol An, Nik An, Fochic An e *Ñain An*.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, Anthony. The U-Shaped Structures at Chan Chan, Peru. **Journal of Field Archaeology**, v.1, n.3/4, 1974, p.241-264. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/529293>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ARCURI, Marcia. O Tahuantinsuyu e o Poder das Huacas nas Relações entre Centro x Periferia de Cusco. **Revista do Museu de Antropologia e Etnologia**, São Paulo, 2009, p.37-51. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/view/113507>. Acesso em: 19 jul. 2023.

CHAN CHAN CELEBRA 25 AÑOS. La República, Peru, 28 nov. 2011. **Sociedad**. Disponível em: <https://larepublica.pe/sociedad/593701-chan-chan-celebra-25-anos>. Acesso em: 14 set. 2023.

CHAWALES, Felipe. **Chan Chan, de Huaca a Huachaque**: fontes para o estudo da antiga capital Chimú. Iniciação Científica. São Paulo: FAU-USP/Fapesp, 2023.

CONRAD, Geoffrey. **Burial platforms and related structures on the north coast of Peru**: some social and political implications. 1974. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Harvard, Cambridge, 1974.

DAY, Kent; KEATINGE, Richard. Socio-economic organization of the Moche Valley, Peru, during the Chimu occupation of Chan Chan. **Journal of Anthropological Research**, New Mexico, v.29, n.4, 1973, p.275–295. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3629879>. Acesso em: 23 set. 2023.

KOLATA, Alan. **Chan Chan**: the form of the city in time. 1978. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts, 1978.

KOLATA, Alan. **The urban concept of Chan Chan**, 1985. In: The Northern Dynasties: Kingship and Statecraft in Chimor: A Symposium at Dumbarton Oaks, University of Chicago, Chicago, 1990, p.107-144. Disponível em: <https://d3qioqp55mx5f5.cloudfront.net/anthropology/images/faculty/zTheUrbanConceptOfChanChan.pdf?mtime=1447082262>. Acesso em: 21 set. 2023.

LEYRÍA, Mónica. Arquitectura popular en Chan Chan. **Interculturalidad y Ciencias: experiencias desde América Latina**, Centro de Investigaciones Precolombinas, Universidad Nacional de Rosario, Argentina, 2012, p.199-206. Disponível em: https://www.academia.edu/40232431/ARQUITECTURA_POPULAR_EN_CHAN_CHAN_-_Leyria. Acesso em: 10 jul. 2023.

LOS PALACIOS DEL COMPLEJO ARQUEOLÓGICO DE CHAN CHAN. **Arqueología del Perú**, Peru, 2016. Disponível em: <https://arqueologiadelperu.com/los-palacios-del-complejo-arqueologico-chan-chan>. Acesso em: 20 maio 2023.

MEANS, Philip. **Ancient Civilizations of the Andes**. Nova York: Charles Scribner's Sons First Edition, 1931.

MOORE, Jerry. Pattern and meaning in prehistoric peruvian architecture: the architecture of social control in the Chimu State. **Latin American Antiquity**, v.3, n. 2, 1992, p.95-113. Disponível em: www.jstor.org/stable/971938. Acesso em: 25 ago. 2023.

MOSELEY, Michael; TOPIC, John. Chan Chan: a case study of urban change in Peru. **Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology**, n.21, 1983, p.153-182. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27977764>. Acesso em: 25 set. 2023.

PUEBLO CONTINENTE: REVISTA OFICIAL DE LA UNIVERSIDAD PRIVADA ANTENOR ORREGO. **Especial: Chan Chan**. Trujillo, Perú: Ediciones Carolina, v.21, n.1, 2010, p.8-125. Semestral. ISSN: 1991-5837. Disponível em: <http://journal.upao.edu.pe/PuebloContinente/issue/view/35>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RENGIFO, Carlos (ed.). **Chan Chan**: esplendor y legado. Trujillo, Peru: Pecach/Ministerio de Cultura del Perú, 2020. Disponível em: https://issuu.com/ddclalibertad/docs/chan_chan_esplendor_y_legado. Acesso em: 20 jul. 2023.

RIVERO, Mariano Eduardo de; TSCHUDI, Juan Diego de. **Antigüedades Peruanas**. Viena: Imprenta Imperial de la Corte y del Estado. 1851. Disponível em: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=469741>. Acesso em: 24 set. 2023.

SQUIER, Ephraim George. **Peru Illustrated**: incidents of travel and exploration in the land of the Incas. Nova York: Hurst & Company Publishers, 1877. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=gri.ark:/13960/t42r55m8o&view=1up&seq=52&skin=2021>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TOPIC, John. From stewards to bureaucrats: architecture and information flow at Chan Chan, Peru. **Latin American Antiquity**, v.14, n.3, 2003, p.243-274. Disponível em: www.jstor.org/stable/3557559. Acesso em: 26 ago. 2023.

UHLE, Max. **Las ruinas de Moche (1915)**. 1. ed. Lima, Peru: Fondo Editorial/Pontificia Universidad Católica del Perú, 2014. Disponível em: <https://www.scribd.com/book/293593586/Las-ruinas-de-Moche>. Acesso em: 20 jul. 2023.

UNESCO. **Chan Chan archaeological zone**. International Council on Monuments and Sites, 29 jul. 1985. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/366/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

URBAN, Matthias. **Observaciones Etimológicas acerca del Nombre de la Ciudad Antigua de Chan Chan y sus Estructuras Arquitectónicas**. Universität Tübingen, Alemanha. In: Letras, Revista de Investigación de la Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru, v. 88, 2017, n. 128, p. 126–148.

WEST, Michael. Community settlement patterns in Chan Chan, Peru. **American Antiquity**, Cambridge University Press, v.35, n.1, 1970, p.74-86. Disponível em: www.jstor.org/stable/278179. Acesso em: 26 set. 2023.

SOBRE O AUTOR

Felipe Chaweles, aluno de graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Artigo fruto de pesquisa de Iniciação Científica realizada com apoio Fapesp, inserido no grupo de pesquisa Projeto Jovem Pesquisador Barroco-Açu da Fapesp (2021/06538-9), realizada entre 2021 e 2023.

chaweles@usp.br

XVI Jornada de Iniciação Científica

Comissão científica: Profa. Dra. Carolina Heldt D'Almeida; Profa. Ms. Deborah Sandes de Almeida; Prof. Ms. Amanda Silber; Profa. Dra. Marta Lagreca; Prof. Ms. Fabricio Forganis; Profa. Ms. Danielle Dias; Profa. Dra. Marianna Al Assal; Profa. Ms. Maira Rios; Profa. Dra. Monica Dolce; Prof. Dr. José Maria Macedo; Bruna Bonfim; Victor Salgado; Dris Van Steen.

Promovida anualmente pela Escola da Cidade desde 2009, a Jornada de Iniciação Científica chegou à sua XVI edição. Proposta como oportunidade de difusão de pesquisas desenvolvidas no âmbito de cursos de graduação e idealizada como espaço prolífico de debate, evidenciando as múltiplas possibilidades assumidas pela pesquisa nos vários campos de investigação da arquitetura e urbanismo, seus objetivos vem sendo alcançados e suas expectativas superadas na medida em que, a cada ano, ampliam-se a abrangência e diversidade da pesquisas e pesquisadores envolvidos.

Nesta edição, apesar da possibilidade de mantermos o evento remoto, com mesas presenciais e remotas sendo ambas com difusão on line, é uma satisfação reconhecer que o amplo interesse dos estudantes é de realizar suas apresentações presenciais, mesmo para muitos que se deslocaram até São Paulo para realizar um debate intenso nos dias da jornada, fomentando o debate e o processo de pesquisa e formação científica.

A XVI Jornada de Iniciação Científica foi organizada com 17 mesas entre os dias 12 e 14 de maio, reunindo cerca de 78 pesquisas de alunos de graduação. Serão 12 mesas presenciais e 05 mesas remotas. Foram recebidos cerca de 90 trabalhos, que passaram por um processo rigoroso de avaliação pela Comissão Científica do evento, responsável pela organização das mesas e composição dos mediadores, professores da Escola da Cidade, e debatedores do evento, professores e profissionais de destaque em seus campos de atuação.

A princípio, a partir das pesquisas desenvolvidas pelo corpo discente da Escola

da Cidade, nas duas frentes de trabalho praticadas – pesquisa experimental e iniciação científica –, e considerando questões prementes no presente contexto da produção do espaço urbano, em particular derivadas das mudanças geopolíticas e climáticas e seus reflexos, foram elencados seis eixos temáticos para articular os temas e favorecer a submissão das pesquisas de alunos de graduação de toda a América Latina: Cidades e paisagens em transformação; Território, corpo e diversidade; Historiografia, fontes e registros; Linguagens e representações; Tecnologia, desenho e construção; Projeto, ensino e pesquisa. Considerando a quantidade, qualidade e variedade dos objetos e métodos trabalhados nas diversas pesquisas aprovadas, a proposição de mesas, visando promover o melhor espaço de debates e aprofundamento temático entre pesquisadores e especialistas, se organizou da seguinte forma: Marcos regulatórios e política urbana; Espaços da infraestrutura urbana; Produção e gestão da política habitacional; Cidades e paisagens em transformação; Projeto de arquitetura latino-americano; Tecnologia, desenho e construção; Paisagens do patrimônio cultural e espaços livres públicos; Arquitetura moderna em foco: avanços, limites e desafios; educação, currículo e formação; Culturas arquitetônicas e paisagens andinas; Processo, técnica e materialidades; Corpo e território; Territorialidades contra-hegemônicas; Escalas e problemas de projeto na arquitetura e cidade na transição do século XIX e XX; Representações e imaginários entre identidade e território; Território, corpo e diversidade; Historiografia, fontes e registros.

A mesa de encerramento do evento acontece dia 14 de maio em conjunto com o Seminário de Realidade Contemporânea, com a participação de Carolina Leme para a palestra "Sustentabilidade na arquitetura". Carolina é Sócia fundadora do Studio Symbios, arquiteta formada pela FAU-USP, e busca pela junção da prática e teoria implementar estratégias bioclimáticas voltadas à qualidade ambiental, eficiência energética e bem-estar em projeto de arquitetura e gerenciamento.

Através desta comissão, mas também de setores diversos da Escola da Cidade foi possível organizar mais uma Jornada de Iniciação Científica com a participação de estudantes e professores de diversas instituições de ensino dentro e fora do país. A essa ampla rede de colaboradores da Escola da Cidade e de outras instituições, nosso profundo agradecimento.

Programação e resumos dos trabalhos

MESA 1

MARCOS REGULATÓRIOS E POLÍTICA URBANA

Coordenação: Prof. Ms. Mario Reali (EC)
Comentário: Profa. Dra. Tereza Herling (FAU-Mack)

1. Regulação urbana e produção imobiliária na Zona Nordeste da cidade de São Paulo: cartografias, tipologias e produtores do segmento econômico

Luiza Hespanhol (Faud-USP)

orientação: Profa. Dra. Paula Freire Santoro (Faud-USP)

2. Planos de Bairro em São Paulo: histórico, institucionalidades e regulação

Gabriel Dornelas Cantuário Silva (Faud-USP)

orientação: Profa. Dra. Paula Freire Santoro (Faud-USP)

3. A mobilização do antivalor na metropolização da ferrovia: da criação da CPTM à privatização das linhas 8 e 9

Nicolas Rodrigues Sarracino (Faud-USP)

orientação: Profa. Dra. Maria Beatriz Cruz Rufino (Faud-USP)

4. Despossessão e reestruturação urbana em São Paulo: remoções e deslocamentos forçados sob a racionalidade econômico-financeira dos PIUS

Lara Araujo Giacomini (Faud-USP)

orientação: Profa. Dra. Raquel Rolnik (Faud-USP)

1. Regulação urbana e produção imobiliária na Zona Nordeste da cidade de São Paulo: cartografias, tipologias e produtores do segmento econômico

Este trabalho é uma síntese da pesquisa em andamento sobre a produção habitacional na Zona Norte de São Paulo. Inicialmente, a pesquisa se debruçou sobre a Zona Nordeste (Norte 1) do município e acabou se expandindo para a porção Noroeste (Norte 2), relacionando a dinâmica imobiliária e a regulação urbana incidente. Em um contexto de dinamismo imobiliário financeirizado, o estudo da Zona Norte de São Paulo evidencia as formas de produção imobiliária, agentes e produtos e sua relação com a regulação urbana e zoneamentos que concentram processos de reestruturação urbana. A metodologia

consistiu em revisão teórica, periodização dos ciclos de produção imobiliária, análises e cartografias dos lançamentos imobiliários, visitas de campo e entrevistas. Encontrados a campo, apresenta três padrões de produção imobiliária: 1) adensamento construído, vertical, com produtores locais de médio porte em eixo; 2) adensamento construído, vertical, em grande escala, com produtores nacionais, financeirizados em áreas periféricas e Zeis; 3) pouco adensada e vertical, com produtores locais e dispersa. A pesquisa aponta permanências de uma produção rentista não financeirizada em localidades pontuais em coexistência com uma dinâmica hegemônica de produção habitacional financeirizada. Este trabalho revela uma diversidade no circuito imobiliário atuante em uma das periferias de São Paulo, expandindo a possibilidade de análise mais profundas da produção habitacional em recortes geográficos específicos.

2. Planos de Bairro em São Paulo: histórico, institucionalidades e regulação

Esta pesquisa de Iniciação Científica faz parte de uma pesquisa mais ampla que visa criar um instrumento de apoio e fomento ao desenvolvimento de Planos de Bairro no município de São Paulo. O objetivo é desenvolver o estudo e a sistematização de propostas teóricas e históricas de Planos de Bairro, bem como das estruturas institucionais e do arcabouço regulatório, contribuindo com insumos que servirão de base para o processo de desenvolvimento do instrumento. Como método, foi feita uma leitura analítica de como o tema Planos de Bairro foi abordado no que chamamos de conjuntos regulatórios, abrangendo o Plano Diretor Estratégico (PDE) e a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS), a respeito de seu conteúdo, objetivos, métodos de elaboração e estrutura institucional. Paralelamente, foi feita uma análise da trajetória histórica do tema de Planos de Bairro no município de São Paulo a partir de documentos, artigos e da reunião e sistematização das iniciativas de Planos

de Bairro e experiências de intervenção em escala local ou de bairro realizadas no município. Como resultados, encontramos agrupamentos temáticos que oscilam entre planos que visam incidência no debate público ou organizados por conteúdos setoriais (urbanísticos, habitacionais, ambientais, de mobilidade, por exemplo), além de experimentações associadas aos equipamentos escolares. Com a pesquisa em andamento, as atividades específicas desta IC envolvem entrevistas com acadêmicos, gestores e participantes de Planos de Bairro, em busca de histórias destas experiências e do debate sobre o conceito, o processo e a regulação de Planos de Bairros. Serão desenvolvidas ainda oficinas participativas, além de uma proposta de instrumento orientativo para Planos de Bairro. Além disso, pretendemos, por meio de entrevistas com especialistas e planejadores de bairro, qualificar e aprimorar as análises reunidas até agora.

3. A mobilização do antivalor na metropolização da ferrovia: da criação da CPTM à privatização das linhas 8 e 9

As dinâmicas de privatização que atingem a política urbana recente acabam por reconfigurar a produção de infraestruturas nas cidades. A pesquisa busca compreender como a histórica centralidade do Estado é transformada a partir dos processos de neoliberalização econômica. Com foco na RMS, o estudo explora a relação entre a privatização de partes da malha metroferroviária e os investimentos através de um "capital desvalorizado" ou "antivalor". Observa-se que a ferrovia se torna objeto de acumulação fictícia que capitaliza ganhos futuros no presente, fazendo parte de um processo ampliado de metropolização. A metodologia incluiu revisão teórica sobre produção e reprodução do espaço urbano, na qual se destacam Francisco de Oliveira, David Harvey e Sandra Lencioni. O estudo de caso abordou o desenvolvimento da CPTM e a concessão das linhas 8 e 9 à ViaMobilidade, utilizando dados primários, como relatórios da CPTM e Pesquisa OD, e secundários, sobre o transporte metroferroviário, articulando teoria e investigação empírica. A revisão bibliográfica consolidou a análise de conceitos da economia política, como capital fixo e condições gerais de produção. O estudo ampliou a compreensão dos serviços

urbanos na América Latina e os processos de urbanização. A articulação entre Estado e economia revelou a centralidade do fundo público na produção de infraestruturas. Analisou-se a formação histórica da malha ferroviária da RMS e seu papel na ocupação urbana, passando da produção cafeeira à industrialização, culminando na criação da CPTM. O estudo sistematizou o contexto político-econômico da companhia entre 1992 e 2023, evidenciando mudanças na gestão pública, expansão e modernização da rede. A CPTM passou por três fases: estruturação, consolidação e expansão. A última década marcou a fragmentação da rede para viabilizar concessões, fortalecendo ideais privatistas e transformando serviços em mercadorias. O financiamento privado passou a orientar o desenvolvimento, indicando uma reestruturação da mobilidade em paralelo à reorganização da metrópole.

4. Despossessão e reestruturação urbana em São Paulo: remoções e deslocamentos forçados sob a racionalidade econômico-financeira dos PIUs

Esta pesquisa, vinculada ao Observatório de Remoções (OR) e orientada pela Profa. Dra. Raquel Rolnik, investiga a relação entre políticas de reestruturação urbana e a insegurança habitacional em São Paulo, com foco no Projeto de Intervenção Urbana Setor Central (PIU-SCE). A partir da análise desse recorte territorial, buscou-se compreender a modelagem econômico-financeira do projeto para averiguar os impactos de seus incentivos fiscais e imobiliários sobre o número de despejos por falta de pagamento de aluguel e outros processos de remoção na região, mediante o fomento de dinâmicas especulativas. Para cumprir o seu objetivo, a pesquisa apoiou-se em 1) uma revisão bibliográfica dos projetos de reestruturação urbana em São Paulo, com o foco na região central; 2) um acompanhamento do PIU-SCE; 3) um mapeamento contínuo das remoções, despejos e dinâmicas imobiliárias no perímetro de análise; e 4) um acompanhamento próximo das dinâmicas socioespaciais em curso em Campos Elíseos, território abarcado pela Área de Intervenção Urbana do PIU-SCE. Ao mapear esses processos, também se buscou dar visibilidade às populações e comunidades afetadas por deslocamentos forçados na região central.

MESA 2

ESPAÇOS DA INFRAESTRUTURA URBANA

Coordenação: Prof. Ms. Pedro Vada (EC)
Comentário: Prof. Dr. Pedro Sales (EC)

1. Estrada de Ferro Sapucaí: o patrimônio ferroviário em municípios de pequeno porte

Larissa de Sousa Barbosa (PUC-Campinas)
orientação: Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Schicchi (Posurb-Arq E PUC-Campinas)

2. A preservação do patrimônio industrial na cidade de Campinas e o bairro Vila Industrial: um estudo de caso

Gabriela Machado de Oliveira (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl (Faud-USP)

3. Guadalupe, espaço infraestrutural: imaginando a centralidade a partir do Terminal Metropolitano de Curitiba

Christian Ferreira de Oliveira (UFPR)
orientação: Prof. Dr. Marcelo Caetano Andreoli (UFPR)

4. Patrimônio e sustentabilidade no centro histórico sorocabano: análise da significância arquitetônica e urbana do Teatro São Rafael enquanto objeto apto à reutilização adaptativa

José Inácio de Deus Almeida; Manuella Botelho Assis de Lara; Mariana Vieira Antunes (Centro Universitário Facens)

orientação: Prof. Ms. Gustavo Soares

1. Estrada de Ferro Sapucaí: o patrimônio ferroviário em municípios de pequeno porte

A pesquisa propõe uma análise do estado atual do patrimônio ferroviário de três cidades da Região Sul-Mineira, atravessadas pela Estrada de Ferro Sapucaí: Santa Rita do Sapucaí, Ouro Fino e Jacutinga, tendo como objetos de estudo as estações ferroviárias principais localizadas nestas cidades. O objetivo principal é levantar o estado atual das estações e discutir a gestão do patrimônio ferroviário remanescente, a partir da análise das ações de preservação cultural, propostas ou implantadas nas três cidades. Para tal, pretende-se compreender a história da formação das cidades a partir da implantação da ferrovia, levantar o estado de conservação das três estações – analisar planos, programas, projetos e leis de preservação e urbanísticas propostas e/ou implantadas – e discutir instrumentos de preservação de conjunto. A metodologia se divide em três etapas: método histórico-crítico, método empírico e, por fim, análise

dos dados a partir do cruzamento dos documentos, legislação e bibliografia compulsada sobre as estações e conjuntos, além de uma análise comparativa sobre as ações de preservação e gestão das três estações. Como resultado espera-se construir um quadro de referência destas ações para a reflexão sobre os problemas e desafios da gestão em cidades de pequeno porte, além da discussão e conclusão sobre quais instrumentos de preservação e gestão podem ser mais apropriados à preservação do patrimônio cultural local. Nesse estágio da pesquisa, concentrou-se na contextualização histórica das estações ferroviárias e nas transformações ocorridas em suas áreas de entorno que culminaram na paisagem urbana atual, a partir de mudanças de uso e apropriação dos espaços.

2. A preservação do patrimônio industrial na cidade de Campinas e o bairro Vila Industrial: um estudo de caso

A pesquisa tem por tema a preservação do patrimônio industrial na cidade de Campinas, tomando como objeto de estudo o conjunto arquitetônico e urbano construído no bairro Vila Industrial entre o fim do século XIX e início do século XX. Com o objetivo de evidenciar os valores histórico, cultural e social do bairro, testemunho de um passado de transformações econômicas e políticas – assim como da manutenção de um determinado modo de ocupar e se relacionar com a cidade e seu espaço –, buscou-se reconstituir a paisagem industrial e urbana da Vila Industrial, de maneira a considerar seus aspectos materiais e imateriais. A investigação partiu, portanto, do reconhecimento dos remanescentes industriais ali conformados e de registros do cotidiano local obtidos em relatos e documentos históricos, entendidos como parte de um processo de ocupação desigual e segregatória do espaço. Esta aproximação torna-se fundamental na medida em que resgata a identidade do lugar que, desde o fim do século XIX, passou a abrigar tudo que era considerado insalubre, malvisto ou anti-higiénico para a cidade. Assim, reforça-se a importância da preservação do seu patrimônio industrial enquanto detentor de grande valor histórico e cultural, representativo das transformações nas relações de produção do final do século XIX, dos impactos da chegada da ferrovia

e da indústria na configuração do espaço urbano, bem como da memória operária de Campinas. Assim, a pesquisa pretende discutir caminhos para que os bens culturais abrigados na Vila Industrial sejam efetivamente preservados, fundamentando-se em um debate teórico capaz de subsidiar ações de intervenção conscientes e que respeite os elementos caracterizadores dos artefatos, dispondo os princípios teóricos e metodológicos da restauração como base para o enfrentamento das questões envolvidas na preservação do patrimônio industrial, inserindo-a no contexto dos debates contemporâneos e dos documentos internacionais sobre o tema.

3. Guadalupe, espaço infraestrutural: imaginando a centralidade a partir do Terminal Metropolitano de Curitiba

Na economia capitalista, a arquitetura é o instrumento que viabiliza a produção da mercadoria da construção, instrumentalizando a produção do espaço urbano para o capital. Nesse quadro, a cidade e suas construções já não configuram produtos culturais, tanto por serem pensadas como mercadorias quanto por sua arquitetura corresponder a qualquer desígnio útil à produção de valor. Não é mais o espaço construído típico, portanto, que define a experiência contemporânea, mas sim o próprio espaço do capital: o urbano produtivo e aquilo que o constitui, suas infraestruturas. Mobilizando enormes contingentes humanos, as infraestruturas deslocam para si a esfera social do antigo ambiente construído, figurando como os grandes espaços coletivos compulsórios da cidade, agregando significativo teor político e evidenciando uma escala ótima em que pese a capacidade da arquitetura de modular a vida urbana. Este trabalho, realizado em duas fases como Trabalho Final de Graduação, buscou elaborar como essas contradições podem subsidiar um entendimento que viabilize, por meio de projeto, a concepção de alternativas aos espaços infraestruturais conhecidos, mais especificamente, aquele que define o Centro de Curitiba, o Terminal Metropolitano Guadalupe. Num primeiro momento de elaboração monográfica, foram criticamente avaliadas as condições da arquitetura sob marcos teóricos como a

economia política e a teoria crítica urbana, assim como levantadas características do território infraestrutural tratado. Já na fase seguinte, projetual, buscou-se superar a infraestrutura em sua função mínima (transporte) por meio da associação de propostas. A partir de um sistema Terminal-Praça-Edifício, os três artefatos propostos reorientam a infraestrutura na cidade para a qualificação da vida urbana em sua diversidade. Assim o projeto se sujeita a imaginar uma realidade outra: reconfigurando o Guadalupe a partir do terminal, mas também para além dele, preparando o espaço infraestrutural para compreender, afora os devires metropolitanos, práticas cotidianas, fazeres comuns e políticas do ser.

4. Patrimônio e sustentabilidade no centro histórico sorocabano: análise da significância arquitetônica e urbana do Teatro São Rafael como objeto apto à reutilização adaptativa

A pesquisa sobre o Teatro São Rafael, em Sorocaba, propõe-se como um estudo de natureza historiográfica, que investiga as múltiplas camadas documentais, simbólicas e materiais de um patrimônio arquitetônico de significativa relevância urbana. O trabalho não se restringe a um recorte temporal específico, permitindo leituras que abrangem desde a fundação do teatro, em 1844, até seus usos contemporâneos como sede da Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba (Fundec). Com base em ampla análise documental, que inclui jornais de época, entrevistas orais, fontes acadêmicas e arquivos públicos, que possibilitaram a reconstrução da trajetória do edifício e suas transformações ao longo do tempo, a investigação problematiza os usos e reutilizações do edifício, abordando sua trajetória conflituosa, marcada por disputas políticas, apropriações simbólicas e adaptações funcionais. O estudo insere-se no debate contemporâneo sobre a produção do espaço urbano, ao dialogar com conceitos como reutilização adaptativa, sustentabilidade patrimonial e identidade coletiva. Assim, contribui para ampliar os horizontes metodológicos das pesquisas históricas sobre o ambiente construído, promovendo uma leitura crítica da memória urbana e dos processos de formação do patrimônio construído. A

análise indica que o Teatro São Rafael se mantém como um elemento significativo no centro histórico de Sorocaba, promovendo acesso à cultura e fortalecendo a identidade da cidade. Entende-se, portanto, que sua trajetória evidencia a importância da conservação ativa do patrimônio, considerando aspectos funcionais e ambientais. Dessa forma, o estudo reforça a necessidade de políticas públicas e incentivos para a manutenção de edifícios históricos, garantindo sua integração ao contexto urbano contemporâneo e seu impacto positivo na comunidade.

MESA 3 PRODUÇÃO E GESTÃO DA POLÍTICA HABITACIONAL

Coordenação: Profa. Ms. Amanda Silber (EC)
Comentário: Prof. Dr. Jorge Bassani (Faud-USP)

1. Da ocupação à moradia: MTST e programa MCMV faixa 1

Brenda Narime Takara e Leticia Araújo da Silva (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Maria de Lourdes Zuquim (Faud-USP)

2. Discursos em torno do conceito de habitação como serviço na política pública

Gabriela Prado Filipe (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Paula Freire Santoro (Faud-USP)

3. Moradias industriais do século XIX: Society for Improving the Condition of the Labouring Classes e suas propriedades

Julia da Costa Aguiar (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Renato Cymbalista (Faud-USP)

1. Da ocupação à moradia: MTST e programa MCMV faixa 1

Esse projeto de iniciação científica se propõe a investigar a influência do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) na elaboração de programas de moradia por parte do poder público, articulando diferentes perspectivas que dificultam o acesso aos programas públicos e às HIS, focando na questão do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e sua relação com o MTST. O objetivo é compreender o processo de aquisição de moradia por parte dos trabalhadores organizados do MTST, desde a ocupação até a formalização em HIS, além disso, torna-se fundamental entender a relação do PMCMV, seu financiamento e suas dificuldades em atender essa população.

2. Discursos em torno do conceito de habitação como serviço na política pública

Esta pesquisa tem como objetivo traçar uma trajetória conceitual da habitação como serviço a fim de entender como o conceito foi construído no debate público e na formulação de políticas, planos e programas habitacionais. Deve identificar e observar os diferentes atores e interesses envolvidos na mobilização desse conceito, os contextos em que aparece, para

entender como diferentes narrativas em torno do serviço de moradia incidem na formulação dos programas, para quem são destinados e com quais interesses. Para isso, realiza: 1) revisão bibliográfica teórica e histórica acerca de conceitos como serviço público e habitacional, sobre a política habitacional de aluguel social, entre outros; 2) leitura e análise dos documentos referentes a programas, planos e políticas, e realizará um mapeamento e sistematização de definições de habitação como serviço; 3) entrevistas com pesquisadores, gestores e movimentos de moradia. Como recorte temporal, concentra-se nos debates entre 2000 e 2025, recorte estipulado a partir das propostas e programas inicialmente já levantados. Como recorte espacial e de esferas de governo, a pesquisa se debruça nos casos do governo federal, através da análise de normativas (por exemplo, Res. Recomendada nº 75 do CNC, do PL 6342/2009 e do PlanHab 2009-2023), e do município de São Paulo, com a análise do Programa de Locação Social (Res. CFMH 23/2002), do Plano Diretor Estratégico de 2014 (Lei 16.050/14) e do Plano Municipal de Habitação (Projeto de Lei 619/16). Assim, o trabalho busca entender, numa trajetória de (re)construções e (re)apropriações do conceito, como os discursos envolvidos na formulação e implantação dessas políticas se estruturam, inclusive com interesses específicos de agentes privados num contexto avanço das parcerias público-privadas.

3. Moradias industriais do século XIX: Society for Improving the Condition of the Labouring Classes e suas propriedades

Uma das primeiras respostas reformistas à crise de moradia que sucedeu a Revolução Industrial foram as sociedades de moradia, estabelecidas por partes das elites inquietas com o problema, com o intuito de promover e melhorar a condição de habitação das classes trabalhadoras. Entre elas estava a Society for Improving the Condition of the Labouring Classes (SICLC). Fundada em 1844, promoveu a construção das chamadas model *dwellings* ou moradias modelo. Um dos principais exemplos é a Model Houses for Families ou, posteriormente, Parnell House, uma das primeiras experiências de moradia promovida por uma sociedade sem fins lucrativos em Londres, que após 175 anos segue sendo um exemplo de moradia social em uma das regiões mais caras de Londres.

Além de seu exemplo mais conhecido, a sociedade construiu, renovou e administrou ao todo 21 propriedades e mais de 650 inquilinos dentro do sistema de *allotements* durante seus 135 anos de história. A SICLC existiu até 1965, quando foi incorporada pela Peabody Trust, outra associação de moradia. Nessa época, a sociedade possuía apenas seis propriedades, que foram transferidas para a Peabody. As associações de moradia e as moradias modelo tiveram grande influência na conformação da habitação inglesa e se mantiveram relevantes mesmo após seu período considerado de auge no século XIX, entretanto, não é essa visão da literatura abrangente, que mantém seu enfoque nos anos de criação dessas organizações. Apesar de seu fim e em contraponto à literatura acerca das associações de moradia, busca-se aqui entender essa sociedade como produtora dessas moradias ao longo de anos e desvendar a linha do tempo desses locais, compreendendo as produções, compras e vendas de propriedades durante sua história, e por fim, descrever como se conformava a SICLC e suas propriedades ao fim de sua trajetória.

MESA 4 (REMOTO) CIDADES E PAISAGENS EM TRANSFORMAÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Carolina Heldt D'Almeida (EC)

Comentário: Prof. Dr. José Guilherme Schutzer (EC)

1. Soluções baseadas na natureza como estratégia para a resiliência urbana

Alison Busse (Unidavi)

orientação: Profa. Ms. Sc. Sara Dotta Correa (Unidavi)

2. Infraestrutura urbana do centro de Florianópolis: análise, desafios e perspectiva para um desenvolvimento sustentável

Natan Emanuel da Silva (Unidavi)

orientação: Profa. Ms. Nadiyah dos Santos Bombarda (Unidavi)

3. Monitoramento da política urbana:

transformações em curso no eixo da Linha 5 – Lilás

Marina Pinheiro Marques (Faud-USP)

orientação: Prof. Dr. Eduardo Alberto Cuscé Nobre (Faud-USP)

4. Expansão urbana e planejamento no sul de SC: desafios e perspectivas para o desenvolvimento sustentável

Sofia Knabben Niveiros (Udesc)

orientação: Prof. Dr. Fernando dos Santos Calvetti (Udesc)

5. Memória patrimonial da cidade industrial de Volta Redonda frente aos interesses do capital refletidos em seus múltiplos planos urbanísticos

Guilherme Silva Hott (UGB-Ferp)

orientação: Profa. Dra. Andréa Auad Moreira (UGB-Ferp)

1. Soluções baseadas na natureza como estratégia para a resiliência urbana

Este artigo investiga o papel das Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na mitigação de enchentes e no fortalecimento da resiliência urbana para cidades sustentáveis, com ênfase na implantação de grandes parques alagáveis. A crescente urbanização intensifica problemas como inundações e degradação ambiental, tornando essencial a adoção de abordagens sustentáveis. As SBNS, particularmente em larga escala, surgem como alternativas de infraestrutura verde eficazes, proporcionando controle de cheias e benefícios como lazer, restauração ecológica e promoção da biodiversidade. O objetivo da pesquisa é investigar os impactos dessas soluções no contexto urbano brasileiro, considerando seus

benefícios hidrológicos, ecológicos e sociais. A metodologia baseia-se na revisão da literatura e análise de estudos de caso de cidades que implantaram parques alagáveis e um matriz comparativa dos resultados. Resultados apontam que a implantação de parques alagáveis contribui significativamente para a contenção de enchentes, a melhoria da qualidade de vida da população e o aumento da resiliência ambiental, reforçando o potencial da incorporação de SBNS no planejamento urbano sustentável.

2. Infraestrutura urbana do centro de Florianópolis: análise, desafios e perspectiva para um desenvolvimento sustentável

A infraestrutura urbana do centro de Florianópolis desempenha um papel essencial na organização do espaço e no desenvolvimento sustentável da cidade. A geografia peculiar, composta por áreas insulares e continentais, impõe desafios à mobilidade, ao saneamento, à habitação e à gestão ambiental. O crescimento acelerado impulsionado pelo turismo e pelo setor tecnológico demanda um planejamento eficaz, equilibrando preservação ambiental e expansão urbana. A análise do Plano Diretor evidencia a importância do zoneamento na distribuição das funções urbanas e na mitigação de desigualdades socioeconômicas. A necessidade de melhorias na acessibilidade, na integração dos modais de transporte e na conservação do patrimônio histórico reforça a urgência de estratégias para promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo.

3. Monitoramento da política urbana: transformações em curso no eixo da Linha 5 – Lilás

A pesquisa investiga as transformações socioeconômicas e espaciais promovidas pelos Eixos de Estruturação da Transformação Urbana no município de São Paulo, tomando como objeto de estudo a Linha 5 – Lilás do Metrô. Partindo do conceito de cidade compacta e de estratégias como o Desenvolvimento Orientado pelo Transporte (DOT), o estudo avalia como instrumentos urbanísticos estabelecidos pelo Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014 e revisados em 2023 impactam a relação entre trabalho, moradia e mobilidade. A pesquisa se concentra em

três estações de referência – Moema, Largo Treze e Capão Redondo – para observar a diversidade de resultados em contextos urbanos distintos. Tomando proveito de dados demográficos, socioeconômicos e imobiliários, o estudo avalia como os novos empreendimentos refletem os objetivos propostos para os eixos, buscando entender quais padrões de ocupação estão sendo consolidados e se a produção estabelecida contribui para um espaço urbano mais acessível e sustentável.

4. Expansão urbana e planejamento no sul de SC: desafios e perspectivas para o desenvolvimento sustentável

A expansão urbana tem se intensificado nas últimas décadas, impulsionada por fatores econômicos, sociais e tecnológicos. Esse crescimento, muitas vezes desordenado, resulta em desafios significativos para o planejamento e a gestão das cidades, incluindo a ocupação de áreas ambientalmente sensíveis, a pressão sobre infraestruturas urbanas e o aumento das desigualdades socioespaciais. Este estudo busca compreender os padrões de crescimento urbano e seus impactos, analisando dados espaciais e socioeconômicos para identificar tendências e desafios emergentes. A pesquisa utiliza metodologias de geoprocessamento e modelagem baseada em autômatos celulares para simular diferentes cenários de desenvolvimento urbano, considerando variáveis como densidade populacional, infraestrutura e restrições ambientais. A abordagem quantitativa é complementada por uma análise qualitativa das políticas urbanas, buscando entender a relação entre planejamento e a dinâmica de crescimento das cidades. Os resultados apontam para a necessidade de políticas urbanas mais integradas e baseadas em evidências, que levem em conta não apenas a expansão física da cidade, mas também sua sustentabilidade e qualidade de vida. A pesquisa destaca a importância de ferramentas computacionais e Inteligência Artificial para auxiliar na tomada de decisões urbanas, permitindo prever impactos e otimizar estratégias de planejamento. Conclui-se que a urbanização deve ser acompanhada de uma governança eficiente, capaz de equilibrar crescimento econômico, inclusão social e

preservação ambiental. O estudo contribui para a formulação de diretrizes para um desenvolvimento urbano mais sustentável, fornecendo subsídios para gestores públicos, urbanistas e pesquisadores da área.

5. Memória patrimonial da cidade industrial de Volta Redonda frente aos interesses do capital refletidos em seus múltiplos planos urbanísticos

Volta Redonda é um município que se diferencia de seus pares do estado do Rio de Janeiro, pois, em meio ao Vale do Paraíba, foi edificada como cidade planejada. O regime varguista, em 1941, deu início às obras da usina e da cidade operária, ditadas pela tecnocracia característica do governo. O começo da industrialização brasileira estaria, pois, geograficamente delimitado às experiências da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Em torno desta indústria edificou-se um complexo urbano segundo os princípios do pensamento moderno. Todas as vidas estavam intimamente ligadas tanto à rotina de trabalho na siderúrgica como nos usos do espaço urbano, da disposição das ruas às habitações operárias e à particularidade da cidade-monumento. Surge então uma dicotomia: de um lado os efeitos da produção do espaço pelo capitalismo, que tenta reproduzir na cidade sua matriz; de outro, os próprios habitantes, que possuem uma memória intimamente ligada ao espaço constantemente ameaçada. Assoma-se a pergunta: como foi tratado o patrimônio urbanístico e arquitetônico original de Volta Redonda frente aos diferentes interesses que disputam pelo controle da cidade industrial? A hipótese é de que a preservação deste patrimônio nunca foi prioridade, estando sua memória urbana completamente sujeita às conformações político-econômicas das elites. Buscou-se, portanto, analisar sob essa ótica as transformações sofridas pela Vila Operária, a partir dos diferentes planos urbanísticos editados desde a fundação, em 1945, até o Plano Diretor de 2008. Empregase, por abordagem, o materialismo histórico-dialético, e a pesquisa classifica-se como básica, qualitativa, exploratória, bibliográfica e documental.

MESA 5 (REMOTO)

PROJETO DE ARQUITETURA LATINO-AMERICANO

Coordenação: Prof. Ms. Bruno Firmino (EC)
Comentário: Profa. Dra. Lívia Nóbrega (UFPE)

1. Formas de acolhimento na Arquitetura e Urbanismo na cidade de Erechim

Felipe Baldissera Walter (UFFS)
orientação: Profa. Dra. Náaira Zanardo Zanin (UFSS)

2. Arquitetura contemporânea latino-americana: diálogo entre o passado e o presente com respeito à memória

Madson Luan Almeida do Nascimento (Ufal)
orientação: Profa. Dra. Manuella Marianna de Andrade (Ufal)

3. Arquitetura contemporânea latino-americana: a espacialidade da troca

Giovanna Albuquerque Acioli Rios (Ufal)
orientação: Profa. Dra. Manuella Marianna de Andrade (Ufal)

1. Formas de acolhimento na Arquitetura e Urbanismo na cidade de Erechim

Este subprojeto de pesquisa busca analisar e compreender a relação das pessoas com os ambientes urbanos na cidade de Erechim, localizada ao norte do Rio Grande do Sul, e como diferentes grupos sociais ocupam e se apropriam dos espaços públicos do município. Por meio de referenciais arquitetônicos, sociais e da psicologia ambiental, visamos aprimorar nosso olhar sobre a cidade, para compreender os fenômenos e trocas que nela acontecem e os indivíduos ou grupos que dela participam, relacionando sempre o comportamento humano e sua interação com o espaço público construído. Neste estudo, definimos que o foco de nossas análises seriam os imigrantes que, devido a crises relativamente recentes em seus respectivos países, passaram a habitar a cidade em busca de melhores condições de vida, tendo em vista a alta oferta de empregos em Erechim. Entre estes imigrantes, os mais recorrentes são de origem haitiana, venezuelana e senegalesa. Sobretudo, esta pesquisa qualitativa tem como escopo entender como ocorre a adaptação desses indivíduos de origens e culturas distintas a uma nova realidade, compreender as mudanças e dinâmicas ocasionadas nas paisagens urbanas e no cotidiano dos demais habitantes e identificar

alternativas para que a cidade seja um ambiente mais acolhedor.

2. Arquitetura contemporânea latino-americana: diálogo entre o passado e o presente com respeito à memória

As intervenções arquitetônicas em edifícios preexistentes representam um diálogo entre passado e presente, destacando as possibilidades de reuso, preservação da memória e adaptação às necessidades contemporâneas. Este trabalho analisa três exemplos significativos na América Latina: a transformação da antiga fábrica Laguna Productora no México, o monumento antimonumental Fragmentos na Colômbia e a revitalização da House of the Flying Beds no Equador. Cada projeto ilustra uma abordagem distinta de intervenção, unindo respeito pela história com inovações funcionais e simbólicas que respondem aos contextos sociais, culturais e ambientais em que estão inseridos. A análise revela como essas práticas contribuem para a valorização do patrimônio enquanto promovem usos contemporâneos. O trabalho objetiva identificar como os projetos de intervenções na preexistência se apresentam na América Latina contemporânea, por meio da análise dos desenhos técnicos e imagens das obras executadas, em busca de compreender a relação do projeto com o entorno, com a preexistência e as inter-relações entre as três intervenções, respondendo o seguinte questionamento: quais os princípios definidores dessas intervenções?

3. Arquitetura contemporânea latino-americana: a espacialidade da troca

Inserido na área dos espaços terciários, o estudo seleciona três mercados públicos na América Latina com o objetivo de compreender a relação entre a espacialidade e a materialidade dos espaços de comércio nesse recorte espacial, considerando seus territórios, ocupações e expressões estruturais. Para tanto, a análise comparativa foi realizada por meio da observação interpretativa de peças gráficas, sem consulta prévia aos autores e textos sobre os projetos. Em casos de dúvida, artigos e sites oficiais foram consultados. Apesar de grandes diferenças formais e materiais, os três mercados compartilham princípios comuns:

modularidade, permeabilidade e integração com o entorno. No entanto, a diversidade das soluções projetuais em outros aspectos reflete a multiplicidade da arquitetura latino-americana. A pesquisa demonstra que esses espaços não apenas atendem às trocas comerciais, mas também contam com as interações sociais e urbanas no ato de projetar, elementos imprescindíveis no lugar do comércio.

MESA 6

TECNOLOGIA, DESENHO E CONSTRUÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Monica Dolce (EC)

Comentário: Prof. Dr. Eduardo Pizarro (Faud-USP)

1. Tijolo com tijolo num desenho mágico: identidade e técnica na arquitetura latino-americana
Marília Gabriele Santos (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Ivo Giroto (Faud-USP)

2. Investigações sobre o uso e a eficiência das prateleiras de luz na cidade de São Paulo
Tiê Sanches Coelho (EC)
orientação: Profa. Dra. Monica Dolce (EC)

3. A forma pela dobra: entre modelos paramétricos e modelos físicos
Carolina Halpern Cukier (EC)
orientação: Prof. Dr. Gabriel Kogan (EC)

4. Primeira infância, design e desenvolvimento: novas relações com o espaço público a partir do brincar
Isabella Ferreira Alves e Silva (EC)
orientação: Prof. Ms. Pedro Vada (EC)

5. De Tombuctu a Gao: fontes para o estudo das arquiteturas de terra na África, por meio das mesquitas de Djinguerber, Sankore, Sidi Yahia, Djenné e as Tumbas de Ásquia, no Mali
Maria Júlia Garib Destro (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Renata Maria de A. Martins (Faud-USP)

1. Tijolo com tijolo num desenho mágico: identidade e técnica na arquitetura latino-americana

Este recorte da pesquisa é oriundo de um projeto de Iniciação Científica financiado pela Pibic-Capes e aborda as consequências sociais do uso do tijolo cerâmico na construção em Bogotá, com ênfase na mineração e seus impactos socioambientais. O estudo parte de uma afirmação de Ricardo L. Salmona que elogia a habilidade da Colômbia em usar o tijolo como material de construção, refletindo um debate mais amplo sobre a utilização estética e técnica do tijolo na arquitetura moderna latino-americana. Durante o século XX, o uso do tijolo cerâmico se popularizou em Bogotá, sendo utilizado principalmente nas fachadas de conjuntos habitacionais e impulsionado pela demanda das construtoras e pela modernização urbana. Contudo, esse uso em larga escala gerou uma sobrecarga na

extração de argila e cimento, prejudicando os recursos naturais, especialmente no Cerrado de Bogotá, provocando danos ambientais, como a destruição do ecossistema local e as inundações devido às intervenções no rio Tunjuelo. Apesar da pressão sobre os recursos naturais, a produção de tijolos ofereceu uma fonte de renda para a população periférica, especialmente em bairros como Las Cruces e no Morro do Guadalupe, onde o barro da região passou a ser utilizado na construção de casas. Contudo, o processo de urbanização acelerada gerou um conflito entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental. O estudo destaca como a busca por uma identidade nacional e a modernização das cidades latino-americanas resultaram em uma intensa produção de tijolos, cimento e argila, promovendo crescimento urbano, mas também gerando desafios socioambientais. Dessa maneira, evidencia as tensões entre a necessidade de modernização e a preservação ambiental no contexto da periferia do capitalismo.

2. Investigações sobre o uso e a eficiência das prateleiras de luz na cidade de São Paulo

A pesquisa se propõe a investigar o uso e a eficiência das prateleiras de luz – dispositivos arquitetônicos que podem ser utilizados para otimizar e uniformizar a distribuição da luz natural em ambientes internos, servindo também como elementos de sombreamento, contribuindo assim para o conforto visual e térmico dos usuários e a eficiência energética. O objetivo da pesquisa é investigar, por meio de simulações computacionais, o potencial de uso de prateleiras de luz na cidade de São Paulo, a partir de um modelo-base em que serão estudadas as variáveis projetuais de dimensões, refletância e orientação para a elaboração de um diagnóstico sobre a eficiência do dispositivo e orientar a elaboração de projetos com o intuito de maximizar o desempenho de edificações na cidade.

3. A forma pela dobra: entre modelos paramétricos e modelos físicos

Este artigo apresenta um percurso na criação arquitetônica de uma estrutura desenvolvida por meio de uma relação entre modelos físicos e paramétricos,

analogicos e digitais. O estudo da forma pela dobra estabelece uma conexão entre a arte milenar do origami e a tecnologia, utilizando maquetes físicas convertidas em modelos digitais paramétricos precisos, desenvolvidos com os softwares Rhinoceros e Grasshopper. Após uma análise comparativa das dobras, utilizando diversos parâmetros de análise, o modelo adotado para a pesquisa foi o padrão Yoshimura. O estudo dessa forma demonstrou a viabilidade arquitetônica das dobraduras como estruturas, analisada e experimentada para verificar sua aplicabilidade de forma radial, oferecendo novas possibilidades de inovação estrutural e estética na arquitetura contemporânea.

4. Primeira infância, design e desenvolvimento: novas relações com o espaço público a partir do brincar

Este trabalho é um desdobramento das questões abordadas no caderno “Biblioteca Monteiro Lobato (BML) 70 anos: ruas para crianças e territórios culturais verdes”, no qual buscou-se entender a relação das crianças com a cidade e com os territórios verdes presentes nela. A partir disso, esta pesquisa parte de uma revisão bibliográfica, que perpassa alguns teóricos que se debruçaram sobre a história do design de mobiliário e brinquedos infantis, estudos científicos que comprovam e ressaltam a importância do incentivo ao desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional na primeira infância (0-6 anos), e análise de materiais e técnicas construtivas de objetos já produzidos. Esta pesquisa tem por objetivo a produção de um protótipo de mobiliário/brinquedo a ser implantado em escolas da rede pública infantil e em espaços públicos. Partimos de uma metodologia que se baseia na produção e experimentação em maquetes de diversos materiais e escalas, na produção de diagramas e no estudo da materialidade e das técnicas construtivas, visando explorar as diversas possibilidades espaciais que podem surgir a partir desses elementos e de seu design. Pretende-se, assim, promover o desenvolvimento infantil nesse período tão crucial da vida, bem como estabelecer novas relações das crianças com os espaços públicos e ambientes escolares.

5. De Tombuctu a Gao: fontes para o estudo das arquiteturas de terra na África, por meio das mesquitas de Djinguereber, Sankore, Sidi Yahia, Djenné e a Tumba de Ásquia, no Mali

Este projeto de Iniciação Científica busca reunir e sintetizar os principais estudos sobre as mesquitas de Djinguereber, Sankore, Sidi Yahia e Djenné e sobre a Tumba de Ásquia, situadas em sítios do Patrimônio Mundial do Mali, país da África Ocidental, nas cidades de Tombuctu, Djenné e Gao. A região ganhou destaque mundial com o estabelecimento dos impérios do Mali e Songai, respectivamente nos séculos XIII e XV. Estratégicas geografica e economicamente, essas cidades desenvolveram uma arquitetura única e grandiosa que reflete os anos de poder pré-coloniais, incluídas em 1988 na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco. Este estudo fará um percurso histórico e historiográfico geral, partindo dos primeiros relatos sobre o tema, como o do viajante berbere Ibne Batuta, que percorreu as terras do Mali e descreveu seus hábitos, cultura e arquitetura em 1352, aos mais recentes grandes projetos de pesquisa no local, como o Étude sur les mausolées de Tombouctou, realizado pela Unesco em 2014. Assim, com um pano de fundo teórico-metodológico centrado numa abordagem decolonial, o trabalho buscará sintetizar e disponibilizar um material de fácil compreensão e atualizado sobre quais foram os principais pesquisadores, como se debruçaram sobre o tópico e como dialogam entre si, como forma de facilitar pesquisas futuras. Este projeto pretende colaborar com o grupo de estudos Abya-Yala FAU: Desafio Decolonial e Culturas Ameríndias na História da Arte, da Arquitetura e do Território, criado no âmbito do Projeto JP Barroco Cifrado (2015/23222-4), e continuado através do Projeto JP 2 Barroco-Açu (2021/06538-9), coordenados pela Profa. Dra. Renata Maria de Almeida Martins na FAU-USP, orientadora desta Iniciação Científica (AU).

MESA 7

PAISAGENS DO PATRIMÔNIO CULTURAL E ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Coordenação: Profa. Dra. Marta Lagreca (EC)
Comentário: Prof. Dr. Fábio Robba (Senac)

1. Praças públicas no centro de Campinas:

apropriação como forma de preservação

Caroline Reynaldo Marchi (PUC-Campinas)
orientação: Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Schicchi (PUC-Campinas)

2. Skateboard paulistano: projeto, espaço e cultura

Luiz Felipe de Lourenço Silveira (IFSP)
orientação: Profa. Dra. Ana Carolina Carmona Ribeiro (IFSP)

3. Urbanismo tático e qualidade dos espaços públicos em São Paulo: estratégias para a humanização urbana

Ana Júlia Meira Pessoa (IFSP)
orientação: Prof. Dr. Douglas Luciano Lopes Gallo (IFSP)

4. Os sistemas de espaços livres nas transformações contemporâneas da paisagem metropolitana: mapeamento dos espaços livres da Zona Leste do município de São Paulo

Pedro Guerra Silvestre (USP)
orientação: Prof. Dr. Eugênio Fernandes Queiroga (Faud-USP)

5. Ciclovias e paisagem urbana: preferências de ciclistas por diferentes rotas e suas características paisagísticas

Giullia Paula Possomato (IFSP)
orientação: Prof. Dr. Douglas Luciano Lopes Gallo (IFSP)

1. Praças públicas no centro de Campinas: apropriação como forma de preservação

O projeto analisa a situação das praças públicas na área central de Campinas, por meio da análise de três praças públicas situadas na área central de Campinas: Praça Largo do Pará, Praça Imprensa Fluminense e Praça Rene Pena Chaves. O objetivo principal é compreender como a população se apropria desses espaços e os fatores que influenciam essa apropriação, considerando tanto aspectos do cotidiano quanto elementos subjetivos que os fazem ser percebidos como espaços de memória e identidade. Para tal, pretende-se compreender a história da formação do centro de Campinas e de seus espaços públicos; levantar o estado de conservação

das praças: analisar planos, projetos e leis de preservação e urbanísticas propostas e/ou implantadas; e compreender quais os fatores que implicam o maior ou menor uso, apropriação e conservação dos espaços, tendo como foco os problemas que impedem a permanência das pessoas e a consciência da importância de sua preservação. A metodologia divide-se em três etapas: 1) revisão bibliográfica, com consulta a teses, dissertações e bibliografia teórica sobre preservação de espaços públicos; 2) pesquisa empírica, com levantamentos de campo nas três praças; 3) análise de forma comparativa os dados obtidos, buscando compreender a relação entre usos, apropriações e preservação das praças da área central de Campinas. Como resultado, buscamos compreender os principais problemas que afetam o reconhecimento do valor cultural das praças e estabelecer novos parâmetros para a sua preservação, de forma a contribuir para a discussão da revitalização da área central de Campinas.

2. Skateboard paulistano: projeto, espaço e cultura

A pesquisa investigou a prática do skate nos espaços urbanos em São Paulo, com o objetivo de analisar estes espaços em termos de paisagismo, urbanismo e arquitetura e compreender como os skatistas e outros grupos culturais da juventude periférica se apropriam e ressignificam tais espaços. O estudo surgiu do interesse do autor em unir sua formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo com a vivência como skatista e artista na cidade. Buscamos entender como a prática do skate transforma e é transformada pelo ambiente urbano, investigando a história e a cultura do skate na cidade, as principais tipologias construtivas para cada tipo de modalidade e a relação entre os espaços projetados especificamente para o esporte e aqueles apropriados espontaneamente pela comunidade skatista. A metodologia adotada foi qualitativa e interdisciplinar, incluindo revisão bibliográfica, abrangendo textos acadêmicos e materiais audiovisuais, mapeamento das pistas de skate utilizando ferramentas digitais (Google Maps e GeoSampa) e estudos de caso aprofundados de quatro espaços emblemáticos: o Centro de Esportes Radicais no Bom Retiro, que apresenta falhas estruturais e de acesso; a Praça Roosevelt, um espaço de apropriação

espontânea com tensões entre skatistas e moradores; a pista André Hiena, exemplo de ressignificação de um espaço residual sob um viaduto; e a pista do CEU Butantã, elemento de institucionalização do skate na cidade, cuja manutenção é realizada pelo coletivo Butan Clan. A pesquisa concluiu que os espaços de skate têm potencial para gerar usos múltiplos e fortalecer a cultura popular de rua, destacando a importância da apropriação comunitária e propondo, como forma de divulgação da cultura do skateboard paulistano, a elaboração de um guia ilustrado como ferramenta de democratização e diálogo.

3. Urbanismo tático e qualidade dos espaços públicos em São Paulo: estratégias para a humanização urbana

O estudo aborda a problemática da qualidade dos espaços públicos em São Paulo, destacando os desafios na ocupação desses espaços, particularmente em relação ao papel do pedestre na malha urbana paulistana, e de que maneira o urbanismo tático surge como uma estratégia para reverter essa realidade e promover a humanização urbana. O objetivo do estudo é compreender e sistematizar uma matriz analítica para avaliar as intervenções temporárias e de urbanismo tático na região central da cidade, com foco em ações que busquem a humanização do espaço urbano. A metodologia adotada foi a revisão integrativa da literatura, que sintetiza a produção científica sobre o tema, abrangendo artigos, livros e documentos. O estudo resultou na criação de uma matriz composta por seis categorias analíticas: 1) situação preexistente, que avalia os problemas antes da intervenção, como tráfego intenso, acidentes e falta de áreas verdes; 2) objetivos, como segurança viária, reorganização do tráfego e criação de espaços de permanência; 3) tipos de espaço, como interseções viárias, praças e áreas residuais; 4) atores, que envolve cidadãos, poder público, ONGs e instituições de ensino; 5) elementos de ativação, como mobiliário urbano, sinalização, arte pública e atividades culturais; e 6) espacialização, que analisa a organização física das intervenções, seja pontual, multimodal ou em rede. A conclusão destaca a importância de intervenções de curto prazo, baixo custo e multiplicáveis, que priorizam o engajamento da comunidade e

a valorização da rua e da quadra, propondo uma abordagem mais humana e acessível para a cidade. O trabalho ainda aponta que, apesar da relevância de grandes projetos urbanos, é nas pequenas intervenções que se encontra grande potencial de transformação e inclusão social.

4. Os sistemas de espaços livres nas transformações contemporâneas da paisagem metropolitana: mapeamento dos espaços livres da Zona Leste do município de São Paulo

Neste trabalho, busca-se analisar a Zona Leste do município de São Paulo através da cartografia dos espaços livres e suas transformações, cujos dados contribuem para o desenvolvimento de métodos de qualificação socioambiental em regiões metropolitanas nas cidades latinoamericanas.

5. Cicloviárias e paisagem urbana: preferências de ciclistas por diferentes rotas e suas características paisagísticas

A mobilidade urbana sustentável é um dos principais desafios contemporâneos das cidades, exigindo estratégias para reduzir os impactos do transporte motorizado individual. A bicicleta se destaca como uma alternativa eficiente, trazendo benefícios ambientais, sociais e de saúde pública. No entanto, sua adoção depende da infraestrutura disponível e da percepção dos ciclistas sobre os trajetos. Esta pesquisa investiga os atributos das características paisagísticas que influem na escolha de rotas cicloviárias em São Paulo. A literatura aponta que a qualidade ambiental das cicloviárias influencia diretamente a escolha dos ciclistas. Elementos como sombreamento, separação segura do tráfego motorizado e fachadas ativas aumentam a atratividade do modal. Além disso, a segurança e a conectividade com outros sistemas de transporte urbano são fundamentais para ampliar a adesão ao uso da bicicleta. A análise da literatura possibilitou a construção de um questionário para analisar as preferências dos ciclistas em relação aos atributos paisagísticos das rotas cicloviárias na cidade de São Paulo. Políticas públicas que priorizem vegetação, iluminação adequada e conexões eficientes podem transformar a experiência do ciclista e tornar a mobilidade ativa mais acessível e sustentável.

MESA 8

ARQUITETURA MODERNA EM FOCO: AVANÇOS, LIMITES E DESAFIOS

Coordenação: Bruna Bonfim

Comentário: Profa. Dra. Monica Junqueira (Faud-USP)

1. Projetos em série: a produção residencial do escritório de Salvador Candia para a incorporadora Gomes de Almeida Fernandes (1970-1990)
Beatriz Monte Claro (Ec)
orientação: Profa. Dra. Paula Dedecca (PUC-Campinas)

2. Arquitetura turística das estâncias paulistas: o legado do Fumest (1970-1989) para a infraestrutura de turismo
João Paulo Lobo Coppio (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Ivo Renato Giroto (Faud-USP)

3. Arquitetura[s] na Amazônia: uma investigação sobre o patrimônio moderno da Amazônia no acervo da FAU-USP
Christian Almeida Campos do Nascimento (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Renata Maria de Almeida Martins (Faud-USP)

4. Abrahão Sanovicz: o indivíduo para além do sujeito arquiteto
Gabriela Saraiva Sanovicz (Ec)
orientação: Prof. Ms Pedro Beresin (Ec)

5. A construção do sagrado no Santo Daime: cosmovisão, espaço e cultura material
Mirella Oliveira Santana (Ec)
orientação: Prof. Dr. Pedro Beresin (Ec)

1. Projetos em série: a produção residencial do escritório de Salvador Candia para a incorporadora Gomes de Almeida Fernandes (1970-1990)
Este artigo apresenta a análise do conjunto de projetos de edifícios residenciais, desenvolvido pelo escritório de Salvador Candia e encomendado pela incorporadora e construtora Gomes de Almeida Fernandes Ltda., sobretudo entre as décadas de 1970 e 1990, por meio do conjunto documental do acervo Salvador Candia sob a guarda da Associação Escola da Cidade, assim como de anúncios publicitários encontrados no acervo da "Folha de S.Paulo". Trata-se de pensar, a partir deste conjunto seriado, as dinâmicas do mercado imobiliário no período, a relação estabelecida entre incorporadora e os escritórios de arquitetura, bem como suas estratégias projetuais, e os resultados destes impactos na construção da cidade de

São Paulo durante seu processo de metropolização.

2. Arquitetura turística das estâncias paulistas: o legado do Fumest (1970-1989) para a infraestrutura de turismo

O trabalho em questão investiga a arquitetura e o planejamento turísticos no Estado de São Paulo de 1970 a 1989, o período de atuação da autarquia estadual Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias - FUMEST. Busca-se, deste modo, compreender o viés histórico-arquitetônico de sua atuação, diante de um contexto de desenvolvimentismo, autoritarismo e, enfim, redemocratização, marcado pela grande participação do poder público na promoção do turismo, com fortes transformações na política, na economia e no planejamento territorial nacionais.

Assim, é objeto de estudo a relação do FUMEST com as estâncias, as condicionantes geopolíticas e econômicas, além dos efeitos de suas práticas e projetos em uma escala regional. Almejou-se identificar, também, sua produção arquitetônica, arquitetos relacionados, diversidade programática, contexto interno das obras em relação à trajetória da autarquia.

Apesar da relevância identificada nos trabalhos da autarquia, a mesma segue, até o momento, inexplorada por estudos acadêmicos, sem receber o devido crédito por sua participação em obras de arquitetos como João Walter e Odiléa Toscano, Botti e Rubin, Abrahão Sanovicz. Sua experiência é de grande relevância para compreender a história do planejamento regional durante a segunda metade do século XX, sobretudo no caso paulista, fomentando a difusão da arquitetura moderna por todo o estado. Seu encerramento, porém, levou ao abandono de muitas obras, resultado do enfraquecimento do planejamento estatal frente aos interesses privatistas em voga desde as últimas décadas do século passado.

3. Arquitetura[s] na Amazônia: uma investigação sobre o patrimônio moderno da Amazônia no acervo da FAU-USP

A Amazônia é um espaço fértil para experimentações arquitetônicas, marcado pela diversidade de posturas projetuais em diálogo com o ambiente singular da floresta. Projetos como o Centro de Proteção Ambiental de Balbina, as

Estações de Telecomunicação no interior do Amazonas (Severiano Porto e Mário Ribeiro), o Restaurante Chapéu de Palha e as propostas visionárias de Sérgio Bernardes para o Hotel Tropical de Manaus ilustram diferentes abordagens do modernismo brasileiro na região. Arquitetos como José Portocarrero incorporaram técnicas ancestrais em obras como a sede da Adufmat e o Centro Sebrae de Sustentabilidade, reafirmando o caráter adaptativo e experimental do modernismo no país. Formados em tradições distintas, esses profissionais reinterpretaram dogmas modernos para atender às exigências locais de clima, terreno e materiais – uma marca do modernismo nacional. No entanto, essas experiências não se dissociam das condições socioeconômicas da região. Na Amazônia, a arquitetura moderna muitas vezes esteve a serviço dos projetos de modernização conduzidos pelo Estado, tornando-se testemunho da formação histórica e dos ideais desenvolvimentistas. Este trabalho visa contribuir para a historiografia da arquitetura moderna na Amazônia por meio do levantamento de aproximadamente 35 projetos presentes no acervo da Biblioteca da FAU-USP (2021–2023). Destacam-se obras como as vilas operárias no Amapá (Oswaldo Bratke), edifícios públicos em Macapá (Vilanova Artigas) e escolas técnicas no Mato Grosso do Sul (José Goulart Tibau), além de registros fotográficos de Severiano Porto e João Castro Filho. Em especial, as obras de Artigas no Amapá, executadas durante o Regime Militar, levantam hipóteses sobre o uso da monumentalidade como instrumento ideológico. A sistematização e divulgação desse acervo busca fomentar o reconhecimento e a preservação do patrimônio moderno na Amazônia.

4. Abrahão Sanovicz: o indivíduo para além do sujeito arquiteto

Este artigo busca investigar as relações entre a influência sionista socialista do movimento juvenil Dror com os desenhos selecionados produzidos por Abrahão Sanovicz (1933-1999), destrinchando as relações possíveis e complementares entre arquitetura, arte, religião, política e cultura. Explorou-se parte da sua trajetória para além da arquitetura, por meio de uma imersão no universo artístico de sua obra.

Assim, pretende-se refletir sobre como o judaísmo e a questão da identidade judaica estiveram presentes em sua vida e produção artística e arquitetônica. Na produção de desenhos e gravuras de Sanovicz é possível constatar a forte presença de sua experiência judaica e a simbologia dessa tradição. Ao construir esse novo olhar, a partir da sua criação e experiência religiosa como raiz, buscamos compreender sua obra de maneira particular, entendendo como este artista e arquiteto está inserido no tempo e no espaço. Investigando aspectos não explorados de sua trajetória através da ótica do judaísmo, levanta-se uma nova mirada para sua carreira, práticas profissionais e produção artística e arquitetônica e, assim, refletir como o judaísmo e a identidade judaica ecoaram ao longo de sua vida nesses aspectos, apesar de sua autodeclaração como ateu na vida pública.

5. A construção do sagrado no Santo Daime: cosmovisão, espaço e cultura material

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a arquitetura e as materialidades que constroem o espaço sagrado do Santo Daime através de um estudo dos objetos simbólicos que possibilitam a ação ritualística e sagrada da doutrina, a fim de buscar quais são as relações propostas, induzidas e estabelecidas a partir da cultura material e da produção imagética incentivada pelo uso de enteógenos. A doutrina fundada em 1930 é reconhecida como uma religião eclética brasileira, que tem como base a filosofia católica-cristã e o uso da bebida sacramental, originalmente ameríndia, conhecida como daime ou ayahuasca. Foi criada a partir de uma miração vivenciada pelo caboclo maranhense Raimundo Irineu Serra, que no seringal amazonense tomou a bebida e recebeu do "astral" e da "Santa Mãe Divina", também conhecida como Virgem da Conceição e Santa Clara, todas as ordens e direcionamentos para a fundação de uma nova ordem religiosa que se estruturou nos seringais brasileiros, especificamente entre o estado do Acre e do Amazonas. Trazer à tona o objeto material que constitui o espaço sagrado do Daime permite compreender como o "imaginário cósmico" age diretamente na configuração espacial e comunitária da doutrina, bem como molda os comportamentos dos praticantes através

da conexão corpo-objeto-divino, sendo tais relações estabelecidas através de diversas ordens: simbólicas, corporais, sensoriais, hierárquica, imagéticas, sentidos de vida, sentidos de mundo etc. Ao contrário da arquitetura tradicional cristã, a arquitetura do Santo Daime possui em sua configuração espacial e seus ornamentos simbólicos uma trama complexa de sobreposições de camadas sociais e culturais que possibilitam a investigação de uma nova ordem religiosa, que emerge como um espaço dinâmico e fluido, onde sua cosmovisão é refletida na arquitetura de modo a englobar um caráter entrópico, abrindo-se ao potencial de transformação do espaço e do tempo.

MESA 9 (REMOTO) EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E FORMAÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Carol Tonetti (EC)
Comentário: Profa. Ms. Cristiane Muniz (EC)

1. "Que cor tem a minha formação?": revisão de trabalhos acadêmicos feitos entre 2021 e 2024

João Carlos Ferreira (EC)
orientação: Prof. Ms. Joana Barossi (EC)

2. Um olhar sobre o espaço da educação infantil em São Paulo no início do século xx: Colégio Santa Inês, um colégio católico

Gabriela Boaventura (EC)
orientação: Prof. Dr. João Carlos Khun

3. O ensino da Arquitetura no Brasil e os desafios da crises na educação

Pedro Henrique Ferreira Alves (UGB-Ferp)
orientação: Damiana S. Bastos de Almeida

4. Práticas de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social em cursos de Arquitetura e Urbanismo de universidades federais brasileiras

Tamara Andréia Carvalho (UFFS)
orientação: Profa. Dra. Daniella Reche (UFFS)

5. Contribuições dos trabalhos finais de graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul para a cidade de Erechim-RS

Maria Valentina Oliveira Kurtz (UFFS)
orientação: Prof. Dr. Vinicius Cesar Cadena Linczuk (UFFS)

1. "Que cor tem a minha formação?": revisão de trabalhos acadêmicos feitos entre 2021 e 2024

Essa pesquisa tem como objetivo investigar as lógicas de formação, e seus vieses implícitos, em Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade por meio dos trabalhos acadêmicos produzidos pelo autor. A partir da perspectiva de que a formação é uma aproximação inicial aos conhecimentos do campo, a discussão se dá em três aspectos principais: entender o que se discute e inicialmente apresenta-se numa graduação, entender os referenciais pedagógicos e ideológicos presentes no contexto da associação, especialmente pelo viés racial, e entender o que a formação pode afetar em seus aspectos subjetivos e fenomenológicos, a depender do percurso do aluno, de sua experiência pregressa e paralela às atividades acadêmicas. Para tanto, a pesquisa terá como objeto de análise o material produzido ao longo da graduação,

a partir de um contexto de enunciação muito particular, o meu, na tentativa de compreender como as narrativas e imaginários podem se perpetuar por meio das práticas educativas.

2. Um olhar sobre o espaço da educação infantil em São Paulo no início do século xx: Colégio Santa Inês, um colégio católico

A pesquisa investiga o espaço do aprender a partir do estudo de caso do Colégio Santa Inês, fundado em 1907, no bairro do Bom Retiro (São Paulo-SP), tendo como foco principal o que se propunha como experiência espacial e experimental do grupo de alunas. Para isso, é importante entender também os princípios da pedagogia salesiana e como esta se fez presente no desenho da edificação, isto é, programas e partidos que partiram desta filosofia católica, a fim de encontrar quais os aparatos espaciais que possibilitam tal prática e em que medida a edificação e o espaço educacional contribuem para a realização de tais atividades. Foram analisados desenhos arquitetônicos, imagens do banco de dados do acervo histórico municipal e também do Colégio Santa Inês, em conjunto com leitura teórica sobre os conceitos de Dom e seu legado na pedagogia. Deste modo, a pesquisa explora a relação da Arquitetura, seja na concepção e construção da edificação em si ou mesmo dos espaços destinados à educação, com o pensamento pedagógico, buscando analisar o quanto a criança é considerada, em sua percepção de mundo, ao se pensar e projetar tais espaços.

3. O ensino da Arquitetura no Brasil e os desafios da crises na educação

A redução de matrizes e a padronização de métodos e técnicas trazem, todos os dias, um novo desafio às escolas de Arquitetura e Urbanismo brasileiras, que precisam encontrar maneiras viáveis de adequar a grande necessidade de transmissão de conteúdo amplo e intrincado, interação entre alunos e professores e contato com mercado. Instituições vanguardistas, como a Escola da Cidade, em São Paulo, adotam um formato de ensino integral diferenciado das demais, contando com um ano a mais de formação. Através de uma estrutura pedagógica bem elaborada, conseguem contornar esses desafios, tornando-

se referência de excelência no ensino em todo o país. Todavia, seria possível adaptar tais boas práticas às instituições de ensino noturno ou adequá-las a cursos de ensino misto ou EAD? Quais seriam as consequências da redução de matrizes para adequações estruturais e como isso impactaria na formação social dos estudantes?

4. Práticas de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social em cursos de Arquitetura e Urbanismo de universidades federais brasileiras

O artigo aborda a inserção da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (Athis) nos cursos de Arquitetura e Urbanismo das universidades federais brasileiras, com foco na formação de profissionais aptos a atender às necessidades habitacionais de populações vulneráveis. A Athis, estabelecida pela Lei nº 11.888/2008, garante serviços de arquitetura e urbanismo a famílias de baixa renda, com o objetivo de melhorar as condições de moradia e promover um ambiente urbano mais justo. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem quantitativa e qualitativa, com levantamento de ações e iniciativas relacionadas à Athis nas universidades. Os resultados indicaram que, apesar de a Athis ainda não ser parte obrigatória dos currículos de graduação, ela tem sido incorporada em atividades de pesquisa, extensão e projetos, como os Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo (Emau) e as Residências Profissionais, em diversas universidades. A inclusão da Athis na formação acadêmica é um desenvolvimento recente, impulsionado pela promulgação da lei, que ampliou a atuação das universidades nesse campo. As iniciativas das universidades têm contribuído para estreitar a relação entre a academia e as necessidades habitacionais de populações vulneráveis. O estudo conclui que é fundamental que as universidades integrem a Athis de forma mais estruturada nos currículos, a fim de capacitar profissionais conscientes de sua responsabilidade social e comprometidos com a construção de um ambiente urbano mais inclusivo e justo. O fortalecimento dessa área no ensino superior é essencial para garantir o acesso à moradia digna e a melhoria das condições habitacionais.

5. Contribuições dos trabalhos finais de graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul para a cidade de Erechim-RS

A pesquisa busca analisar os Trabalhos Finais de Graduação (TFG) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), publicados entre 2015 e 2023 no repositório digital da universidade, tendo como recorte espacial a cidade de Erechim. Foram avaliados os eixos temáticos escolhidos pelos estudantes e os bairros com maior número de propostas para compreensão dos contextos socioculturais atendidos, as percepções desenvolvidas durante a graduação e a relação de carência de espaços e infraestruturas na cidade. Como resultado obtivemos uma maior incidência em temáticas relacionadas a instituições de saúde, centros de acolhimento (apoio psicológico), espaços públicos (relacionados com hábitos da comunidade local) e espaços culturais. Em relação à escolha dos bairros, a maioria dos projetos foram inseridos na região central da cidade e bairros com proximidade do centro. Os resultados apresentados neste artigo correspondem a estudos preliminares de pesquisa em desenvolvimento. Verifica-se que as temáticas abordam preocupações sociais e trazem consigo experiências pessoais e/ou necessidades comunitárias, sendo as localidades atendidas o centro da cidade e suas imediações. A pesquisa objetiva também realizar ampla divulgação dos resultados obtidos, gerando repertório aos estudantes e difusão das contribuições do curso à cidade de Erechim.

MESA 10 CULTURAS ARQUITETÔNICAS E PAISAGENS ANDINAS

Coordenação: Arq. Victor Salgado (EC)
Comentário: Profa. Dra. Daniela la Chioma (MAE-USP)

1. A identidade aimara e a iconografia andina de Tiwanaku na arquitetura neoandina de Freddy Mamani em El Alto

Ana Carolina de A. Tenório (Faud-USP)
orientação: Dra. Renata Maria de A. Martins (Faud-USP)

2. Cultura e natureza: o pensamento-paisagem dos povos pré-colombianos

Larissa Hilary Ramos Intimaita (IFSP)
orientação: Profa. Dra. Ana Carolina C. Ribeiro (IFSP)

3. Cultura e natureza: o "pensamento-paisagem" dos povos maias

Giovana Merino Ferreira (IFSP)
orientação: Profa. Dra. Ana Carolina C. Ribeiro (IFSP)

4. Chan Chan na História e historiografia: a concepção do espaço no Chimor

Felipe Chaweles (Faud-usp)
orientação: Profa. Dra. Renata Maria de A. Martins (Faud-usp)

1. A identidade aimara e a iconografia andina de Tiwanaku na arquitetura neoandina de Freddy Mamani em El Alto

Esta pesquisa analisa como a arquitetura neoandina, a partir da linguagem daquele que é considerado seu criador, o boliviano Freddy Mamani, contribui para a construção de uma identidade cultural aimara na atualidade, através do uso da iconografia andina da cultura Tiahuanaca. Em primeiro lugar, examina-se o contexto histórico da civilização de Tiwanaku, de forma a entender o cenário cultural de Mamani e suas referências ancestrais. Posteriormente, é examinada a complexidade urbana e social da sua cidade natal, El Alto, que se dá num contexto de insurgências indígenas, em especial, aimaras. Isso como meio de reconhecer os principais elementos de conexão entre sua identificação como cholo e sua arquitetura. Para isso, iniciou-se uma revisão do mapa realizado por Elisabetta Andreoli e Ligia D'Andrea (2014) de levantamento das obras construídas em El Alto, como um pontual levantamento das obras de seus imitadores, contribuindo

para melhor entender o conjunto de características que distinguem sua produção, ou seja, a estrutura de sua linguagem.

2. Cultura e natureza: o pensamento-paisagem dos povos pré-colombianos

O ensino nos cursos de Arquitetura e Urbanismo brasileiros ainda é, de modo geral, predominantemente eurocêntrico, pouco valorizando os saberes das culturas indígenas e afro-americanas, assim como as relações que estas estabeleceram com a paisagem do continente americano. Partindo do conceito de "pensamento-paisagem" e dos princípios defendidos na "Carta da Paisagem das Américas", esta pesquisa investiga como os povos pré-colombianos intervieram em seus territórios e no meio natural – discutindo ainda se conceitos como "paisagem", "paisagismo" e "jardim" são adequados para a interpretação dessas relações. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica acerca dos impactos do eurocentrismo na produção de conhecimento sobre paisagismo, a partir de obras que discutem outras formas de enxergar as relações entre humanidade e natureza, como aquelas de Augustin Berque e Ailton Krenak. Em seguida, foi construído um panorama geral sobre as civilizações e grupos étnicos presentes no continente entre 700 e 1500 d.C., com ênfase no estudo dos povos pré-colombianos da região cultural dos Andes Centrais e os elementos determinantes para a compreensão de suas relações com a paisagem e a natureza. A parte final da pesquisa, ainda não realizada, será composta por três estudos de caso de espaços relevantes que materializem e ajudem a compreender as relações destes povos com a paisagem – como, por exemplo, territórios cultivados, complexos edificadas ou redes de infraestrutura.

3. Cultura e natureza: o "pensamento-paisagem" dos povos maias

A pesquisa propõe um panorama intercultural e decolonial sobre o paisagismo dos povos originários da América, enfatizando a civilização maia e sua relação com a natureza, paisagem e vegetação. Discute-se a adequação de conceitos ocidentais como "paisagem" e "paisagismo" para compreender esta cultura. O estudo estrutura-se em dois eixos:

revisão bibliográfica sobre eurocentrismo no paisagismo e organização sociocultural dos povos pré-colombianos, mais especificamente sobre a cultura maia, e estudos de caso sobre as práticas ambientais e agrícolas desta civilização. A pesquisa indicou como muitas civilizações pré-colombianas se relacionavam com a natureza e a paisagem de uma forma muito mais complexa e elaborada do que a sociedade europeia do mesmo período, percebendo o humano como parte indissociável da paisagem e praticando a sua integração aos ciclos naturais. Os estudos explicitaram que tais povos possuíam uma noção de paisagem enraizada em suas cosmologias e práticas cotidianas – como no caso do milho, que além da função alimentícia e econômica, era a base cultural e cosmológica da cultura maia – cujo alto grau de sofisticação agrícola e ambiental permitiu a criação de técnicas como os jardins-floresta, o ciclo da milpa, terraços nas encostas, sistemas de irrigação e redes de canais – com a adoção de estratégias de cultivo que respeitavam a regeneração dos ecossistemas e a diversidade biológica e um entendimento “sustentável do território”, desafiando as interpretações eurocêntricas de civilização e natureza e oferecendo lições sobre coexistência harmônica com o ambiente.

4. Chan Chan na História e historiografia: a concepção do espaço no Chimor

Este artigo busca abordar a história e a historiografia de Chan Chan, a capital do Império Chimú, fundada no século IX na costa norte do atual Peru, e a maior cidade já construída inteiramente em terra, com o propósito de disseminar e sistematizar o acervo de conhecimento existente acerca da cidade, e assim, incentivar mais pesquisas em âmbito nacional, praticamente inexistentes até então. O trabalho, realizado com bolsa da Fapesp e parte das iniciativas do Projeto Jovem Pesquisador Barroco-Açu (2021/06538-9) na FAU-USP, almejou traçar o perfil histórico da cidade, em paralelo com um estudo dos autores e trabalhos que abordam o tema e avançam as pesquisas. Assim, busca-se ressaltar a importância de reconhecer e valorizar a riqueza cultural e arquitetônica das civilizações indígenas ameríndias, como instrumento de ensino fundamental aos tempos atuais.

MESA 11

PROCESSO, TÉCNICA E MATERIALIDADES

Coordenação: Profa. Ms. Maira Rios (EC)

Comentário: Profa. Ms. Maria Cau Levy (EC)

1. Cidade em obras: reiteração e transfiguração do espaço urbano

na arte contemporânea

Jopê (Unesp)

orientação: Prof. Dr. Sérgio Romagnolo (Unesp)

2. Entre arte e rito: processo criativo na obra de Ayrson Heráclito

Luara Macari (PUC-SP)

orientação: Profa. Dra. Priscila Arantes (PUC-SP)

3. Ações construtivas contra-hegemônicas: montages, collages, assemblages, bricolages, uma revisão crítica sobre as contribuições das Artes e da Arquitetura

Maísa do Nascimento Urbano (Faud-usp)

orientação: Prof. Dr. Artur Rozestraten (Faud-usp)

4. Além das telas: a versatilidade de Tarsila do Amaral

Aline Alves de Jesus (USP)

orientação: Profa. Dra. Ana Paula C. Simioni

(Faud-usp)

5. Repassos: a tecelagem do Triângulo Mineiro em exposição do Masp e pesquisa do CNRC

Isabela D'Auria Caragelasco (Faud-usp)

orientação: Prof. Dr. Eduardo A. Costa (Faud-usp)

1. Cidade em obras: reiteração e transfiguração do espaço urbano na arte contemporânea

Esta pesquisa explora a influência do contexto urbano na criação artística contemporânea, com ênfase na prática de apropriação de resíduos encontrados na rua. Está estruturada em duas frentes interdependentes. Na primeira, o estudo explora como a imagem e a materialidade urbana moldam o processo criativo, tendo como norte as derivas diárias entre os bairros do Bixiga e Barra Funda, região central de São Paulo, a qual faz parte da vivência cotidiana do autor. A segunda frente sistematiza um procedimento prático de coleta e assemblagem dos objetos encontrados nessas áreas, criando trabalhos plásticos que discutem, de forma subjetiva, a relação entre a imagem da cidade e sua reverberação na obra de arte.

2. Entre arte e rito: processo criativo na obra de Ayrson Heráclito

Esta pesquisa parte do interesse despertado pelas transformações recentes no campo das artes visuais brasileiras contemporâneas. Considerando a posição política e simbólica que o artista e pesquisador Ayrson Heráclito ocupa no sistema da arte, bem como o crescente reconhecimento e prestígio que artistas, curadores e pesquisadores dissidentes (mulheres, indígenas, negros/as, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, entre outros) vêm adquirindo no cenário nacional, nos propusemos a discutir os fundamentos prático-poéticos da produção visual de Heráclito em relação ao contexto político no qual sua obra se insere.

3. Ações construtivas contra-hegemônicas: montages, collages, assemblages, bricolages, uma revisão crítica sobre as contribuições das Artes e da Arquitetura

Com o intuito de compreender o uso dos procedimentos da colagem e seus tangentes – montagem, assemblagem e bricolagem – como manifestação e ação ativa de seleção, combinação e união entre duas ou mais partes, e em colaboração com a diversidade das representações arquitetônicas desde o início do século XX até hoje, esta pesquisa de Iniciação Científica visualiza, em um campo cronológico analisado de maneira quantitativa e qualitativa, interações e associações temáticas e simbólicas entre as obras de arte seminais na história da colagem, montagem, bricolagem e assemblagem e o uso de tais técnicas como métodos de projeto e de representação contra-hegemônicos na Arquitetura, manifestados principalmente naqueles coletivos e escritórios arquitetônicos tais como Archigram e Superstudio no início da segunda metade do século XX, fase marcada pelos desejos radicais utópicos e heterotópicos, como teorizou Michel Foucault. Dessa forma, ao sintetizar os quatro termos – *collage*, *montage*, *assemblage* e *bricolage* – em um único grupo etimológico que tem como força motriz o “remix” de signos, a pesquisa analisa o estado da arte da prática do “remix” na primeira metade do século XX e, posteriormente, o estado da arte da prática da “assemblagem gráfica”, como conceituou Craig Buckley, na segunda metade do

século XX, nesta segunda exclusivamente com enfoque no campo da representação arquitetônica.

4. Além das telas: a versatilidade de Tarsila do Amaral

Durante os anos 1920, Tarsila do Amaral (1886-1973) destacou-se como uma das principais figuras do Modernismo brasileiro, combinando influências estéticas estrangeiras e elementos da cultura nacional para produzir uma arte que se pretendia genuinamente brasileira. Embora seja muito estudada como pintora, sua atuação como ilustradora mereceu menos atenção. O projeto em questão pretende, assim, contribuir para esse aspecto menos explorado de sua trajetória. Entre as décadas de 1920 a 1960, Tarsila produziu ilustrações para livros, periódicos, capas de recitais, revistas e partituras. O foco da pesquisa incide sobre sua ilustração para o “Livro de Poemas”, de 1935, buscando compreender como suas produções gráficas dialogam com sua obra pictórica e investigando a continuidade de sua experimentação modernista iniciada na década de 1920.

5. Repassos: a tecelagem do Triângulo Mineiro em exposição do Masp e pesquisa do CNRC

Este relato de pesquisa é derivado de um projeto de Iniciação Científica em andamento, com apoio da Fapesp (processo nº 2024/01758-9). A partir de descrição da atividade de visita ao Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) seção Brasília, o trabalho busca apresentar as principais descobertas e características dos registros documentais e iconográficos relativos ao projeto “Tecelagem no Triângulo Mineiro”, desenvolvido pelo extinto Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) entre 1976 e 1986. Sendo uma das únicas pesquisas a completar o ciclo de atividade proposto pelo CNRC, que priorizava a realização de uma devolutiva social como finalização do projeto, “Tecelagem no Triângulo Mineiro” é um objeto de estudo essencial para compreensão do antigo convênio, assim como sua associação com os discursos de patrimônio cultural encabeçados por Aloísio Magalhães nas décadas de 1960 e, principalmente, 1970. Como parte de uma pesquisa mais ampla, que busca encontrar

as conexões entre tal projeto do CNRC e a exposição de tecelagem mineira Repassos: exposição-documento, realizada no Masp em 1975, a visita ao arquivo permitiu a análise de documentação ainda pouco comentada sobre o projeto, permitindo uma visão mais humana e abrangente do trabalho do centro, que ainda buscava sua estruturação própria. A partir desse relato, espera-se contribuir com o conhecimento acerca do CNRC e instigar a possibilidade de estudo desse e de outros projetos desenvolvidos pelo órgão e documentados no Arquivo Central do Iphan em Brasília.

MESA 12 **CORPO E TERRITÓRIO**

Coordenação: Prof. Ms. Fabricio Forg (EC)
Comentário: Profa. Dra. Sabrina Fontenelle (EC)

1. Casas-Museus de mulheres: gênero, domesticidade e patrimônio

Joana Palácio Fernandes (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Flávia Brito do Nascimento (Faud-USP)

2. Os graves da metrópole: Sound System Vitória Ajukas (EC)

orientação: Profa. Dra. Amália C. dos Santos (EC)

3. Memórias, identidades urbanas e inventário dos grafites de São Paulo

Julia Assunção (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra Ana Castro (Faud-USP)

4. Formas de morar nos territórios periféricos: a perspectiva dos espaços ocupados por mulheres negras na cidade de São Paulo

Isadora Viana de Araújo Santos (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva (Faud-USP)

5. Vão livre do MASP: espaços livres apropriados e os conceitos fixos e fluxos de Milton Santos

Henrique Gildo (EC)
Orientação: Prof. Dr. Gabriel Kogan

1. Casas-Museus de mulheres: gênero, domesticidade e patrimônio

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar a relação entre gênero, domesticidade e patrimônio cultural, com foco nas casas-museus de mulheres no Brasil e na América Latina, investigando como a memória feminina e a representação desse grupo social são abordadas no campo da preservação patrimonial. O estudo parte do princípio de que a domesticidade e as práticas de gênero estão profundamente entrelaçadas com a história da arquitetura e do patrimônio, considerando que a configuração do espaço doméstico, com suas normas e significados, desempenhou um papel crucial na definição dos papéis sociais, especialmente no século XIX, quando o conceito de domesticidade se consolidou na imagem da mulher. A pesquisa busca questionar como essa divisão entre os espaços público e privado contribuiu para a formação de identidades culturais no território e como essas divisões

se traduzem no panorama de casas-museus dedicadas à memória feminina. O levantamento das casas-museus de mulheres está sendo realizado por meio de uma análise bibliográfica sobre a tipologia museal e as dinâmicas de gênero, complementada por um mapeamento dos casos identificados. O estudo foca na elaboração de fichas detalhadas sobre cada instituição, destacando projetos de educação patrimonial, políticas de preservação e os principais usos das casas-museus. O primeiro semestre da pesquisa envolveu a revisão de fontes secundárias e a identificação das casas-museus existentes, com base em registros oficiais e plataformas online; foram consultados também artigos e dissertações acadêmicas que tratam especificamente sobre alguns desses casos. As etapas seguintes incluem a sistematização dos dados e a elaboração das fichas detalhadas das casas-museus, com ênfase em uma análise territorial e quantitativa, assim como visitas aos museus localizados em São Paulo e em Campinas, a fim de aprofundar a pesquisa e concluir a análise comparativa. O objetivo final, portanto, é criar um catálogo que contribua para o entendimento da representação das mulheres no patrimônio cultural e na museologia no Brasil.

2. Os graves da metrópole: Sound System

A pesquisa investiga o Sound System como fenômeno cultural que articula resistência, identidade e ocupação urbana em diferentes contextos. Surgido na Jamaica nos anos 1950, o Sound System não é apenas um sistema de som, mas um espaço de encontro e afirmação coletiva. Ao ser levado para outros países, especialmente pelo movimento migratório jamaicano para a Inglaterra, tornou-se uma ferramenta de fortalecimento comunitário diante da exclusão social. No Brasil, especialmente em São Paulo, o reggae e os Sound Systems também desempenham um papel central na construção identitária das comunidades periféricas. Esses eventos, organizados ou de forma independente ou promovidos pelo poder público, possibilitam a ocupação do espaço urbano por populações historicamente marginalizadas. A pesquisa dialoga com Tiaraju Pablo D'Andrea, que discute a formação do sujeito periférico como um processo coletivo, em que a

periferia se afirma não apenas como um local geográfico, mas como um território de produção cultural e resistência. O objetivo central é entender como o Sound System ressignifica a cidade, promovendo uma outra lógica de uso do espaço urbano, a partir de dinâmicas culturais populares. A metodologia combina trabalho de campo etnográfico em Londres, Bristol e São Paulo, análise bibliográfica e interação com participantes desses espaços. A pesquisa busca contribuir para a compreensão do papel da cultura na construção da identidade e da música como forma de luta e transformação social, resultando na produção de textos que poderão subsidiar futuras investigações acadêmicas.

3. Memórias, identidades urbanas e inventário dos grafites de São Paulo

O grafite enquanto expressão da arte popular desempenha papel central na disputa simbólica pelo pertencimento no espaço urbano e na ressignificação das narrativas sobre a cidade. Como manifestação cultural, sua presença nos territórios periféricos opera como dispositivo de visibilização social, dialogando com os processos de transformação urbana e as políticas de reconhecimento patrimonial. A partir disso, o projeto contribui para o debate sobre a incorporação da arte urbana à discussão sobre memória e cidade, evidenciando o impacto do grafite e da cultura hip-hop no fortalecimento da identidade local com sua capacidade de ressignificação de narrativas. A iniciativa visa ampliar o "Inventário de Graffiti", lançado em 2021, documentando obras existentes e novas intervenções urbanas. Além do mapeamento georreferenciado das intervenções pictóricas no espaço público, bem como atualizações de fichas expográficas, sob o discurso de autodeterminação dos sujeitos, o trabalho propõe a escuta ativa de artistas e moradores, produzindo material audiovisual sobre trajetórias e narrativas da Vila Flávia e o impacto da arte na comunidade na percepção de seus habitantes. A coleta dessas histórias recuperadas através da oralidade, permite o registro de narrativas individuais e coletivas, que na culminação do projeto se tornarão fontes para um seminário previsto de lançamento do inventário de grafite, um roteiro guiado pela

região e a exibição de vídeos no cineclube coletivo São Mateus em Movimento, idealizador dos grafites. Este projeto visa discutir a importância da arte urbana e suas interseções com raça, classe e território, além de inserir essas produções no circuito acadêmico e promovendo o reconhecimento de tais narrativas, contribuindo para a valorização da arte popular e consolidação da universidade como um espaço de mediação entre saberes acadêmicos e práticas culturais periféricas.

4. Formas de morar nos territórios periféricos: a perspectiva dos espaços ocupados por mulheres negras na cidade de São Paulo

Este projeto de pesquisa dedica-se à investigação de práticas espaciais e corporais sob a ótica de marcadores de gênero, raça e classe. Para isso, retomamos historicamente a passagem do trabalho escravizado para o assalariado para compreender a luta das mulheres negras brasileiras e seu papel na constituição dos espaços domésticos nas metrópoles. Em seguida, analisou-se quais são os lugares das cidades que abrigam essas mulheres para além da casa, compreendendo qual a sua influênciana produção do espaço urbano. Então, estudou-se quais elementos conformam o espaço doméstico atual na perspectiva da mulher negra periférica a partir de estudos de caso. Com isso, busca-se entender quais disputas e dinâmicas identitárias estão em vigor no meio urbano contemporâneo para esse grupo social em específico, de modo a permitir uma revisão do campo arquitetônico e urbanístico.

5. Vão livre do MASP: espaços livres apropriados e os conceitos fixos e fluxos de Milton Santos

Esta pesquisa pretende investigar como os conceitos de fixos e fluxos de Milton Santos dialogam com os espaços livres apropriados na obra de Lina Bo Bardi, em especial o vão livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Os diversos usos desse objeto de estudo e a característica de ser um espaço livre, possibilita investigações sobre a materialidade e imaterialidade, assim como as dinâmicas e dimensões desse espaço. Uma reflexão dessas relações com os conceitos fixos e fluxos de Milton Santos que propõe dentre outros fatores, também a dinamicidade dos espaços,

logo é possível considerar as apropriações dos espaços livres sob esse prisma. A metodologia empregada nesta busca será de forma teórica e documental “desenhos que exemplificam as dimensões cotidianas e registrem as apropriações do MASP”, a fim de refletir a relação dos espaços com livre apropriação, compreender novas interpretações materiais e imateriais do espaço e dialogar com as dinâmicas comportamentais dos frequentadores do vão livre do MASP, dessa forma oferecendo novas compreensões sobre os espaços livres no campo da arquitetura.

MESA 13 TERRITORIALIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS

Coordenação: Profa. Ms. Deborah Sandes (EC)

Comentário: Prof. Dr. Renato Cymbalista (Faud-USP)

1. Cartografia, terra e território: um sistema de análise visual para o assentamento Normandia (MST-PE)

Ana Clara Alcoforado (EC)

orientação: Prof. Ms. Pedro Vada (EC)

2. Arquitetura e urbanismo sem projeto: olhares sobre a favela desde a transferência da capital brasileira na década de 1960

Giovana C. Damasceno (Unicamp)

orientação: Profa. Dra. Josianne Francia Cerasoli (Unicamp)

3. “Por São Paulo Sem Favelas”: o movimento universitário de desfavelamento e as organizações assistencialistas nos anos 1960

Victória Vellardi Janoti (Faud-USP)

orientação: Profa. Dra. Ana Claudia V. de Castro (Faud-USP)

4. Kòsí ewé, kòsí òrisá: um catálogo de paisagem de terreiro de candomblé em Cassange

Bruna dos Santos Azevedo (UFBA)

orientação: Profa. Dra. Camila Gomes Sant’Anna (UFBA)

5. Panorama do aborto em São Paulo: uma análise cartográfica do fenômeno urbano

Rachel Almeida (EC)

Orientação: Prof. Ms. Pedro Vada

1. Cartografia, terra e território um sistema de análise visual para o assentamento Normandia (MST-PE)

Esta pesquisa apresenta uma contribuição para a leitura do assentamento Normandia, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir do mapeamento e outras soluções gráficas definidas, proporcionando uma visualização eficiente das características e dos fenômenos do local. Sendo o mapa um meio de comunicação, o tratamento gráfico dado às informações representadas deve transmitir tanto as características individuais do território, como também seus aspectos coletivos. Na análise visual de informações geográficas, a base cartográfica, diagramas e gráficos permitirão um quadro de consistente

substrato histórico e etnográfico do território, seus sentidos, inserções políticas, abordagens sociais e comportamento espacial. Partindo do campo empírico do assentamento Normandia, na zona rural de Caruaru, no Agreste Central de Pernambuco, o objetivo do trabalho é explorar o levantamento de dados cartográficos para contar histórias de relevância social e política. Mergulhando nas composições das representações cartográficas, observando suas linhas, em seus mais variados modos de apresentação, este estudo visual busca contribuir para a execução de um planejamento integrado, no qual os diversos elementos que compõem os movimentos sociais do campo sejam considerados de forma efetiva.

2. Arquitetura e urbanismo sem projeto: olhares sobre a favela desde a transferência da capital brasileira na década de 1960

Este projeto visa analisar os olhares sobre a favela desde a década de 1960, período durante o qual o Brasil lidava com a mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília, duas cidades de grande potência política no cenário nacional. A pesquisa foi inicialmente estruturada a partir de dois documentos base: o relatório publicado em 1960 e desenvolvido pelo Sagmacs, a “Humanização da Favela Carioca”, e o livro “Estética da Ginga”, de Paola Berenstein, nos quais se pretendiam explorar características históricas e técnicas a fim de estabelecer comparativos entre visões distintas da vida e funcionamento urbano de favelas. Entretanto, no decorrer do processo de desenvolvimento da pesquisa notou-se um profundo caráter acadêmico dos materiais usados como base, o que evidenciou a necessidade de uma mudança para a segunda etapa da pesquisa. Portanto, escolheu-se prosseguir com o estudo a partir de um olhar interno para com as favelas, com materiais disponíveis nas academias mas, em principal, produzidos por instituições e conhecimentos existentes nos próprios territórios. Desta forma, utilizaremos o projeto WikiFavelas, formulado em 2016 por meio de uma rede formada por lideranças comunitárias, instituições acadêmicas e coletivos locais.

3. “Por São Paulo Sem Favelas”: o movimento universitário de desfavelamento e as organizações assistencialistas nos anos 1960

A questão urbana paulistana entre as décadas de 1940 e 1960 tende a ser entendida por meio do fenômeno da expansão urbana e da falta de habitação, dando-se atenção aos cortiços e na sequência aos loteamentos periféricos, e deixando de lado o fenômeno das favelas até meados dos anos 1970. Entretanto, pesquisas recentes, como de Jorge Paulino (2007), Fernão Lara (2012) e Julia Flock (2021), vêm indicando uma presença considerável de favelas na cidade desde a década de 1940, respaldadas pelos relatos de trabalho das assistentes sociais Marta Godinho e Iracy Junqueira, pela literatura de testemunho do diário de Carolina de Jesus e por organizações religiosas de assistência como a Cruzada Pio XII e a Associação Cristã de Moços. Em 1961, o Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD) surge no meio acadêmico, com estudantes de Medicina, Direito e Arquitetura e Urbanismo, como uma resposta crítica ao assistencialismo tradicional, propondo soluções técnicas e urbanísticas para a remoção das favelas (Tanaka, 1995). Ainda assim, para além da supervisão e assessoramento da Divisão Social da Prefeitura, usualmente as ações do MUD se associavam a outras entidades assistencialistas, como a Cruzada Pio XII, a Associação Cristã de Moços, a Fundação Mac Ashan e a Confederação de Famílias Cristãs. A pesquisa se baseia em levantamento bibliográfico e documental, com análise de fontes primárias, como registros históricos e documentos do movimento, além de literatura sobre a remoção de favelas e a participação estudantil. Portanto, o estudo busca compreender a formação, os princípios e as atividades do MUD, analisando seu impacto tanto no debate acadêmico quanto na política urbana da época. Além disso, investiga como outras organizações atuavam nas favelas e compara suas abordagens com a do MUD, destacando convergências e tensões entre diferentes perspectivas sobre desfavelamento e urbanização.

4. Kòsí ewé, kòsí òrìsà: um catálogo de paisagem de terreiro de candomblé em Cassange

O bairro periférico do Cassange originou-se no contexto da expansão urbana não planejada da cidade de Salvador, onde, sem a garantia da infraestrutura urbana necessária, ocorreu a ocupação de uma área de alto valor ambiental. Suas áreas verdes revelam paisagens ancestrais dos terreiros de candomblé, muitas vezes desconhecidas e até marginalizadas. A fim de compreender a condição e as transformações destas paisagens ao longo do tempo e os elementos que a compõem, nesta pesquisa desenvolvemos um catálogo de paisagem em um terreiro de candomblé keto, o Ilê Axé Ewá Omin Niré. Para tanto, foi realizada uma revisão teórica e levantamentos e análises realizados por meio de cartografias, que buscam explicitar os valores que a paisagem tem para a comunidade que nela vive.

5. Panorama do aborto em São Paulo: uma análise cartográfica do fenômeno urbano

O aborto tem sido um tema de intenso debate ao longo da história, com divergências entre criminalização e legalização, mas a escassez de dados precisos sobre sua prática—especialmente em casos ilegais—dificulta a avaliação de políticas públicas voltadas à saúde da mulher. Este estudo propõe uma análise experimental do aborto legal e ilegal na cidade de São Paulo entre 2014 e 2024, utilizando dados do DATASUS sobre mortalidade e internações hospitalares, além de notícias publicadas no portal G1 no mesmo período. O objetivo é mapear a ocorrência do fenômeno e sua relação com as dinâmicas urbanas, interpretando-o como um processo socioespacial que reflete e impacta a realidade das cidades.

A metodologia combina análise estatística de dados de saúde com levantamento de reportagens, cruzando essas informações com características morfológicas e socioeconômicas do território paulistano. Os resultados serão sistematizados em cartografias digitais (QGIS), permitindo visualizar padrões geográficos e correlacioná-los com indicadores urbanos, como acesso a serviços de saúde e desigualdades regionais. A pesquisa busca não apenas quantificar a prática abortiva, mas também discutir suas

implicações como questão de saúde pública e justiça social.

Como contribuição, o estudo oferecerá um panorama inédito sobre o aborto em São Paulo, subsidiando debates acadêmicos e políticos com evidências empíricas. Além disso, a abordagem interdisciplinar—articulando saúde, geografia urbana e mídia—poderá servir como modelo para investigações similares em outras regiões do Brasil.

MESA 14

ESCALAS E PROBLEMAS DE PROJETO NA ARQUITETURA E CIDADE NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX E XX

Coordenação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)
Comentário: Prof. Dr. Leonardo Novo (EFLCH-UNIFESP)

1. Instantâneos latino-americanos e do Caribe: pavilhões nacionais em exposições e feiras internacionais desde 1851

Bruno Cristófani e Carolina Brecheret (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Hugo Massaki Segawa (Faud-USP)

2. A cultura visual arquitetônica academicista e as grandes avenidas: um estudo comparado

Luciana de Mello Miranda (Faud-USP)
orientação: Profa. Dra. Joana Mello de C. e Silva (Faud-USP)

3. Utopias urbanas do passado no presente: Cité Ouvrière e Letchworth Garden City, utopias da industrialização revisitadas

Mariana Batista Delfino (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Renato Cymbalista (Faud-USP)

4. Utopias urbanas do passado no presente: New Lanark, experiência resiliente de dois séculos

Letícia Maria Martins Fleury (Faud-USP)
orientação: Prof. Dr. Renato Cymbalista (Faud-USP)

5. O ano que o carnaval foi adiado: a europeização do Rio de Janeiro do século XIX

Emanuela Padiglione R. de Godoy (Unifesp)
orientação: Prof. Dr. André Arruda Machado (Unifesp)

1. Instantâneos latino-americanos e do Caribe: pavilhões nacionais em exposições e feiras internacionais desde 1851

Esse projeto de pesquisa busca um enfoque inovador ao estabelecer um recorte da arquitetura dos pavilhões de países latino-americanos e do Caribe nos eventos internacionais, tendo como posicionamento crítico o contexto do nosso continente e como foco de análise as representações de nacionalidade e identidade dos pavilhões do Brasil e dos países hispano-americanos em curso de afirmação ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX. A temática geral das exposições universais e seus desdobramentos não constituem matéria inédita, sobretudo a partir de uma visão eurocêntrica.

2. A cultura visual arquitetônica academicista e as grandes avenidas: um estudo comparado

A arquitetura academicista é fruto das profundas mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas na sociedade europeia no período entre o final do século XVIII e início do XX e representa, entre outros aspectos, a busca da nova burguesia industrial pela sua própria identidade. Face a essa conjuntura e à expansão do imperialismo europeu, percebe-se a difusão dessa arquitetura em uma escala global. Sob uma perspectiva material, a modernização dos meios de produção e de transporte apresenta-se como fator essencial para esse processo. Porém, quanto à dispersão de uma lógica estilística comum, se sobressai o papel dos meios de comunicação textuais, e sobretudo visuais, entre os quais se destaca a fotografia, cujo papel social, nesse contexto, corrobora a visibilidade burguesa e a narrativa acerca da modernidade, tanto quanto a arquitetura. Este projeto pretende articular e compreender a difusão de uma cultura visual arquitetônica academicista por meio da fotografia entre os séculos XIX e XX, a partir do estudo de caso da arquitetura produzida na Avenida Central, construída no Rio de Janeiro entre 1903 e 1906, em análise comparativa com fotografias de importantes avenidas do mesmo período: a Avenida de Mayo, em Buenos Aires, a Champs Elysées, em Paris, a Ringstrasse, em Viena, e a Paseo del Prado, em Madrid, a fim de reconhecer e articular relações que revelam a existência de uma lógica projetual e repertório lexical comuns.

3. Utopias urbanas do passado no presente: Cité Ouvrière e Letchworth Garden City, utopias da industrialização revisitadas

Este projeto de Iniciação Científica integra uma pesquisa mais abrangente que investiga experiências de algumas utopias urbanas do passado que seguem existindo, como espaços que funcionam de forma alternativa aos mercados de compra e venda de terras ou imóveis. As experiências mais utópicas ou idealistas da história recebem o devido crédito historiográfico como precursoras, viabilizadoras de um léxico de experiências, alargadoras de horizontes de utopia, mas em última análise têm um papel menos estruturante das narrativas. Quando essas experiências são apresentadas pelos historiadores do

urbanismo, de uma forma geral, ancora-se os casos no tempo e no espaço de formulação de cada uma, mostrando respeitosamente sua contribuição para a narrativa da consolidação da disciplina do urbanismo, como expressões de um zeitgeist específico, mas poucas problematizam seus desdobramentos posteriores a longo prazo. Nesta pesquisa, as experiências são analisadas para além da mágica originalidade das suas sínteses de nascimento e de seus papéis precursores do urbanismo moderno e contemporâneo. Nosso interesse são as dinâmicas e dispositivos internos, instâncias decisórias, indivíduos que ocuparam cargos administrativos e políticos, permitindo que experiências com conteúdos utópicos sobrevivessem ao tempo. Em suas diversas configurações, as chamadas utopias urbanas do passado no presente existem em espaços institucionais associativos e comunitários, não-estatais, mas tampouco como propriedade privada de mercado. Este projeto específico investiga uma experiência de território utópico construído no passado, mas que perpassa décadas e séculos como espaço de diferença, alternativo às dinâmicas mercantilistas e capitalistas de mercados de terras, cuja configuração institucional historicamente constituída é a de fundações, Letchworth Garden City Heritage Foundation.

4. Utopias urbanas do passado no presente: New Lanark, experiência resiliente de dois séculos

Este projeto de Iniciação Científica investiga New Lanark, uma experiência considerada precursora do urbanismo, fundada no fim do século XVIII como empreendimento industrial e vila operária na Escócia. Aqui, a vila é investigada para além de seus momentos heroicos e de seu papel de precursora do urbanismo moderno e contemporâneo. Experiências utópicas ou idealistas têm normalmente um papel acessório na história do urbanismo. Recebem o devido crédito historiográfico como precursoras, viabilizadoras de um léxico de experiências, alargadoras de horizontes de utopia, mas em última análise são pouco “vertebradoras” das narrativas. O lugar de maior destaque cabe em geral às experiências em que o urbanismo incorporou dispositivos, métodos e responsabilidades pelo desenvolvimento

territorial no interior da máquina do Estado. O interesse desta pesquisa é pelas dinâmicas institucionais internas que permitiram que as apostas utópicas de seus fundadores sobrevivessem ao tempo, e que continuem a viabilizar sua existência como espaço não-estatal e desvinculado das dinâmicas especulativas do mercado. Para além da história contada pela literatura consolidada, que atribui um fim à utopia do espaço, a narrativa de New Lanark pode ser contada a partir de documentos institucionais e outras fontes primárias, permitindo que seja reconhecida a continuidade e resiliência de seus projetos reformistas. Hoje, New Lanark continua a providenciar habitação de qualidade alheia às dinâmicas de mercado especulativo. A vila, patrimônio mundial pela Unesco, é salvaguardada por uma fundação, e sua existência é viabilizada por dinâmicas institucionais desenvolvidas e recriadas para as necessidades do espaço e de sua comunidade em novos contextos. Na New Lanark contemporânea, o caráter excepcional da vila é ancorado no passado para construir uma excepcionalidade presente, e pode ser, portanto, compreendido através da investigação da história do projeto habitacional, da criação das institucionalidades no século XX e do processo de patrimonialização do território.

5. O ano que o carnaval foi adiado: a europeização do Rio de Janeiro do século XIX

Esse projeto de pesquisa pretende, a partir da análise de jornais, compreender como foi o carnaval carioca em 1892. Nesse ano, um parágrafo do primeiro código de posturas da República entraria em vigor. O texto dizia que a festa deveria ser transferida para o mês de junho, no inverno. Por trás dessa medida, no entanto, escondia-se uma política higienista do século XIX de reestruturação do espaço urbano. Essa política tinha como foco as habitações e hábitos da população, tidos como incivilizados. Tendo como referência as urbes europeias, exemplos de “progresso e civilização”, os homens no poder buscaram cercear a forma que a população experimentava a metrópole, sobretudo nos dias festivos. O carnaval de rua, que implicava no ajuntamento de foliões, era lido pela Junta Central de Higiene, pelos literatos nos jornais e homens nas câmaras municipais como uma folia que representava

perigo e insalubridade. A transferência da data da festa foi justificada por critérios médicos, mas tratava-se de uma política de desmobilização do carnaval popular. O trabalho irá investigar como dois jornais em específico, a literária Gazeta de Notícias (RJ) e o conservador Jornal do Commercio (RJ), noticiaram o carnaval em 1892, durante o feriado oficial e a nova data. Nesta pesquisa, compreendemos os jornais como atores políticos e não apenas como depositórios de informação. Sabemos, afinal, que essas folhas e seus jornalistas foram grandes responsáveis por construir uma imagem negativa do entrudo popular, dos cucumbis africanos e foliões avulsos enquanto enalteciam um tipo específico de carnaval: o das grandes sociedades. Queremos saber, enfim, qual foi a repercussão nos periódicos sobre o carnaval que não saiu. Ou, por que não, quais os carnavais que não puderam sair no verão de 1892?

MESA 15 REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS ENTRE IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Coordenação: Profa. Ms. Joana Barossi
(EC)

Comentários: Prof. Dr. Ricardo Luis Silva
(Senac)

1. Entre Berlim e São Paulo: crises identitárias, muros reais e simbólicos e a fragmentação urbana a partir das obras "O Casamento de Maria Braun" e "Linha de Passe"

Rebecca dos Santos Beutler (Faud-usp)

orientação: Prof. Dr. Eduardo P. de Sousa (Faud-usp)

2. Floresta e ficção: o espaço narrado do Mayombe a partir de Pepetela

Dries Alzugaray Van Steen (EC)

orientação: Profa. Ms. Joana Barossi (EC)

3. A Revolução Constitucionalista e a produção de imaginários

Fábio André Camargo Sanz (Faud-usp)

orientação: Prof. Dr. Eduardo A. Costa (Faud-usp)

4. Fósseis, fantasmas e animais: cosmopolíticas do habitar em Brasília

Bruno Maschio (EC)

orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

5. Amazônia na FAU-USP/FAU-USP na Amazônia – IV: diálogos abertos sobre/com a região amazônica através dos acervos da FAU: fotografias

Maurício Cavalcante Lima (Faud-usp)

orientação: Profa. Dra. Renata Maria de Almeida

Martins (Faud-usp)

1. Entre Berlim e São Paulo: crises identitárias, muros reais e simbólicos e a fragmentação urbana a partir das obras "O Casamento de Maria Braun" e "Linha de Passe"

Esta pesquisa analisa como os filmes "O Casamento de Maria Braun" (1979), de Rainer Werner Fassbinder, e "Linha de Passe" (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, representam a fragmentação urbana e as crises identitárias das sociedades alemã e brasileira, tendo Berlim e São Paulo como cenários centrais. A escolha dos diretores se justifica por suas abordagens significativas das transformações sociais e urbanas em períodos de reestruturação cultural e política na Alemanha pós-guerra e no Brasil pós-ditadura. O estudo parte da análise dos contextos históricos e sociopolíticos das duas cidades nos períodos abordados, explorando a polarização social entre centro

e periferia e os muros – reais e simbólicos – que fragmentam suas dinâmicas urbanas. Em seguida, é realizada uma análise fílmica das obras selecionadas, investigando como os espaços urbanos refletem crises identitárias e como essas questões se traduzem nas narrativas e estéticas cinematográficas. Por fim, a pesquisa identifica convergências e divergências entre as representações de Berlim e São Paulo, avaliando como os imaginários urbanos ajudam a compreender as tensões sociais e políticas do Brasil e da Alemanha. Este estudo busca ampliar os diálogos entre o cinema brasileiro contemporâneo e movimentos internacionais, destacando as conexões entre o Cinema Novo Alemão e o Cinema da Retomada, além de aprofundar a análise das interseções entre o urbano, o simbólico e o identitário. Este estudo está vinculado às investigações do Grupo de Pesquisa "Representações: Imaginário e Tecnologia" (RITE), sediado na FAU-USP.

2. Floresta e ficção: o espaço narrado do Mayombe

Esta pesquisa parte de uma análise crítica literária da representação da floresta tropical do Mayombe pelo autor Pepetela em seu romance "Mayombe" (1980), escrito e ambientado na guerra de independência de Angola. Estuda-se como os narradores guerrilheiros se referem ao espaço da floresta e a si mesmos perante ela, mapeando suas bases, travessias, mirantes e caminhos, em referência à geografia física da floresta, criando uma cartografia ponderável entre realidade e ficção. Discute-se, portanto, como a escrita e a literatura contribuem para a construção de um imaginário que, por fim, também constrói espaços. Isto é, como se cria e amplia a floresta através da narrativa, e o que tem de arquitetura nessa literatura.

3. A Revolução Constitucionalista e a produção de imaginários

A pesquisa tem como objetivo discutir acerca das visões históricas do conflito denominado Revolução Constitucionalista de 1932, bem como a sua influência na consolidação de um imaginário social, especialmente entre a população do estado de São Paulo, por meio do campo da visualidade. O objeto de estudo foi a coleção "Revolução de 32" do Museu Paulista, a qual foi consultada em

visitas à seção técnica do próprio museu. Neste momento foram realizados registros e anotações referentes aos artefatos e suas imagens, que posteriormente foram categorizados e analisados com base em um referencial teórico proveniente dos campos da Cultura Visual e da Cultura Material. Nesse sentido, buscou-se reconstituir a história de tais imagens, explorando o seu contexto e uso antes, durante e após o evento, bem como as intenções e os agentes envolvidos. Assim, destacam-se dentro da coleção quatro principais representações: os bandeirantes, os soldados constitucionalistas, a metrópole paulista e a bandeira que se tornaria o símbolo heráldico do estado de São Paulo. Dessa forma, percebe-se que o uso repetido e sistemático de tais imagens foi essencial para o estabelecimento de narrativas que colocam os paulistas como protagonistas da história nacional, além de estabelecer características que definem aquilo que pode ser chamado de uma identidade paulista. Por fim, o trabalho aborda ainda o papel dos museus públicos e a sua capacidade de estabelecer e validar narrativas históricas que refletem os interesses e perspectivas de determinados grupos sociais. Dessa forma, o estudo busca ampliar o alcance do debate historiográfico sobre a Revolução Constitucionalista, empregando as imagens como fontes de informação e abrindo novas possibilidades de pesquisa sobre este evento.

4. Fósseis, fantasmas e animais: cosmopolíticas do habitar em Brasília

A presente pesquisa tem como objeto alguns discursos sobre Brasília. Por um lado, aqueles mobilizados em torno da construção de Brasília, em especial os enunciados de Lúcio Costa, Mário Pedrosa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek. Esses textos informam sobre certas aproximações entre o projeto moderno - político, arquitetônico, artístico, urbanístico - e um tipo de habitar o território ainda calcado na experiência colonial. Por outro lado, a pesquisa se debruça sobre uma série de contra-discursos sobre a cidade: em especial a produção literária de Clarice Lispector sobre a capital. A prosa de Clarice aponta para outras estórias que não estão contidas na história oficial da cidade. Esse confronto entre história e estórias busca evidenciar o conflito e as tensões que

habitam a construção do imaginário coletivo da capital.

5. Amazônia na FAU-USP/FAU-USP na Amazônia – IV: diálogos abertos sobre/com a região amazônica através dos acervos da FAU: fotografias

As experiências de desenvolvimento na Amazônia, tuteladas por uma pseudorracionalidade científica e tecnológica hegemônica, marcaram a região no período pós-guerra e mostraram-se negativas, falhas, absolutizantes e evidenciam a necessidade de estímulo a novas formas de produção, associadas às experiências das populações tradicionais – como povos indígenas e ribeirinhos – e a urgência do combate às mudanças climáticas, frutos desse processo de desenvolvimento degenerativo. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é realizar uma análise das fotografias referentes às experiências arquitetônicas amazônicas dentre os anos de 1950 e 1990, contidas na Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da USP, que serão apresentados por meio de uma mostra colaborativa sediada na FAU-USP. Em consonância a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30), objetiva-se provocar o observador a pensar não apenas no ontem de seu país, mas também no hoje, no amanhã e no papel social que o arquiteto assumiu no passado e pode assumir na atualidade, enquanto agente de mudança. A metodologia adotada fundamenta-se na análise de imagem proposta por Panofsky (1955) em articulação às matrizes epistêmicas originadas dos estudos latino-americanos relacionados à decolonialidade (Mignolo, 2008; Quijano, 2005). Destaca-se a importante associação entre pesquisadores e artistas ora sudestinos que trabalham na região, ora nortistas, através do Labya-Yala - Laboratório de Estudos Decoloniais da FAU-USP e do Projeto Jovem Pesquisador Fase 2 da Fapesp Barroco-Açu.

MESA 16 (REMOTO)

TERRITÓRIO, CORPO E DIVERSIDADE

Coordenação: Arq. Victor Salgado (EC)
Comentário: Prof. Ms. Gleuson Pinheiro (LABDIAS Faud-USP/EC)

1. Volta Redonda e a subversão do plano original: memória, apropriação social e transformação urbana

Fabrizio C. dos Santos Júnior (UGB/Ferp)

orientação: Profa. Dra. Andrea Auad Moreira

(UGB-Ferp)

2. Nosso Lugar: proposta de centro de acolhimento e alternância para a comunidade acadêmica da UFFS

Felipe Baldissera Walter (UFFS)

orientação: Profa. Dra. Náaira Zanardo Zanin (UFFS)

3. A cidade através do espelho: uma leitura da cidade de Patos de Minas por meio de suas narrativas urbanas

Gabriel Pereira Lima (Unipam)

orientação: Profa. Ms. Adriane S. Neto

4. Entre ruínas e progresso: a representação do trabalhador urbano e das cidades nos cinemas italiano e paulistano no período pós-Segunda Guerra (1945-1965)

Maria Beatriz Romero Vesco (Faud-USP)

orientação: Prof. Dr. Eduardo P. de Sousa (Faud-USP)

5. Pixação e cidade: dinâmicas urbanas ocultas

Gabriella Amaral Ferreira (UFF)

orientação: Profa. Dra. Adriana Caúla (EAU/UFF)

1. Volta Redonda e a subversão do plano original: memória, apropriação social e transformação urbana

O que enxergamos como cidade nos dias de hoje em Volta Redonda é resultado de um constante tensionamento entre um planejamento meticulosamente pensado e a apropriação social que aconteceu durante o desenvolver da cidade. Originalmente concebida para atender a lógica industrial e tecnocrática, seguindo o desenvolvimento da época, foi transformada ao longo do tempo pelas dinâmicas dos seus habitantes, que subverteram o plano original e começaram a se apropriar dos espaços que outrora não eram vistos nem como possíveis territórios a serem explorados. Esse processo se reflete nos dias de hoje em torno das disputas sobre a memória urbana e a ocupação do território. Este estudo buscar refletir como essas transformações se deram na prática, analisando o impacto das intervenções

populares na paisagem urbana e a relação entre identidade, espaço e poder. A partir de registros históricos, movimentos urbanos e narrativas atuais, busca-se desfiar as forças que moldaram a cidade e os conflitos ideológicos que emergiram dessa interação. Dessa forma, Volta Redonda é apresentada não apenas como uma cidade industrial idealizada, mas como um espaço vivo e constantemente reconstruído por seus habitantes.

2. Nosso Lugar: proposta de centro de acolhimento e alternância para a comunidade acadêmica da UFFS

Nosso Lugar é o nome escolhido para um espaço de acolhimento e convivência para comunidade acadêmica da Universidade Federal da Fronteira Sul, a ser construído nos campi de Erechim-RS, Chapecó-SC e Laranjeiras do Sul-PR, principalmente pela necessidade de alojamento para os estudantes dos cursos de alternância e indígenas. O projeto foi desenvolvido no Labcroki, por professores e estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS em colaboração com as direções dos campi e com a Secretaria Especial de Obras da UFFS, em diálogo com os estudantes e usuários dos espaços. Foram consideradas as especificidades culturais e sociais dos estudantes indígenas e suas crianças, assim como dos estudantes oriundos de assentamentos da reforma agrária. A arquitetura resultante contempla espaços de permanência e convívio, garantindo qualidade no aprendizado no período em que estiverem na universidade. A identidade do projeto direciona-se às possibilidades de apropriação por meio de murais e grafismos, além da utilização de materiais naturais e estratégias bioclimáticas para garantir conforto ambiental em diferentes períodos do ano.

3. A cidade através do espelho: uma leitura da cidade de Patos de Minas por meio de suas narrativas urbanas

Este trabalho desenvolveu uma leitura da cidade de Patos de Minas (MG) através de suas representações e narrativas urbanas, procurando reconhecer de que forma essas narrativas orientam a percepção desse núcleo urbano. A representação de uma cidade é construída a partir da imagem imaginada do urbano. Ela é criada por seus

próprios cidadãos, seus vizinhos e seus visitantes. A cidade pode ser representada de diversos modos, através de pinturas, textos literários, fotografias, filmes e muitos outros. Essas representações traduzem as transformações dos espaços físicos e simbólicos de uma cidade. A pesquisa investigou o filme “1968: a capital do milho” como uma linguagem representativa da cidade e da tecnologia temporal do momento de captura e edição de suas imagens, assim como instrumento de indução perceptiva coletiva. Procurou-se entender qual imagem o filme queria apresentar sobre Patos de Minas. Apesar de ser possível ter um panorama geral sobre a cidade, sua estrutura urbana e suas manifestações culturais, o quanto essa representação constrói uma imagem manipulada da cidade de acordo com os interesses de quem encomendou e produziu o registro? Foram feitas comparações com outras linguagens representativas da cidade na época de 1950 e 1960, fotos, textos e notícias de jornais que colaboraram para a construção analítica sobre o filme em questão. Também foram mapeadas outras representações de Patos de Minas criadas após o filme de 1968 e foram identificadas as aproximações e os distanciamentos entre a cidade representada no filme “1968: a capital do milho” e a cidade vivida hoje por seus moradores, trazendo o trabalho para uma análise contemporânea.

4. Entre ruínas e progresso: a representação do trabalhador urbano e das cidades nos cinemas italiano e paulistano no período pós-Segunda Guerra (1945-1965)

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a representação do trabalhador urbano no cinema italiano e paulistano no período compreendido como pós-Segunda Guerra. A comparação dessas produções se dá pela semelhança de soluções utilizadas pelos filmes, como a ambientação externa, o protagonismo das classes médias, a representação do cotidiano e a discussão sobre a crise humanitária gerada pelo capitalismo em nome do “progresso”. Em primeiro momento, a análise se dá na história do cinema e sua utilização como instrumento de manipulação de massas patrocinado pelas classes dominantes. Em seguida, será feita uma análise teórica acerca do crescimento

urbano e a dominação de classes, uma vez que a própria organização das cidades é também instrumento de manipulação social. Em seguida, considera-se o contexto histórico de ambas as localidades, partindo do período entreguerras até o pós-Segunda Guerra, ambos caracterizados pelas profundas mudanças sociais e econômicas, da ascensão do fascismo ao cenário de destruição da Itália e de crescimento urbano e industrialização na capital paulista. Em conjunto a essa revisão, faz-se uma breve análise da produção cinematográfica nos territórios, a fim de compreender suas transformações. A partir dessa base, a pesquisa investiga como os trabalhadores urbanos eram retratados nos filmes daquele período, e como as produções influenciaram para a construção de um imaginário do cotidiano e do meio urbano no período. Para isso, aborda-se um conjunto de filmes do período, buscando compreender as semelhanças e divergências. O estudo busca aprofundar as pesquisas comparativas entre as produções italianas e paulistanas, estabelecendo paralelos narrativos de ambos os cinemas. Este estudo está vinculado às investigações do Grupo de Pesquisa “Representações: Imaginário e Tecnologia” (RITE), sediado na FAU-USP.

5. Pixação e cidade: dinâmicas urbanas ocultas

A pesquisa investiga as dinâmicas urbanas da pixação, frequentemente vista como uma prática ilícita e anônima, mas que desempenha um papel significativo como intervenção urbana. Originada da observação de uma tag de uma pichadora em Niterói, a análise levanta questões sobre a falta de atenção à pixação nas discussões acadêmicas de Arquitetura e Urbanismo, destacando sua função como reflexo das experiências urbanas e das relações sociais com os espaços ocupados. Os objetivos da pesquisa incluem esclarecer a relação da pixação com o espaço urbano e redefinir a imagem do pichador como um produtor cultural. O estudo explora como a pixação representa a cultura periférica e marginalizada, frequentemente ignorada pelo planejamento urbano, além de buscar sensibilizar o público sobre a realidade dos pichadores, contestando as narrativas negativas que os cercam. A metodologia envolve uma abordagem de campo, com

diálogos com pichadores e observações sistemáticas dos contextos urbanos em que a pichação ocorre. A cartografia é utilizada para realçar a pichação como forma de expressão e resistência social, refletindo as identidades dos grupos urbanos. As teorias de Ana Clara Ribeiro Torres fundamentam a pesquisa, que considera as interseções com o graffiti e o movimento hip-hop, aprofundando a compreensão da pichação no Brasil e suas adaptações a diferentes contextos culturais.

MESA 17 (REMOTO) HISTORIOGRAFIA, FONTES E REGISTROS

Coordenação: Profa. Dra. Danielle Dias (EC)
Comentário: Prof. Dr. Jonas Deleclave (UFRJ)

1. Estudos urbanos no Brasil entre 1960 e 1988:

diálogos latino-americanos

Henrique Munhoz Clesca (Faud-USP)
orientação: Dra. Mariana de Azevedo Barretto Fix (Faud-USP)

2. O projeto enquanto documento histórico: a arquitetura moderna residencial unifamiliar de Maceió na década de 1960

Rosana da Silva Santos e Madson Luan Almeida do Nascimento (Ufal)
orientação: Profa. Dra. Manuella Marianna de Andrade (Ufal)

3. Ícone moderno maldito: o Conjunto Habitacional 23 de Enero

Ruan Carlos Marques dos Santos (UFBA)
orientação: Prof. Dr. José Carlos Huapaya Espinoza (UFBA)

4. Por uma história do urbanismo e do planejamento urbano na América Latina: eventos especializados (1950-1980)

Leandra Paranhos de Santana Lima (UFBA)
orientação: Prof. Dr. José Carlos Huapaya Espinoza (UFBA)

5. Do monstro urbano ao paraíso sanitário: entre o pensamento urbanista e utopias urbanas

Matheus José de Souza Dias (Unicamp)
orientação: Profa. Dra. Josianne F. Cerasoli (Unicamp)

1. Estudos urbanos no Brasil entre 1960 e 1988: diálogos latino-americanos

Esta investigação está inserida nas atividades do Grupo de Pesquisa em Teoria e História dos Estudos Urbanos no Brasil (CNPq), coordenado pela Dra. Mariana de Azevedo Barretto Fix (FAU-USP). Nesse sentido, beneficia-se e compartilha do esforço coletivo do grupo de realizar uma prospecção historiográfica acerca da história da formação do campo dos estudos urbanos brasileiros, objetivando o resgate de categorias, hipóteses, teorias e outras discussões acerca da produção do espaço – muitas das quais passaram por um processo de “esquecimento” ou “apagamento” durante a ditadura militar, que violentamente exilou, censurou e

perseguir pesquisadores e pensadores brasileiros. Buscando ampliar, sistematizar e identificar a existência de vínculos e interlocuções realizadas entre autores brasileiros e latino-americanos, no âmbito dos estudos urbanos, essa pesquisa enfatizou os diálogos ocorridos entre Brasil, Chile e Venezuela, de 1960 a 1988, a partir da análise das atividades de três grupos de pesquisa em desenvolvimento e planejamento: o Cebrap (São Paulo), o Cidu (Santiago) e o Cendes (Caracas). Para tal, levantou-se, a partir da consulta de registros institucionais e documentos históricos, o corpo de pesquisa dos referidos centros, assim como suas estruturas de organização institucional e as suas produções bibliográficas – especialmente, suas publicações periódicas, as revistas “Estudos Cebrap”/ “Novos Estudos Cebrap”, “Revista Eure” e “Cuadernos del Cendes”, entendidas também como fonte e registro histórico do pensamento urbano e social latino-americano. A inspeção dos sumários das publicações periódicas, alinhada à leitura de textos selecionados e as discussões promovidas pelo grupo, permitiram identificar temas e questões comuns à história do pensamento urbano brasileiro e latino-americano. Desse modo, pôde-se questionar em que medida essa interlocução com autores de países que experimentaram processos de urbanização com características em comum ao caso brasileiro contribuiu para a formulação de hipóteses que tornaram os estudos urbanos um campo original e promissor de conhecimento.

2. O projeto enquanto documento histórico: a arquitetura moderna residencial unifamiliar de Maceió na década de 1960

Os resultados parciais da pesquisa Pibic Ciclo 2024-2025 iniciada em setembro de 2024 consiste nos dados quantitativos acerca da produção da arquitetura moderna unifamiliar em Maceió na década de 1960. Metodologicamente, a pesquisa inclui revisão bibliográfica, visitas técnicas para levantamento de fonte primária no acervo documental do setor de arquivo da prefeitura de Maceió, e análise dos projetos, visando compreender as características da arquitetura moderna unifamiliar. Esta pesquisa explícita o caminho percorrido para alcançar os dados quantitativos e anunciar imagetivamente

a expressão dessa arquitetura mediante o projeto como documento histórico.

3. Ícone moderno maldito: o Conjunto Habitacional 23 de Enero

O caso de Caracas, na Venezuela, é um exemplo das muitas problemáticas emergentes nas cidades latino-americanas em transformação em meados do século xx. Por um lado, a cidade foi marcada por um novo regime econômico, por outro, pelas mudanças políticas e sociais que motivaram a renovação radical do seu espaço urbano. Nesse contexto, a historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos construiu um discurso que preconiza e enaltece obras entendidas como icônicas por simbolizar a cristalização do ideário moderno, construído e cultivado por décadas. Entretanto, muitas dessas grandes obras executadas no período de 1950 trouxeram à tona conflitos que levaram à revisão do pensamento hegemônico, levando algumas delas a serem entendidas hoje como estigmas da sociedade. Nessa perspectiva, propõe-se como objetivo aqui, por um lado, discutir os processos de transformação do espaço urbano na cidade de Caracas e os consequentes impactos na estrutura social e suas dinâmicas de habitação, transporte e consumo e, por outro, questionar o papel das instituições, agentes e autoridades na elaboração e implantação de grandes planos urbanísticos que transformaram radicalmente a paisagem da capital venezuelana. O Conjunto 23 de Enero (1955-1957) e o Helicoide (1955-1961), servem de exemplo das propostas mais simbólicas executadas em Caracas e simbolizaram uma tentativa de construir uma nação mais próspera através do higienismo e da transformação da sociedade, porém, provocaram mais segregação e contrastes entre o que foi pensado e o que foi construído. Para a análise destes casos foram utilizadas publicações em revistas especializadas contemporâneas ao recorte temporal de 1952-1961, além de outras produções bibliográficas e sites especializados sobre a história urbana na Venezuela.

4. Por uma história do urbanismo e do planejamento urbano na América Latina: eventos especializados (1950-1980)

O projeto de pesquisa proposto tem como objetivo central identificar, analisar e avaliar

a produção bibliográfica latino-americana sobre urbanismo e planejamento urbano, focando no período entre as décadas de 1950 e 1980. A pesquisa se divide em três frentes principais: livros, revistas especializadas e eventos acadêmicos e profissionais. Este estudo destaca os eventos, buscando compreender, através de uma abordagem temporal, a contribuição dos profissionais do continente para debates mais amplos sobre essas temáticas. A coleta de dados pretende gerar reflexões e questionamentos sobre a realização desses eventos, os tópicos discutidos e a circulação de ideias, com o objetivo de entender o impacto desses encontros especializados como espaços de formação de redes intelectuais e de confluência de profissionais na América Latina. Esse estudo visa esclarecer o papel desses eventos na construção e disseminação da história do urbanismo e do planejamento urbano na região, destacando a importância de tais encontros para o desenvolvimento de uma visão crítica e integrada sobre o tema.

5. Do monstro urbano ao paraíso sanitário: entre o pensamento urbanista e utopias urbanas

A pesquisa, em desenvolvimento desde setembro de 2024, está centrada uma análise do relatório técnico "First Report of Her Majesty's Commissioners for Inquiring into the Housing of the Working Classes" (1885), do texto legal que foi formulado a partir das conclusões estabelecidas pela comissão de inquérito, o "1885 Housing of the Working Classes Act", e do catálogo oficial da Exposição Internacional de Saúde de 1884, com o intuito de promover uma compreensão mais clara a respeito de como a ideia sanitária se complexifica nas esferas legal e política se desdobrando em concepções outras ligadas à saúde pública, ao planejamento urbano e à habitação, fundamentais para a formação do Urbanismo como campo disciplinar, inicialmente na Inglaterra. Além disso, a pesquisa também está pautada na investigação de um dos textos utópicos publicados neste período, "Hygeia: A City of Health", de Benjamin W. Richardson, com o intuito de se esclarecer em que proporção o conjunto de ideias ligados ao sanitarismo e a higiene pública que circularam no contexto inglês no recorte temporal da pesquisa

estavam presentes nesta utopia urbana. Em outras palavras, de que modo a supressão do "monstro urbano" como na forma das favelas da cidade de Londres passa a servir de base e de justificativa em favor da criação de um "paraíso sanitário" no último quarto do século XIX na Inglaterra. A metodologia empregada para a perquirição dos documentos busca extrair informações e significados em quatro distintas dimensões: técnica, política, estética e urbanística. Para dar-se conta dos aspectos relacionados ao campo do Urbanismo em formação, o estudo dessas fontes primárias confere particular atenção às terminologias empregadas em cada uma delas, bem como aos conceitos-chave comuns.

Professores convidados

Profa. Ms. Cristiane Muniz

Arquiteta e urbanista pela Universidade de São Paulo (1993) e mestre (2005) pela mesma instituição. Professora da Escola da Cidade desde 2002, e desde 2019, diretora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. É sócia-fundadora do escritório UnaMunizViegas Arquitetos Associados desde 2019, junto com Fernando Viégas, e do escritório Una Arquitetos desde 1996.

Dra. Daniela La Chioma

Graduada em História pela Universidade de São Paulo (2007), mestre (2012) e doutora (2016) em Arqueologia, na área de Arqueologia Pré-Colombiana, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Atua nos seguintes temas de pesquisa: arqueologia andina, arte andina pré-colombiana, arqueomusicologia andina, arqueometria, estudo de coleções. Tem experiência no estudo e curadoria de coleções arqueológicas pré-colombianas, especialmente andinas. Fez Residência Pré-Doutoral em Estudos Pré-Colombianos na Dumbarton Oaks, Harvard University (2016). É membro do Institute of Andean Studies de Berkeley, California. Sua tese de Doutorado recebeu Menção Honrosa concedida pela Universidade de São Paulo em 2017.

Prof. Dr. Eduardo Pizarro

Professor do Departamento de Tecnologia da FAU-USP desde 2024, com foco em Prática Profissional, Representação e Métodos Quantitativos. Doutor (2019), Mestre (2014) e graduado como primeiro classificado (2012) pela FAU-USP. Atuou como assessor do gabinete da Presidência do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, CAU-SP (2021-2024), dedicado à construção e monitoramento do Planejamento Estratégico, além de: Projetos Estruturantes, como a Residência Técnica; a Ocupação e Ativação Cultural da sede em articulação com os agentes e dinâmicas do Triângulo Histórico; a criação do Núcleo de Instituições Culturais do Centro Histórico de São Paulo, Nicho, envolvendo a Caixa Cultural, o CAU-SP,

o Centro Cultural Banco do Brasil, a Fundação Teatro Municipal, o Museu da Bolsa do Brasil e o Pateo do Collegio; a estruturação da Agenda de Futuro para a Arquitetura e Urbanismo (2023-2033); e Acordos de Cooperação Técnica com a Prefeitura de São Paulo, o Iphan-SP e a Fundação Teatro Municipal de São Paulo e ONU-Habitat. Foi professor da Universidade São Judas (2018-2024). Recebeu prêmios nacionais e internacionais como: Prêmio Jovem Cientista, promovido pelo CNPq, Fundação Roberto Marinho, Gerdau e GE, e entregue pela Presidente da República (Brasília, 2012); prêmios da Holcim Foundation for Sustainable Construction (Detroit e Cairo, 2016); Most Innovative Design Award do Passive and Low Energy Architecture, PLEA (Hong Kong, 2018); e Prêmio da Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito pela "Revista Móbile" do CAU-SP (Quito, 2022).

Prof. Dr. Fabio Robba

Arquiteto e urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1994) e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004). Atua como arquiteto e arquiteto paisagista desde 1995. Desde 2012 é sócio-diretor da empresa RGM arquitetura. Foi professor do Centro Universitário Senac no curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (2010-2021). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projetos de Espaços Livres Urbanos, atuando principalmente em: espaços públicos, infraestrutura verde, paisagismo, projeto arquitetônico e projeto paisagístico.

Prof. Ms. Gleuson Pinheiro

Membro do Laboratório Cultura, Cidade e Diáspora – Labdias FAU-USP. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, mestre e graduado pela mesma instituição, apresentando os trabalhos "Raça, cultura e disputa territorial: o caso do príncipe negro da Cidade Tiradentes" (dissertação, 2020) e "Parque do Samba na

Barra Funda" (2008). Atuou como arquiteto e urbanista no escritório MMBB Arquitetos (2011-2019).

Prof. Dr. Jonas Delecave

Professor adjunto e atual chefe do Departamento de Projeto de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DPA FAU-UFRJ). É arquiteto urbanista (EAU-UFF, 2011), mestre em Arquitetura (Proarq FAU-UFRJ, 2015) e doutor em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP, 2020). Foi pesquisador visitante na Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation (GSAPP, 2018) e professor substituto no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Dearq Ufop). Foi bolsista CNPq, Capes, Fapesp e do Programa Aluno Nota 10 Faperj, e atuou como arquiteto na Quetzal Empreendimentos, FEU Arquitetura, Carioca Arquitetura e GDP Projetos. É vice-coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD FAU-UFRJ) e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (Prourb FAU-UFRJ), vinculado ao grupo Arquitetura, Cidade e Cultura. Dedicar-se a temas relacionados a arquitetura e educação.

Prof. Dr. Jorge Bassani

Arquiteto e urbanista pela Universidade Braz Cubas (1982), mestre (1999) e doutor (2005) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, onde defendeu tese de Livre-Docência em 2019. Atualmente é docente (professor associado) no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (FAU-USP). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Cidade e do Urbanismo, atuando principalmente em: arte e cidade, arte urbana, cidade contemporânea, arte e ambiente e arquitetura e cultura. Atua especialmente com extensão universitária nas periferias de São Paulo. Desde 1980 tem desenvolvido trabalhos na área de Arte Cidade. É também autor de esculturas e intervenções temporárias, principalmente em São Paulo.

Prof. Dr. José Guilherme Schutzer

Geógrafo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade

de São Paulo (1985), mestre (2005) em Arquitetura e Urbanismo e doutor (2012) em Geografia Física/Geomorfologia pela FFLCH-USP. É professor universitário na Escola da Cidade Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, tendo ministrado aulas de Urbanismo, Desenho da Paisagem e do Ambiente e Geomorfologia Aplicada. É pesquisador e orientador de Iniciação Científica na Associação Escola da Cidade, na Plataforma Arquitetura e Biosfera. Trabalha como consultor fixo na empresa de consultoria social Diagonal Empreendimentos e Gestão de Territórios, participando de estudos urbano-ambientais, planejamento territorial e urbano, diagnósticos socioeconômicos, planos diretores, EIA-RIMA entre outros. É consultor em meio ambiente urbano e ordenamento territorial, com experiência nas áreas de Urbanismo e Geociências, com ênfase em Geomorfologia Urbana.

Prof. Dr. Leonardo Novo

Professor Substituto do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (CIEC-IFCH-UNICAMP) e do grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH-UNIFESP). Integra a equipe da pesquisa interinstitucional Cronologia do Pensamento Urbanístico. Fez parte do Grupo de Trabalho Circulación de conocimientos y políticas urbanas do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO, 2020-2021). Possui graduação em história pela Universidade Estadual de Campinas (2014), onde também obteve os títulos de mestre (2018) e doutor (2023) na área de Política, Memória e Cidade do Programa de Pós-Graduação em História. Tem se dedicado a pensar temas da história da arquitetura e do urbanismo modernos (circulação de ideias, congressos e associações profissionais, ensino, patrimônios) e sua relação com a história da América (pressupostos teóricos da formação de identidades e nacionalismos, processos de modernização, americanismos), com especial interesse pelo final do século XIX e século XX.

Prof. Dra. Livia Nóbrega

Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutora (2022) em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU/UFPE) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ergonomia (PPERG) da UFPE. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura (IA2/UFPE) e membro dos grupos de pesquisa Conservação da Arquitetura Moderna e Morfologia da Arquitetura e do Urbanismo (CNPq). Realizou Pós-Doutorado (2023-24) no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU/UFPB), linha de pesquisa 2 - Projeto do Edifício e da Cidade. Realizou Doutorado Sanduíche (2019-20) no Royal Institute of Technology (KTH), Estocolmo, Suécia, onde integrou o grupo de pesquisa Spatial Analysis and Design (SAD). Membro da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI) desde de 2023. Organizadora, desde 2016, do movimento voluntário Janes Walk no Recife, que promove caminhadas temáticas baseadas nos ideais de Jane Jacobs. De 2009 a 2015, atuou como arquiteta colaboradora no desenvolvimento de projetos de arquitetura, urbanismo e de interiores. Integra o Conselho Fiscal do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Pernambuco (IAB-PE).

Profa. Ms. Maria Cau Levy

Artista gráfica paulistana cuja abordagem multidisciplinar transita na fronteira entre teoria e prática, desenvolvendo projetos autorais e em parceria com artistas, coletivos e instituições. Seus trabalhos já receberam diversos prêmios nacionais e internacionais, com destaque para o Prêmio Jabuti (2020 – projeto gráfico), e integraram bienais como as de Veneza, Madri, Caracas e São Paulo. Já colaborou com artistas como Giselle Beiguelman, Maxwell Alexandre, Ana Frango Elétrico e Liniker, entre outros. Em 2023, lançou seu primeiro livro, "Objeto-Aula: Exercícios de Desenho a partir dos Vkhutemas" (Editora Kinoruss), e, em 2024, realizou sua primeira exposição individual, Circulatory Pattern, em Tóquio. É mestra pela FAU-USP e professora de desenho na FAU Escola da Cidade. Também é cofundadora do espaço independente de pesquisa e difusão @ galpaocomum e do estúdio M-CAU.

Prof. Dra. Monica Junqueira

Arquiteta graduada pela Universidade Mackenzie (1977), mestre em Arquitetura

pela mesma universidade e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2000), e livre-docente em 2009 (FAU-USP). Trabalhou como arquiteta na Prefeitura de São Paulo (1977-2003), pesquisando no Departamento do Patrimônio Histórico e na Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. Lecionou História da Arquitetura no Brasil na Universidade Mackenzie (1987-2003). Desde então é professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde desenvolve a linha de pesquisa Arquitetura e Cidade Moderna e Contemporânea, com particular interesse em arquitetura brasileira e patrimônio histórico. Foi conselheira do Conpresp (2004-2007, 2018-2020), diretora do Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo – CPC-USP (2014-2018) e chefe do Departamento de História e Estética do Projeto (2019-2023).

Prof. Dr. Pedro Sales

Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1979), mestre (1992) e doutor (1999) em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. Atualmente é professor associado da Associação de Ensino de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo e assistente técnico da Prefeitura de São Paulo. Tem experiência na área de projetos, planos e consultorias e pesquisa, atuando principalmente em: projeto urbano, cidade e território contemporâneo, teoria da cidade e do urbanismo.

Prof. Dr. Renato Cymbalista

Professor livre-docente pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP. Graduado (1996) em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, mestre (2001) e doutor (2006) em Estruturas Ambientais Urbanas pela mesma instituição. Coordenador do núcleo de urbanismo do Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (2003-2008). Pesquisador de pós-doutorado do IFCH-Unicamp, no projeto temático "Dimensões do Império Português" (2008-2010). Atuou como parecerista ad hoc Fapesp, editor adjunto da Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (2010-2012) e presidente do Instituto Pólis (2012-2021). Integra o Conselho Administrativo da Casa

do Povo (desde 2014) e é associado do Instituto Goethe (desde 2016). Suas outras atuações incluem: o Laboratório para Outros Urbanismos (FAU-USP); coordenador do grupo de pesquisa "Lugares de Memória e Consciência" (USP-CNPq); fundador da Associação pela Propriedade Comunitária, gestora dos fundos Fica e FUA; e diretor de Direitos Humanos e Políticas de Memória, Justiça e Reparação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da USP (desde 2022).

Prof. Dr. Ricardo Luis Silva

Professor doutor no Centro Universitário Senac-SP, é arquiteto formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, com Trabalho Final de Graduação (TFG) premiado no Concurso Ópera-Prima, com o título "A desconstrução da Escola de Arquitetura e Design: a transformação do estudante em bárbaro. Um corpo que invade e se apropria da cidade". Mestre em Arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É pesquisador dos rizomas e das trocas urbanas, serigrafia e processos gráficos. Além disso, é profissional atuante no mercado, serígrafo e artista gráfico. Tem como principal intuito acadêmico a discussão e a reflexão sobre os processos pedagógicos dos cursos de ciências aplicadas, principalmente Arquitetura e Desenho Industrial. Desenvolve pesquisa sobre educação e criatividade nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, tendo como base conceitual Paulo Freire e o desenvolvimento do estudante como sujeito.

Profa. Dra. Sabrina Fontenelle

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Ceará (2000), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004) e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2010). Realizou pesquisa de pós-doutorado no IFCH-Unicamp (2016-2019) com temas como arquitetura moderna, gênero e memória com apoio da Fapesp. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história da arquitetura, arquitetura, arquitetura moderna, domesticidade, projeto e arquitetura paulista. Autora dos livros "Edifícios modernos e o traçado urbano no

Centro de São Paulo (1938-1960)" (2015), "Restauro da Faculdade de Medicina da USP" (2013), "Modos de morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade" (2021) e do livro infantil "Jacaré Fujão no Triângulo" (2023). Foi cocuradora da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo – Travessias. Foi coordenadora de pesquisa do Conselho Científico da Escola da Cidade, onde é professora das disciplinas de História da Arquitetura e Técnicas Retrospectivas. Atualmente faz parte da equipe de curadoria do Instituto Tomie Ohtake.

Profa. Dra. Tereza Herling

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1984) e doutora pela mesma instituição. Atua na área de urbanismo e habitação social. Atualmente trabalha como professora de projetos urbanos e urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atuou como consultora sênior em políticas públicas de desenvolvimento urbano e habitacional para o Banco Mundial e a Cities Alliance e secretária adjunta da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano da Cidade de São Paulo (2013-2016). Coordenou o Programa Território CEU, de integração do CEU com a rede de equipamentos e espaços públicos do entorno. Foi também responsável pela implantação de diversos programas habitacionais no município de São Paulo, incluindo o Programa Morar no Centro (2001-2004), e coordenou a elaboração do Plano Municipal de Habitação da Cidade de São Paulo (2009-2024). Foi professora de Urbanismo na Universidade Braz Cubas (1997- 2002) e na Escola da Cidade (2007-2010).

Normas para submissão de trabalhos

SOBRE A REVISTA

A Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade é uma publicação periódica criada com o objetivo de divulgar e tornar públicas as ações de Iniciação Científica e demais pesquisas de graduação desenvolvidas tanto por sua instituição sede, quanto em outras faculdades. De caráter acadêmico e científico configura-se como um espaço de discussão e reflexão dedicado às questões afeitas à pesquisa de arquitetura e urbanismo — e áreas afins — em seus múltiplos aspectos. Voltada para a publicação de trabalhos de pesquisa desenvolvidos por alunos durante a graduação, Cadernos de Pesquisa busca qualificar e fomentar as pesquisas desenvolvidas na Escola da Cidade, bem como chamar ao diálogo pesquisadores de outras instituições. A Revista Cadernos de Pesquisa tem periodicidade semestral em edições digitais (ISSN 2675-9918). De 2015 a 2023, teve suas edições impressas (ISSN 2447-7141). A revista recebe artigos e ensaios em fluxo contínuo para a avaliação por pares (*blind peer review*) e publica, ainda, anualmente, o Relato de Pesquisa da Escola da Cidade e os Anais da Jornada Científica da Escola da Cidade

1. CONDIÇÕES GERAIS

1.1. A Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade publica trabalhos provenientes de pesquisas de caráter diverso (Iniciação Científica, Pesquisa Experimental e Trabalhos de Conclusão de Curso, entre outros) desenvolvidos por alunos de graduação nas áreas de arquitetura e urbanismo ou afins. Os orientadores têm papel fundamental no processo do desenvolvimento da pesquisa, e tal informação é destacada na abertura da publicação do trabalho na revista, no entanto, a autoria do trabalho submetido deve ser exclusivamente dos alunos.

1.2. As colaborações, aceitas em fluxo contínuo, poderão ser feitas em formato de artigos ou ensaios e serão apreciadas pelo conselho editorial, que avaliará a pertinência de sua publicação, encaminhará o texto para a avaliação de pareceristas e opinará sobre qual número da revista o trabalho será publicado.

1.3. É responsabilidade do autor encaminhar trabalhos em acordo com as normas estabelecidas pela revista, sob pena de não serem aceitos para publicação. O padrão de formatação tem por base as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), conforme as orientações que se seguem.

1.4. Cabe à revista e ao seu corpo editorial adequar os textos originais ao seu padrão editorial, submetendo os artigos à revisão gramatical e de estilo, assim como estabelecer os prazos para publicação.

1.5. A Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade não se responsabiliza pela redação, nem pelas ideias emitidas pelos colaboradores e autores dos trabalhos publicados.

1.6. Ao submeter o trabalho o(s) autor(es) declara(m) estar ciente de todas as normas e responsabilidades, bem como:
- ser o único autor do trabalho ou, caso haja outros colaboradores, garantir que todos estão mencionados, cientes e de acordo com a submissão.

garantir que o trabalho é inédito ou mencionar estritamente nas notas de rodapé todos os dados sobre publicação prévia
- ser responsável exclusivo pela redação, ideias e opiniões presentes no trabalho (não incorrendo de forma alguma em qualquer tipo de plágio).
- cumprir princípios de ética e respeito no desenvolvimento da pesquisa e em relação a indivíduos e comunidades mencionadas e sempre que necessário possuir declaração de aprovação de comitê de ética da instituição onde a pesquisa foi desenvolvida.
assumir total responsabilidade pelas imagens utilizadas, devidamente identificadas com fonte e crédito.

Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas pelo e-mail: cadernosdepesquisa@escoladacidade.edu.br

ARTIGOS

Relato resultante de pesquisa científica organizados na forma de artigo que apresentem e discutam um ou mais dos seguintes aspectos atinentes a uma pesquisa em curso ou finalizada: formulação do problema investigado, o referencial teórico utilizado, a metodologia empregada, os resultados parciais ou totais alcançados e as principais dificuldades encontradas no processo de investigação.

2. FORMATAÇÃO

2.1. Os arquivos devem ser encaminhados em formato .doc ou .docx. Os textos deverão seguir o seguinte padrão: Formato A4 – Margens 2 cm – Alinhamento justificado – Parágrafo com espaçamento 6 pt (sem tabulação) e entre linhas simples. Fonte Arial tamanho 11 (para textos e títulos assim como referências, notas e citações).

2.2. O texto deve apresentar título (e eventual subtítulo) em português, inglês e espanhol até 85 caracteres (com espaço).

2.3. O nome completo por extenso do autor deve acompanhar nota de fim onde deverão constar as seguintes informações: formação acadêmica e titulação do(a) aluno(a); tipo da pesquisa (Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso entre outros); ano de início e conclusão da pesquisa; apoio financeiro de alguma instituição; vínculo institucional da pesquisa; nome e vínculo institucional do(a) orientador(a); e endereço eletrônico do(a) aluno(a).

2.4. Os Artigos devem ter entre 25.000 e 40.000 caracteres (com espaço). Devem ainda conter resumo (mínimo de 700 e máximo 1.300 caracteres com espaço) em português, inglês e espanhol e até 3 palavras-chave em português, inglês e espanhol.

2.5. Referências (livros, teses, dissertações, sites etc., utilizados na elaboração do artigo) deverão ser apresentadas ao final do texto.

3. APRESENTAÇÃO

3.1. SEÇÕES

As divisões do trabalho deverão ser numeradas com algarismos arábicos. O indicativo de seção ou de título deve ser escrito em negrito, seguido de ponto.

3.2. CITAÇÕES

Seguem o padrão da ABNT NBR 10520/2023 (Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação). Todos os textos citados devem constar na lista de referências. As citações diretas ou indiretas no corpo do texto devem seguir o sistema de chamada autor-data. As citações diretas com mais de três linhas devem ser formatadas com recuo de 4cm da margem esquerda e sem aspas ou itálico.

3.3. NOTAS EXPLICATIVAS

As notas devem ser notas de fim, exclusivamente explicativas e deverão ser enumeradas sequencialmente, com algarismos arábicos.

4. REFERÊNCIAS

Deverão seguir o padrão ABNT NBR 6023/2002 (Informação e documentação – Referências – Elaboração). As referências (livros, teses, dissertações, sites, etc, utilizados na elaboração do artigo) devem ser listadas no final do trabalho, em ordem alfabética.

5. IMAGENS

5.1. Serão aceitas até 6 imagens para cada artigo e devem ser encaminhadas em formato .jpg, em cores (preferencialmente em RGB) ou PB (em escala de cinza), com resolução mínima de 300dpi e tamanho de 20x30cm. Sugerimos que as imagens sejam tratadas antes da submissão.

5.2. As imagens deverão ser numeradas e acompanhadas de documento .doc ou .docx com legendas. As legendas devem também conter obrigatoriamente informações sobre fonte e crédito das imagens.

ENSAIOS

Produto de pesquisa científica de caráter experimental e/ou propositivo e projetual, exposto na forma de ensaio textual, gráfico ou gráfico-textual, que busque discutir aspectos atinentes a uma pesquisa em curso ou finalizada com rigor conceitual, embora com flexibilidade quanto à sua formalização.

6. FORMATAÇÃO

Os ensaios devem ser encaminhados em arquivos em formato .jpg (elementos gráficos) e .doc ou .docx (elementos textuais) organizados segundo as seguintes indicações.

6.1. Deve-se apresentar um excerto do conteúdo textual do ensaio ou pequeno texto explicativo com mínimo de 700 e máximo 1.300 caracteres (com espaço), também traduzido para inglês e espanhol.

6.2. Deve-se apresentar título (e eventual subtítulo) em português, inglês e espanhol até 85 caracteres (com espaço).

6.3. O nome completo por extenso do autor deve acompanhar nota de fim onde deverão constar as seguintes informações: formação acadêmica e titulação do(a) aluno(a); tipo da pesquisa (Pesquisa Experimental, Trabalho de Conclusão de Curso entre outros); ano de início e conclusão da pesquisa; apoio financeiro de alguma instituição; vínculo institucional da pesquisa; nome e vínculo institucional do(a) orientador(a); e endereço eletrônico do(a) aluno(a).

6.4. Para os ensaios que contiverem partes textuais esse texto não deve ultrapassar de 20.000 caracteres (com espaço) e devem ser encaminhados em formato .doc ou .docx. Os textos deverão seguir o seguinte padrão: Formato A4 – Margens 2 cm – Alinhamento justificado – Parágrafo com espaçamento 6 pt (sem tabulação) e entre linhas simples. Fonte Arial tamanho 11 (para textos e títulos assim como referências, notas e citações).

6.5. Os elementos ou peças gráficas – até 8 peças gráficas que devem ser encaminhadas em formato .jpg, em cores (preferencialmente em RGB) ou PB (em escala de cinza), com resolução mínima de 300dpi e tamanho de 20x30cm. Sugerimos que as imagens sejam tratadas antes da submissão.

6.6. Ao final do documento textual deve obrigatoriamente constar listagem das imagens ou peças gráficas (seguindo numeração) com respectivas informações sobre fonte e crédito.

6.7. Adendo a este material, pede-se o envio de versão do ensaio em arquivo folha A4, PDF, como sugestão de diagramação, que explicito o diálogo entre imagem e texto ou entre imagens.

7. APRESENTAÇÃO

7.1. CITAÇÕES

Seguem o padrão da ABNT NBR 10520/2023 (Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação). Todos os textos citados devem constar na lista de referências. As citações diretas ou indiretas no corpo do texto devem seguir o sistema de chamada autor-data. As citações diretas com mais de três linhas devem ser formatadas com recuo de 4cm da margem esquerda e sem aspas ou itálico.

7.2. NOTAS EXPLICATIVAS

As notas devem ser notas de fim, exclusivamente explicativas e deverão ser enumeradas sequencialmente, com algarismos arábicos.

8. REFERÊNCIAS

Deverão seguir o padrão ABNT NBR 6023/2002 (Informação e documentação – Referências – Elaboração). As referências (livros, teses, dissertações, sites, etc, utilizados na elaboração do ensaio) devem ser listadas no final do trabalho, em ordem alfabética.

coisas inanimadas, tendes pois uma
estética do arrebatamento math
desigualdades de gênero e as políticas
como resposta luciana fernandes s
fragmentos no vazio: empenas cegas e
urbana e social renata nascimento
déco na revista "mirante das artes, &
de wetlands e o sistema condominial
silva **chan chan, capital de terra: um**
sob novas óticas felipe chaweles